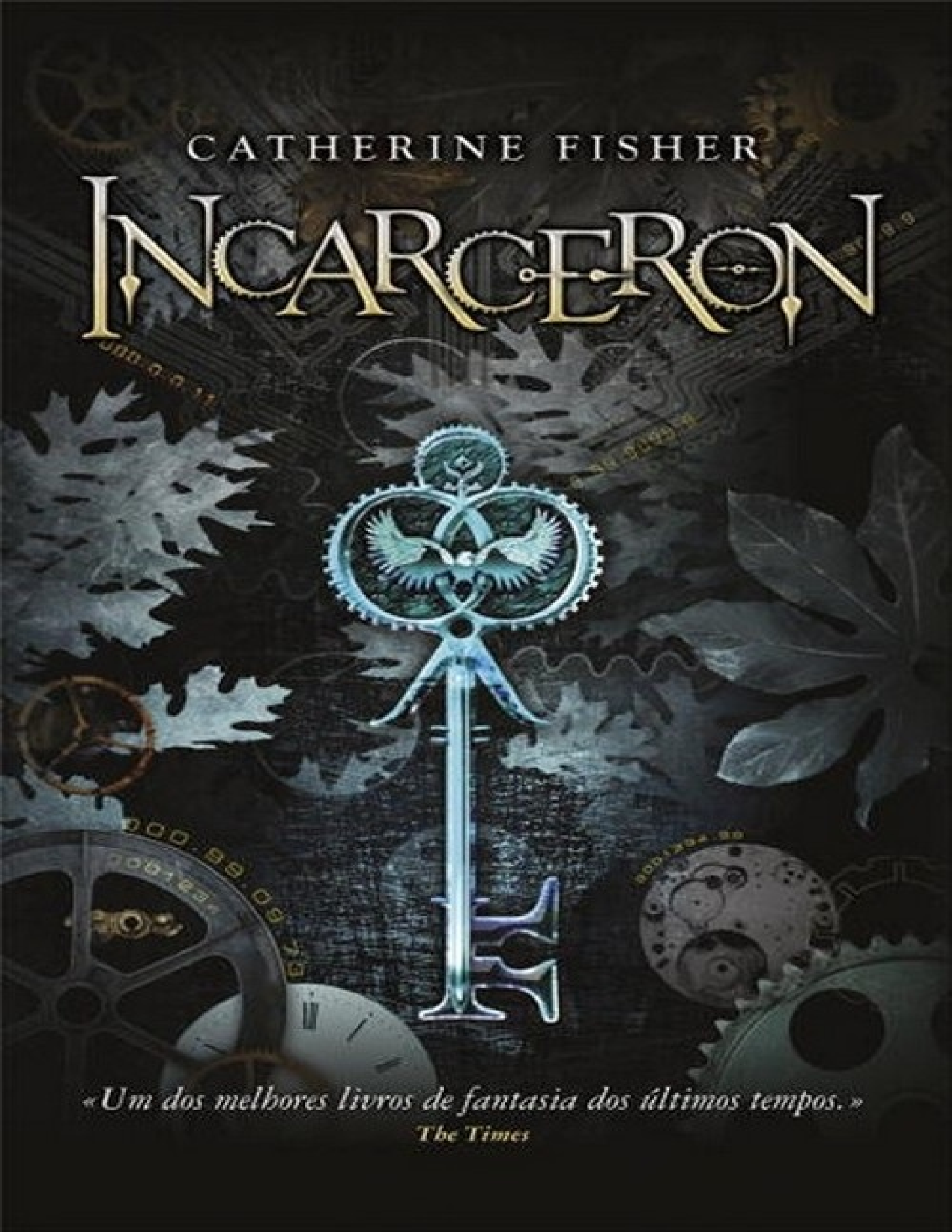
CATHERINE FISHER

INCARCERON



«Um dos melhores livros de fantasia dos últimos tempos.»

The Times

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.org*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Incarceron Vol.1 – Incarceron

(Catherine Fisher)

SINOPSE

Incarceron—uma prisão futurística, longe de vista, onde os descendentes dos prisioneiros originais vivem em um mundo sombrio marcado por rivalidade e selvageria.

É uma mistura aterrorizante de alta tecnologia—um prédio vivo que impregna a história como um personagem sempre alerta e sempre-vingativo, e uma típica sala de tortura medieval— correntes, grandes salões e masmorras.

Um jovem prisioneiro, Finn, tem visões assombradoras de uma vida passada, e não pode acreditar que ele nasceu aqui e sempre esteve aqui. No mundo exterior, Claudia, filha do Diretor de Incarceron, está presa em sua própria forma de prisão—um mundo futurístico construído lindamente para parecer com uma era passada, um casamento iminente que ela tem pavor. Ela não sabe nada sobre Incarceron, exceto que existe. Mas chega um momento quando Finn, dentro de Incarceron, e Claudia, do lado de fora, simultaneamente encontram um dispositivo—uma chave de cristal, através da qual eles podem falar um com o outro. E assim nasce o plano para a fuga de Finn...

ÁGUIA DE CRISTAL, CISNE ESCURO

Quem pode mapear a vastidão de Incarceron?

Seus salões e viadutos, seus precipícios?

Apenas o homem que conheceu a liberdade

Pode definir a sua prisão.

—Canções de Sapphique

Finn havia sido lançado de cara e amarrado às lajes de pedra do corredor.

Seus braços, bem abertos, estavam presos com correntes tão pesadas que mal conseguia levantar seus pulsos do chão. Ele não podia levantar seu peito para conseguir ar suficiente.

Estava exausto, com a pedra gelada contra sua bochecha. Mas os Civicry estavam finalmente chegando.

Ele os sentiu antes de escutá-los; vibrações no chão, começando pequenas e crescendo até que faziam tremer seus dentes e seus nervos. Então, ruídos na escuridão, o movimento dos caminhões de migração, o lento estrondo das rodas metálicas. Arrastando sua cabeça para trás, ele sacudiu seu sujo cabelo de seus olhos e viu como os sulcos paralelos do piso se fechavam diretamente embaixo de seu corpo. Ele estava preso justo no meio da via.

O suor molhava sua testa. Agarrando as correntes congeladas com uma luva, elevou seu peito e conteve sua respiração. O ar era ácido e cheirava a azeite. Não era o caso gritar ainda. Eles estavam muito longe e não o escutariam sobre o clamor das rodas até que estivessem dentro do grande corredor. Teria que cronometrá-lo com pontualidade.

Muito tarde, e os caminhões não se deteriam, ele seria esmagado. Desesperadamente, tratou de evitar o outro pensamento. Que eles viessem, escutassem e nem sequer se importassem.

Luzes.

Pequenas, flutuantes, luzes de mão. Concentrando-se, ele contou nove, onze, doze; então as contou novamente para ter um número que fosse firme, que se interpusesse à náusea em que se afogava sua garganta.

Limpando seu rosto com a manga desgastada de sua camisa para reconforta-se um pouco, ele se lembrou de Keiro, seu sorriso, a última bofetada brincalhona enquanto ele revisava a fechadura e saia novamente à escuridão. Ele sussurrou o nome, um sussurro amargo. “Keiro.”

Grandes corredores e galerias invisíveis. A névoa permanecia no ar metálico. Os caminhões avançavam e grunhiam.

Ele podia ver as pessoas agora, com muito esforço. Elas emergiam da escuridão tão protegidos do frio que era difícil saber se eram garotos, idosos ou mulheres curvadas.

Provavelmente garotos, os maiores, se eles conservavam algum, viajariam nos bondes, com os bens. Uma roída bandeira branca e negra ondulava sobre o

caminhão líder; ele podia ver seu desenho, uma ave heráldica com uma seta prateada no bico.

“Parem!” Gritou. “Olhem! Aqui embaixo!”

O movimento das máquinas tremia sobre o chão. Fazia eco em seus ossos e dentes.

Ele apertou suas mãos enquanto o incrível peso e ímpeto dos caminhões se aproximavam dele, o cheiro do suor das massivas filas de homens empurrando, o ranger e deslizamento dos bens empilhados. Ele esperou, forçando o seu terror a se acalmar, segundo à segundo provando seu valor ante a morte, sem respirar, sem se permiti romper-se, porque ele era Finn, o observador de estrelas, ele podia fazer isso. Até que de repente, sofrendo a erupção de um pânico suarento, ele se levantou e gritou. “Escutem-me! Parem! Parem! ”

Eles continuaram vindo.

O ruído era insuportável. Agora ele gritava e chutava, pela terrível realidade do momento em que os caminhões carregados seguiriam a diante, o atropelariam, o escureciam, esmagariam seus ossos e corpo em uma lenta e inevitável agonia.

Até que se lembrou da lanterna.

Era minúscula, mas ainda a conservava, Keiro se assegurou disso. Arrastando o peso das correntes, ele rodou e colocou suas mãos em seu casaco, os músculos de seus pulsos retorcendo-se espasmodicamente. Seus dedos deslizaram sobre o delgado e gelado tubo.

As vibrações percorriam seu corpo. Ele levantou a lanterna, mas a deixou cair e rolar, fora do alcance de seus dedos. Ele maldisse e se estirou, a ascendendo com seu queixo.

A luz brilhou.

Ele estava gemendo de alivio, mas os caminhões continuaram. Certamente os Civicry podiam vê-

lo. Eles deveriam ser capazes de vê-lo! A lanterna era uma estrela na imensa escuridão do corredor, através de suas escadas e galerias e milhares de câmaras labirínticas. Ele sabia que Incarceron havia sentido sua audácia, e o choque dos caminhões era seu rude entretenimento, esse que a prisão observaria e na qual não interviria.

“Sei que podem me ver! ” gritou.

As rodas tinham a altura de um homem. Sacudiam-se no piso, com faíscas que saltavam do pavimento. Um garoto gritou, com uma voz aguda, e Finn grunhiu e encolheu-se, sabendo que tudo tinha sido em vão, sabendo que era o final, e então o protesto dos freios o impactou, o estremecido chiado chegou até seus ossos e dedos.

As rodas se elevaram. Elas estavam altas. Elas estavam sobre ele.

Elas estavam paradas.

Ele não podia se mover. Seu corpo estava hesitante e cheio de terror. A luz piscante iluminava nada mais que um rebite da grossura de um punho em uma rosca oleosa.

Então, atrás daquilo, uma voz perguntou. “Qual o seu nome, Prisioneiro?”

Eles estavam reunidos na escuridão. Ele levantou sua cabeça e viu corpos encapuzados.

“Finn. Meu nome é Finn.” Sua voz era um sussurro; ele teve de engolir. “Eu não achei que vocês fossem parar...”

Um grunhido, alguém mais disse, “Parece Escória para mim.”

“Não! Por favor! Por favor, me levantem.” Eles estavam calados e ninguém se moveu, então ele tomou ar e disse duramente, “A Escória saqueou nossa Ala. Eles mataram meu pai e me deixaram desse jeito para qualquer um que passasse.”

Ele tentou amenizar a agonia em seu peito, firmando seus dedos nas correntes enferrujadas. “Por favor. Eu estou lhe implorando.”

Alguém chegou mais perto. O bico de uma bota parou perto de seu olho; sujo; com um buraco remendado.

“Que tipo de Escória? “

“O Comitatus. O líder chama a si mesmo de Jormanric o Senhor da Ala.”

O homem cuspiu perto da orelha de Finn. “Este aí! Ele é um bandido louco.”

Por que nada estava acontecendo? Finn se contorceu desesperado. “Por favor! Eles devem voltar!”

“Eu digo para nós andarmos por cima dele. Por que interferir?”

“Porque nós somos Civicry, e não Escória.” Para a surpresa de Finn, uma mulher.

Ele escutou o ruído de suas roupas de seda debaixo do grosseiro cassaco de viajem. Ela se ajoelhou e ele viu suas mãos com luvas arrancar à corrente. Seus punhos estavam sangrando; a ferrugem fez laços empoeirados sobre sua pele suja.

O homem disse inquieto, “Maestra, escute...”

“Pegue o alicate, Sim. Agora.”

Seu rosto estava perto ao de Finn. “Não se preocupe, Finn. Eu não te deixarei aqui.”

Dolorosamente ele olhou para cima, e viu uma mulher de mais ou menos vinte, seu cabelo era vermelho, seus olhos escuros. Por um momento ele a cheirou. Um cheiro de sabão e lã úmida, e um perfume de cortar o coração que caiu na sua memória, dentro daquela caixa preta trancada dentro dele. Um quarto. Um quarto com fogo de madeira de macieira. Um bolo em uma travessa de porcelana chinesa.

O choque deve ter aparecido em seu rosto; da escuridão de seu capuz ela olhou para ele pensativa. “Você estará seguro conosco.”

Finn olhou para trás. Ele não podia respirar.

Um berçário. As paredes de pedra. As cortinas ricas e vermelhas.

Um homem veio apressadamente e deslizou o alicate debaixo da corrente.

“Cuidado com seus olhos,” ele resmungou. Finn abaixou sua cabeça na manga, sentindo pessoas se aglomerando ao redor. Por um momento ele pensou que uma das crises que ele temia, estava vindo sobre ele; fechou seus olhos e sentiu o familiar calor e tontura varrendo seu corpo. Ele combateu aquilo, engolindo saliva, apertando a corrente enquanto o pesado alicate a cortava, tosquiando, abrindo-as. A memória estava enfraquecendo; O quarto e o fogo, o bolo com minúsculas bolas prateadas sobre uma travessa com bordas de ouro. Mesmo enquanto ele tentava manter. Aquilo tinha ido, e a frígida escuridão de Incarceron tinha voltado, o fedor azedo e metálico de rodas oleadas.

Os elos deslizaram e brandiram. Ele se içou para cima em alivio, arrastando em respirações profundas. A mulher pegou seu punho e o virou. “Isto precisará de curativo.”

Ele congelou. Não conseguia se mover. Os dedos dela eram frios e limpos, e ela tinha o tocado em sua pele, entre a manga rasgada e a luva, e ela estava olhando para a minúscula tatuagem de um pássaro coroado.

Ela franziu. “Isto não é uma marca de Civicry. Parece...”

“O quê?” Ele ficou alerta de uma vez. “Como o quê?”

Um estrondo quilômetros longe do salão. A corrente no seu pé escorregava.

Curvado sobre ela o homem com o alicate hesitou. “Isto é estranho. Esta corrente. Este parafuso.

Está frouxo...”

A Maestra olhou para o pássaro. “Como o do cristal.”

Um berro, atrás deles.

“Que cristal?” Finn disse.

“Um objeto estranho. Nós o achamos.”

“É o mesmo pássaro? Você tem certeza?”

“Sim.” Distraída, ela se virou e olhou para o parafuso. “Você não estava realmente—”

Ele tinha de saber sobre isto. Tinha de mantê-la viva. Ele a agarrou e a puxou para o chão. “Se abaixe,” ele sussurrou. E então, raivoso, “Você não entende? É tudo uma armadilha! ”

Por um momento seus olhos olharam fixamente dentro dos dele e ele viu sua surpresa fraturada em horror. Ela tirou o braço do aperto dele rapidamente, Com uma flexão estava de pé e gritando, “Corram! Todo mundo corra!” Mas as grades no chão estavam sendo abertas; braços saíram, corpos se levantaram, armas bateram na pedra.

Finn se moveu. Ele arremessou o homem com o alicate para trás, chutou a falsa algema para longe e torceu a corrente a tirando. Keiro estava gritando com ele; um cutelo passou rapidamente por sua cabeça e ele se jogou para baixo, rolando, e olhou para cima.

O salão estava preto com fumaça. Os Civicry estavam gritando, correndo para o abrigo das grandes colunas, mas a Escória já estava nas carroças, atirando indiscriminadamente, flashes vermelhos das grosseiras espingardas de pederneiras tornando o salão irritante.

Ele não podia ver ela. Poderia estar morta, poderia estar correndo. Alguém o empurrou e colocou uma arma em sua mão. Ele achou que fosse Lis, mas toda a escória usava um elmo escuro e ele não poderia dizer.

Então ele viu a mulher. Ela estava empurrando crianças debaixo da primeira carroça, um menino pequeno estava soluçando e ela o agarrou e o arremessou para frente dela. Gás estava assobiando das pequenas esferas que caiam e quebravam como ovos, aquele fedor fazendo os olhos de Finn lacrimejar. Ele puxou seu elmo e o colocou, as almofadas encharcadas sobre seu nariz e boca aumentando sua respiração. Pelo buraco da grade de olho o salão estava vermelho, as imagens claras.

Ela tinha uma arma e estava atirando.

“Finn!”

Era Keiro, mas Finn ignorou o grito, Ele correu até o primeiro caminhão, mergulhando para baixo dele, e agarrando o braço da Maestra; quando ela virou, ele jogou a arma para longe e ela gritou em raiva e tentou acertar seu rosto com sua luva malhada, os espinhos arranhando o seu elmo.

Enquanto ele a arrastava para fora, as crianças o chutavam e lutavam com ele, e uma cascata de comida foi atirada em volta deles, capturada, guardada, deslizou eficientemente dentro da calha abaixo da grade.

Um alarme soou.

Incarceron mexeu.

Painéis suaves deslizaram do lado dos muros; com um clique, holofotes de luzes brilhantes apontaram para baixo do teto invisível, percorrendo para frente e para trás sobre o piso distante, pegando a Escória enquanto eles davam o fora como ratos, suas sombras fortes enormes.

“Evacuar!” Keiro gritou.

Finn empurrou a mulher para frente. Perto deles um vulto correndo estava perfurada com luz e evaporou silencioso, pego em pânico no meio. Crianças gemeram.

A mulher se virou, sem ar com abalo, olhando para trás no resto de seu povo. Então Finn a arrastou para a calha.

Pela máscara seus olhos encontraram os dela.

” Aqui para baixo,” ele arfou. “Ou nós iremos morrer.”

Por um momento ele quase achou que ela não iria.

Então ela cuspiu nele, arrebatando ela mesma para fora de suas mãos, e pulando dentro da calha.

Uma faísca de fogo branco queimou sobre as pedras; instantaneamente, Finn pulou atrás dela.

A calha era de seda branca, forte e esticada. Ele deslizou por aquilo para baixo em uma falta de ar que o derrubou para fora no outro final dentro de uma pilha de peles de animais roubadas e componentes de metal triturados.

Já rebocada para um lado, com uma arma apontada para sua cabeça, a Maestra observava em desprezo.

Finn se levantou dolorido. Em volta, a Escória estava deslizando em túneis, sobrecarregados com a pilhagem, alguns mancando, alguns apenas cocientes. O último de todos, aterrissando de seu lado levemente de pé, veio Keiro.

As grades bateram fechadas.

As rampas caíram.

Vultos turvos arfaram e tossiram, tirando as máscaras.

Keiro removeu a sua lentamente, revelando seu rosto belo manchado com poeira.

Finn avançou sobre ele em fúria.

“O que aconteceu? Eu estava em pânico lá fora! Por que demorou tanto?”

Keiro sorriu. “Se acalme. Aklo não conseguia fazer o gás funcionar. Você os manteve falando bem o bastante.” Ele olhou para a mulher. “Por que se importar com ela?”

Finn contraiu os ombros, ainda fervendo. “Ela é uma refém.”

Keiro levantou uma sobrancelha. “Muito problema. “Ele balançou sua cabeça para o homem segurando a arma; o homem puxou o gatilho de volta. O rosto da Maestra estava branco.

“Então eu não ganho nada extra por arriscar minha vida lá em cima.” A voz de Finn estava firme.

Ele não se moveu, mas Keiro olhou para ele. Por um momento eles olharam um para o outro.

Então seu irmão de juramento disse friamente, “Se ela é o que você quer.”

“Ela é o que eu quero.”

Keiro olhou para a mulher de novo, e balançou os ombros... “Gosto não se discute.”

Ele balançou a cabeça e a arma foi abaixada. Então ele deu um tapa no ombro de Finn, o que fez uma nuvem de poeira rosa voar de suas roupas. “Muito bem, irmão,” ele disse.

Nós escolheremos uma Era do passado e a recriaremos.

Nós faremos um mundo livre da ansiedade de mudança!

Será o Paraíso!

—Decreto do Rei Endor

A árvore de carvalho parecia genuína, mas ela tinha sido envelhecida geneticamente. Os galhos eram tão grandes que escalá-los era fácil; enquanto ela amarrava sua saia e subia mais alto, galhos quebravam e um líquen verde sujou suas mãos.

“Claudia! São quatro horas!”

O grito de Aly veio de algum lugar no jardim de rosas. Claudia o ignorou, e repartindo as folhas, ela olhou para longe.

Daquela altura ela podia ver toda propriedade; A cozinha, o jardim, a estufa e o laranjal. A macieira deformada no pomar, o celeiro onde as danças eram celebradas no inverno. Ela podia ver o longo gramado verde declinando para o lago e as Faias escondendo o caminho até Hitchercross. Mais distante para oeste as chaminés da fazenda Altan fumegavam, e o campanário da velha igreja na colina de Harmer. Seu cata-vento refletindo o sol. Um pouco mais distante, por quilômetros e quilômetros, o campo da Diretoria se revelava para ela, as pradarias e as vilas e estradas, uma nevoa com uma miscelânea de cores que iam do azul ao verde pairava sobre os rios.

Ela suspirou e se esquivou para baixo em direção ao tronco. Aquilo era tão calmo.

Tão perfeito em sua desilusão. Ela iria odiar deixar aquilo.

“Claudia! Se apresse!”

O chamado era mais fraco. Sua ama deve ter voltado em direção a casa,

porque um monte de pombos se dispersou, como se alguém estivesse andando em direção a eles.

Conforme Claudia escutava, o relógio do estábulo começava a apontar a mudança de hora, vagarosas badaladas deslizando dentro da tarde quente.

O campo brilhou.

Distante, na estrada alta, ela viu a carruagem.

Seus lábios se apertaram. Ele estava adiantado.

Era uma carruagem preta, e mesmo de lá ela podia perceber as nuvens de poeira levantadas pelas rodas da carruagem na estrada. Quatro cavalos negros a puxavam, e servos acompanhavam aquilo, ela contou oito deles e aspirou uma risada silenciosa. O Diretor de Incarceron estava viajando com estilo. O brasão de seu escritório estava pintado na porta da carruagem e uma longa bandeira tremulava no vento. Na caixa um motorista de farda batida com as rédeas, ela ouviu o barulho do chicote claro no ar.

Acima dela um pássaro piava e voava de ramo para ramo. Ela ficou bem quieta e empoleirou-se em uma cobertura de folhas perto de seu rosto. Então ele cantou; Um breve e suave gorjeio. Um tipo de tentilhão, talvez.

A carruagem tinha chegado à vila. Ela viu o ferreiro indo até sua porta, algumas crianças correram para fora de um celeiro. Assim que a carruagem passava, cachorros latiam e os cavalos se apertavam entre as estreitas casas.

Claudia alcançou seu bolso e tirou sua viseira. Aquilo era não-Era e ilegal, mas ela não se importava. Deslizando-a para seus olhos, sentiu-se tonta por um segundo enquanto as lentes se ajustavam ao seu sistema óptico; então a cena toda se ampliou e ela viu todas as características do homem claramente: O mordomo de seu pai, Garrh, no cavalo líder, o sombrio secretário, Lucas Medlicote; os homens do exército com seus casacos manchados.

A viseira era tão eficiente que ela quase podia ler os lábios do cocheiro enquanto jurava; então os postes da ponte passaram rapidamente e ela percebeu que eles haviam chegado ao rio e no chalé. Senhorita Simmy estava correndo até o portão com o pano de prato ainda em suas mãos, galinhas estavam em pânico atrás dela.

Claudia franziu. Ela tirou a viseira e este movimento fez o pássaro voar; o mundo deslizou de volta e a carruagem era pequena. Aly pranteou “Claudia! Eles estão aqui!

Você vai vir e se vestir!”

Por um momento ela achou que não iria. Brincou com a ideia de deixar a carruagem passar barulhentamente, descer da árvore, caminhar, abrir a porta, e ficar parada na frente dele, com o cabelo emaranhado e o velho vestido verde com rasgos em suas bordas. O desgosto de seu pai seria severo, mas ele não iria dizer nada. Se ela aparecesse pelada ele provavelmente não falaria nada, somente “Claudia. Minha querida.” E o beijo gelado seria estampado debaixo de sua orelha.

Ela balançou do galho e desceu, questionando se haveria algum presente.

Geralmente tinha. Caro e bonito, escolhido pôr ele por uma das mulheres da corte. Da última vez foi um pássaro de cristal em uma gaiola de ouro que lançava um penetrante assobio. Mesmo assim toda propriedade era cheia de pássaros, na maioria pássaros reais, que voavam e brigavam, e piavam fora das janelas.

Espécie de pássaro.

Pulando da árvore, ela correu pelo gramado até os grandes degraus de pedra.

Assim que ela os desceu, a mansão estava à sua frente, sua pedra morna brilhando com o calor, a glicínia balançando roxa sobre as torres e pelos cantos arredondados, o fosso profundo e escuro com três cisnes elegantes lá dentro. No telhado várias pompas haviam se acomodado, com vários arrulhos e andar pomposo; algumas delas voaram para a torre de canto e se esconderam dentro de lacunas e fendas, em pilhas de palha que se levaram gerações para coletar. Ou pelo menos é o que você acharia.

Uma janela abriu; Aly com seu rosto quente suspirava “Onde você estava! Não consegue ouvi-los?”

“Eu consigo ouvi-los. Pare de pânico.”

Enquanto ela apressava os passos a carruagem estava rangendo pelas madeiras da ponte; ela viu a balanço negro daquilo pelo corrimão; a escuridão gelada da casa estava em volta dela, com seu perfume de alecrim e lavanda. Uma serva saiu da cozinha, deu uma apressada reverencia, e desapareceu. Claudia subiu rapidamente as escadas.

No seu quarto Aly estava tirando as roupas do armário. Uma suave anágua, o vestido azul e ouro por cima dela, o corpete rapidamente vestido. Claudia ficou

parada lá deixando ela mesma ser amarrada rapidamente dentro daquilo, a gaiola odiada que ela era mantida dentro. Por cima dos ombros da ama viu o pássaro de cristal na minúscula prisão, seu bico entreaberto, e franziu para aquilo.

“Fique parada.”

“Eu estou parada!”

“Suponho que você estava com Jared.”

Claudia encolheu os ombros. Melancolia se abateu sobre ela. Não se incomodaria em explicar.

O corpete estava muito apertado, mas ela estava acostumada com aquilo. Seu cabelo era ferozmente penteado e um colar de pérolas foi posto em seu pescoço; ele estalou em repouso em seus ombros suaves. Sem ar a velha deu um passo para traz. “Você estaria mais bonita se não estivesse com esta carranca.”

“Eu faço carranca se eu quiser.” Claudia virou para a porta, sentindo todo vestido balançar. “Um dia eu vou gritar, berrar e espernear na cara dele.”

“Eu acho que não.” Aly enfiou o velho vestido verde dentro do baú. Ela deu uma olhada para o espelho e colocou seus cabelos cinza debaixo da touca, tirou um rejuvenescedor facial a laser, o abriu, e habilidosamente eliminou as olheiras debaixo dos olhos.

“Se eu serei Rainha, quem vai me parar?”

“Ele vai.” Sua ama replica seguindo ela pela porta. “E você tem tanto medo dele quanto todo mundo.”

Isto era verdade. Andando calmamente pelas escadas, ela sabia que aquilo sempre havia sido verdade. Sua vida estava dividida em duas: O tempo em que seu pai estava lá, e quando ele estava longe. Ela vivia duas vidas, assim como os servos, a casa inteira, a propriedade, e o mundo.

Enquanto cruzava o chão de madeira entre uma dupla linha de jardineiros suados e sem ar e as mulheres leiteiras, lacaios e carregadores de tocha, em direção à carruagem que parou com um estrondo na calçada do pátio, ela se perguntou se ele tinha alguma ideia daquilo. Provavelmente.

Ele não perdia nada.

Ela esperou no degrau. Cavalos aspiraram, o velho Ralph andou para frente apresado; dois homens empoeirados em uniformes saltaram de trás da

carruagem, abriram a porta, e puxaram os degraus para baixo.

Por um momento o vão da porta estava escuro.

Então sua mão segurou o colchoeiro; seu chapéu escuro saiu, seus ombros, sua bota, seu calção preto.

John Arlex, Diretor de Incarceron, ficou de pé e removeu a poeira de si mesmo com suas luvas.

Ele era um homem alto e hermético, sua barba cuidadosamente aparada, seu casaco e colete do mais fino dos tecidos. Já havia sido seis meses desde que ela tinha visto ele, mas parecia exatamente o mesmo. Ninguém com seu status precisava mostrar sinais da idade, mas ele não parecia precisar usar um rejuvenescedor facial. Ele a olhou e sorriu graciosamente; seus cabelos negros, amarrados com um laço negro, estavam elegantemente penteados.

“Claudia. Como você está bem, minha querida.”

Ela deu um passo para frente e fez um reverência, então ele levantou sua mão e ela sentiu o beijo gelado. Seus dedos eram sempre gelados e levemente úmidos, desagradáveis de se tocar. Ele sempre usava luvas, como se soubesse disso, mesmo quando fazia calor. Ela se perguntou se ele pensou que ela havia mudado. “Assim como você, pai,” ela murmurou.

Por um momento ele continuou olhando para ela, o calmo olhar cinzento, duro e limpo como sempre. Então ele virou.

“Permita-me apresentar nosso convidado. O chanceler da rainha, Lorde Evian.”

A carruagem balançou. Um homem extremamente gordo saiu de lá, e com ele uma onda de perfume que parecia descer quase visivelmente as escadas. Atrás dela Claudia sentia o interesse coletivo dos servos. Ela sentiu apenas desânimo.

O chanceler usava um terno azul de seda com um elaborado babado na gola, tão alto que ela se perguntava como ele conseguia respirar. Ele estava certamente com o rosto vermelho, mas seu comprimento estava assegurado e seu sorriso cuidadosamente simpático. “Minha senhorita Claudia. Na última vez que lhe vi, você era nada mais que um bebê de colo. Quão prazeroso é lhe ver de novo.”

Ela não estava esperando um visitante. O quarto de convidados principal estava todo bagunçado com as instruções de costura do vestido de noiva dela, espalhadas pela cama desarrumada. Ela teve de usar suas táticas de atraso.

“A honra é nossa,” ela disse. “Talvez você gostasse de vir até o salão. Nós temos sidra e bolos que acabaram de sair do forno, como um descanso após sua viagem.” Bem, ela esperava que eles tivessem. Virando, ela viu que três dos servos tinham ido e os buracos na linha tinham se fechado rapidamente atrás deles. Seu pai lhe deu um olhar calmo, então subiu os degraus, balançando a cabeça em sinal de comprimento gracioso pela linha de rostos que faziam cortesias e abaixavam seus olhos atrás deles.

Sorrindo rigidamente, Claudia pensou rápido. Evian era o homem da rainha. A bruxa deve ter mandado ele para olhar a noiva. Bem, estava tudo bem por ela. Esteve se preparando para isto por anos.

Na porta seu pai parou. “Sem Jared?” ele disse levemente.

“Eu espero que ele esteja bem?”

“Eu acho que ele está trabalhando em um processo muito delicado. Provavelmente ainda nem percebeu que você chegou.” Era verdade, mas soou como uma desculpa.

Incomodada com seu sorriso frio ela os liderou, as bordas de sua saia balançando dentro do salão.

Era um salão todo de madeira escura com um grande armário de mogno, cadeiras esculpidas, e uma mesa de cavalete. Ela estava aliviada ao ver uma jarra de cidra e um prato de biscoitos de mel entre lavanda e alecrim espalhados.

Lorde Evian aspirou aos perfumes doces. “Magnífico!” ele disse. “Mesmo a corte não poderia igualar a autenticidade.”

Provavelmente porque a maioria dos arranjos da corte era gerada por computador, ela pensou docemente e disse, “Na Diretoria, meu senhor, nos orgulhamos de que tudo está na Era. A casa é verdadeiramente velha. Foi completamente restaurada depois dos Anos de Fúria.”

Seu pai estava silencioso. Ele sentou na cadeira trabalhada na ponta da mesa e observou solenemente enquanto Ralph colocava cidra para dentro de taças de prata. A mão do velho tremia enquanto ele levantava a travessa. “Bem-vindo à casa, senhor.”

“Bom ver você também, Ralph. Um pouco mais grisalho nas sobrancelhas, eu acho, e sua peruca seria melhor preenchida com um pouco mais de pó.”

Ralph faz uma reverência. “Eu darei um jeito nisso, Diretor, imediatamente.”

Os olhos do Diretor observaram a sala. Ela sabia que ele não deixaria escapar a menor pane em um painel de acrílico no canto da janela, ou das pré-fabricadas teias de aranha no teto de gesso.

Então ela disse rapidamente “Como está Sua Graciosa Majestade, meu senhor?”

“A rainha está com a saúde perfeita.” Evian falou com a boca cheia de bolo. “Ela está bastante ocupada com os preparativos do casamento. Será um grande espetáculo.”

Claudia franziu “Mas certamente...”

Ele acenou sua mão roliça. “Claro que seu pai não teve tempo para lhe contar sobre a mudança de planos.”

Algo dentro dela ficou gelado. “Mudança de planos?”

“Nada terrível criança, nada para se preocupar. Uma alteração de datas, isto é tudo.

Por causa do retorno do Conde da Academia.”

Ela clareou seu rosto e tentou não demonstrar nenhum sinal de ansiedade, mas seus lábios devem ter ficado mais apertados e as juntas de seus dedos ficaram brancas, porque seu pai ficou parado suavemente e disse, “Mostre o quarto para Sua Senhoria, Ralph.”

O velho servo curvou-se e entrou pela porta, que rangeu abrindo. Evian ficou de pé, uma cascata de migalhas caiu de seu terno. Assim que eles chegaram à porta, sumirão em uma questão de minutos.

Claudia xingou silenciosa. Algo mais para ser visto.

Eles escutaram os passos pesados subindo as escadas rangentes, os murmúrios respeitosos de Ralph, e o bumbo do coração do homem gordo apreciando as pinturas, as urnas da china, as luminárias, enquanto subia as escadas. Quando sua voz finalmente padeceu a certa distância da casa Claudia olhou para seu pai. Então ela disse: “Você adiantou o casamento.”

Ele levantou uma sobrancelha. “Ano que vem, este ano, qual é a diferença? Você sabia que isso viria.”

“Eu não estou preparada. “

“Você tem estado preparada por um longo tempo.”

Ele deu um passo pra frente dela, o cubo de prata na corrente de seu relógio refletindo a luz. Ela deu um passo para trás. Se ele iria deixar de usar o tom rígido da Era, iria ser insuportável; a ameaça da sua personalidade não revelada a deixou fria. Mas ele manteve uma suave cortesia “Me deixe explicar. No último mês uma mensagem veio dos Sapienti. Eles tiveram o suficiente do seu noivo. Eles pediram... Para ele deixar a Academia.”

Ela franziu. “Por quê?”

“Os vícios usuais. Bebida, drogas, violência, deixar meninas servas grávidas.

Pecados de jovens estúpidos por séculos. Ele não tem interesse por educação. Por que ele deveria? Ele é o Conde de Steen e quando ele fizer dezoito se tornará rei.”

Ele andou para a parede de painéis e olhou para uma pintura lá. Um garoto sardento e bochechudo olhando para baixo até eles. Estava vestido com um terno marrom com babados, e encostado em uma árvore.

“Caspar, Conde de Steen. Príncipe herdeiro do reino. Títulos excelentes. Seu rosto não mudou, não é? Ele era simplesmente imprudente então. Agora ele é fútil, brutal, e acha que está além do controle.” Ele olhou para ela. “Um desafio, seu futuro marido.”

Ela mexeu os ombros, fazendo o vestido zunir. “Eu posso lidar com ele.”

“É claro que pode. Tenho certeza disto.” Ele veio até ela e ficou parado à sua frente, seus olhos cinza a avaliando. Ela olhou direto de volta.

“Eu lhe criei para este casamento, Claudia. Dei-lhe gosto, inteligência, crueldade.

Sua educação foi mais rigorosa do que a de qualquer um no reino. Línguas, músicas, esgrima, aulas de cavalgada, todos os talentos que você insinua possuir eu lhe nutri. A despesa era nada para o Diretor de Incarceron. Você é uma herdeira de grandes propriedades. Eu lhe tratei como uma rainha e uma rainha você será. Em todo casamento, um lidera, e um segue. Entretanto isto é simplesmente um arranjo dinástico, será assim aqui.”

Ela olhou para a pintura. “Eu consigo lidar com Caspar. Mas sua mãe...”

“Deixe a rainha comigo. Ela e eu nos entendemos um a o outro.” Ele pegou sua mão. Segurando o seu dedo do anel levemente entre dois dele; tensa, ela segurou a si mesma parada.

“Será fácil,” Ele respirou.

Na quietude da sala morna um pombo-torcaz piou fora da janela.

Cuidadosamente, ela tirou sua mão da dele e se levantou. “Então, quando?”

“Semana que vem.”

“Semana que vem!”

“A rainha já começou os preparativos. Em dois dias nós iremos partir para a corte.

Certifique-se de estar pronta.”

Claudia não disse nada. Ela se sentia vazia e aturdida.

John Arlex virou em direção à porta. “Você fez bem aqui. A Era está impecável, exceto por aquela janela. Troque-a.”

Sem se mover ela disse baixo. “Como foi seu tempo na Corte?”

“Tedioso.”

“E seu trabalho? Como está Incarceron?”

Por uma fração de segundos ele ficou parado. O coração dela pulsou. Então ele se virou, sua voz era fria e curiosa. “A prisão está em excelente ordem. Por que você pergunta?”

“Sem motivo.” Ela tentou sorrir, querendo saber como ele monitorava a prisão, onde ela era, porque seus espiões disseram que ele nunca havia deixado à corte. Mas o mistério de Incarceron era a sua última preocupação no momento.

“Ah sim, eu quase esqueci.” Ele colocou uma bolsa de couro na mesa e a abriu. “Eu trouxe um presente da sua futura Sogra.” Ele puxou aquilo e ajeitou.

Ambos olharam.

Uma caixa de madeira de sândalo, amarrada com uma fita.

Relutante, Claudia foi em direção à pequena caixa, mas ele disse, “Espere,” tirando um pequeno bastão scanner, e movendo-o por cima da caixa. Imagens brilharam pela sua haste. “Inofensivo.”

Ele guardou o bastão. “Abra.”

Ela levantou a tampa. Dentro, em um quadro de ouro e perolas, tinha uma miniatura esmaltada de um cisne negro em um lago, emblema de sua casa. Ela

pegou aquilo e sorriu, satisfeita apesar de si mesma, com o delicado azul da água, e com o longo pescoço do pássaro. “É bonito.”

” Sim, mas observe.”

O cisne estava movendo. Ele parecia deslizar tranquilamente primeiro; então ele se empinou, e abriu suas grandes asas, e ela viu como uma flecha veio lentamente das árvores e penetrou seu peito. Ele abriu seu bico dourado e cantou uma música terrível e estranha. Então ele mergulhou debaixo d’água e desapareceu.

O sorriso de seu pai estava ácido. “Que charmoso,” ele disse.

A experiência será algo arrojado e podem haver perigos que não previmos. Mas Incarceron será um sistema de grande complexidade e inteligência. Não poderia haver guardião mais benévolo ou mais misericordioso por seus reclusos.

—Relatório do Projeto; Martor Sapiens

Era um longo caminho de volta ao eixo, e os túneis eram baixos. A Maestra andava com sua cabeça abaixada; estava silenciosa, seus braços em volta de si. Keiro havia colocado Grande Arko para vigiá-la, Finn ficava bem no final atrás dos feridos.

Nessa parte da ala, Incarceron era escura e geralmente desabitada. Aqui, a Prisão raramente se aborrecia e se movia, jogando luzes infrequentes para lá e enviando poucos Besouros. Diferente da pedra do caminho anterior, esse solo era feito de uma malha metálica que dava uma leveza sob os pés; enquanto Finn caminhava, ele viu o brilho dos olhos de um rato onde rastejou, o pó caindo sobre seus rastros metálicos.

Ele estava rígido e ferido, e como sempre depois de uma emboscada, irritado. Para todos os outros a tensão presa havia explodido, mesmo os feridos vibravam conforme tropeçavam, e as risadas barulhentas deles tiveram uma energia de alívio. Ele mexeu sua cabeça e olhou para trás.

Às costas deles, o porão estava ventoso e com ecos. Incarceron estaria escutando.

Ele não podia conversar e não queria rir. Um olhar desolado aos poucos comentários brincalhões alertou os outros a pararem; ele viu Liz acotovelar Amoz e levantar as sobrancelhas. Finn não se importava. Estava com uma raiva contida em si mesmo, misturada com medo, fúria e orgulho fumegante, porque nenhum outro tinha coragem para ser preso assim, para ficar ali deitado naquele

enorme silêncio e esperar a morte vir rolando sobre ele.

Em sua mente, ele sentia as enormes rodas novamente, muito mais alto que a sua cabeça.

E ele estava irritado com a Maestra.

O Comitatus não tomava prisioneiros. Era uma das regras. Keiro era uma coisa, mas quando eles voltassem para o Covil ele teria que explicá-la para Jormanric, e isso o deixava gelado. Mas a mulher sabia algo sobre a tatuagem no seu pulso, e ele tinha que descobrir o que era aquilo. Ele poderia nunca ter outra chance.

Caminhando, ele pensou sobre aquele flash de visão. Como sempre, tinha doído, como se a memória—se fosse uma—tivesse acendido e lutado até algum lugar profundo, dolorido, um lugar perdido no passado. E era difícil manter nítido; ele já tinha esquecido a maior parte, exceto o bolo sobre o prato, decorado com bolas prateadas. Estúpido e inútil.

Dizendo a ele nada sobre quem era, ou de onde tinha vindo.

O fosso tinha uma escada do lado; os batedores invadiram primeiro, então os Prisioneiros e o bando de guerra, os mais fracos em melhores condições e os feridos. O último de todos, Finn desceu, observando como os lados lisos estavam se abrindo aqui e ali onde as samambaias pretas e murchas rebentaram. Aquilo teria de ser limpo, caso contrário a Prisão poderia senti-los, selar este canal e reabsorver o túnel inteiro, como ocorreu no ano passado, quando eles tinham voltado de uma incursão para encontrar o velho Covil destruído, e somente uma larga passagem branca, com imagens abstratas em vermelho e dourado.

“Incarceron está dando de ombros,” Gildas tinha dito, com raiva.

Esta foi a primeira vez que ele tinha ouvido a Prisão rir.

Estremeceu, se lembrando disso agora, uma risada fria e divertida que ecoou nos corredores. Isso tinha calado Jormanric em plena fúria, tinha feito os pelos da própria pele dele eriçarem de terror.

A Prisão estava viva. Ela era cruel e indiferente, e ele estava dentro dela.

Ele saltou o último degrau para dentro do Covil. A grande câmara era tão barulhenta e desorganizada como sempre, o calor de seu fogo ardente avassalador.

Enquanto as pessoas se aglomeravam ansiosamente ao redor da pilhagem,

puxando os sacos de grãos abertos, rebocando a comida, ele atravessou a multidão e foi direto para a pequena cela que ele dividia com Keiro. Ninguém o impediu.

Lá dentro, ele trancou a frágil porta e sentou-se na cama. O quarto era frio e cheirava a roupa não lavada, mas estava silencioso. Devagar, ele deixou-se deitar.

Ele inspirou, e inalou o terror. Veio para ele como uma onda, aterrador; sabia que o martelar do coração o mataria, sentia o suor gelado nas suas costas e acima dos lábios. Até agora tinha mantido isso longe, mas essas trementes batidas do coração eram as vibrações de uma roda gigante; enquanto ele comprimia a palma da mão em seus olhos fechados ele via as bordas metalizadas agigantar-se acima dele, posicionada em uma gritante fonte de faíscas.

Ele poderia ter sido morto. Ou, pior ainda, esmagado e mutilado. Porque ele teve que dizer que iria fazer? Porque ele tinha que conviver com sua estúpida, reputação impulsiva?

“Finn?”

Ele abriu os olhos.

Depois de um momento, ele rolou.

Keiro estava de costas para a porta.

“Há quanto tempo você está aí?” A voz de Finn saiu quebrada, e ele clareou rapidamente a garganta.

“Tempo o bastante” Seu irmão de juramento sentou no outro lado da cama.

“Cansado?”

“É uma palavra para isso.”

Keiro assentiu. Então disse, “Sempre há um preço a pagar. Qualquer Prisioneiro sabe disso.” Ele olhou para a porta. “Nenhum deles poderiam ter feito o que você fez.”

“Eu não sou um Prisioneiro.”

“Você é, agora.”

Finn sentou-se e alisou o cabelo sujo. “Você poderia ter feito.”

“Bem, sim, eu poderia.” Keiro sorriu. “Mas então, sou extraordinário, Finn, um artista do roubo.

Devastadoramente bonito, absolutamente cruel, totalmente destemido.”

Ele inclinou a cabeça para o lado, como se estivesse esperando por um bufo desdenhoso; quando isso não veio sorriu e tirou o casaco e a jaqueta escura. Libertou o peito e deixou cair à espada e a espingarda, então procurou entre a pilha de roupas e tirou uma camisa vermelha chamativa com detalhes em preto.

Finn disse, “Próxima vez é você, então.”

“Você sabe de alguma vez que eu não peguei meu turno irmão? O Comitatus tem de ter nossa reputação martelada dentro das cabeças ocas deles. Keiro e Finn. Os Destemidos, Os Melhores.”

Ele derramou água da jarra e enxaguou. Finn olhava cansado.

Keiro tinha a pele suave, músculos flexíveis. Entre todos esses deformados infernais e pessoas famintas, de meio-homens e mendigos pestilentos, seu irmão de juramento era perfeito. E ele tomava muito cuidado para continuar desse jeito. Agora, colocando sua camisa vermelha, Keiro colocou a joia que tinha roubado em seu cabelo e olhou para ele mesmo no fragmento de espelho. Sem se virar ele disse, “Jormanic quer você.”

Finn estava esperando por isto; mesmo assim aquilo o deu arrepios. “Agora?”

“Agora mesmo. É melhor você se limpar.”

Ele não queria. Mas depois de um momento ele derramou água fresca e esfregou a graxa e o óleo nos seus braços.

Keiro disse, “Eu vou te auxiliar com a mulher. Com uma condição.”

Finn deu uma pausa “Como?”

“Que você irá me contar sobre o que isto realmente é.”

“Não há nada...”

Keiro jogou a toalha esfarrapada nele. “Finn Vidente das Estrelas não vende mulheres nem crianças. Amoz sim, ou qualquer um dos casos difíceis, você não.”

Finn olhou para cima; Os olhos azuis de Keiro o olhavam diretamente.

“Talvez eu esteja ficando como o resto de vocês.” Ele secou seu rosto no farrapo arenoso, então, não se incomodando em se trocar, foi em direção à porta. Na metade do caminho a voz de Keiro o parou.

“Você acha que ela sabe algo sobre você.”

Pesarosamente, Finn se virou. “Às vezes eu queria ter escolhido alguém menos afiado para cuidar das minhas costas. Certo. Sim. Tem uma coisa que ela disse... que talvez... que eu preciso perguntar para ela sobre. Eu preciso dela viva.”

Keiro moveu-se passando ele na porta. “Bem, não soe muito sagaz ou ele irá matar ela na sua frente. Deixe-me fazer a maioria da argumentação.” Ele checou para ouvintes do lado de fora e olhou para trás por cima de seus ombros. “Faça cara de bravo, e fique calado, irmão. É nisso que você é bom.”

***

A porta para a cela de Jormanric tinha os costumeiros dois guarda-costas na frente, mas um largo sorriso de Keiro fez o mais próximo grunhir e se afastar. Após seu irmão de juramento entrar, Finn quase se asfixiou com um familiar doce e forte cheiro de ket, sua fumaça pesada no ar, que ficou presa na garganta dele; ele engoliu, tentando não respirar profundamente.

Keiro acotovelou o braço do irmão de juramento, na frente do lado direito, e Finn arrastou após o chamativo casaco entre a multidão desmazelada.

Muitos deles eram meio-homens. Alguns tinham garras metálicas nas mãos, ou tecido plástico em remendos onde a pele tinha se perdido. Um tinha um olho falso que olhava exatamente como um olho normal, exceto que ele era cego, a íris de uma safira.

Eles eram o mais baixo dos baixos, escravizados e desprezados pelos puros; homens que a Prisão tinha reparado, algumas vezes cruelmente, às vezes só por capricho. Um homem anão, corcunda e cabelo crespo, não saiu do caminho rápido o bastante. Keiro o derrubou com um golpe.

Tipo de droga.

Keiro tinha um ódio peculiar pelos meio-homens. Ele nunca falava com eles, e mal reconhecia que eles existiam, de preferência os tratava como cães que infestavam o Covil.

Como se, Finn pensava, a própria perfeição dele fosse um insulto pelas suas existências.

A multidão se dispersou e eles ficaram entre um bando de guerra. O Comitatus de Jormanric era um exército vacilante e irresponsável, destemidos somente em suas próprias imaginações.

Grande e Pequeno Arko; Amoz e seu gêmeo, Zoma; Lis a menina frágil, quem ficava furiosa nas batalhas; e sua irmã de juramento, Ramill, quem nunca disse uma palavra. Uma multidão de velhos presos e ousados garotos bocas-grandes, assassinos astutos, e algumas mulheres peritas em venenos. E cercados pela sua guarda obrigatoriamente musculosa, o próprio homem.

Jormanric, como sempre, estava mastigando ket. Seus poucos dentes trabalhavam automaticamente, vermelhos com o suco doce que manchava seus lábios e barba. Atrás dele seu guarda mastigava em harmonia.

Ele devia ser totalmente imune à droga, Finn pensou. Mesmo que não pudesse ficar sem ela.

“Keiro!” A voz do Senhor da Ala era lenta. “E Finn, o Vidente das Estrelas.”

A última palavra tinha o peso da ironia. Finn fez uma careta. Ele puxou Amoz para trás e ficou ombro a ombro com seu irmão de juramento.

Jormanric sentou-se esparramado na cadeira. Ele era enorme, e o trono esculpido tinha sido feito especialmente para ele; os braços foram entalhados com batidas calculadas e pintados com ket.

Um escravo, mais conhecido como o cão-escravo estava acorrentado a ele, ele os usava para saborear seu alimento envenenado, e nenhum deles permaneceram por muito tempo. Este era novo, tirado da última incursão, era um amontoado de trapos e cabelos emaranhados. O Senhor da Ala usava uma cota de guerra metálica e seu cabelo era longo e oleoso, entrançados e amarrados com encanto. Sete pesados anéis de caveiras rodeavam seus dedos grossos.

Ele olhou o Comitatus com uma olhar penetrante disfarçado.

“Uma boa incursão, pessoal. Comida e metal cru. O bastante para que a parte de cada um seja abundante.”

Um zumbido da sala. Mas todos significava apenas o Comitatus; os parasitas viveriam dos restos.

“E ainda não tão rentável quanto poderia ter sido. Algum idiota irritou a Prisão.”

Ele cuspiu o ket e pegou outro pedaço na caixa marfim em seu cotovelo, dobrando-o cuidadosamente em sua bochecha. “Dois homens foram mortos.” Ele mastigou lentamente, com os olhos fixos em Finn. “E um refém foi feito.”

Finn abriu a boca, mas Keiro pisou firmemente em seu pé. Não era uma boa

ideia interromper Jormanric. Ele falava lentamente, com pausas irritantes, mas sua aparência de estupidez era enganadora.

Havia um pedaço fino de saliva vermelha pendurada na barba de Jormanric. Ele disse, “Explique-se, Finn.”

Finn engoliu, mas Keiro respondeu, sua voz fria. “Senhor da Ala, meu irmão de juramento correu grande risco voltando lá. Os Civics poderiam facilmente não ter parado ou mesmo retrocedido.

Por sua causa nós fomos alimentados o bastante por dias. A mulher era um capricho do momento, e uma pequena recompensa. Mas, é claro que o Comitatus é seu, a decisão é sua. Ela não significa nada, de uma maneira ou de outra.”

O é claro era um brilhante sarcasmo. Jormanric não parava de mascar; Finn não poderia dizer se as palavras afiadas da ameaça velada tinham sequer sido registradas.

Então ele viu a Maestra. Ela estava esperando ao lado, vigiada, correntes ligadas às suas mãos.

Havia sujeira em seus rosto, e seu cabelo estava desfeito. Ela devia estar aterrorizada, mas ela permaneceu firme, seu olhar sobre Keiro e então, frigidamente, nele.

Ele não poderia receber aquele desprezo. Ele abaixou o olhar, mas Keiro cutucou-o uma vez e ele forçou-se a ficar ereto, encarando-os todos. Parecer fraco, parecer duvidoso aqui, era estar acabado. Ele poderia nunca confiar em nenhum deles, exceto Keiro. E por isso, somente por causa do juramento.

Esperando arrogantemente ele voltou-se para o brilho de Jormanric.

“Quanto tempo você esteve conosco?” O Senhor da Ala demandou.

“Três anos.”

“Não é mais um inocente, então. O vazio deixou os seus olhos. Já não pula mais com os gritos. Já não chora mais quando as luzes se apagam.”

O Comitatus deu um riso contido. Alguém disse, “Ele não matou ninguém ainda.”

“Já está na hora de fazer,” Amoz murmurou.

Jormanric assentiu, o metal em seus dedos ressoando. “Talvez, seja isso.” Seus olhos assistiram Finn, e Finn olhou diretamente para trás, porque essa era uma máscara turva que o Senhor da Ala usava, um inflado, lento disfarce sobre a

sua crueldade astuta. Ele sabia o que vinha agora; quando Jormanric disse, quase sonolento, “Você poderia matar essa mulher,” ele nem mesmo piscou.

“Poderia, Senhor. Mas eu preferiria ter um lucro. Ouvi dizer que eles a chamam de Maestra.”

Jormanric levantou uma sobrancelha. “Resgate?”

“Estou certo de que eles pagariam. Aqueles veículos estavam carregados de mercadorias.” Ele pausou, não necessitando que Keiro dissesse para ele não falar muito.

Por um momento o temor estremeceu as costas, mas lutou para isso sumir. Qualquer pagamento de resgate significaria que Jormanric poderia levar uma parte. Que certamente seria manejado a ele. Sua ganância era lendária.

A cela era escura, suas velas pingavam. Jormanric derramou um copo de vinho e virou uma porção para o cão, e assistiu-o lamber. Não até que o escravo sentou-se, ileso, e tomou-o mesmo. Então levantou as mãos e virou-a para mostrar os sete anéis. “Você vê isso, garoto? Esses anéis contêm vida. Vidas que eu roubei. Cada um deles foi uma vez inimigos, mortos lentamente, torturados até agonizar. Cada um deles está preso aqui em um laço ao redor dos meus dedos. Suas respirações, energias, forças, tiradas deles e guardadas em mim, até eu precisar deles. Nove vidas que um homem pode viver, Finn, movendo de um para o outro, afastando a morte. Meu pai fez isso, eu farei isso. Mas por enquanto eu só tenho sete, ainda.”

O Comitatus olhou uns para os outros. Atrás as mulheres sussurravam; alguns se esforçavam para ver os anéis por cima das cabeças da multidão. As caveiras prateadas brilhavam no ar carregado de drogas. Uma piscada para Finn, tortuosa. Ele mordeu os lábios provando o ket; era salgada como sangue, fazia borrões flutuarem no canto dos seus olhos. O suor ensopou suas costas. A câmara era insuportavelmente quente; lá no alto nos abrigos ratos espreitavam, e um morcego esvoaçou de volta para a escuridão.

Despercebido, num canto, três crianças estavam escavando as pilhas de grãos.

Jormanric soltou-se. Era um homem enorme, uma cabeça maior do que ele próprio.

Encarou Finn. “Um homem leal ofereceria a vida dessa mulher para seu líder.”

Silêncio.

Não havia nenhuma saída. Finn sabia que teria que fazer isso. Ele olhou para a Maestra. Ela olhou de volta, pálida, seu rosto magro.

Mas a voz relaxada de Keiro quebrou a tensão. “A vida de uma mulher, Senhor?

Uma criatura temperamental e tola, uma coisa frágil e indefesa?” Ela não parecia indefesa.

Ela parecia furiosa, e Finn a amaldiçoou por isso. Por que ela não poderia chorar e implorar, e lastimar! Como se ela tivesse percebido, ela abaixou a cabeça, mas cada centímetro dela era de puro orgulho.

Keiro acenou graciosamente com uma mão. “Não força suficiente para um homem desejar, mas se você quiser, é sua.”

Isso foi muito perigoso. Finn ficou estarrecido. Ninguém provocava Jormanric.

Ninguém o fazia parecer ridículo. Eles não estão tão longe com o ket para não sentir aquele golpe.

Se você quiser isso. Condição de quem está muito desesperado. Alguns do bando de Guerra entenderam. Zoma e Amoz trocaram sorrisos dissimulados.

Jormanric olhou com raiva. Ele fitou a mulher e ela encarou de volta. Então, cuspiu a erva vermelha e pegou sua espada.

“Eu não sou tão exigente quanto garotos vaidosos,” ele rosnou.

Finn deu um passo à frente. Por um momento ele só queria arrastar a mulher para longe, mas Keiro tinha seu braço em um agarre de ferro e Jormanric se voltou para a Maestra; sua espada estava no pescoço dela, a ponta afiada alvejou a delicada pele abaixo do queixo, forçando a cabeça a elevar-se. Estava acabado. Não importa o que ela sabia, Finn pensou amargamente, ele nunca descobriria agora.

Uma porta foi golpeada atrás.

Uma voz ácida estourou, “A vida dela não tem valor, homem. Dê ela ao garoto. De qualquer maneira, ele merece a recompensa.”

A multidão se afastou repentinamente. Um pequeno homem atravessou, suas roupas as verde-escuras dos Sapienti. Ele era velho, mas estava ereto, e mesmo o Comitatus deslocou-se de lado para ele. Ele veio e ficou ao lado de Finn;

Jormanric encarou-o pesadamente.

"Gildas. O que isso te importa?"

“Faça como eu digo.” A voz do velho era áspera; ele falou como se fosse para uma criança. “Você vai conseguir suas duas últimas vidas em pouco tempo. Mas ela” —ele estendeu seu dedo polegar para a mulher— “não será uma delas.”

Qualquer outra pessoa estaria morta. Qualquer outra pessoa teria sido transportada para fora e pendurado para baixo no eixo pelos calcanhares, enquanto os ratos comiam suas entranhas. Mas depois de um segundo Jormanric baixou a espada. “Você me promete.”

“Eu te prometo.”

“As promessas dos sábios não devem ser quebradas.” O velho disse, “E não vão ser.”

Jormanric olhou para ele. Então embainha a espada. “Pegue-a.”

A mulher arfou.

Gildas a fitou irritado. Quando ela não se moveu, agarrou seu braço e puxou para perto. “Tire-a daqui,” ele murmurou.

Finn hesitou, mas Keiro se moveu vez, puxando a mulher às pressas através da multidão.

O aperto do velho, rápido como uma garra, capturou o braço de Finn. “Houve uma visão?”

“Nada importante.”

“Eu julgo isso.” Gildas olhou para Keiro, então para trás. Seus pequenos olhos negros estavam alerta; eles se moviam com uma inteligência impaciente. “Eu quero todos os detalhes, garoto.”

Ele olhou para a marca de passado no pulso de Finn. Em seguida, ele soltou.

Instantaneamente Finn empurrou através da multidão, para fora.

A mulher estava esperando do lado de fora, no Covil, ignorando Keiro. Ela se voltou e seguiu na frente de Finn de volta para a cela minúscula e ele fez um sinal para o guarda ir embora, com um aceno de cabeça.

A Maestra voltou-se. “Que espécie de buraco de Escória é esse?” ela sibilou.

“Escute. Você está viva...”

“Não graças a você.” Ela alterou-se; estava mais alterada que ele, e sua raiva era venenosa. “O

que quer que você queira de mim, pode esquecer. Vocês assassinos podem apodrecer no inferno.”

Atrás dele, Keiro inclinou-se no batente da porta, sorrindo. “Algumas pessoas não tem absolutamente nenhuma gratidão,” ele disse.

Finalmente, quando tudo estava pronto, Manor convocou o conselho dos Sapienti e pediu por voluntários. Eles deviam estar preparados para deixar família e filhos para sempre. Para dar suas costas à grama verde, as árvores, a luz do sol. Nunca mais ver as estrelas.

“Somos os Sábios, “ele disse. “A responsabilidade pelo sucesso é nossa. Nós devemos mandar nossas melhores mentes para guiar os prisioneiros.”

Na hora marcada, enquanto ele se aproximava a câmara do portão, eles o virão murmurando seu medo que aquilo estaria vazio. Ele abriu o portão. Setenta homens e mulheres estavam esperando por ele. Em uma grande cerimônia, Eles entraram na prisão.

Eles nunca mais foram vistos.

—Contos do Lobo de Aço

Naquela noite o Diretor deu um jantar para seus convidados de honra.

A longa mesa estava posta com um magnífico acervo de prata, as taças e os pratos gravados com cisnes unidos. Claudia estava vestida com um vestido de seda vermelho com um com uma fita de corpete e sentou do lado oposto ao Lorde Evian, enquanto seu pai à cabeceira da mesa comia com moderação e falava baixo, seu olhar calmo movendo pelos convidados nervosos.

Todos os vizinhos e inquilinos haviam obedecido às convocações. E isto era assim, Claudia pensou severamente, porque quando o Diretor de Incarceron convida, não existia recusa. Até mesmo a Senhora Sylvia, que devia estar à beira dos duzentos, flertou e conversou amaneiradamente com o jovem lorde entediado perto dela.

Enquanto Claudia observava, o jovem lorde cuidadosamente abafa um bocejo. Ele pegou seus olhos. Ela sorriu para ele docemente. Então ela piscou e ele observou. Ela sabia que ela não devia importunar ele; ele era um dos

ajudantes de seu pai, e a filha do Diretor estaria de longe acima dele. Ainda assim, ela também estava entediada.

Depois de uma infinita progressão de peixe e pavão e javali assado e bombons, ouve uma dança, os músicos estavam em uma galeria iluminada à luz de velas acima do hall esfumaçado. Se esquivando dos braços levantados da longa linha de dançarinos ela se perguntou de repente se os instrumentos eram precisos—certamente as violas eram de um período mais antigo? Isto veio de deixar os detalhes para Ralph. O velho empregado era um excelente servo, mas suas pesquisas eram um pouco apressadas. Quando seu pai não estava aqui, ela não se importava. Mas o Diretor era preciso com os detalhes.

Aquilo foi bem até meia noite quando finalmente ela viu o ultimo convidado em sua carruagem e ficou parada nos degraus da mansão. Atrás dela, dois garotos que seguravam tochas esperavam sonolentos, suas tochas quase se extinguindo na brisa.

“Vão para a cama,” ela disse sem se virar. A luz fraca e o som das chamas se extinguiram. A noite estava quieta.

Logo que eles se foram ela correu escada a baixo, e debaixo do arco da portaria até a ponte por cima do fosso, respirando a profunda quietude da noite quente. Morcegos voaram no céu, observando eles, ela arrancou o rufo rígido e os colares, e por baixo do vestido ela tirou a anágua reforçada e as despejou com alívio na latrina que não era mais usada debaixo do banco.

Muito melhor! Eles poderiam ficar aqui até amanhã.

Seu pai tinha se retirado cedo. Ele tinha levado Lorde Evian até a biblioteca; talvez eles ainda estivessem lá, falando sobre dinheiro residências e o seu futuro. E mais tarde, quando os seus convidados tinham ido e a casa estava silenciosa, seu pai iria puxar a cortina de veludo até o final do corredor e abrir a porta de sua sala com a combinação secreta, a mesma que ela tentou por meses descobrir. Ele iria desaparecer lá por horas, talvez por dias. Até onde ela sabia, ninguém mais já havia entrado naquela sala. Nenhum servo, nenhum técnico, nem mesmo Medlicote, o secretário. Ela mesma nunca tinha estado dentro.

Bem, ainda não.

Olhando para cima para a torre norte ela viu, como ela tinha esperado, uma minúscula chama da janela do quarto mais alto. Ela andou rápido para a porta no muro, abrindo ela, e subiu as escadas no escuro.

Ele pensou nela como uma ferramenta. Uma coisa que ele tinha feito...

Gerado, era sua palavra.

Ela apertou seus lábios, seus dedos tateando o muro gelado e sujo. Há muito tempo ela tomou conhecimento que sua crueldade era tão completa que para sobreviver ela teria que igualar ela.

O seu pai a amava? Enquanto ela diminuía a respiração em um vão da escada de pedra ela riu, um entretenimento calmo. Ela não tinha ideia. Ela o amava? Ela certamente o temia. Ele sorriu para ela, tinha algumas vezes a escolhido quando ela era pequena, segurando sua mão em grandes ocasiões, admirando seus vestidos. Ele nunca havia lhe negado nada, nunca tinha batido ou ficado com raiva, nem mesmo quando ela teve ataques de raiva e quebrou o colar de pérolas que ele tinha dado para ela, ou viajado por dias para as montanhas. E ainda assim, desde que ela consegue se lembrar, a calma de seus olhos cinza sempre a tinha aterrorizava, o pavor de seu descontentamento pendurado sobre ela.

Além do terceiro vão, as escadas estavam sujas com cocô de pássaros. Eles eram certamente reais. Ela tomou seu cominho por isto. Tateando pelo corredor até a curva, subiu mais três degraus, e chegou até a porta barrada com ferro. Pegando a argola, ela a virou suavemente e disse. “Jared? Sou eu.”

A sala estava escura. Uma vela solitária queimava na soleira, sua chama pingando no castiçal.

Tudo em volta da torre, a janela tinha sido revertido, em um desrespeito ao protocolo que daria arrepios a Ralph.

O observatório no telhado se elevou em vigas de metal tão estreitas que aquilo parecia flutuar.

Um ótimo telescópio tinha sido girado para olhar pro sul. Ele se erguia com orientadores, leitores infravermelhos e um pequeno monitor oscilante. Claudia balançou sua cabeça. “Olhe para isto!

Se o espião da rainha vê isso, as multas irão nos aleijar.”

“Ele não irá. Não depois da quantidade de cidra que ele bebeu esta noite.”

Primeiro ela não conseguia achar ele. Então uma sombra na janela moveu e a escuridão firme de um estreito vulto que se endireitava pela lente. “Dê uma olhada nisto, Claudia.”

Ela apalpou seu caminho pela sala, entre mesas desordenadas, o astrolábio, o globo pendurado.

Perturbado, um filhote de raposa passou para o peitoral.

Ele pegou o seu braço e a guiou até o telescópio. “Nébula F. Eles a chamam de A Rosa.”

Quando ela olhou, ela podia vê por que. A cremosa explosão de estrelas que preenchiam o turvo circular do céu aberto com pétalas de um vasta flor, através de milênios de anos luz. Uma flor de estrelas e quasares, mundos e buracos negros, seu coração derretido pulsando com nuvens gasosas.

“O quão longe está isto?” ela murmurou.

“Mil anos-luz.”

“Então o que eu estou olhando tem mil anos?”

“Talvez mais.”

Deslumbrada, ela tirou seus olhos da lente. Quando ela virou para encará-lo, pequenas centelhas de luz borrarão sua visão, brincando, sobre seus emaranhados cabelos escuros, seu rosto estreito e a figura magra, a túnica solta debaixo do manto.

“Ele adiantou o casamento,” ela disse.

Seu tutor franziu a testa. “Sim. É claro.”

“Você sabia? “

” Eu sabia que o Duque tinha sido expulso da Academia.” Ele se moveu para dentro da luz gerada pelas velas e ela viu seus olhos verdes pegarem o reflexo. “Eles me enviaram uma mensagem esta manhã. Eu supus que este deveria ser o resultado.”

Irritada, ela removeu uma pilha de papeis para fora da poltrona e os jogou no chão sentando cansada, balançando seus pés para cima. “Bem, você estava certo. Nós temos dois dias. Não será tempo o bastante, será?”

Ele veio e se sentou no lado oposto a ela. “Para finalizar os testes no dispositivo, não.”

“Você parece cansado, Jared Sapiens, “ela disse.

“Você também, Claudia Arlexa.”

Lá estavam sombras debaixo de seus olhos e sua pele era pálida. Gentilmente ela disse. “Você devia dormir mais.”

Ele balançou sua cabeça. “Enquanto o universo está lá fora girando sobre mim?

Impossível, senhora.”

Ela sabia que era a dor que o mantinha acordado. Agora ele chamou o filhote de raposa que veio e pulou em seu colo, esfregando e batendo seu peito e rosto. Sem pensar ele acariciou suas costas marrons amareladas.

“Claudia, eu estive pensando sobre sua teoria. Eu quero que você me diga sobre como seu noivado foi organizado.”

“Bem, você estava aqui, não estava?”

Ele sorriu seu sorriso gentil. “Pode parecer para você como se eu sempre estivesse aqui, mas na verdade vim depois de seu quinto aniversário. O Diretor enviou para a academia pelo melhor Sapiente disponível. O tutor de sua filha não podia ser nada menos.”

Lembrando-se das palavras de seu pai, ela franziu a testa. Jared olhou para o lado dela. “Eu disse algo?”

“Você não “. Ela foi estendeu a mão até a raposa, mas ela se virou para longe dela, se enfiando dentro dos braços de Jared. Então ela disse azedamente, “Bem, depende de qual noivado você se refere. Eu tenho dois.”

“O primeiro.”

“Eu não posso. Eu tinha cinco. Eu não me lembro disto.”

“Mas eles te noivaram com o filho do rei. Com Giles.”

“Como você disse, a filha do Diretor não fica com o segundo melhor.” Ela pulou de pé e vagueou em volta do observatório, pegando papeis friamente.

Seus olhos verdes olhando ela. “Ele era um menininho bonito, eu me lembro.”

Com suas costas para ele, ela disse, “Sim. Todo ano depois disso o pintor da corte enviava uma foto dele. Eu tenho todas elas em uma caixa. Dez delas. Ele tinha um cabelo castanho escuro e um tipo de rosto firme. Ele seria um excelente homem.” Ela se virou.

“Eu o encontrei realmente uma vez. Quando ele foi para o seu sétimo aniversário na corte.

Eu me lembro de um garoto sentado no trono que era muito grande para ele.

Eles tiveram de colocar uma caixa no seu pé. Ele tinha grandes olhos castanhos. Ele estava permitido de me beijar na bochecha, e ele estava tão envergonhado." Ela sorriu lembrando. "Você sabe como meninas conseguem ficar vermelhas. Bem, ele ficou escarlate. Tudo que ele conseguiu resmungar foi, 'Olá, Claudia Arlexa. Eu sou Giles.' Ele me deu um buquê de rosas. Eu as guardei até que elas caíssem em partes."

Ela foi até o telescópio e sentou-se montando no banco, puxando seu vestido para cima até seus joelhos.

O Sapiente acariciava no filhote, observando Claudia ajustando o ocular e olhando por ele. "Você gostava dele."

Ela franziu a testa. "Você nunca pensaria que ele era o Herdeiro. Ele era como se fosse só um garoto qualquer. Sim, eu gostei dele. Nós podíamos ter nos dado bem."

"Mas não seu irmão, o Conde? Nem mesmo naquela época?"

Seus dedos viraram o fino marcador. "Ah ele! Aquele sorrisinho. Não, eu sabia como ele era de cara. Ele trapaceava no xadrez e virava o tabuleiro se estivesse perdendo.

Ele gritava com os serventes, e algumas das outras garotas me disseram coisas. Quando o meu...

Quando o Diretor veio para casa e me disse que Giles tinha morrido tão de repente... Que todos os planos teriam de ser mudados, eu estava furiosa." Ela se levantou e se virou rapidamente. "O

que eu jurei para você então ainda vale. Mestre, eu não posso me casar com Caspar. Eu não irei me casar com ele. Eu o detesto."

"Acalme-se, Claudia."

"Como eu posso! "Ela estava de pé agora, andando. "Eu me sinto como se tudo tivesse quebrado em cima de mim! Eu achei que nós tínhamos tempo, mas alguns dias!

Nós temos de agir, Jared. Eu tenho de entrar dentro da sala de estudo, mesmo que sua máquina ainda não esteja testada."

Ele balançou a cabeça. Então levantou o filhote de raposa e o largou no chão, ignorando seu rosnado de desanimo. "Venha e dê uma olhada nisto."

Do lado do telescópio o monitor relinchou. Ele tocou o controle e a tela

ondulou com palavras na língua dos Sapienti que ele nunca, apesar de todos os seus apelos, ensinou-a uma palavra.

Enquanto ele mexia na tela um morcego passou batido pela sala aberta e desapareceu de volta na escuridão. Claudia olhou em volta. “Nós devemos ser cuidadosos.”

“Eu vou fechar as janelas daqui a pouco.” Distraidamente Jared parou o texto.

“Aqui.” Seus dedos delicados tocaram uma chave e a tradução apareceu. “Olhe. Isto é um fragmento de um rascunho de carta queimado escrito pela Rainha, recuperado e copiado por um espião dos Sapienti no palácio três anos atrás. Você pediu para eu achar qualquer coisa que possa apoiar sua absurda teoria—”

“Não é absurda.”

“Bem, Sua teoria improvável, então, de que a morte de Giles foi—”

“Assassinato.”

“Suspeitamente repentina. De qualquer forma, eu achei isto.”

Ela quase o empurrou para o lado em sua ansiedade. “Como você conseguiu isto?”

Ele levantou uma sobrancelha. “Segredos do Sábio, Claudia. Vamos apenas dizer que um amigo na academia entrou procurando nos arquivos.” Quando ele foi até a janela ela leu o texto avidamente.

...Quanto aos preparativos que nós falamos antes, isto é infortuno, mas grandes mudanças geralmente demandam grandes sacrifícios. G sido mantido afastado de outros desde que seu pai morreu; a tristeza do povo é real, mas pouco vivida e nós podemos contê-la. Isto apenas necessita dizer que a sua partida será muito valiosa para nós. Quando meu filho for Rei eu posso lhe prometer tudo que eu...

Ela sibilou em aborrecimento. “Isto é tudo?”

“A rainha sempre foi muito cuidadosa. Nós temos pelo menos dezessete pessoas dentro do palácio, mas evidência de qualquer coisa e raro.” Ele deslizou a última janela para baixo, fechando as estrelas. “Isto levou muita procura.”

“Mas está tão claro!” Avidamente ela o leu de novo. “Eu quero dizer... a tristeza será real.. quando o meu filho for Rei...”

Assim que ele veio e acendeu a lâmpada ela olhou para ele e seus olhos estavam brilhando de entusiasmo. “Mestre, isto prova que ela o matou. Ela assassinou o herdeiro do Rei, o ultimo da dinastia Havaarna, para que seu meio irmão, seu próprio filho, pudesse ter o trono.”

Por um momento ele estava quieto. Então as chamas se acalmaram e ele pode olhar para ela. O

coração dela parou. “Você não acha.”

“Eu pensei que eu lhe ensinei melhor que isto, Claudia. Seja rigorosa em seu argumento. Tudo que isto prova e que ela pretendia que sou filho fosse Rei. Não que ela fez algo sobre isto.”

“Mas este G—”

“Pode ser qualquer um com esta inicial.” Sem remorso ele olhou para baixo.

“Você não pensa isto! Você não pode...”

“Não é o que eu penso que importa, Claudia. Se você fizer uma acusação como esta, você precisará de uma prova completa, não pode haver perguntas ou qualquer dúvida.”

Ele relaxou a si mesmo dentro de uma cadeira e estremeceu. “O príncipe morreu em uma queda de cavalo. Doutores certificaram isto. Seu corpo repousou em cerimônia no grande hall do palácio por três dias. Centenas em fila passaram por ele. Seu próprio pai...”

“Ela deve ter feito com que ele fosse morto. Ela tinha ciúmes dele.”

“Ela nunca demonstrou nenhum sinal disto. E o corpo foi cremado. Não há como dizer agora.”

Ele suspirou. “Você não percebe como isto vai parecer, Claudia? Você é apenas a garota mimada que não gostou do casamento arranjado e está enganando para levantar qualquer tipo de escândalo para sair dele. “

Ela estalou, “Eu não ligo! O que—”

Ele sentou-se. “Quieta!”

Ela congelou. O filhote de raposa estava de pé, orelhas levantaram. Um sussurro de corrente de ar entrou de repente por baixo da porta.

Instantaneamente os dois se moveram. Claudia estava na janela em segundos, escurecendo o vidro; virando ela viu os dedos de Jared no painel de

controle pelos sensores e alarmes que ele tinha colocado nas escadas. Pequenas luzes vermelhas dançaram.

“O quê?”, ela sussurrou. “O que foi isto?”

Por um momento ele não respondeu. Então sua voz estava baixa. “Alguma coisa estava lá.

Pequena. Talvez um aparelho de escuta.”

Seu coração pulsou. “Meu pai?”

“Quem sabe? Talvez Lorde Evian. Talvez Medlicote.”

Eles ficaram um longo tempo na escuridão, escutando. A noite era calma. Em algum lugar um cachorro latiu. Eles podiam ouvir o som fraco de ovelhas nas campinas depois do fosso. E uma coruja, caçando. Depois de um tempo um ruído na sala os disse que o filhote tinha dormido. A vela pingou e se apagou. No silêncio ela disse, “Eu vou para a sala de estudos amanhã. Se eu não posso descobrir sobre Giles, pelo menos eu posso aprender algo sobre Incarceron.”

“Com ele na casa...”

“É minha última chance.”

Jared correu seus longos dedos pelos seus cabelos desalinhados. “Claudia você deve ir. Nós falaremos sobre isto amanhã. “Então de repente seu rosto estava branco, suas mãos achatadas em cima da mesa. Ele se inclinou e respirou rigidamente.

Ela deu a volta no telescópio silenciosamente. “Mestre?”

“Minha medicação. Por favor.”

Ela pegou a vela, sacudiu-a de volta para dentro da luz e amaldiçoou a Era pela centésima vez.

“Onde... Não consigo encontrar...”

“A caixa azul. Perto do astrolábio.”

Ela tateou, pegando canetas, papéis, livros, a caixa. Dentro tinha a pequena seringa e as ampolas; Ajeitando uma cuidadosamente, ela a levou para ele. “Eu devo...?”

Ele sorriu gentilmente. “Não. Eu consigo fazer.”

Ela trouxe a lâmpada mais perto; Ele rolou suas mangas para cima e ela viu

as inúmeras cicatrizes em volta de sua veia. Ele fez a injeção cuidadosamente, o micro-infusor mal tocou sua pele, e enquanto ele colocava aquilo de volta para a caixa, sua voz estava calma e firme.

“Obrigado, Claudia. E não fique assim tão assustada. Esta condição tem me matado por dez anos e não está com pressa. Levara provavelmente outros dez para acabar comigo.”

Ela não podia sorrir. Horas como aquelas a aterrorizavam. Ela disse, “Eu devo enviar alguém...?”

“Não, Não. Eu irei para cama dormir.” Dando a ela a vela, ele disse, “Seja cuidadosa em como você desce as escadas.”

Ela balançou a cabeça, relutante, E cruzou a sala. Na porta ela parou e virou. Ele ficou parado como se ele tivesse esperado por aquilo, fechando a caixa, o verde escuro do casaco do Sapiente com sua gola alta brilhando com uma estranha iridescência.

“Mestre, aquele carta. Você sabe para quem ela foi escrita?”

Ele olhou para cima infeliz. “Sim. E isto faz com que seja ainda mais urgente para nós entrarmos na sala de estudos.”

A vela se agitou enquanto ela respirava em desanimo. “Você quer dizer...”

“Eu temo que sim, Claudia. A carta da Rainha estava endereçada a seu pai.”

Havia um homem e seu nome era Sapphique. De onde ele veio é um mistério. Alguns dizem que ele nasceu na Prisão, crescendo de seus componentes armazenados. Alguns dizem que ele veio do Lado de Fora, porque apenas ele dos homens retornou para lá. Alguns dizem que ele nem mesmo era um homem, mas uma criatura daquelas faíscas brilhantes que os lunáticos veem em sonhos e que dão nomes às estrelas. Alguns dizem que ele era um mentiroso e um tolo.

—Lendas de Sapphique

“Você tem de comer algo.” Finn olha com desaprovação para a mulher. Ela sentava encarando-o, relutante, longe dele, com o próprio sangue sobre a face.

Ela não disse uma palavra.

Ele jogou o prato no lixo e sentou em um banco de madeira perto dela, esfregando seus olhos cansados como a palma de sua mão. A volta deles o som de Comitatus durante seu café da manhã com o bater de pratos e metal. Isto foi

uma hora depois do Acender das Luzes quando as portas que não estavam quebradas abriram de repente com um grande ruído, levou anos para ele se acostumar com aquilo. Ele olhou para cima para as vigas e viu um dos olhos do presídio o observando curioso; a pequena luz vermelha olhou sem medo pra baixo.

Finn franziu. Ninguém mais conseguiu ver os Olhos, mas ele os detestava.

Levantando, ele virou suas costas para aquilo. “Venha comigo.” ele desse rápido. “A algum lugar mais calmo.”

Ele andou rápido, sem olhar para ver se estava sendo seguido. Ele não podia mais esperar por Keiro. Ele tinha saído para resolver a divisão do saque, pois era Keiro que sempre resolvia essas coisas. Finn tinha percebido que seu irmão de juramento certamente havia o traído. Mas ele não podia deixar se importar muito com isto. Agora, ele abaixava sob um arco que sai no topo de uma escada que se curva de forma elegante para baixo em direção à escuridão.

Do lado de fora o barulho ecoava estranhamente em espaços cavernosos. Algumas escravas magricelas passaram rapidamente, com um olhar aterrorizado, como elas sempre faziam quando um dos Comitatus apenas olhava para elas. No teto invisível várias correntes penduradas em um laço como se fossem grandes pontes, com o elo mais grosso que um homem. Em algumas delas aranhas grandes haviam feito seus ninhos, preparando o metal com suas teias grudentas. Metade de um cachorro dissecado estava pendurado em um dos casulos.

Quando ele se virou, Maestra estava lá.

Ele andou para frente, e com a voz baixa disse “Escute-me. Eu tive que te trazer. Eu não quero te machucar. Mas lá atrás no caminho do transito você disse algo, Você disse que reconhecia isto.”

Suspendendo sua manga, ele estendeu seu punho até ela.

Ela deu uma olhada desdenhosa para aquilo. “Eu fui estúpida em sentir pena de você.”

A raiva aumentou nele, mas ele se conteve. “Eu preciso saber. Eu não tenho nenhuma ideia de quem eu sou ou o que essa marca significa. Eu não me lembro de nada.”

Agora ela olhou para ele. “Você é um Nascido-nas-Celas?”

O nome o irritava. “É como eles chamam.”

Ela disse, “Eu já escutei sobre eles, mas nunca tinha visto um antes.”

Finn desviou o olhar. Falar sobre ele mesmo o perturbou. Ele sentiu o primeiro degrau; essa podia ser a única chance. Ele sentou-se nele, sentindo o frio emanado pela pedra debaixo de suas mãos.

Encarando a escuridão. Ele falou, “Eu apenas acordei. Isto foi tudo. Estava escuro e silencioso, minha mente estava totalmente vazia e eu não fazia ideia de quem era e de onde estava.”

Ele podia tê-la dito sobre o pânico, o grito terrível de pânico que havia surgido e o fez bater contra a parede da pequenina e sufocante cela.

Não pôde dizer que ele forçou vomito, que ele tinha se acovardado no canto tremendo por dias— o canto da sua mente, o canto da cela, porque os dois eram os mesmos e os dois estavam vazios.

Talvez ela tenha adivinhado; ela veio e sentou ao seu lado.

“Quantos anos você tinha?”

Ele balançou os ombros e disse. “Como vou saber? Isto foi há três anos.”

“Quinze anos então. Jovem o bastante. Eu ouvi que alguns deles nasceram insanos, já velhos.

Você teve sorte.”

A mais leve simpatia. Ele pegou isto apesar da dureza de sua voz, lembrando sua preocupação antes da emboscada. Ela era uma mulher que sentia pelos outros. Aquela era sua fraqueza e ele iria utilizar isto. Como Keiro o havia ensinado.

“Eu estava insano, Maestra. Algumas vezes eu ainda sou. Você não pode imaginar como é não ter passado, sem ideia de nome, de onde veio, onde está e o que você é. Eu me achei vestido com uma túnica cinza com um nome pintado nele, e um número. O nome era FINN e o número era /.

Eu li aqueles números de novo e de novo. Eu os aprendi. Risquei-os em uma pedra com um objeto afiado, os cortei em letras do meu sangue nos meus braços. Eu rastejei pelo chão como um animal, imundo, meu cabelo crescia enorme. Dia e noite onde as luzes entravam e saiam. Comida servida de uma fresta pela parede; dejetos saiam pela mesma maneira. Uma ou duas vezes eu tentava escalar pelo buraco, mas eu caia rápido demais. A maioria das vezes eu caia em uma espécie de torpor. E quando eu dormia, eu tinha sonhos terríveis.”

Ela o estava observando. Suas mãos eram fortes e capazes; trabalhara arduamente com elas, ele podia ver. Ela também tinha as unhas avermelhadas. Quieto ele falou, “Eu não sei seu nome.”

“Meu nome não importa.” Ela manteve seu olhar nivelado. “Eu já ouvi falar nessas celas. Os Sapienti as chamam de Ventres de Incarceron. Nelas a Prisão cria novas pessoas; elas emergem crianças ou adultos, inteiras, não como os meio-homens. Mas apenas os mais jovens sobrevivem.

As Crianças de Incarceron.”

“Algo sobreviveu, não tenho certeza se fui eu.” Ele queria lhe dizer sobre os pesadelos de imagens distorcidas, nos tempos que ele acordou, mesmo agora, em um pânico de esquecimento, perguntando seu nome, e onde ele estava, até que a respiração calma de Keiro o tranquilizou.

“Lá sempre tinha um Olho. Primeiro eu não sabia o que era aquilo, apenas se percebia aquilo a noite, um pequeno ponto vermelho brilhante perto do teto. Lentamente eu percebi que aquele era todo meu tempo, vim a imaginar se aquilo me observava, que não havia escapatória de lá. Eu comecei a pensar que havia uma inteligência por trás daquilo, curiosa e cruel. Eu odiava aquilo, me incomodava, colocava minha face contra a pedra úmida para não ver aquilo. Depois de um tempo, eu não conseguia parar de olhar por ai pra checar se ainda estava lá. Aquilo virou um tipo de conforto. Eu estava com medo daquilo ir embora, não podia suportar a ideia daquilo me deixar.

Foi quando eu comecei a falar com aquilo.”

Ele não havia dito aquilo nem mesmo a Keiro. A sua calma, sua proximidade, o cheiro de sabão e de conforto, ele deve ter conhecido algo como aquilo antes, porque aquilo extraia relutantemente palavras de sua boca.

“Você alguma vez já falou com Incarceron, Maestra? No escuro quando todo mundo está dormindo? Rezar e sussurrar para aquilo? Implorar para aquilo acabar com os pesadelos sem sentido? Isto é o que aqueles que nascem na cela fazem. Porque não há ninguém mais no mundo.

Aquilo é o mundo.”

Sua voz cessou. Cuidadosa para não olhar para ele, ela disse, “Eu nunca estive assim tão sozinha.

Eu tenho um marido. Eu tenho filhos.”

Ele engoliu seco, a raiva dela feriu sua auto piedade. Talvez ela tenha o

manipulado.

Ele mordeu seus lábios e tirou os cabelos de seus olhos, sabendo que eles estavam molhados e bagunçados. “Bem, você tem sorte, Maestra, porque eu não tenho ninguém a não ser a Prisão, e a Prisão tem o coração de pedra. Mas gradualmente eu comecei a entender que ela era enorme e eu vivia ali dentro, que eu era minúsculo, uma criatura perdida, que eu havia me consumido.

Eu era filho daquilo, e aquilo era meu pai, muito além do entendimento. E quando eu tinha certeza, tanta certeza de eu estava paralisado pelo silêncio, a porta se abriu.”

“Então havia uma porta!” Sua voz era cheia de sarcasmo.

“Havia. O tempo todo. Era pequena e tinha sido invisível todo aquele tempo na parede cinza. Por um longo tempo, horas talvez, eu apenas observava aquele retângulo de escuridão, temendo o que poderia entrar, os sons vazios e os cheiros de além. Finalmente eu juntei coragem para me arrastar e sair de lá.” Ele sabia que ela estava olhando para ele agora. Ele colocou suas mãos juntas e ficou estático. “A única coisa fora da porta era um corredor tubular iluminado por cima.

Ele ia direto a ambas as direções, e não havia saída dali, e nenhum fim. Aquilo se apertava eternamente dentro da escuridão, eu me arrastei para cima—”

“Você conseguia andar, então?”

“Com muita dificuldade. Eu tinha pouca força.”

Ela sorriu, sem humor. Ele se apressou. “Eu tropecei para frente até minhas pernas não me obedecerem mais, mas o corredor continuava sem nada como antes. As luzes se apagaram e só os Olhos me observavam. Quando eu deixava um para trás eu achava outro logo à frente, e aquilo me confortava, porque estupidamente eu achava que Incarceron estava olhando por mim, me guiando em segurança. Eu dormi onde caí aquela noite. Ao Acender das Luzes havia um prato cheio de alguma comida pálida perto da minha cabeça.

Eu comi aquilo e continuei andando. Por dois dias eu segui aquele corredor até ficar convencido de que eu estava andando no mesmo lugar, chegando a lugar nenhum, que era o corredor que estava se movendo, movendo continuamente comigo, de que eu estava numa terrível esteira e iria andar para sempre. Então eu bati em um muro de pedra. Eu bati naquilo em desespero. Aquilo abriu, e eu cai para fora. Dentro da escuridão.”

Ele estava calado quando ela disse, “E você se encontrou aqui?”

Ela estava fascinada, apesar dela mesma. Finn balançou os ombros. “Quando eu me dei conta eu estava deitado em uma carroça cheia de grãos e uma dúzia de ratos. O

Comitatus me pegou em uma de suas patrulhas. Eles podiam me ter escravizado ou cortado minha garganta. O Sapiente foi quem consegui convencer a eles não o fazerem, mas foi Keiro quem levou o crédito.”

Ela riu rudemente, “Tenho certeza que ele levou. E você nunca tentou achar esse túnel de novo?”

“Eu tentei, mas nunca tive sucesso.”

“Mas para ficar com estes... animais.”

“Não tinha mais ninguém. E Keiro precisava de um irmão de juramento; você não consegue sobreviver aqui sem um. Ele achou que minhas... visões... poderiam ser úteis, e talvez ele reconhecesse que eu era muito descuidado para ele. Nós cortamos nossas mãos e misturamos nosso sangue e cavamos debaixo de um arco de correntes juntos. Isto é o que eles fazem aqui --

uma ligação sagrada. Nós protegeremos um ao outro. Se um morrer, o outro se vinga por ele.

Isto nunca pode ser quebrado.”

Ela olhou em volta. “Ele não é um irmão que eu escolheria. E o Sapiente?”

Finn balançou os ombros. “Ele acredita que meus flashes de memória foram enviados por Sapphique. Para nos ajudar a achar o caminho de fora.” Ela estava silenciosa.

Calmo ele disse. “Agora você sabe minha história, me fale sobre a marca na pele. Você falou de um cristal..”

“Eu lhe ofereci gentileza.” Seus lábios estavam apertados. “Em retorno eu fui raptada e provavelmente vou ser morta por um bandido que acha que pode guardar vidas para ele mesmo.

Em anéis de prata!”

“Não brinque com isto,” Finn disse com dificuldade. “É perigoso.”

“Você acredita nisso?” Ela soou espantada.

“É verdade. O pai dele viveu por duzentos anos...”

“Besteira total.” Seu menos prezo era absoluto. “O pai dele deve ter vivido até a velhice, mas provavelmente porque ele sempre tinha as melhores comidas e roupas e deixava qualquer perigo para seu estúpido seguidor. Como você.” Ela virou e olhou para ele, “Você joga sobre a minha compaixão. Você continua a fazer isto.”

“Eu não. Eu me coloquei em risco para te salvar. Você viu.”

A Maestra balançou sua cabeça. Então ela pegou o braço dele e antes que ele pudesse puxar de volta ela puxou a manga maltrapilha de sua roupa.

Sua pela suja estava ralada, mas sem cicatrizes.

“O que aconteceu com os cortes que você fez?”

“Eles curaram,” ele disse calmamente.

Ela deixou ir as mangas dele com desgosto e se virou. “O que vai acontecer comigo?”

“Jormanic irá enviar um mensageiro para o seu povo. O resgate será seu peso em tesouro.”

“E se eles não pagarem?”

“Certamente eles irão.”

“E se não pagarem?” ela virou. “O que acontece então?”

Infeliz ele, balançou os ombros. “Você acabaria aqui como escrava. Processando o minério, e fazendo armas. É perigoso. Pouca comida. Ele faz com que trabalhem até a morte.”

Ela balançou a cabeça. Olhando direto para o escuro vazio das escadas. Ela tomou um pouco de ar, ele viu sua incerteza no ar frio. Então ela disse, “Neste caso, fazemos um acordo. Eu os faço trazerem o cristal, e você me liberta. Hoje à noite.”

O coração dele pulsou. Mas ele disse, “Não é assim tão simples...”

“É simples sim. De outra maneira eu não darei nada a você, Finn Nascido-nas-Celas. Nada.

Nunca.”

Ela se virou e seus olhos negros o observavam quieto. “Eu sou a Maestra do meu povo e nunca me submeterei à Escória.”

Ela era brava, ele pensou. Mas ela não tinha ideia. Em menos de uma hora Jormanric poderia tela gritando para obter tudo que ele quisesse. Mas Finn já havia visto muito aquilo, e isto o deixava doente.

“Eles devem trazê-lo com o resgate.”

“Eu não quero que eles precisem fazer isso. Eu quero que você me leve de volta para onde me encontrou, hoje, antes de trancarem. Uma vez que cheguemos lá—”

“Eu não posso.” ele parou abruptamente. Atrás deles o som estridente do sino de aviso enviando um monte de pombos que infestavam o Covil mergulhando dentro da escuridão. “Eles iriam arrancar minha pele vivo!”

“Problema seu.” Ela deu um sorriso azedo. “Eu tenho certeza de que você pode inventar alguma estória. Você é um especialista.”

“Tudo o que disse e verdade.” De repente ele precisava que ela acreditasse nele.

Ela colocou seu rosto próximo a ele e seus olhos eram intensos. “Como a história de má sorte na emboscada?”

Finn olhou para trás. Depois ela abaixou seu olhar. “Eu não posso simplesmente libertar você.

Mas eu juro, se me der o este cristal, você chegará em casa segura.”

Por um momento o silencio era gélido. Ela virou suas costas para ele e se abraçou.

Ele sabia que ela estava prestes a dizer para ele. A voz dela era austera.

“Tudo bem. Há pouco tempo meu povo entrou em um salão deserto, estava trancado por dentro, talvez por séculos. O ar era imundo. Quando nós nos arrastamos para dentro encontramos algumas roupas empoeiradas, algumas joias, e um esqueleto de um homem.”

“E?” Ele esperou algum significado.

Ela olhou para ele com o canto dos olhos. “Na sua mão havia um pequeno artefato cilíndrico feito de cristal ou de algum vidro grosso. Dentro havia um holograma de um águia com as asas abertas.

Em uma das garras ela segura uma esfera. Em volta de seu pescoço, como o seu, ela usava uma coroa.”

Por um momento ele não podia falar. Antes que ele pudesse tomar ar ela disse.

“Você deve jurar minha segurança.”

Ele queria pegar sua mão e correr com ela, imediatamente, de volta para a coluna e escalando para cima continuamente até a área transitória. Mas ele disse, “Eles tem de pagar o resgate. Eu não posso fazer nada agora—se tentarmos, nós dois seremos mortos. E

Keiro também.”

A Maestra acenou com a cabeça insatisfeita. “Vai custar tudo ao meu povo para conseguir pagar o resgate de ouro em meu peso.”

Ele engoliu seco. “Então eu juro para você—pela minha vida, pela vida de Keiro— que se eles pagarem o resgate, nenhum mal acontecerá a você. De que eu terei certeza que a troca será honesta. Isto é tudo o que eu posso fazer.”

A Maestra se levantou, “Mesmo que você um dia tenha sido um Nascido-nas-Celas,” ela sussurrou “você está rapidamente se tornando Escória. E você é tão prisioneiro quanto eu aqui.”

Sem esperar por sua resposta, ela se virou e foi para a caverna. Lentamente, Finn esfregou sua mão em seu pescoço, sentindo uma doce rejeição. Ele percebeu que seu corpo estava cheio de tensão; ele fez com que se relaxasse. Então ele congelou.

Um vulto negro estava sentado degraus abaixo das escadas escuras, encostado no corrimão. Finn disse irritado. “Você não confia em mim?”

“Você é uma criança, Finn. Um inocente.” Keiro virou uma moeda de ouro por entre seus dedos.

Então ele disse, “Não jure por minha vida de novo.”

“Eu não quis dizer...”

“Não quis?” Com um movimento rápido seu irmão de juramento ficou quieto, subiu as escadas e o encarou face a face. “Certo. Então se lembre disso, você e eu temos um contrato por juramento.

Se Jormanric descobrir que estamos o enganando de qualquer jeito, nós dois terminamos como um de seus pequenos aneizinhos. Mas eu não tenho intenção de morrer, Finn. E você me deve.

Eu te pus nesse grupo de guerra, quando sua cabeça era vazia e você era um

estúpido com medo.”

Ele contraiu os ombros em sinal de indiferença. “Às vezes eu me pergunto por que eu me importei.”

Finn engoliu seco. “Você se importou porque ninguém mais iria tolerar seu orgulho, sua arrogância, e sua desonestidade. Você se importou porque disse que eu seria tão vadio quanto você. E quando você enfrentar Jormanric, você precisará de mim para guardar suas costas.”

Keiro levantou suas sobrancelhas sarcasticamente. “O que te faz pensar—”

“Você irá um dia. Talvez logo. Então me ajude nisto, irmão, e eu o ajudarei.” Ele franziu a testa.

“Por favor, isto significa muito para mim.”

“Você está obcecado com esta estúpida ideia de que veio do Lado de Fora.”

“Estúpida não. Não para mim.”

“Você e o Sapiente. Um par de tolos juntos.” Quando ele não respondeu Keiro riu rudemente.

“Você nasceu em Incarceron, Finn. Aceite isso. Ninguém vem do Lado de Fora. Ninguém escapa!

Incarceron é selada. Nós todos nascemos aqui e iremos todos morrer aqui. Sua mãe lhe jogou aqui e você não consegue lembrar--se dela. A cicatriz do pássaro é apenas uma marca de tribo.

Esqueça.”

Ele não o faria. Ele não podia. Imprudentemente ele disse, “Eu não nasci aqui. Eu não me lembro de ter sido criança, mas eu fui uma, não consigo me lembrar de como eu cheguei aqui, mas eu não fui criado com um útero de fios e produtos químicos. E isto” — ele levanta seu pulso— “irá provar.”

“Algumas vezes eu penso que você ainda está fora de si.”

Finn fez uma careta. Então ele subiu as escadas, no topo ele teve que pisar sobre algo agachado na escuridão. Parecia um dos cães escravos de Jormanic, esticando sua corrente até o fim para alcançar uma tigela de água que algum engraçadinho colocara fora do alcance dele. Finn chutou a tigela para perto dele e continuou a andar.

A corrente do escravo estalou.

Por aqueles emaranhados de cabelos, seus pequenos olhos o viram indo embora.

Foi decidido desde o começo que a localização de Incarceron seria conhecida somente ao Diretor.

Todos os criminosos, indesejáveis, extremistas políticos, degenerados, lunáticos, seriam transportados para lá. O Portão seria selado e o Experimento começaria. Era vital que nada perturbasse o delicado balanço da programação de Incarceron, que proveria todo o necessário— educação, dieta balanceada, exercício, bem-estar espiritual, e trabalho significativo—para criar um paraíso.

Cento e cinquenta anos se passaram.

O Diretor relata que o progresso é excelente.

—Arquivos da Corte /

“Estava tão delicioso!” Lorde Evian limpou seus lábios carnudos com um guardanapo branco.

“Você realmente precisa me deixar ter a receita, minha querida.”

Claudia parou de bater as unhas na toalha de mesa e sorriu brilhantemente. “Farei com que alguém a copie para você, meu senhor.”

O pai dela estava olhando da ponta da mesa, as migalhas de seu café da manhã ascético de dois pãezinhos secos reunidas organizadamente em uma pilha no canto de seu prato. Como ela, ele havia terminado há pelo menos meia hora atrás, mas sua impaciência estava escondida com controle de ferro. Se ele estivesse impaciente. Ela nem mesmo sabia.

Agora ele dizia, “Sua Senhoria e eu iremos cavalgar esta manhã, Claudia, e fazer um breve almoço à uma da tarde exatamente. Após isto iremos retomar nossas negociações.”

Sobre meu futuro, ela pensou, mas apenas assentiu, notando o desânimo do Lorde gordo. Ele não podia ser um tolo tão grande quando parecia ou a Rainha não o teria mandando, e embora ele tentasse muito, uns poucos comentários perspicazes haviam escapado. Mas ele dificilmente era um cavaleiro.

O Diretor estava ciente disto. O pai dela tinha um humor cruel.

Quando ela ficou de pé, ele a acompanhou, meticulosamente polido, e pegou o pequeno relógio dourado do bolso dele. O relógio reluzia. Era lindo, digitalmente preciso, e totalmente fora dessa Era. Isso era uma excentricidade, o

relógio e a corrente fina e o fino cubo prata que pendia dele.

Ele disse, “Talvez você devesse tocar o sino, Claudia. Eu estou preocupado que nós mantemos você por muito tempo longe de seus estudos.”

Ela foi rapidamente para borla verde perto da lareira e ele adicionou sem levantar a cabeça de dele, “Eu falei com o Mestre Jared no jardim mais cedo. Ele parecia bem pálido.

Com esteve a saúde dele nestes dias?”

Os dedos dela congelaram por momento no sino. Então ela puxou firmemente. “Ele está bem, senhor. Muito bem.”

Ele colocou o relógio para longe. “Eu tenho considerado, você não precisará de um tutor depois do seu casamento, e, além disso, há diversos Sapienti na Corte. Talvez nós devêssemos deixar Jared retornar para a Academia.”

Ela queria encará-lo com horror no turvo espelho, mas isto seria o que ele estava esperando.

Então ela manteve a face dela brilhante e virou-se levemente. “Se é o que você deseja. Eu sentirei falta dele, claro. E nós estamos no meio de um estudo fascinante sobre os Reis Havaarna. Ele sabe tudo sobre que há para saber sobre eles.”

Os olhos cinza dele a observaram cuidadosamente.

Se ela dissesse outra palavra o desanimo dela iria aparecer e isto decidiria para ele.

Uma pomba esvoaçou nos tijolos do lado de fora.

Lorde Evian rangeu com os sapatos dele. “Bem, se você fizer isso, Diretor, eu garanto a você que outra família o pegará. Jared Sapiens é muito renomado no Reino. Ele poderia nomear os honorários dele. Poeta, filósofo, inventor, gênio. Você deveria mantê-lo, senhor.”

Claudia sorriu agradavelmente concordando, mas por dentro ela estava perplexa.

Era como se o homem gordo no terno de seda azul soubesse o que ela não poderia falar por si mesma. Ele sorriu de volta, os pequenos olhos dele brilhavam.

Os lábios do Diretor estavam finos. “Eu tenho certeza que você está certo. Devemos ir, meu senhor?”

Claudia abaixou-se em uma reverencia. Enquanto o pai dela seguia Evian e quando se virou para fechar as portas duplas, os olhos dele encontraram os dela. Então as portas fecharam com uma batida.

Ela suspirou de alivio, como os olhos de um gato para um rato, ela pensou. Mas tudo que ela disse foi, “Agora, por favor.”

Instantaneamente, os painéis deslizaram para trás e empregadas e homens correram para fora para remover copos, pratos, os candelabros, peças de centro, vidros, pratos de Kedgeree, tigela de frutas. A janela abertas bateram e apagando as velas acesas; Tipo de comida típica inglesa.

O crepitante fogo queimava na madeira da lareira desapareceu sem a deixar odor de madeira carbonizada. Poeira sumiu, as cortinas mudaram de cor. E o ar adocicou-se com o cheiro de uma mistura de diversas flores e especiarias.

Deixando eles com isso, Claudia apressou-se para fora. Ela atravessou o salão educadamente segurando suas saias, então ela correu pela escada curva feita de carvalho e indo direto para a porta escondida no patamar, passando instantaneamente do luxo extremo para o corredor frio e cinza do corredor da ala dos servos, as paredes nuas amarradas com fios, cabos e powerpoints, pequenas telas de câmeras e scanners sônicos.

As escadas eram feitas de pedra, ela subiu tamborilando e abriu a porta acolchoada e saiu para o luxuoso corredor perfeito da Era.

Dois passos a levaram para o seu próprio quarto.

As empregadas já o haviam limpado. Ela trancou a porta dupla, ligou toda a segurança do bloco, e atravessou o quarto indo para janela.

Verde e macio, os gramados eram maravilhosos no brilho do verão. O jovem jardineiro, Job, estava vagando com um saco e um espeto, recolhendo as folhas caídas. Ela podia não estar com os pequenos fones de ouvido na orelha, mas os movimentos agitados dele fizeram com que repentinamente ela começasse a sorrir. Embora se o Diretor o visse, ele seria demitido.

Virando-se, ela deslizou de volta a gaveta da penteadeira dela, tirou o minicom, e o ativou. Em um lampejo ele acendeu e mostrou a uma visão distorcida do eco da face dele, grotesco em um vidro curvo. Assustada ela disse, “Mestre?”

Uma sombra. Dois vastos dedos e polegar abaixo e erguendo o alambique para fora.

Então Jared sentou abaixo do receptor escondido.

“Eu estou aqui, Claudia.”

“Está tudo certo? Eles sairão em alguns minutos.”

A fina face dele escureceu. “Eu estou preocupado com isso. O disco pode não funcionar. Nós precisamos testá-lo..”

“Não temos tempo! Eu vou hoje. Agora.”

Ele suspirou. Ela sabia que ele queria argumentar, mas apesar de todas as preocupações dele, alguém poderia estar ouvindo. Era perigoso falar demais. Em vez disso ele murmurou, “Por favor, seja cuidadosa.”

“Como você me ensinou, Mestre” por um breve segundo ela pensou sobre a ameaça do Diretor feita contra ele, mas não era a hora para isso. “Comece agora,” ela disse, e cortou o link.

O quarto dela era de mogno escuro, o dossel era decorado com um veludo vermelho pendurado, a cabeceira tinha um distintivo de um cisne negro. Além dela havia um closet que parecia um pouco pequeno no conjunto de paredes, mas se ela aproximar-se a ilusão se desfazia, dando lugar a um banheiro muito luxuoso, havia limites até para a rigidez do Diretor ao Protocolo. Enquanto ela ficava em pé no assento do vaso sanitário e olhava pela estreita janela, poeiras ensolaradas circulavam em montes em volta dela.

Ela podia ver o lado de fora. Dois cavalos estavam selados; seu pai estava ao lado de um, ambas as mãos enluvadas descansando nas rédeas, e com um grito suprimido de alívio ela viu que seu secretário, o sombrio homem atento chamado Medlicote, estava subindo na égua cinzenta. Atrás, Lorde Evian estava sendo elevado para a sela por dois ajudantes de estábulo suados. Claudia se perguntou quanto de sua cômica inabilidade era fingimento, e se ele havia estado preparado para cavalos de verdade ao invés de cibercavalos. Evian e o pai dela estavam jogando um jogo elaborado e mortal de educação e insultos, irritação e etiqueta. Aquilo a entediava, mas era assim que as coisas eram na Corte.

A ideia de uma vida futura disso a gelou.

Para se esconder, ela pulou para baixo, e tirou o vestido elaborado. Por baixo ela estava vestindo um macacão escuro. Por um momento ela se olhou no espelho. Roupas mudavam você. Há muito tempo atrás, o Rei Endor sabia disso. Foi por isso que ele parou o Tempo, aprisionou todos em gibões e vestidos, os endureceu em conformidade e rigidez.

Agora Claudia se sentia ágil e livre. Perigosa, até. Ela se levantou de novo. Eles estavam cavalgando pelo portão. O pai dela pausou e olhou de relance em direção à torre de Jared. Ela sorriu secretamente. Ela sabia o que ele podia ver.

Ele podia vê-la.

Jared havia aperfeiçoado a holoimagem nas longas noites de insônia. Quando ele havia mostrado a ela, ela mesma, sentada, falando, rindo, lendo no assento da janela da torre ensolarada, ela havia ficado fascinada e estarrecida.

“Esta não sou eu!”

Ele havia sorrido. “Ninguém gosta de se ver pelo lado de fora.”

Ela havia visto uma criatura presunçosa e petulante, seu rosto uma máscara de compostura, cada ação considerada, cada fala ensaiada. Superior e menosprezante.

“É realmente assim que eu sou?”

Jared havia dado de ombros. “É uma imagem, Claudia. Digamos que é como você pode parecer.”

Agora, saltando e correndo de volta para o quarto, ela observava o ritmo elegante dos cavalos movendo-se nos campos aparados, Evian falava, seu pai estava em silêncio.

Job havia desaparecido, e o céu azul estava sarapintado com nuvens altas.

Eles iriam levar pelo menos uma hora.

Ela pegou o pequeno disco do bolso dela, arremessou, pegou e colocou-o de volta.

Então ela abriu a porta do quarto dela e olhou para fora.

A Longa Galeria corria o comprimento da casa. Ela era adornada por painéis de carvalho e com retratos, estantes de livros, vasos azuis em pedestais. Acima de cada porta havia um busto de um imperador romano olhando com firmeza para baixo no seu suporte. Mais adiante perto do final a luz do sol fazia com que losangos cintilassem por toda a parede, e pela armadura que guardava o topo da escada como um rígido fantasma.

Ela deu um passo, e a tabua rangeu. As tabuas eram tão antigas, e ela franziu o cenho, por causa disto não havia maneira de desligá-las. Não havia nada que ela pudesse fazer sobre os bustos também, mas enquanto ela passa por cada pintura ela tocava o controle na moldura e a escurecias, pois atrás de algumas

delas provavelmente haveria câmeras. Ela segurou o disco gentilmente na mão dela, na única vez que ela deu um discreto sinal de aviso, e ela já sabia sobre isso, uma encruzilhada fraca de linhas do lado de fora da porta do escritório, facilmente desfeita.

Claudia olhou para trás no corredor. Longe na casa uma porta bateu, um servo foi chamado.

Mesmo aqui em cima com todo abafado luxo do passado, o ar tinha a fragrância de zimbro e alecrim, e uma combinação de lavanda do armário da lavanderia.

A porta do escritório era escondida nas sombras. Ela era preta, e parecia ser de ébano; um painel vaziou, com exceção do cisne. Imenso e malévolo, o pássaro olhava para ela, o pescoço esticado como se estivesse cuspindo em deboche, asas amplas. Os olhos minúsculos dele cintilavam como se fosse de diamantes ou de uma opala negra.

Mais como um olho mágico, ela pensou.

Tensa, ela levantou o disco de Jared e o segurou cuidadosamente na a porta; Se grampeou sozinho com um clique minúsculo metálico.

O dispositivo zumbiu. Um pequeno gemido surgiu a partir dele, mudando frequentemente de tom e intensidade, como se perseguisse a intricada combinação da fechadura com as escalas de som. Jared havia dado explicações pacientes sobre como aquilo funcionava, mas ela não havia estado realmente escutando.

Impaciente, ela se mexeu. Então congelou.

Passos estavam subindo à escada, um leve tamborilar.

Talvez uma das empregadas, apesar da ordem. Claudia se esmagou para dentro do nicho, amaldiçoando silenciosamente, mal respirando.

Logo atrás da orelha dela, o disco deu um suave e satisfatório estalo.

De uma vez ela se virou, a porta estava aberta, e ela entrou em segundos, colocando um braço rapidamente para fora para pegar o disco.

Quando a empregada passou com a pilha de roupa, a porta do escritório estava escura e sombriamente trancada como sempre.

Devagar, Claudia tirou o olho do olho mágico e suspirou de alivio. Então ela endureceu seus ombros com tensão. Uma curiosa e terrível certeza a atingiu. A

sala atrás dela não estava vazia, o pai dela estava em pé ás suas costas, perto o suficiente para tocar, com um sorriso amargo. O

cavaleiro que ela tinha visto sair tinha feito sua própria imagem holográfica, que ele tinha adivinhado ela como sempre fazia.

Ela se obrigou a virar.

A sala estava vazia. Mas não do jeito que ela esperava. Para começo ela era grande demais. Era totalmente fora da Era. E era inclinada.

Pelo menos, ela achou por um momento, por que nos primeiros passos que ela deu para espaço foram estranhamente instáveis, como se o chão estivesse inclinado, ou a perspectiva das paredes cinza sem nada que subiam em estanhos ângulos. Algo embaçou e pisco. Então a sala parecia gentilmente, voltar ao normal, exceto pelo calor, o leve aroma doce e um zumbido baixo que ela não conseguia identificar.

O teto era alto e abobadado. Dispositivos prateados brilhantes cobriam a linha das paredes, cada um com pequenas luzes vermelhas piscando. Havia uma estreita linha de iluminação exatamente na área depois dela, revelando uma mesa solitária e uma cadeira de metal perfeitamente alinhada.

O resto do quarto estava vazio. A única coisa que estragava o chão perfeito era uma pequena sujeira preta. Ela se aproximou e examinou. Era um pedaço de metal, caído de algum dispositivo.

Impressionada, ela ainda não tinha certeza se estava sozinha. Claudia olhou em volta. Onde estavam as janelas? Deveriam haver duas—ambas de caixilhos ornados. Você podia vê-las do lado de fora, e através dela também um teto branco ornamentado e algumas estantes. Muitas vezes ela havia imaginado em escalar a hera para chegar nesta sala. Do lado de fora a sala parecia normal, não com esse zumbido e com uma mesa inclinada grande demais para esse espaço.

Ela deu um passo à frente, segurando firmemente, o disco de Jared, mas ele não havia registrado nenhum aviso. Chegando a mesa, ela tocou a sua lisa e monótona superfície e uma tela subiu silenciosamente sem controles visíveis. Ela procurou, mas não havia nada, então ela assumiu que era por reconhecimento de voz. “Comece,” ela disse quietamente.

Nada aconteceu.

“Vai. Ligue. Comece. Inicie.”

A tela continuava em branco. Apenas o quarto zumbia.

Deveria haver uma senha. Ela olhou para baixou com as duas mãos em cima da superfície da mesa. Havia apenas uma palavra que ela podia pensar, então ela falou.

“Incarceron.”

Nenhuma imagem. Mas abaixo dos dedos da mão esquerda dela a caixa moveu-se suavemente, abrindo-se.

Dentro, havia um suporte de veludo preto, em que havia uma única chave. Ela era complexa, uma emaranhada teia de cristais. Incrustado em um coração estava uma águia real; a insígnia real da dinastia Havaarna. Mais perto da curva, ela olhou para as facetas afiadas que brilhavam muito.

Isso era diamante? Vidro? Atraída pela beleza maçante disto ela se curvou para bem perto, sua respiração a tocava, a sombra dela bloqueava a luz de cima, então o arco-íris que cegava sumiu.

Poderia ser realmente a chave de Incarceron? Ela queria pega-la. Mas primeiro ela passou o disco de Jared cuidadosamente na superfície.

Nada.

Ela olhou em volta uma vez. Tudo estava quieto. Então ela pegou a chave.

O quarto estremeceu. Alarmes tocavam; raios-laser do chão atiravam para cima, atingindo ela com uma cegueira de luz vermelha. Uma grade de metal fechou violentamente a porta; Luzes escondidas acenderam de repente e ela congelou em puro terror, o coração dela batia ferozmente em seu peito, e naquele instante o disco espetou um ponto vermelho de dor no dedo dela.

Ela olhou para baixo. A mensagem de Jared estava ofegante de tanto terror.

Ele está voltando! Saia, Claudia! Saia!

Uma vez Sapphique chegou ao final de um túnel e fitou um grande salão. Seu piso era uma piscina de veneno. Vapor corrosivo se elevava dele. Através da escuridão estendia-se um fio esticado, e do outro lado um portal era visível, com uma luz mais além.

Os detentos da Ala tentaram dissuadi-lo. “Muitas pessoas caíram,” disseram. “Seus ossos apodrecem no lago negro. Por que você deveria ser diferente?”

Ele respondeu, “Porque eu tenho sonhos e nesses sonhos eu vejo estrelas.” Então ele se jogou no fio e começou a travessia. Descansou muitas vezes, ou parando com dor. Muitas vezes eles chamaram-no para voltar. Finalmente,

depois de horas, ele chegou ao outro lado, e o viram cambalear e desaparecer pela porta.

Ele era escuro, esse Sapphique, e magro. Seu cabelo era liso e longo. Seu verdadeiro nome é apenas para ser adivinhado.

—Peregrinações de Sapphique

Gildas disse impaciente, “Já disse muitas vezes. O Lado de Fora existe. Sapphique encontrou um caminho para lá. Mas ninguém vem. Nem mesmo você.”

“Você não tem certeza disso.”

O velho riu, fazendo o chão balançar. A gaiola de metal suspensa era tão pequena, que mal os cabia agachados. Livros estavam suspensos por correntes, instrumentos cirúrgicos, uma balançante cascata de caixas de lata cheias de espécimes podres. A câmara era acolchoada com velhos colchões, dos quais tufos de palha caiam como uma neve irritante em direção à fogueira de cozinhar e panelas muito abaixo. Uma mulher olhou para cima já para gritar aborrecida, foi então que ela viu Finn, e ficou calada.

“Eu sei disso, rapaz tolo, porque os Sapienti escreveram isso.” Gildas se adiantou.

“A prisão foi feita para aprisionar a escória da humanidade; para selá-los e exilá-los da terra. Foi há séculos, no tempo de Martor, nos dias em que a prisão falou para os homens.

Setenta Sapientes se ofereceram para entrar na prisão para ensinar aos detentos, depois disso, a entrada foi selada para sempre. Eles ensinaram a sua sabedoria aos seus sucessores. Até mesmo as crianças sabem disso.”

Finn esfregou o punho de sua espada. Ele sentia-se cansado e ressentido.

“Ninguém entrou desde então. Nós sabemos sobre os Ventres também, mas não onde estão.

Incarceron é eficiente. Foi projetada para ser. Não desperdiça matéria morta, pelo contrário, recicla tudo. Naquelas celas, ela aumenta o número de detentos. Talvez animais também.”

“Mas eu me recordo de coisas... pedaços de coisas.” Finn agarrou as grades da gaiola como se estivesse mantendo-se firme na sua crença, vendo Keiro atravessar, abraçado com duas meninas e rindo.

O olhar de Gilda seguiu o dele. “Você sonha com os mistérios de Incarceron. Suas visões nos mostrarão como Escapar.”

“Não. Eu me lembro.”

O velho pareceu exasperado. “Lembra-se do quê?”

Ele sentiu-se tolo. ” Bem... um bolo com bolas prateadas e sete velas. Havia pessoas e música...

muita música...” Ele não tinha percebido até agora, estava estranhamente feliz até olhar nos olhos do velho homem.

“Um bolo. Acredito que pode ser um símbolo. O número sete é importante, os Sapienti o conhecem como ‘selo de Sapphique’, por causa da época em que ele conheceu o Besouro renegado.”

” Eu estava lá!”

“Todo mundo tem lembranças, Finn. Suas profecias são o que importam. As visões que você recebe são o grande e estranho presente do Vidente das Estrelas. Elas são únicas.

As pessoas sabem disso, os escravos e bandos de guerra, até Jormanric. Percebe-se isso na forma com que te olham, às vezes tem medo de você.”

Finn estava calado. Ele odiava os ataques. Eles vinham repentinamente, mal-estar vertiginoso e escurecimento que o aterrorizavam, o cruel interrogatório de Gildas depois de cada um o deixou trêmulo e doente.

“Um dia eu vou morrer de um,” ele disse calmamente.

“É verdade que poucos Nascidos-nas-Celas vivem para ficar velhos.” A voz de Gildas era áspera, mas distante. Afivelando o colar ornado sobre seu robe verde ele murmurou “O passado se foi; não importa se era isso, não importa mais. Tire isso da sua cabeça ou isso te levará à loucura.”

Finn disse, “Quantos outros Nascidos-nas-Celas vocês conheceram?”

“Três.” Gildas puxava os trançados de sua barba irritado. Ele parou. “Vocês são seres raros. Eu gastei minha vida pesquisando antes que eu te encontrasse. Um homem que os rumores diziam ser um nascido na cela costumava a mendigar no exterior do Salão de Lepers, mas quando eu finalmente o persuadi a falar eu percebi que ele tinha ficado louco; ele balbuciava sobre um ovo que falava um gato que desbotava somente por sorrir.

Anos depois, depois de muitos rumores, eu achei outro, uma trabalhadora do

Civicry na Ala de gelo. Ela parecia normal o suficiente; Eu tentei persuadi-la a me falar sobre as suas visões. Mas ela nunca iria. Um dia eu escutei que ela tinha se enforcado."

Finn engoliu duramente. "Por quê?"

"Eles disseram que ela gradualmente começou a acreditar que uma criança a seguia, uma criança invisível que agarrava sua saia e a chamava, acordando ela de noite. A voz dela a atormentava.

Ela não conseguia calá-la."

Finn estremeceu. Ele sabia que Gildas o estava observando. O Sapiente disse rispidamente, "Te achar aqui foi uma chance em um milhão, Finn. Apenas você pode guiar minha Escapada."

"Eu não posso..."

"Você pode. Você é meu profeta, Finn. Minha ligação com Incarceron. Logo você me trará a visão que eu esperei a vida toda, o sinal que meu tempo chegou. Que eu devo seguir Sapphique e procurar pelo Lado de Fora. Todo Sapiente faz esta jornada. Nenhum teve sucesso, mas nenhum deles teve um Nascido-nas-Celas para guiá-lo."

Finn balançou sua cabeça. Ele tinha escutado isto por anos e isto ainda continuava o assuntando.

O velho estava obcecado para escapar, mas como Finn podia o ajudar? Como lampejos de memória, formigamentos na pele e lapsos dentro do inconsciente podiam ajudar alguém?

Gildas passou por ele pegando a escada de metal. "Não fale sobre isto com ninguém. Nem mesmo com Keiro."

Ele desceu e seus olhos estavam no mesmo nível que os pés de Finn antes que Finn murmurasse, "Jormanric nunca vai deixar você apenas ir."

Gildas olhou para cima pelos degraus. " Eu vou onde eu quero. "

"Ele precisa de você. Ele comanda a Ala por causa de você. Sozinho ele—"

"Ele dará um jeito. Ele é bom com medo e violência."

Gildas desceu um degrau, então se ergueu, seu pequeno rosto enrugado acendeu com um prazer repentino. "Você consegue imaginar como será isto, Finn, um dia, abrir uma escotilha e escalar a escuridão, para fora de Incarceron? Ver as estrelas? Ver o sol!"

Por um momento Finn estava calado; então ele balançou em uma corda passando pelo Sapiente.

“Eu já vi.”

Gildas riu acidamente. “Apenas em visões, garoto tolo. Apenas nos sonhos.”

Ele desceu as escadas amarradas em diagonal com uma agilidade impressionante.

Finn o seguiu, mas lentamente, a fricção da corda esquentando por suas luvas.

Escapar.

Isto era uma palavra que o picava como se fosse uma vespa, uma agudeza que perfurava sua mente, um desejo que prometia tudo e não significava nada. O Sapiente ensinou que Sapphique uma vez achou o caminho para fora, que ele tinha escapado. Finn não tinha certeza se ele acreditava naquilo. As estórias sobre Sapphique cresciam quando contadas; qualquer contador de estórias e poeta tinha uma nova. Se um único homem podia ter todas aquelas estórias, enganado todos aqueles Senhores da ala, feito aquela jornada épica pelas centenas de Alas de Incarceron, ele deve ter vivido por gerações. Era dito que a prisão era vasta e desconhecida, um labirinto de escadas e salas e câmaras e incontáveis torres. Ou assim o Sapiente ensinou.

Seu pé atingiu o chão. Vislumbrando a iridescência do roupão verde cobra de Gildas enquanto o velho se apressava para fora do covil, Finn correu atrás dele, se assegurando que sua lâmina estava na sua bainha e que ele tinha duas adagas no seu cinto.

O cristal de Maestra era o que o preocupava agora.

E pegá-lo não iria ser fácil.

O Abismo do Resgate era apenas três salas de distância, e ele cruzava os escuros espaços vazios rapidamente, alerta para aranhas ou as inatas águias das sombras que atacavam violentamente lá do alto nas vigas. Todo mundo já parecia estar lá. Ele ouviu o Comitatus antes que ele passasse pelo último arco; eles estavam gritando e berrando insultos pelo abismo, seus insultos ecoando pelas lajes lisas e inalcançáveis.

Na margem longe os Civicry esperavam, uma linha de sombras.

O Abismo era uma fenda com pontas cortantes pelo chão, uma face límpida

da obsidiana negra.

Se uma pedra fosse jogada nele, nenhum som ecoaria. Comitatus achava que aquilo não tinha fundo; alguns dizem que se você cair dentro das suas profundezas, você cai por Incarceron direto ao coração fundido da terra, e certamente calor cresce dele, um miasma que faz o ar tremular.

No centro, dividido por qualquer coisa que o terremoto na prisão tenha formado, cresce uma rocha do tamanho de uma agulha chamada de a Ponta, sua superfície lisa rachada e gasta. De cada lado uma ponte de metal enferrujado e negro é gordura de porco e deixado lá. Aquele era um espaço neutro que pertencia a ninguém, um lugar para tréguas e negociações, de hesitantes trocas entre as tribos hostis da Ala.

Na beirada sem proteção, onde ele geralmente tinha perturbado alguns escravos gritando com eles, Jormanric descansava em seu trono, o Comitatus do lado dele, o pequeno cachorro escravo agachado no final de sua corrente.

“Olhe para ele,” A Voz de Keiro cochichava na orelha de Finn. “Grande e grosso.”

Espécie de pedra vulcânica.

“E tão vaidoso quanto você.”

Seu irmão de juramento bufou. “Pelo menos eu tenho algo para ser vaidoso.”

Mas Finn estava olhando a Maestra. Enquanto eles á levavam, seus olhos olharam rapidamente para a multidão, as pontes frágeis, seu povo a esperando no ar tremulante.

Bem ali, apenas por um momento um homem chorou, e com o som daquilo seu rosto perdeu a compostura. Ela se empurrou os guardas e gritou, “Sim!”

Finn se perguntou se aquele era seu marido. “Venha,” ele disse para Keiro, e avançou.

Vendo eles, a o bando se moveu para trás. Está no jeito que eles olham para você, Finn pensou amargamente. Sabendo que o velho estava certo deixando ele com raiva. Ele veio atrás da Maestra e agarrou seu braço. “Lembre-se do que eu disse. Ninguém irá te machucar. Mas você tem certeza que eles trarão esta coisa?”

Ela olhou para ele. “Eles não irão deixar nada para trás. Algumas pessoas sabem sobre o amor.”

A brincadeira o pegou. “Talvez eu tenha uma vez.”

Jormanric estava observando-os, seus olhos sem brilho quase sem foco. Ele apontou o dedo anelar para a ponte e gritou, “Preparem-na!”

Keiro colocou as mãos da mulher atrás dela e as algemou. Observando, Finn murmurou, “Olhe.

Sinto muito.”

Ela segurou seu olhar. “Não o tanto quanto eu sinto por você.”

Keiro sorriu maliciosamente. Então ele olhou para Jormanric.

O Senhor da Ala se levantou e andou até a beira do abismo, gritando para os Civicry.

A oleosa malha metálica rangeu enquanto cruzava seus braços sobre seu peito.

“Escutem, ali!” ele gritou. “Vocês conseguem ele de volta pelo seu peso em tesouro. Nada mais, nada menos. E isto não quer dizer nenhum metal fundido ou lixo.”

Suas palavras tremularam no calor de vapor.

“Primeiro, sua palavra que não haverá traição.” A réplica era fria com fúria.

Jormanric sorriu. Seus dentes reluzindo com o suco de ket. “Vocês querem minha palavra! Eu não mantenho minha palavra desde que eu tinha dez anos e esfaqueei meu próprio irmão. Vocês, bem vindos a isto.”

O Comitatus riu em silencio. Atrás deles, com metade de seu corpo nas sombras, Finn viu Gildas, seu rosto azedo.

Silêncio.

Então da neblina de calor cintilante veio um tinido e um baque. Os Civicry estavam arrastando os seus tesouros para a Ponta. Finn estava se perguntando o que eles tinham---minério certamente, mas Jormanric estaria esperando por ouro e platina e o mais precioso de todos, microcircuitos.

Até porque, os Civicry eram um dos grupos mais ricos da Ala.

Isto foi o motivo da emboscada.

A ponte estremeceu. A Maestra agarrou o trilho para se segurar. Finn disse calmamente, “Solte.”

Ela olhou atrás dele. Keiro tinha tirado sua espada.

“Eu estou aqui irmão.”

“Não deixe a puta ir até termos cada grama,” Jormanric disse.

Finn franziu a testa. Empurrando Maestra para frente, ele começou a travessia.

A ponte era uma rede de correntes entrelaçadas; ela balançava com cada passo. Ele escorregou duas vezes, uma tão duramente que toda estrutura balançou loucamente é quase lançou os três dentro do abismo. Keiro praguejou; As juntas dos dedos de Maestra brancas por segurar as cordas de metal.

Finn não olhou para baixo. Ele sabia que aquilo pertencia a nada mais que escuridão, e o calor que crescia e queimava seu rosto, trazendo estranhos cheiros, era insensato respirar.

Enquanto ela avançava, a voz de Maestra voltava a ele, dura e fria. “Se eles não trouxerem... o cristal? E então?”

“Que cristal?” Keiro perguntou astutamente.

Finn disse, “Cale a boca.” A frente na obscuridade ele podia ver três homens da Civicry, como combinado, esperando na plataforma de pesagem. Ele se mover para perto atrás da Maestra.

“Nem tente correr para lá. Jormanric terá trinta armas apontadas para você.”

“Eu não sou tola,” ela respondeu. Então ela deu um passo para a Ponta.

Finn a seguiu, tomando um pouco de ar de alivio. Isto era um erro. Os cheiros da neblina de calor asfixiaram sua garganta; ele tossiu.

Keiro passou por ele, com a espada em punho, agarrou o braço da mulher. “Aqui.”

Ele a empurrou para dentro da plataforma de pesagem. Que era uma vasta plataforma de alumínio, arrastada até aqui em pedaços e reconstruída com imensa dificuldade para ocasiões como aquela, mas em todo o tempo de Finn com o Comitatus ele nunca a tinha visto sendo usada.

Jormanic geralmente não se incomodava com resgates.

“Olhe bem para o marcador, amigo.” Keiro virou sedosamente para o líder Civicry.

“Ela não é tão leve, não é?” Ele sorriu.

“Talvez você devesse tê-la deixado em um regime rígido.”

O homem estava atarracado, agasalhado em um casaco listrado, volumoso com armar ocultas.

Ignorando o sarcasmo ele veio e olhou para a agulha do marcador enferrujado, mudando rapidamente, arrebatando olhares com a Maestra. Finn o reconheceu da emboscada. Aquele que ela chamava de Sim.

O homem deu a Finn um olhar sujo. Tomando nenhum risco, Keiro puxou Maestra para trás e segurou sua adaga no seu pescoço. “Agora empilhe o tesouro. E não tente nada.”

No momento antes do tesouro ser despejado, Finn limpou o suor de seus olhos. Ele engoliu de novo, tentando não respirar fundo, desejando desesperadamente que ele tivesse amarrado algo sobre seu nariz e boca. Fraqueza, horrivelmente familiar, os pontos de vermelhidão começaram a flutuar atrás de seus olhos. Agora não, ele pensou freneticamente. Por favor.

Agora não.

Ouro estava resvalando e rangendo. Anéis, taças, pratos, elaborados candelabros.

Um saco foi aberto e moedas de prata caíram, forjada provavelmente do minério contrabandeado pelos comerciantes; então um dilúvio de componente delicado roubados de partes ermas e escuras da Ala—Besouros quebrados, lentes de Olhos, um Varredor com seu radar desfigurado.

A agulha começou a se mexer. Olhando aquilo, o Civicry largou um saco de ket e duas pequenas peças da preciosa madeira de ébano que crescia em algum lugar na floresta definhada, madeira que até mesmo Gildas tinha apenas ouvido rumores sobre.

Keiro sorriu para Finn.

Enquanto a agulha vermelha se movia uma pilha de fios de cobre e Pastilhas foram colocadas, um punhado de filamentos de cristal, um elmo remendado, e três folhas enferrujadas que certamente iriam voar no primeiro vento forte.

O homem trabalhava apressadamente, mas estava claro que eles estavam ficando sem bens. A Maestra olhava com lábios apertados, a ponta da faca de Keiro embranquecendo a pele debaixo de sua orelha.

A respiração de Finn estava áspera. Espinhos de dor desencadearam atrás de

seus olhos. Ele engoliu e tentou sussurrar para Keiro, mas ele não tinha fôlego e seu irmão de juramento estava observando o último saco—de utensílios inúteis—sendo colocados na pilha.

A agulha balançou.

Aquilo parou com pouco.

“Mais,” Keiro disse calmamente.

“Não tem nada mais.”

Keiro riu. “Você ama o casaco que está usando mais que ela?”

Sim tirou o cassaco e o arremessou. Então, com um olhar para a Maestra ele atirou sua espada e sua espingarda. Os outros dois homens fizeram o mesmo. Eles ficaram parados de mãos vazias e cada um deles viu a agulha tremular.

Ela não tinha atingido a marca.

“Mais,” Keiro disse.

“Pelo amor de deus!” A voz de Sim estava áspera. “Apenas deixe-a ir!” Keiro olhou para Finn. “O

cristal. Está ai?” Atordoado, ele balançou sua cabeça.

Keiro sorriu glacialmente para o homem. Ele pressionou a lâmina; uma brilhante gota de sangue negro caiu dela. “Implore, senhora.”

Ela estava bastante calma. Ela disse, “Eles querem o cristal, Sim. Aquele que você encontrou na sala perdida.”

“Maestra...”

“Dê para eles.”

Sim hesitou. Apenas por um segundo. Pela sua náusea Finn viu aquilo acertar a Maestra como um golpe. Então o homem colocou sua mão em sua camisa e tirou um objeto que pegou o brilho da luz, que fez um rápido arco-íris sair de seus dedos. “Nós achamos algo,” ele disse. “Algo que deve...”

Ela o parou com um olhar. Ele colocou o cristal lentamente dentro da pilha.

A agulha chegou à marca.

De uma vez Keirou empurrou a mulher para longe. Sim agarrou seu braço e a empurrou para a segunda ponte. “Corra!” ele gritou.

Finn agachou. Saliva brotou em sua garganta enquanto ele pegava o cristal. Dentro dele uma águia com as asas abertas. Ela era a mesma da marca em seu punho. Finn.

Ele olhou para cima.

A Maestra tinha parado e seu rosto tinha ficado pálido. “Eu espero que isto o destrua.”

“Maestra!” Sim pegou seu braço, mas ela o sacudiu tirando sua mão. Apertando nas correntes da segunda ponte, ela encarou Finn e cuspiu palavras para ele.

“Eu amaldiçoo o cristal, e eu te amaldiçoo.”

“Não temos tempo,” ele disse rouco. “Apenas vá.”

“Você destruiu minha crença. Minha compaixão. Eu pensei que eu conseguia distinguir a verdade das mentiras. Agora eu nunca mais ousarei mostrar bondade a um estranho de novo. Por isto eu nunca posso te perdoar!”

O ódio dela o queimou. Então, enquanto ela se virava, a ponte tremeu.

O abismo oscilava loucamente. Em um segundo de horror congelado a Maestra gritou e ele arfou, “Não!” cambaleando ele deu um passo em direção a ela. Então Keiro tinha o segurado e estava gritando e algo estava quebrando e como se a dor em sua cabeça os tivesse retardado ele viu as correntes e os rebites que seguravam a ponte batendo e se lançando para fora, escutando as risadas de Jormanic. Ele sabia que isto era uma armadilha.

A Maestra deve ter percebido também. Ela ficou de pé.

Ela deu a ele um olhar, seus olhos nos dele; então ela tinha ido, ela e Sim e os outros tinha ido para baixo, e a ponte em uma engenhoca batendo e lançando pedaços de metal destruído num barulhento reboliço contra o lado do penhasco.

Gritos ecoando enfraquecidos.

Abaixado até seus joelhos, Finn olhou, horrorizado. Um onda de náusea passou de repente por ele. Ele agarrou o cristal, e pelos uivos em suas orelhas escutou Keiro dizendo calmamente, “Eu devia ter adivinhado que o velho trapaceiro faria isto. E um pedaço de vidro não parece muito por todos seus problemas. O que é isto?”

Finn sabia, em um segundo de clareza ácida, que ele estava certo, que ele devia ter nascido Lá fora; sabia por que ele segurava em suas mãos o objeto que

ninguém em Incarceron por gerações tinha visto ou sequer adivinharia o propósito, e ainda assim ele era familiar, ele tinha uma palavra para isto, ele sabia o que aquilo era.

Era uma chave.

Escuridão e dor o engoliram. Ele caiu dentro dos braços firmes de Keiro.

DEBAIXO DA TERRA, AS ESTRELAS SÃO LENDAS

Os Anos de Fúria terminaram e nada pode ser o mesmo. A guerra tornou a lua vazia e parou as marés. Nós devemos achar um jeito mais simples de viver. Nós devemos retornar ao passado, tudo e todos, em seu lugar, em ordem. Liberdade é um preço pequeno a se pagar pela sobrevivência.

—Decreto do Rei Endor

Finn sentiu-se caindo por vários quilômetros abismo abaixo antes que ele batesse em um monte de pedras. Sem ar, ele levantou sua cabeça. A sua volta a escuridão rugiu.

Do seu lado, descansando em uma rocha, alguém estava sentado. Finn disse instantaneamente, “A Chave...”

“Do seu lado.”

Ele tateou por ela no cascalho, sentiu o suave peso dela. Então ele se virou.

Um estranho sentado ali. Ele era novo e tinha um longo cabelo escuro. Ele usava um casaco de gola alta como o de um Sapiente, mas estava todo sujo e remendado. Ele apontou para a face da rocha e disse, “Olhe, Finn.”

Na rocha havia uma fechadura. Uma luz brilhava por ela. E Finn viu que a rocha era uma porta, Pequenina e preta, e na sua transparência estrelas e galáxias estavam cravadas.

“Este é o Tempo. É isto que você deve destrancar,” Sapphique disse.

Finn tentou levantar a chave, mas estava tão pesada que ele teve de usar ambas as mãos, mas mesmo assim ela sacudiu em seu punho. “Ajude-me,” ele suspirou.

Mas o buraco estava fechando, mudando, e no momento que ele havia conseguido deixar a chave firme, só restava um pequeno feixe de luz.

“Tantos já tentaram,” Saphique sussurrou na sua orelha. “Morreram tentando.”

***

Por um segundo Claudia estava paralisada com desespero.

Então ela se moveu. Ela colocou a chave de cristal em seu bolso, usou o disco de Jared para fazer uma fotocópia perfeita daquilo que repousava no veludo negro e fechou a gaveta com força. Com dedos molhados de suor ela pegou a caixa preparada apenas para esta emergência e liberou as joaninhas, Elas voaram pousando no painel de controle e no chão. Então ela mudou o disco de azul para vermelho, oscilando, e mirou aquilo para a porta.

Três das luzes lazeres zuniram e morreram. Ela deslizou pela abertura que eles deixaram, se esquivando dos raios imaginários de armamento. A grade era um pesadelo; o disco fez um som rápido e mostrou mau funcionamento. Ela gemeu para aquilo em desespero, tendo certeza de que aquilo iria parar de funcionar, ficar sem energia, mas vagarosamente um buraco branco e quente derretia no metal enquanto os átomos se embaralhavam e se reorganizavam.

Em segundos ela tinha passado por aquilo e tinha aberto a porta que deu no corredor.

Estava silencioso.

Impressionada, ela escutou. Assim que a porta fechou atrás dela, Os alarmes de pânico desligaram como se eles estivessem em outro mundo.

A casa estava pacífica. Pombas grasnaram. E abaixo, ela escutou vozes.

Ela correu. Pra cima as escadas dos fundos, direto para o sótão, e abaixo uma passagem pelo sótão de serventes que dava nas pequeninas salas de armazenagem; fedia a madeira úmida e a cravo da índia. Abaixando ela tateou rapidamente procurando o mecanismo que abria a cova do antigo sacerdote, tirando sujeira e teias de aranha, e então, sim, lá! O trinco que mal cabia em seu dedão.

Assim que ela apertou aquilo, o painel fez um som estridente; Ela jogou seu peso em cima daquilo, forçando, jurando, e aquilo de repente se abriu e ela caiu para dentro.

Uma vez que tinha fechado e colocado suas costas contras aquilo, ela conseguiu respirar.

Atrás dela, o túnel para a torre de Jared seguia em escuridão.

***

Finn descansava curvado em sua cama.

Ele descansou lá um longo tempo, gradualmente se tornado ciente dos barulhos da gruta lá fora, barulho de alguém correndo, do bater de pratos. Finalmente, tateando com suas mãos, ele descobriu que um cobertor havia sido colocado com cuidado sobre ele. Seus ombros e seu pescoço doíam; um suor gelado o arrepiou.

Ele se enrolou e olhou para o teto imundo. Ecos de um longo grito estavam crescendo em suas orelhas, o zunir dos alarmes e do pânico, e luzes repetitivas. Por um momento doentio ele teve a sensação que sua visão tinha esticado até um longo túnel escuro indo para longe dele, de que ele pode pisar dentro daquilo e tentar seu caminho em direção à luz.

Então Keiro disse. “Já era hora.”

Desfocado e distorcido, seu irmão de juramento veio e se sentou na cama. Ele fez uma cara. “Você parece mal.”

A voz de Finn, quando ele tentou falar, estava rouca. “Você não.”

Devagar ele focou. A cabeleira loira de Keiro estava amarrada para trás. Ele usava o cassaco de Sim com bem mais adereços que seu dono já havia usado. Um grande e bem feito cinto percorria sua cintura, uma adaga cheia de joias presa nele. Ele estendeu seus braços. “Serve em mim. Não acha?”

Finn não respondeu. Uma onda de raiva e vergonha havia crescido em algum ligar nele; Sua mente se contorceu para longe daquilo. Se ele deixasse aquilo entrar, ele iria se afogar. Ele disse com a voz ríspida, “Por quanto tempo? Quão ruim?”

“Duas horas. Você perdeu a partilha. De novo.”

Com cuidado Finn se sentou. Os ataques o deixavam tonto e com a boca seca.

Keiro disse. “Foi um pouco mais severo que o usual. Convulsões. Você se debateu e se contorceu.

Mas eu te segurei e Gildas fez com que tivesse certeza que você não se

machucasse de novo.

Ninguém notou muito; Eles estavam muito ocupados devorando o tesouro com os olhos. Nós o carregamos de volta."

Finn enrubesceu com desespero; os ataques eram impossíveis de prever, e Gildas não sabia de uma cura, ou assim ele havia dito. Finn não tinha ideia do que acontecia depois que a escuridão quente e ribombante o engolia, e não queria saber. Era uma fraqueza e ele era amargamente envergonhado dela, mesmo se o Comitatus o considerava em admiração. Agora ele se sentia como se tivesse saído do corpo e voltado para encontrá-lo dolorido e vazio, que ele não estava dentro dele. "Eu não os tinha quando estava do Lado de Fora. Tenho certeza disso."

Keiro deu de ombros. "Gildas está desesperado para ouvir sua visão."

Finn olhou para cima. "Ele pode esperar." Houve um silêncio incômodo. Nele ele disse, "Jormanric ordenou a morte dela?"

"Quem mais? É o tipo de coisa que o entretém. E é um aviso para nós."

Severo, Finn assentiu. Ele jogou os pés para fora da cama e encarou suas botas gastas. "Eu vou matá-lo por isso."

Keiro levantou uma sobrancelha elegante. "Irmão, por que se incomodar? Você conseguiu o que queria."

"Eu dei minha palavra a ela. Disse a ela que ela estaria segura."

Keiro o observou por um momento, então disse, "Nós somos Escória, Finn. Nossa palavra não significa nada. Ela sabia disso. Ela era uma refém; se eles tivessem pegado você, os Civicry provavelmente teriam feito o mesmo, então não pense mais nisso. Eu já lhe disse antes, você cisma muito com as coisas. Isso te faz fraco. Não há espaço para fraqueza em Incarceron.

Nenhuma misericórdia para um defeito fatal. Aqui é matar ou ser morto." Ele estava olhando diretamente para frente e havia um estranho amargor em sua voz que era nova para Finn. Mas quando ele se virou seu sorriso era afiado. "Então. O que é uma chave?"

O coração de Finn bateu forte. "A Chave! Onde ela está?"

Keiro balançou a cabeça em pensamento fingido. "O que você faria sem mim?" Ele levantou sua mão e Finn viu que o cristal estava balançando de um dedo em gancho.

Ele fez um movimento rápido em direção a ela, mas Keiro a desviou. “Eu disse, o que é uma chave?”

Finn lambeu seus lábios secos. “Uma chave é um instrumento que abre.”

“Abre?”

“Destranca.”

Keiro estava alerta. “As Trancas das Alas? Qualquer porta?”

“Eu não sei! Eu só... reconheço-a.” Ele a alcançou com rapidez e a agarrou, e desta vez Keiro a deixou ir. O artefato era pesado, emaranhado de estranhos filamentos de vidro, e o holograma da águia brilhava para Finn majestosamente. Ele viu que ela usava um colar fino moldado em forma de coroa em volta de seu pescoço, e arregaçando suas mangas ele comparou aquilo com as desbotadas marcas azuis em sua pele.

Por cima de seus ombros Keiro disse, “Parece o mesmo.”

“É idêntico.”

“Mas isto não significa nada. Na verdade, se significa algo, significa que você nasceu aqui dentro.”

“Isto não veio de dentro.” Finn segurou aquilo com cuidado em ambas as mãos.

“Olhe para isto. Que material nós temos igual a este? O acabamento...”

“A Prisão pode tê-la feito.”

Finn não disse nada.

Mas naquele momento, como se aquilo tivesse sido escutado, a Prisão desligou todas as luzes.

***

Quando o Diretor abriu a porta do observatório, a tela na parede mostrava imagens dos Reis Havaarna da Décima Oitava Dinastia, aquelas gerações incapazes cujas políticas sociais levaram direto aos Anos de Fúria. Jared estava sentado na mesa, um dos seus pés estava apoiado na cadeira de Claudia, o filhote da raposa em seus braços, ela estava se inclinando para frente e lendo de um bloco em suas mãos.

“...Alexandre o Sexto, Restaurador do Reino. Criou o Contrato de Dualidade. Fechou todos os teatros e formas públicas de entretenimento... Por que ele fez

isso?”

“Medo,” Jared disse secamente. “Naquele tempo, qualquer grupo de pessoas era visto como uma ameaça à ordem.”

Claudia sorriu, com a garganta seca. Isto é o que o pai dela deveria ver; sua filha e o amado tutor dela. É claro que ele saberia perfeitamente bem que eles sabiam que ele estava ali.

“Ahem.”

Claudia pulou; Jared olhou em volta. A surpresa deles era magistral.

O Diretor sorriu um sorriso gelado, como se ele admirasse isso.

“Senhor?” Claudia ficou de pé, com seu vestido de seda desamarrotando. “Você já está de volta?

Eu pensei que você tinha dito uma.”

“Isto foi de fato o que eu falei. Posso entrar, Mestre?”

Jared disse, “Claro,” e o filhote saiu de suas mãos e pulou para a estante. “Nós estamos honrados, Diretor.”

O Diretor andou até a mesa desarrumada com aparatos e tocou um alambique. “Seu detalhe de época é um pouco... excêntrico, Jared. Mas Sapienti não são tão presos pelo protocolo, é claro.”

Ele levantou o delicado objeto de vidro até que seu olho esquerdo, incrivelmente aumentado, olhasse por ele. “Os Sapienti fazem como eles querem. Eles inventam, eles experimentam, eles mantiveram a mente das pessoas ativa mesmo durante a tirania do passado. Sempre procurando por uma nova forma de energia, novas curas.

Admirável. Mas me diga. Como minha filha está progredindo?”

Jared juntou seus frágeis dedos. Cuidadosamente ele disse, “Claudia sempre é uma pupila notável.”

“Uma estudiosa.”

“De fato.”

“Inteligente e capaz?” O Diretor abaixou o vidro. Seus olhos estavam fixados nela, ela olhou para cima e olhou calmamente de volta para ele.

“Eu estou certo,” Jared murmurou, “Que ela será um sucesso em tudo que

tentar.”

“E ela tentaria qualquer coisa.” O Diretor abriu seus dedos e o frasco caiu. Ele atingiu o canto da mesa e quebrou, uma explosão de pedaços de vidros, mandando um corvo piando para fora da janela.

Jared havia dado um passo para trás; agora ele congelou. Claudia ficou parada atrás dele, bem quieta.

“Eu sinto muito!” O Diretor deu uma olhada nos cacos de vidro calmamente, Então ele pegou um lenço e limpou seus dedos. “O descuido da idade, Eu temo. Eu espero que aquilo não contenha nada vital?”

Jared balançou a cabeça; Claudia pegou o reflexo de suor em sua testa. Ela sabia que sua própria face estava pálida. Seu pai disse, “Claudia, você ficará grata em saber que Lorde Evian e eu finalizamos a negociação pelo dote. É melhor começar a preparar o seu enxoval, minha querida.”

Ele parou na porta. Jared tinha agachado e estava pegando os curvados e afiados fragmentos de vidro. Claudia não se moveu. Ela observou o Diretor, e seu olhar a lembrou, por um momento, da sua própria reflexão enquanto ela olhava para aquilo no espelho toda manhã. Ele disse, “Eu não vou almoçar afinal de contas. Eu tenho muito trabalho para fazer. Em meu escritório. Parece que nós temos problemas com insetos.”

Quando a porta se fechou atrás dele, nenhum dos dois falou. Claudia se sentou, e Jared largou o vidro no lixo e ligou o monitor para a escada da torre. Juntos eles observaram a figura angular e negra de Diretor pegar um caminho estranho pela queda dos ratos e pela as teias de aranha penduradas.

Finalmente Jared disse, “Ele sabe.”

“É claro que ele sabe.” Claudia percebeu que estava tremendo; ela colocou um velho cassaco de Jared em volta de seus ombros. Ela estava com o seu macacão debaixo de seu vestido, seus sapatos estavam nos pés errados, e seu cabelo estava jogado para trás todo emaranhado. “Ele veio aqui só para nos mostrar isto.”

“Ele não acredita que as joaninhas ligaram o alarme.”

“Eu te disse. A sala não tem janelas, mas ele não irá admitir que eu o superei, e nunca irá. Então nós jogamos o jogo.”

“Mas a Chave... para levá-la embora...”

“Ele não saberá se ele apenas abrir a gaveta e olhar para aquilo. Só se ele tentar pegar. Eu posso colocar a original de volta antes.”

Jared enxugou seu rosto com uma das mãos. Ele sentou temeroso. “Um Sapiente não devia falar isto, mas ele me aterroriza.”

“Está tudo bem com você?”

Ele virou seus olhos escuros para ela, O filhote de raposa pulou de seu ombro e ficou no seu joelho.

“Sim. Mas então você me aterroriza igualmente, Claudia. Por que razão na terra você roubou aquilo? Você queria que ele soubesse que foi você?”

Ela franziu a testa. Às vezes ele era perspicaz demais. “Onde está?”

Jared olhou para ela por um momento, e fez uma cara deplorável. Ele pegou a tampa da caneca de barro mergulhando um gancho lá dentro, levantando a chave do formaldeído. O cheiro irritante de química encheu a câmara; Claudia colocou a manga do seu casaco sobre sua face.

“Deus. Não tinha nenhum outro lugar?”

Ela tinha confiado aquilo em suas mãos e tinha estado muito ocupada com os arranjos para ver onde ele tinha colocado. Agora ele desenrola aquilo cuidadosamente do selo protetor e a coloca no banco de madeira deformada. Eles olharam para baixo observando aquilo.

Era lindo. Ela podia ver aquilo claramente, suas facetas capturavam a luz do sol que vinha da janela em um arco íris brilhante. Incorporado em seu coração a águia perfeita olhava orgulhosa.

Mas aquilo parecia muito frágil para colocar em qualquer fechadura, e sua transparência não mostrava nenhum circuito. Ela disse, “A senha para abrir a gaveta era Incarceron!”

Jared levantou uma sobrancelha. “Então você pensou...”

“´É obvio, não é? O que mais uma chave como esta destrancaria? Nada nesta casa tem uma chave igual a esta.”

“Nós não temos nenhuma ideia de onde Incarceron está. E se soubéssemos, não poderíamos usar isto.”

Ela franziu a testa. “Eu tenha a intenção de descobrir.”

Por um momento Jared considerou. Então, enquanto ela observava, ele

colocou a chave em uma pequena balança e pesou ela com precisão. Pegou sua massa e seu comprimento, constatando o resultado em seu manuscrito de precisão. “Não é vidro. Nem um cristal de silicato” —ele ajustou a balança— “Isto tem um campo eletromagnético bem peculiar. Eu diria que isto não é uma chave em um mecanismo estritamente mecânico, mas algum tipo de tecnologia bem complexa, bem Pré-Era. Isto não iria apenas destrancar a porta da prisão Claudia.”

Ela tinha adivinhado aquilo. Ela se sentou de novo e disse duramente, “Eu costumava ter ciúmes da Prisão.”

Atônito, ele se virou, e ela riu.

“Sim. Verdade. Quando eu era pequena e nós estávamos na corte. Pessoas se reuniam para ver ele—O Diretor de Incarceron, o Guardião dos Prisioneiros, Protetor do Reino. Eu não sabia o que as palavras significavam, mas eu as odiava. Eu achava que Incarceron era uma pessoa, outra filha, outra gêmea malvada, eu a odiava.” Ela pegou um par de compassos da mesa e os abriu. “Quando eu descobri que era uma prisão, eu o imaginava indo para baixo nas celas com uma lanterna e uma chave gigante—uma chave rústica e antiga. Lá haveria uma porta enorme, trabalhada e pregada com carne seca de criminosos.”

Jared balançou a cabeça. “Muitos romances góticos.”

Ela equilibrou os compassos em um ponto e os girou. “Por um tempo eu sonhei com a Prisão, imaginei os ladrões e assassinos nas profundezas da casa, batendo nas portas, lutando para sair, e costumava acordar assustada, pensando que eu podia ouvi-los vindo atrás de mim. E então eu percebia que não era assim tão simples.” Ela olhou para cima. “Aquela tela na sala de estudos.

Ele deve ser capaz de monitorar ela de lá.”

Jared balançou a cabeça e cruzou seus braços. “Incarceron, todos os registros dizem, foi feita e selada. Ninguém entra ninguém sai. Apenas o Diretor supervisiona seu progresso. Apenas ele sabe sua localização. Há uma teoria, uma bem antiga, que ela está no subterrâneo, muitos quilômetros abaixo da superfície, um vasto labirinto. Depois dos Anos de Fúria metade da população foi removida para lá. Uma grande injustiça, Claudia.”

Ela tocou a chave levemente. “Sim. Mas nada disso me ajuda. Eu preciso de alguma prova do assassinato, não...” Uma tremulação.

Uma luz dissolvida.

Ela puxou seu dedo para fora.

“Impressionante!” Jared respirou.

Uma impressão digital da escuridão ainda permanece no cristal, uma abertura circular, como um olho.

Dentro daquilo, bem no fundo, eles viram duas luzes se movendo como pequenas estrelas.

Você é meu pai, Incarceron.

Eu nasci da sua dor.

Ossos de ferro; circuitos por veias

Meu coração um cofre de aço.

—Canções de Sapphique

Keiro levantou a lanterna dele. “Onde você está, Sábio?” Gildas não estava dormindo em sua cela ou em nenhum lugar na parte principal do local, onde o Comitatus havia acendido chamas provocantes em cada braseiro e estavam celebrando a vitória deles com barulhos estridentes e ostentação. Levou um pouco de persuasão do punho de Keiro em alguns escravos para encontrar alguém que houvesse visto o velho homem, caminhando para os casebres. Agora eles haviam rastreado ele até uma pequena sala; ele estava enfaixando uma sangrenta ferida na perna de uma criança-escrava, a mão dele segurava uma pequena vela e esperava ansiosamente.

“Eu estou aqui.” Gildas olhou em volta. “Traga a lanterna mais perto. Eu não consigo ver direito.”

Finn se aproximou e viu o leve brilho sobre o garoto, notando o quão doente ele parecia.

“Anime-se,” ele disse asperamente.

O garoto sorriu, apavorado.

“Se apenas você o tocasse, senhor,” a mãe murmurou.

Finn se virou. Ela poderia ter sido bonita uma vez; agora ela estava abatida e magra.

“O toque de um Vidente das Estrelas cura, eles dizem."

“Superstição totalmente sem sentido,” Gildas berrou, atando, mas do mesmo

modo Finn colocou os dedos dele suavemente na testa quente do garoto.

“Não muito diferente das suas, Sábio,” Keiro disse de modo cativante.

Gildas se ajeitou, limpando seus dedos no próprio casaco, e ignorando a provocação. “Bom, este é o melhor que eu posso fazer. A ferida precisa drenar. Mantenha-a limpa.”

Como eles o seguiam grunhiu “Sempre mais infecções, mais doenças. Nós precisamos de antibióticos, não ouro ou objetos estranhos.”

Finn sabia como ele ficava com esse humor. A melancolia sombria o mantinha dias em sua cela, lendo, dormindo, sem falar com ninguém. A morte de Maestra deveria estar atormentando o velho homem. Então abruptamente ele disse, “Eu vi Sapphique.”

“Quê!” Gildas parou abruptamente. Até mesmo Keiro parecia interessado.

"Ele disse—”

“Espera.” O Sapiente olhou em volta rapidamente. “Aqui.”

Era um arco escuro e isto levava a uma vasta cadeia de circuitos, o telhado da Toca.

Gildas colocou o pé dele em uma ligação e escalou até a escuridão o esconder; enquanto Finn escalava atrás dele, ele encontrou o velho homem em um parapeito alto na parede, empurrando um antigo ninho e sujeira de passarinho para lado.

“Eu não vou sentar nisso,” Keiro disse.

“Fique em pé então.” Gildas levou a lanterna até Finn e a apoio nos circuitos.

“Agora. Diga-me tudo. Cada palavra, exatamente.”

Finn colocou o pé dele sobre a borda e olhou para baixo. “Era um lugar como esse, no alto. Ele estava comigo, e eu tinha a Chave.”

“De cristal? Disse que era uma chave?” Gildas parecia espantado; ele mexia em sua barba por fazer branca. “Essa é uma palavra Sapiente, Finn, uma palavra mágica. Um dispositivo para destrancar.”

“Eu sei o que é uma chave.” Sua voz soava brava; ele tentou se acalmar. “Sapphique me disse para usá-la para destrancar o Tempo; era uma fechadura em uma pedra brilhante e preta, mas a chave era tão pesada que eu não conseguia manejá-la. Eu me senti...devastado.”

O velho homem agarrou o pulso de Finn, com força, um aperto selvagem. “Como ele se parecia?”

“Novo, cabelo escuro e longo. Como nas histórias.”

“E a porta?”

“Bem pequena, a pedra tinha um luz dentro, como as estrelas.”

Keiro encostou-se elegantemente a costa contra a parede. “Sonho estranho, irmão.”

“Não são sonhos.” Gildas o soltou; o velho homem tinha um olhar incrédulo de felicidade. “Eu conheço essa porta. Ela nunca foi aberta; Ela fica a quilômetros daqui, próxima aos terrenos dos Civicry.” Ele esfregou a cara com as duas mãos e disse. “Onde está essa chave?”

Finn hesitou. Ele a havia amarrado em uma antiga corrente em volta do pescoço, mas pesava muito, então agora ela estava presa no cinto dentro da camiseta dele.

Relutante, ele a puxou para fora.

O Sapiente a pegou reverentemente. As pequenas mãos com as veias saltadas dele a exploravam; ele a trouxe para mais perto do olho dele e olhou para águia. “Isto é o que eu estava esperando”

a voz dele estaca embriagada de emoção. “Um sinal de Sapphique.” Ele olhou para cima. “Isso decide tudo. Nós iremos partir, está noite, antes que Jormanric saiba sobre o que essa coisa é.

Abrupto e rápido, Finn, nós começamos nossa Fuga.”

“Espera!” Keiro desencostou da parede. “Ele não irá a nenhum lugar. Ele jurou para mim”

Gildas olhou para ele com desinteresse. “Apenas por que ele é útil para você.”

“E não é para você?” Keiro riu com desprezo. “Você é um hipócrita, velho homem.

Um vidro sem valor e alguns delírios quando ele está fora de si mesmo é tudo que você está interessado nele.”

Gildas parou. Ele foi calmo até ficar o ombro de Keiro, mas o olhar dele era malevolente, seu corpo magro estava tenso.

“Eu seria mais cuidadoso, garoto. Bem mais cuidadoso.”

“Ou o que? Você irá me transforma em uma cobra?”

“Você já estava fazendo isso com você mesmo.”

Com um tiritar de ferro Keiro desembainhou a espada dele. Seus olhos estavam azuis e gelados.

Finn disse, “Parem com isso.” Nenhum deles ao menos olhou para ele.

“Eu nunca gostei de você, garoto. Eu nunca nem mesmo confiei em você,” Gildas disse severamente. “Você é um orgulhoso, ladrão arrogante que apenas considera as coisas que lhe dá prazer, que mataria se isso fosse conveniente a você—como certamente já fez. E você não gostaria nada mais do que fazer de Finn sua cópia.”

O rosto de Keiro estava vermelho. Ele apontou a espada de forma que a ponta afiada ameaça o velho homem na altura dos olhos. “Finn precisa de mim para protegê-lo de você. Eu sou o único que cuidada dele, que segura à cabeça dele quando ele está doente, vigia as costas dele. Se nós estamos falando verdades certeiras, eu deveria dizer que os Sapienti são velhos tolos apegados a velhos trapos de feitiçaria—”

“Eu disse já chega!” Finn ficou entre eles e empurrou a espada para o lado.

Carrancudo, Keiro a abaixou.

“Você vai com ele? Por quê?”

“E que motivo temos para ficar?”

“Pelo amor de Deus, Finn! Nós estamos bem aqui—comida, garotas, tudo que queremos! Nós somos temidos, respeitados—poderosos o suficiente para enfrentar Jormanric a qualquer hora agora. Então nós vamos ser Senhores da Alas, nós dois!”

“E quanto tempo,” Gildas zombou, “antes de dois ser demais?”

“Calem a boca” Finn virou-se, furioso. “Olhem para vocês dois! Você são os únicos amigos que eu tenho nesse inferno e tudo que vocês conseguem fazer é brigar por mim.

Algum de vocês se preocupa comigo? Não o vidente, ou lutador, ou o tolo que assume todos os riscos, mas eu, Finn?” Ele começou a tremer, de repente pesado demais para seus ossos, e enquanto eles o encaravam ele agachou, com as mãos em sua cabeça, a voz dele estava quebrada. “Eu não posso ficar mais

aqui. Eu estou morrendo aqui, aterrorizado, vivendo entre crises, temendo a próxima, eu não aguento mais isso, eu preciso sair daqui, descobrir que eu sou!

Eu preciso Fugir.”

Eles ficaram em silêncio. Poeira caia vagarosamente pelo feixe de luz da lanterna.

Então Keiro guardou sua espada.

Finn tentou parar de tremer. Ele olhou para cima, esperando ver escárnio nos olhos de Keiro, mas seu irmão de juramento estendia-lhe a mão e o puxou para cima até eles ficarem cara-a-cara.

Gildas rosnou, “Eu me importo com você, garoto tolo.”

Os olhos de Keiro estavam afiados e azuis. “Fique quieto, velho homem. Você não consegue ver que ele está manipulando nós dois, como sempre? Você é tão bom nisso, Finn. Você fez isso com Maestra e você faz isso com nós.”

Ele soltou o braço de Finn e foi para trás. “Tudo bem. Vamos dizer que nós tentemos fugir. Você esqueceu que ela amaldiçoou você? Uma maldição que mata, Finn.

Como nós podemos ir contra isso?”

“Deixe isso comigo,” Gildas falou ríspido.

"Ah sim. Feitiçaria.” Keiro balançou a cabeça em descrença. “Como sabemos que a chave irá abrir essa porta? Portas apenas abrem se Incaceron quiser.”

Finn coçou seu queixo. Ele se fez ficar em pé direito. “Nós precisamos tentar.”

Keiro suspirou. Ele se virou, encarando o fogo de Comitatus, e Gilda encontrou o olhar de Finn e assentiu. Ele parecia quietamente triunfante.

Keiro balançou para trás. “Tudo bem. Mas em segredo. Então se nós falharmos ninguém saberá.”

“Você não precisa vir.” Gildas disse.

"Se ele vai, eu vou.”

Enquanto ele dizia isso o pé dele desprendia um cocô de passarinho espalhado na borda; observando ele cair, Finn pensou ter visto uma sombra lampejando abaixo. Ele segurou uma corrente. “Alguém estava lá”

Keiro olhou para baixo. “Você tem certeza?”

“Eu acho que sim.”

O Sapiente se colocou em pé. Ele parecia angustiado. “Se for um espião, e ele ouviu sobre a chave, nós estamos com problemas. Peguem armas e comidas e me encontrem em dez minutos na entrada.” Ele olhou para A Chave, com um brilho de arco-íris. “Eu ficarei com isso.”

“Não você não vai.” Finn a pegou de volta com firmeza. “Isso fica comigo.”

E ele se virou para ir com ela, e quando sentiu uma estranha quentura em seu peso, ele olhou para baixo. Sob uma garra da águia um círculo pálido desvanecia. Dentro dele ele pensou ter visto, apenas por um momento, uma sombra de um rosto, olhando para ele.

Um rosto de uma garota.

***

“Eu tenho que confessor que eu odeio montar.” Lorde Evian andava entre os canteiros de flores examinando atentamente. “Para mim é apenas um modo desnecessário de uma longa caminhada pelo campo.” Ele sentou perto dela e olhando além do ensolarado campo, a torre da igreja brilhando com a neblina quente. “E então o seu pai quis voltar tão abruptamente! Eu espero que não seja nenhum mal-estar repentino?”

“Eu suponho que ele deva ter se lembrado de algo,” Claudia disse cuidadosamente.

A luz da tarde esquentava a parede cor de mel da mansão; ela refletia dourada nas escuras águas do posso. Patos flutuavam em volta dos pães jogados, e ela dava mais para eles, cortando o pão com os dedos dela.

O reflexo de Evian mostrava suavidade no rosto dele enquanto se inclinava. A boca dele dizia, “Você deve estar um pouco ansiosa, assim como impaciente, sobre este casamento.”

Ela jogou um pedaço para um pássaro na água. “Às vezes.”

“Eu asseguro a você, todos dizem você irá mandar no Conde de Steen sem problemas nenhum.

A mãe dele é completamente apaixonada por ele.”

Claudia não tinha nenhuma dúvida sobre isso. De repente ela se sentiu cansada, todo o esforço de atuação por parte dela estava se sobressaindo. Ela

levantou-se, sua sombra escura na água.

“Se você me der licença meu lorde, eu tenho muita coisa para fazer.”

Ele não olhou para cima, tentando alcançar com os seus dedos gordos os patos.

Mas ele disse, “Sente-se, Claudia Arlexa.”

A voz dele. Ela encarava atônita a costas da cabeça dele. O tom amansado havia ido. Agora ele soava forte e imponente. Ele olhou para cima.

Ela sentou, silenciosamente.

“Isso pode ser um choque, eu tenho certeza. Eu gosto do meu disfarce, mas ás vezes pode ser cansativo.” O sorriso escorregadio havia ido embora também, as linhas pesadas dos olhos dele o fazia parecer um pouco cansado. Velho.

“Disfarce?” ela disse.

“Fingir outra personalidade. Todos nós os temos, não temos, nesse Tempo de tirania? Claudia nós podemos ser ouvidos aqui?”

“É tão seguro quanto na casa.”

“Sim.” Ele se virou no banco, o terno claro de seda roçou, e ela sentiu uma lufada de ar do perfume requentado que ele usava. “Ouça-me agora. Eu preciso falar com você, e essa pode ser a única chance. Você já ouviu falar sobre os Lobos de Ferro?”

Perigoso. Isso era perigoso aqui e ela deveria ter muito cuidado. Ela disse. “Jared é um professor completo. Os Lobos de Ferro são um símbolo heráldico do Lorde de Calliston, que foi considerado culpado de planejar traição contra o Reino, e foi o primeiro Prisioneiro a entrar em Incarceron, mas isso foi a séculos atrás.”

“Há cento e seis anos atrás.” Evian murmurou. “E isso é tudo que você sabe?”

“Sim,” Isso era verdade.

Ele olhou rapidamente através dos gramados. “Então deixe-me dizer a você que os Lobos de Ferro também são uma organização secreta dos nobres e.. Como dizemos...

Descontentes com esse jogo infinito de idealizar o passado. A partir da tirania dos Havaarnas eles... Nós... Gostaríamos de um reino comandado por

uma rainha que se importasse com as pessoas, que nos deixasse viver como quiséssemos. Alguém que abrisse Incarceron.”

O coração dela batia com medo.

“Você entende o que eu estou dizendo, Claudia?”

Ela não tinha ideia nenhuma de como lidar com isso. Mordendo o lábio dela ela viu Medlicote sair da portaria e olhou envolta por eles. “Eu penso que sim. Você faz parte desse grupo?”

Ele viu o secretário também. Ele disse rapidamente. “Talvez eu faça. Eu estou tendo uma grande chance falando com você. Mas eu penso que você não é muito filha do seu pai.”

A escura figura do secretário atravessou a ponte levadiça e caminhava em direção a eles. Evian acenou frouxamente. “Pense sobre isso. Não seriam muitos que ficariam de luto pelo Conde de Steen.” Ele se levantou. “Você está procurando por mim, senhor?”

John Medlicote era um homem alto de poucas palavras. Ele curvou-se para Claudia e disse. “Eu estava, meu senhor. O Diretor mandou os cumprimentos dele e mandou informar a você que estes despachos chegaram da Corte.” Ele estendeu uma mochila de couro.

Evian sorriu e pegou a mochila delicadamente. “Então eu devo ir e lê-los. Com licença, minha querida.”

Claudia dobrou-se em uma desajeitada reverência, vendo o pequeno homem andando ao lado do sério funcionário, conversando suavemente sobre as perspectivas da colheita, puxando alguns documentos para fora para ler.

Ela desmantelou o pão entre os dedos dela em um silencio de descrença.

Não seriam muitos que ficariam de luto pelo Conde de Steen Ele estava falando sobre assassinato? Ou ele era sincero, ou isso era algum plano da Rainha de pegar ela, para testa a lealdade dela? Se ela reportasse isso ou mantivesse-se em silêncio, de qualquer forma isso poderia ser um erro.

Ela jogou o pão na água escura, observando o marreco maior com garganta verde brilhante bicando e afastando os menores para o lado. A vida dela havia sido um labirinto de tramas e fingimento, e a única pessoa ha que ela poderia realmente confiar tudo isso era Jared.

Ela espanou os dedos juntos, fria no sol. Porque ele poderia estar morrendo.

“Claudia.” Evian havia retornado, ele segurava uma carta entre seus dedos gordos.

“Boa notícia, minha querida, do seu noivo.” Ele olhou para ela, a face dele ilegível.

“Caspar está viajando pelas proximidades. Ele estará aqui amanhã.”

Isso a chocou. Ela sorriu rigidamente e jogou as últimas migalhas na água. Elas flutuaram por uns segundo. Então eles foram arrebatados pelo ar afora.

***

Keiro havia estufado a mochila dele com furtos—roupas finas, ouro, joias, um mosquete. Isto deveria estar pesado, mas ele não estava reclamando; Finn sabia que seria mais doloroso deixar tudo isso para trás. Com ele, ele carregava uma troca de roupa, alguma comida, uma espada e a Chave. Isto era tudo que ele queria. Olhando para baixo para sua porção de riquezas acumuladas seu peito se encheu com ódio de si mesmo, trouxe de volta o olhar ardente de desprezo de Maestra. Ela havia fechado a pálpebra com ímpeto.

Vendo a lanterna de Gilda a frente, ele correu até seu irmão de juramento, olhando para trás ansiosamente.

À noite em Incarceron era escura. Mas a Prisão nunca dormia. Um de seus pequenos Olhos vermelhos abriu, virando, e clicando enquanto ele corria por isto, e o som de captura fez com que um pequeno arrepio passasse pela pele dele. Mas a Prisão apenas olhava curiosamente. Ela jogava com seus detentos, deixando-os matarem, vagarem, lutarem e amarem até que ela se cansasse e os atormentasse com Bloqueios, torcendo-se.

Eles eram apenas seu entretimento, e talvez ela soubesse que não houvesse forma de Escapar.

“Depressa.” Gildas esperava impacientemente. Ele havia trazido nada além de uma sacola de alimentos e medicamentos e as coisas dele; ele havia amarrado isso nas costas e olhava para cima na escada que subia no eixo. “Nós estamos na transição; talvez o topo esteja guardado, então eu vou primeiro. Daqui deve ser duas horas até a porta.”

“Passando pelo território Civicry,” Keiro murmurou.

Gildas olhou friamente para ele. “Você ainda pode voltar.”

“Não ele não pode, velho homem.”

Finn disse afiado, Keiro ao lado dele.

Dos lados e das sombras dos túneis os Comitatus apareceram com um olhar superior; olhos vermelhos, cado-alto, bestas elaboradas, mosquetes nas mãos deles. Finn viu o Grande Arko flexionar seus ombros e sorrir forçadamente; Amoz balançava seu terrível machado.

Entre seus guarda-costas, enormes e carrancudos, estava Jormanric. Suco vermelho manchava sua barba como sangue.

“Ninguém vai a lugar nenhum.” Ele rosnou. “Muito menos essa Chave.”

Os olhos no corredor eram escuros e cuidadosos e havia muito deles.

“Saiam,” ele disse.

Eles saíram. Eles eram crianças. Eles usavam trapos e sua pele estava azulada de machucados.

Suas veias eram tubos, seus cabelos de fio. Sapphique estendeu a mão e os tocou.

“Serão vocês que irão nos salvar,” ele disse.

—Sapphique e as Crianças

Ninguém falou. Finn deu um passo para trás, e desembainhou a espada dele percebendo que Keiro já estava armado, mas o que duas espadas poderiam fazer contra tantas?

Grande Arko quebrou a tensão. “Nunca pensei que você iria lutar até o fim com nós, Finn.”

Keiro estava com um sorriso duro. “Quem disse que nós vamos?”

“A espada em sua mão diz isso.”

Ele foi na direção deles devagar, mas Jormanric parou ele com as costas das mãos cobertas com uma luva contra o peito dele. Então o Senhor da Ala olhou além de Finn e Keiro. “Há realmente um dispositivo que poderia abrir qualquer fechadura?” A voz dele estava indistinta, mas os olhos demonstravam sua intenção. Finn sentiu Gildas descer a escada.

“Eu acredito que sim. Isso foi mandado para mim de Sapphique.” O velho homem tentou passar enquanto falava, mas Finn o segurou pelo cinto o fazendo parar. Irritado, Gildas se libertou e apontou seu dedo ossudo. “Escute, Jormanric. Eu te dei excelentes conselhos durante vários anos. Eu tenho curado suas feridas

e tento trazer alguma ordem para esse buraco de inferno que você criou. Mas eu escolho quando eu venho e quando eu vou e meu tempo com você acabou.

"Ah sim," um grande homem disse. "Isso é verdade também."

Os Comitatus trocaram sorrisos amargos. Eles se moveram para mais perto. Finn pegou o olhar de Keiro e juntos eles se fecharam em torno de Gildas.

Gildas dobrou seus braços. A voz dele estava cheia de desprezo. "Você pensa que eu tenho medo de você?"

"Eu sei, velho homem. Debaixo de toda essa sua arrogância, você tem medo de mim. E você tem motivos para isso." Jormanric passou Ket por volta da língua dele. "Você esteve atrás de mim enquanto mãos eram decepadas, línguas cortadas, e viu cabeças de homens espetadas em lanças o suficiente para saber o que eu vou fazer. E sua voz tem me irritado á tempos. Eu estou cansado de receber lições e ser repreendido. Então aqui vai uma proposta para você. Saia daqui antes que eu mesmo corte a sua língua. Suba as escadas e aproveite Civicry. Nós não vamos sentir sua falta."

Isso não é verdade, Finn pensou. Metade dos Comitatus deviam sua vida e membros a Gildas. Ele havia os consertado e costurado as cicatrizes deles depois de diversas lutas e eles sabiam disso.

Gildas riu amargamente. "E a chave?"

"Ah." Os olhos de Jormanric se estreitaram. "A Chave mágica e o Vidente das Estrelas. Eu não posso deixá-los ir. E ninguém deserta do Comitatus." Ele virou e deu um olhar para Keiro. "Finn será útil, mas você, desertor, a única fuga que você irá fazer é através da Porta da Morte."

Keiro não vacilou. Ele continuava parado, seu rosto bonito estava vermelho de raiva controlada, embora Finn sentisse um leve tremor na mão em que ele segurava a espada. "Isso é um desafio?"

ele vociferou. "Por que se não for, eu faço disso um." Ele olhou em volta para todos eles. "Isso não é sobre uma bugiganga de cristal, ou sobre o Sapiente. Isso é sobre eu e você, Senhor da Ala e isso vem sido a um bom tempo. Eu vi você trair qualquer um que ameaçasse você, você os mandava em emboscada, os envenenava, subornava seus irmãos de juramento, fazendo dos seus uns cabeças sem cérebro. Mas não comigo. Eu chamo você de covarde, Jormanric. Um gordo covarde, assassino, mentiroso. Desgastado, acabado. Velho?"

Silêncio.

No escuro as palavras ressoaram com se a Prisão às sussurrasse zombadoramente dando voltas e voltas. O aperto de Finn na espada dele era tão forte, o cabo queimava ele.

O coração dele batia rápido. Keiro estava louco. Keiro havia acabado com eles. Grande Arko parecia furioso, as garotas Lis e Ramil olhavam com avidez.

Atrás deles ele viu o cão-escravo se arrastando para mais perto em sua cadeia; Todos olhavam para Jormanric.

Ele se moveu rapidamente. Ele puxou uma faca feia e uma espada das costas dele, e já estava em Keiro antes que qualquer um pudesse gritar. Finn saltou para fora, a espada de Keiro brilhou rapidamente para cima por instinto e as laminas colidiram.

O rosto de Jormanric estava vermelho de raiva, o sangue pulsava nas grossas veias do pescoço.

Bem no rosto de Keiro ele cuspiu. “Você está morto, garoto.” Então ele atacou.

Os Comitatus uivavam de prazer, eles gritavam e se aproximaram como um ringue apertado, armas colidindo, colidindo em uníssono. Eles amavam ver sangue sendo derramado e a maioria deles havia sentido as chicotadas de arrogância de Keiro. Agora eles o viam sendo derrubado.

Finn foi empurrado sem cuidado nenhum para o lado. Ele tentou encontrar uma brecha, mas Gildas o puxou para fora.

“Fique para trás.”

“Inferno ele será morto!”

“Se ele for, não haverá prejuízo.”

Keiro estava lutando pela vida dele. Ele era jovem e estava em forma, mas Jormanric tinha o dobro do peso dele, combatente antigo, com um frenesi de batalha furioso que vinha sobre ele raramente. Ele cortou o rosto de Keiro até os braços, seguindo com rápidos cortes com a faca.

Keiro cambaleou para trás, colidindo com um dos Comitatus, que o empurrou impiedosamente novamente para o ringue, sem equilíbrio, se equilibrando para frente, Jormantic o atingiu.

“Não!” Finn gritou.

A lâmina cortou o peito de Keiro, ele moveu o rosto para lado com um

suspiro.

Um respingo de sangue atingiu a multidão.

Finn tinha a sua própria faca, pronto para lançá-la, mas não havia chance, os lutadores estavam longe demais e Keiro estava concentrado demais para olhar para fora.

Uma mão agarrou o braço de Finn; Gildas sussurrou em seu ouvido "Afaste-se em direção a saída e ninguém vai nos ver indo."

Finn estava muito consternado para responder. Ao invés disso ele se afastou e tentou se enfiar no centro do ringue, mas um grande braço deslizou ao redor do pescoço dele. "Sem trapaça, irmão." O hálito de Arko fedia a Ketamina.

Desesperado, Finn assistia. Keiro nunca iria sobreviver a isso. Ele já estava com um corte na perna e outro no pulso, talhos superficiais, mas sangravam livremente. Os olhos de Jormanric estavam vidrados, os dentes dele manchados de Ketamina em um sorriso amargo. Seu ataque era um bombardeio de violência, ele esqueceu o medo ou a consciência, faíscas saiam das laminas.

Ofegante, Keiro lançou um olhar aterrorizado para os lados; Finn lutou e chutou para chegar até ele. Jormanric rugiu em um uivo de selvageria em conjunto a todos os seus homens que gritavam o encorajando, ele deu um passo em frente e brandiu a espada dele em um arco como um chicote de aço. E cambaleou.

Por um momento, apena um segundo, ele estava sem equilíbrio. Então ele caiu, uma queda, uma inexplicável queda, os pés dele bateram atrás dele, enrolados em uma corrente que deslizava entre os pés da multidão, presos ao um par de mãos imundas envolvidas em trapos.

Keiro saltou sobre ele. Ele mandou um golpe esmagador de ossos nas costas cobertas do Senhor da Ala; Jormanric uivou de fúria e dor.

Os gritos dos Comitatus morreram abruptamente. Arko soltou Finn.

Keiro estava pálido com o esforço, mas ele não parou. Enquanto Jormanric rolava, ele chutou o braço esquerdo do Senhor da Ala o quebrando, fazendo um som sinistro. A faca se esparramou no chão. Jormanric se ergueu em seus joelhos, com a cabeça abaixada, gemendo sobre o braço quebrado, balançando-se.

Com os cantos dos olhos Finn viu uma agitação na multidão; a criatura que parecia um cão estava sendo carregada para fora. Ele se moveu em direção a ele

enquanto chutava e amaldiçoava, quando ele chegou lá um dos algozes caiu, derrubado por um dos funcionários de Gildas. “Eu lido com isso,” o Sapient rugiu. “Pare ele antes que alguém morra!”

Finn virou-se de volta, em tempo de ver Keiro chutar a cabeça de Jormanric. O Senhor da Ala continuava segurando a espada, mas outro golpe cruel na cabeça dele o derrubou. Ele caiu derrubando a insígnia, em uma piscina de sangue do nariz e da boca.

A multidão estava em silencio.

Keiro inclinou a cabeça para trás e gritou em triunfo. Finn o encarou. Seu irmão de juramento estava transformado. Seus olhos estavam brilhando, os cabelos dele estavam escuros de suor e alisados em seu couro cabeludo, suas mãos encharcadas com sangue. Ele parecia mais alto, com um brilho suave de uma energia concentrada como se mandasse embora todo o cansaço. Ele desinclinou a cabeça e começou a olhar para todos, um bruto, um olhar cego irreconhecível, não vendo nada, desafiando tudo. Então, deliberadamente, ele se virou, apontando para a veia no pescoço de Jormanric, e pressionou.

“Keiro,” a voz de Finn estava afiada. “Não.”

Os olhos de Keiro oscilaram nele. Por um momento parecia com se ele precisasse se esforçar para reconhecer quem havia falado. Então ele disse asperamente, “Ele está acabado. Eu sou o Senhor da Ala agora.”

“Não o mate. Você não quer esse pequeno e lamentável reino.” Finn segurava o olhar dele. “Você nunca quis. Ser de fora, é isso que você quer. Nenhum lugar é grande o suficiente para nós.”

Abaixo na saída, como se fosse uma resposta, uma brisa quente os atingiu.

Por um momento Keiro encarou Finn, então Jormantic. “Desistir disso?”

“Por mais. Por tudo.”

Isso pedir muito, irmão.” Olhando para baixo, ele levantou a espada lentamente. O

Senhor da Ala respirou fundo irregularmente. E então em um movimento cruel Keiro enfiou a espada fundo na palma aberta de Jormanric.

O Senhor da Ala uivou e se agitou. Fixado no chão e convulsionando de agonia e raiva, Keiro ajoelhou-se e começou a tirar os anéis da vida dos dedos dele, os grossos com a face de uma caveira.

“Deixo-os!” Gildas gritou vindo atrás deles. “A Prisão!”

Finn olhou para cima. Luzes explodiam em volta dele, um vermelho brilhando de repente. Vários olhos abrindo. O alarme eclodiu em um terrível e ululante grito.

Era um Bloqueio.

Os Comitatus se dividiram, empurrando, se fragmentando como uma multidão em pânico, e quando as rupturas das paredes se abriram e canhões de luzes piscavam, eles fugiam, a agonia e o sangramento de Jormanric era ignorada.

Finn arrastou Keiro para longe. “Esqueça-os!”

Keiro balançou a cabeça dele, guardando três anéis dele dentro da jaqueta. “Vai!

Vai!”

Ele ouviu uma voz baixa e áspera atrás dele. “Você pensa que eu matei a mulher, Finn?”

Finn virou.

Jormanric se contorceu em dor. Ele cuspiu as palavras como veneno. “Não é verdade. Pergunte ao seu irmão. Seu traiçoeiro e com má reputação irmão. Pergunte para ele como ela morreu.”

Lasers passaram como hastes de ferro por eles. Por um segundo Finn não conseguia se mover; Então Keiro estava no chão, puxando para chão. Esparramado no chão sujo eles se rastejavam até a saída. O corredor estava surgindo uma grade de energia, eficiente para restaurar a ordem em Incarceron, fechando grades e portas, emitindo um gás amarelo com um cheiro nocivo nos túneis fechados.

“Onde ele está?”

“Ali.” Finn viu Gildas cambaleando sobre os corpos, ele estava trazendo o cão-escravo, suas correntes balançando e guiando ele. Arrancando a espada de Keiro, Finn puxou a criatura até ele e cortou a algemas enferrujadas. As laminas afiada se separam imediatamente. Ele olhou e viu olhos castanhos brilhando nos traços irregulares naquele rosto.

“Deixe-o! Está doente.” Keiro passou pelos ombros dele, e desviou de uma chama de fogo que atingiu o telhado e pulou para escada. Em segundos ele

estava correndo para a escuridão da saída.

“Ele está certo,” Gildas disse pesadamente. “Isso irá nos atrasar.”

Finn hesitou. No tumulto e no alarme eclodindo e metais caindo ele olhou para trás e os olhos de um escravo leproso o observavam. Mas era os olhos de Maestra que ele viu, a voz dela apareceu dentro da mente dele.

Eu nunca irei ousar mostrar novamente bondade há um estranho novamente.

Instantaneamente ele parou, e puxou a criatura para as costas dele e escalou. Keiro era ruído acima, e Gildas um chiado irritante embaixo. Enquanto ele se arrastava nos degraus, Finn estava sem fôlego com o peso nas costas, a criatura apertava forte as patas, as unhas no estomago dele.

Ele diminuiu depois de trinta degraus e teve que parar, sem ar, com os braços como chumbo. Ele se segurou, ofegante.

Na orelha dele, uma voz sussurrou, “Me solte. Eu consigo escalar.”

Atônito, ele sentiu a criatura descer dele, escorregando na escada e engatinhar para cima no escuro. Mais atrás, Gildas bateu o pé. “Vamos! Rápido!”

Poeira subia até a saída e o sinistro sussurro do gás. Ele se puxava mais rápido agora, mais e mais até os músculos de suas panturrilhas e coxas estivessem fracas, seus ombros doloridos com mau jeito de subir e de aguentar o próprio peso.

E sem nenhum aviso ele estava em um espaço vasto, metade declinando em uma área transitória, Keiro o puxou, e ambos puxaram Gildas para cima, e sem falas, olharam para baixo. Feixes de luz passavam afastados dele. Alarme vermelho soou, restos do gás fizeram Finn tossir. Com olhos embasados eles viram um painel deslizando dos dois lados da saída, á selando como um estrondo.

E então silêncio.

***

Eles não falaram. Gildas pegou a mão da criatura e Finn cambaleou com Keiro para trás, por que agora a subida e a luta estavam pegando o seu pagamento, e Keiro estava de repente exausto, seus cortes eixando uma trilha denunciadora de sangue no caminho metálico. Eles se apressavam sem parar no labirinto de túneis, passando nas portas com as marcas de Civicry, entradas

barradas, se apertando em pontes levadiças, com praças inúteis. E sempre estavam escutando, por que se Civicry os encontrasse, eles não teriam chance. Finn se encontrou suando frio a cada passagem que passavam, cada som distante, ou sussurros ecoando, vendo coisas em cada sombra e um besouro se movendo em pequenos círculos sem fim pela câmera.

Depois de uma hora, mancando e cansados, Gildas os levou em um corredor que depois se tornou em uma galeria inclinada iluminada por fileiras de Olhos atentos, na parte superior, mas para frente no escuro, ele parou e deslizou contra uma pequena porta trancada.

Finn ajudou Keiro a sentar e ele desmoronou ao lado dele. A criatura estava amontoada no chão.

Apenas por um momento o espaço estava com respirações dolorosas.

Então Gildas se levantou.

“A Chave,” ele resmungou. “Antes que eles nos achem.” Finn a pegou. Havia apenas uma única abertura na porta, hexagonal, cercados com pequenos quartzos. Ele colocou a chave na fechadura e a virou.

Quanto ao pobre Caspar, eu tenho dó daqueles que terão que suportá-lo. Mas você é ambicioso e estamos ligados agora. Sua filha será Rainha e meu filho Rei. O preço está pago. Se você falhar comigo, sabe o que irei fazer.

— Rainha Sia para o Diretor de Incarceron; carta privada.

“Por que aqui?” Claudia estava arrastando-se atrás dele, entre os arbustos.

“Obviamente,” Jared murmurou, “por que ninguém consegue encontrar o caminho certo.”

Tampouco ela podia. O labirinto de teixos era antigo e complexo, e os densos arbustos impenetráveis. Uma vez quando ela era pequena, ela havia se perdido aqui em um longo dia de verão, vagando e soluçando de raiva, e a enfermeira e Ralph haviam organizado buscas e quando estavam quase histéricos de pânico a acharam dormindo embaixo do astrolábio na clareira central. Ela não lembrava como havia chegado lá, mas às vezes agora, na beirada do sonho dela, o calor sonolento volta para ela, as abelhas, o sol contra a esfera de metal.

“Claudia. Você perdeu a curva.”

Ela retrocedeu, e encontrou-o esperando, pacientemente. “Desculpe. Estava a milhas daqui.”

Jared conhecia bem o caminho. O labirinto era um dos lugares favoritos dele, ele vinha aqui para ler, estudar e testar discretamente vários dispositivos proibidos. Hoje isto era pacífico depois do frenético pacote e do pânico na casa. Seguindo a linha ceifada do caminho após a sombra dele, Claudia respirava o aroma das rosas, manejando a Chave no bolso dela.

Estava um dia perfeito, não tão quente, algumas delicadas nuvens. Um banho de chuva estava previsto para as três e quinze, mas eles já deveriam ter terminando até lá.

Então ela virou em um canto e entrou na clareira central. Ela olhou em volta surpresa.

“É menor do que eu me lembrava.”

Jared levantou uma sobrancelha. “As coisas sempre são.”

O astrolábio era de cobre azul esverdeado e aparentemente decorativo, ao lado em ferro enferrujado o assento tombando elegantemente dentro da grama, um arbusto de rosas vermelho sangue circulando por trás. Margaridas salpicando na grama.

Claudia sentou, em cima dos joelhos dela por cima do vestido de seda. “Bem?”

Jared colocou o scanner dele ao lado. “Parece seguro.” Ele se virou e sentou-se no banco, inclinando-se para frente, suas mãos frágeis nervosamente dobradas juntas. “Então, me conte.”

Ela repetiu a conversa de Evian rapidamente, e ele ouviu, franzindo as sobrancelhas. Então quando ela finalmente terminou, disse, “Isso pode ser uma armadilha, claro.”

“Possivelmente.”

Ela o observou. "O que você sabe sobre esses Lobos de Ferro? Por que ninguém me disse nada?"

Ele não havia olhado para cima, e isto era um mau sinal, ela sentiu um arrepio de medo passar pela sua espinha.

Então ele disse, “Eu já ouvi falar sobre eles. Houve rumores, mas ninguém tem certeza sobre quem está envolvido, ou quão real essa conspiração é. No último ano um dispositivo explosivo foi encontrado na sala em que a Rainha era esperada. Nada de novo até ai, mas um pequeno emblema foi encontrado

também, preso no pegador da janela, um pequeno lobo de metal.” Ele observava uma joaninha escalando uma folha de grama. “O que você vai fazer?”

“Nada. Ainda.” Ela pegou a Chave e a segurou entre as duas mãos, deixando a luz do sol atingir suas facetas. "Eu não sou uma assassina."

Ele assentiu, mas parecia preocupado, olhando fixamente para o cristal.

“Mestre?”

“Alguma coisa está acontecendo.” Absorto, ele estendeu a mão para a chave e a pegou dela.

“Olhe para isto, Claudia.”

As pequenas luzes voltaram, agora em um movimento intenso, e rápido, repetindo um padrão.

Jared colocou rapidamente o artefato no banco. “Está ficando quente.”

Não era só isso, havia sons saindo disto. Ela aproximou sua face para mais perto, ouvindo um ruído e um sussurro de notas musicais.

Então a chave falou.

“Nada está acontecendo,” a Chave disse.

Claudia arfou e se afastou, com os olhos arregalados ela encarou Jared. “Você...?”

“Quieta. Escute!”

Outra voz, mais velha, grossa, “Olhe mais perto, garoto tolo. Há luzes dentro disto.”

Claudia ajoelhou-se, fascinada. Jared deslizou delicadamente e silenciosamente os dedos no bolso dele. Ele pegou o scanner e colou do lado da Chave, gravando.

A Chave chiou, um som suave. A primeira voz veio de novo, estranhamente distante e excitada.

“Está aberta. Volte!”

Então um som saiu do artefato, um som pesado, sinistro e oco, então levou um momento para ela registrar isto, e reconhecer o que era.

Uma Porta. Destrancando.

Uma pesada, porta metálica, possivelmente antiga, por causa do barulho de suas dobradiças, e então houve um ruído e uma batida, como se alguma ferrugem caísse, ou escombros da viga da porta estremecessem.

Então silêncio.

As luzes da Chave reverteram-se, mudando para o verde, e acabaram. Apenas as gralhas nos olmos pelo fosso crocitaram. Um Merlo pousou na roseira e dando leve pancadas com a cauda.

“Bom,” Jared disse suavemente.

Ele ajustou o scanner e o passou por toda a Chave de novo. Claudia estendeu a mão e tocou no cristal. Estava fria. “O que aconteceu? Quem são eles?”

Jared virou o scanner e mostrou para ela. “Esse é um fragmento da conversa. Em tempo real. Um link de uma linha de um telefone que abriu e fechou bem rapidamente. Se foi você que acionou isso ou eles eu não tenho certeza.”

“Eles não sabem que nós estávamos ouvindo.”

“Aparentemente não.”

“Um deles disse, ‘Há luzes dentro disso’.”

Os olhos escuros do Sapiente encontraram com os dela. “Você está pensando que talvez eles tenham um dispositivo similar a esse?"

“Sim!” Ela levantou-se rapidamente, excitada demais para ficar sentada, e o Merlo voou para longe em alarde. “Escute, Mestre, como você disse, isto não é apenas a chave de Incarceron.

Talvez isto também seja um dispositivo para comunicação!”

“Com a Prisão?”

“Com os reclusos.”

“Claudia...”

“Pense sobre isto! Ninguém pode ir para lá. Que outra maneira ele pode monitorar o Experimento? Saber o que está acontecendo?”

Ele assentiu, com cabelo dele cobrindo os olhos. “Isso é possível.”

“Mas…” Ela franziu o cenho, dando nós nos dedos. Então ela se virou para ele.

“Eles soavam errado.”

“Você precisa ser mais precisa na sua fala, Claudia. Como errado?”

Ela procurou pela palavra certa. E quando veio, ela se surpreendeu. “Eles soavam assustados.”

Jared considerou. “Sim... Eles pareciam.”

“E do que eles teriam medo? Não há nada do que sentir medo em um mundo perfeito, há?”

Hesitante, ele disse, “Nós poderíamos ter escutado alguma forma de drama. Uma tele difusão.”

“Mas se eles têm isto... Peças, filmes, então eles tem que saber sobre perigos, riscos e terror. Isso é possível? Você pode ter isto em um mundo que é perfeito? Será que eles até mesmo conseguiriam criar tais histórias?”

O Sapiente sorriu. “Esse é um ponto que nós poderíamos debater, Claudia.

Algumas pessoas podem dizer que seu próprio mundo é perfeito, e ainda assim sabem o que são essas coisas.”

Ela faz uma carranca. “Tudo certo então. Há mais uma coisa também.” Ela estendeu o braço com uma asa longa de uma águia. “Isto funciona só para ouvi-los? Ou nós conseguimos usá-la para falar com eles?”

Ele suspirou. “Mesmo que nós conseguíssemos, nós não deveríamos. As condições de Incarceron são extremamente controladas, tudo está cuidadosamente calculado. Se nós acrescentarmos variáveis, se nós abrirmos um pequeno buraco na fechadura, nós podemos arruinar tudo. Nós não podemos admitir germes no Paraíso, Claudia.”

Claudia virou-se. "Sim, mas..."

Ela congelou.

Atrás de Jared, entre as lacunas dos arbustos, seu pai estava parado. Ele estava olhando para ela.

Por um momento o coração dela saltou com o terrível choque, então ela deixou o sorriso praticado deslizar graciosamente por toda sua face. Sir!

Jared enrijeceu. A chave estava no banco, ele deslizou a mão dele, mas ela estava fora de alcance.

“Eu estive procurando vocês dois por todo lugar.” A voz do Diretor estava suave, o casaco de veludo escuro era sem sentido no centro iluminado da

clareira. Jared olhou para Claudia, pálido.

Se ele visse a Chave...

O Diretor sorriu calmamente. “Eu tenho algumas novidades, Claudia. O Conde de Steen já chegou.

Seu noivo está procurando por você.”

Por um momento frio ela o encarou. Então ela levantou, vagarosamente.

“Lorde Evian está o entretendo, mas só irá entediá-lo. Você poderia, por favor, minha querida?”

Ele veio pegar na mão dela, e ela queria se afastar para o lado para poder esconder o brilho do cristal dele, mas não podia se mexer. Então Jared deu um murmúrio e caiu levemente para frente de modo brusco.

“Mestre?” Alarmada, ela quebrou o aperto de seu pai. “Você está com dor?”

A voz de Jared estava áspera. “Eu… Não… Apenas um mal estar, por um momento. Nada para se preocupar.”

Ela o ajudou a se levantar. O Diretor parou perto deles, sua face em uma máscara de interesse.

Ele disse, “Eu tenho medo de que você esteja exagerando ultimamente, Jared.

Ficar sentando aqui no sol não é bom para você. E muito estudo, até altas horas da noite.”

Jared levantou tremulo. “Sim. Obrigado, Claudia. Eu estou bem agora. Sério.”

“Você deveria ter um pouco de descanso,” ela disse.

“Eu irei. Eu vou para a minha torre, eu acho. Com licença, senhor.”

Ele cambaleou para frente. Por um terrível segundo Claudia pensou que o pai dela não iria se mover, ele e Jared ficaram cara-a-cara. Então o Diretor recuou para trás, o sorriso dele era irônico.

“Se você quiser que mandemos a ceia para cima, nós iremos nos ocupar disso”

Jared apenas assentiu.

Claudia assistiu seu tutor andar cuidadosamente entre os arbustos de teixo.

Ela não ousou olhar para o banco, mas ela sabia que ele estaria vazio.

O Diretor veio e sentou, esticando suas pernas e cruzando-as nos tornozelos. “Um homem notável, o Sapiente.”

Ela disse. “Sim. Como você chegou aqui?”

Ele riu. “Oh Claudia, eu desenhei este labirinto antes de você nascer. Ninguém conhece os segredos dele como eu, nem mesmo o seu precioso Jared.” Ele se virou, colocando um braço atrás do banco. Calmamente ele disse, “Eu penso que você fez algo para me desobedeceu, Claudia.”

Ela engoliu seco. “Eu fiz?”

O pai dela assentiu gravemente. Os olhos deles se encontraram.

Ele estava fazendo o que ele sempre fazia, testando ela, jogando com ela. De repente ela não poderia aguentar mais, as conspirações, os jogos estúpidos. Ela levantou furiosa.

“Está certo então! Eu invadi seu escritório.” Ela o encarou, o rosto dela estava vermelho de raiva.

“Você sabe disso, desde que você passou lá, então por que nós estamos fingindo! Eu queria saber como era por dentro, já que você nunca me deixou entrar. Então eu o invadi.

Me desculpa, ok? Me desculpa!”

Ele a encarou. Ele ficou mexido? Ela não conseguia dizer. Mas ela estava tremendo, toda raiva e medo reprimidos por anos explodiram para fora, a raiva do modo que ele faz da vida dela tão falsa, e a da Jared também. Ele levantou a mão de forma hesitante.

“Claudia, por favor! Claro que eu sabia. Eu não estou bravo. Na verdade, eu admiro sua engenhosidade Isso será útil na sua vida no Palácio.”

Ela o encarou. Por um momento ele estava surpreso. Mais do que isso. Espantado.

E ela não havia mencionado a Chave.

A brisa atingiu a roseira, trazendo uma lufada do seu inebriante aroma, uma surpresa silenciosa que ele havia revelado demais. Quando ele falou novamente sua voz estava no tom ácido normal.

“Eu espero que você e Jared tenham aproveitado o desafio.”

Ele levantou abruptamente. “O Conde está esperando.”

Ela fez uma careta. “Eu não quero vê-lo.”

“Você não tem escolha.” Ele curvou-se e andou para frente em direção aos intervalos nos arbustos, e ela virou-se e fitou as costas dele. Então ela disse, “Por que não há fotos da minha mãe em casa?”

Ela não tinha ideia do que ela estava dizendo. Isso saiu bem áspero o que é contrário de sua voz.

Ele parou de repente.

O coração dela estava acelerado, ela estava horrorizada consigo mesma. Ela não queria que ele virasse, para responder, ela não queria ver a face dele. Por que se ele mostrasse fraqueza, ela ficaria apavorada. Ela odiava a sua postura controlada, mas se isso quebrasse, ela não fazia a menor ideia do que haveria por dentro.

Mas ele falou sem se virar. "Não vá tão longe, Claudia. Não teste minha paciência."

***

Quando ele foi embora, ela se encontrou sentada no banco encolhida, os músculos de suas costas e ombros tensos, suas mãos apertas na sua saia de seda. Ela se obrigou respirar fundo uma vez.

E então mais uma.

Os lábios dela estavam salgados por causa do suor.

Por que ela perguntou isto a ele? De onde isso veio? Sua mãe era alguém que ela nunca havia pensado, nem mesmo imaginado. Era como se ela nunca tivesse existido.

Mesmo quando ela era pequena, e via as outras garotas da Corte com suas mães agitadas, ela nunca tinha curiosidade sobre a sua própria mãe.

Ela roeu suas pequenas unhas dos dedos. Isso havia sido um erro terrível. Ela nunca, nunca devia ter dito isso.

“Claudia!”

Uma forte, exigente voz. Ela fechou os olhos dela.

“Claudia, não é bom ficar perdido em todos esses arbustos.” Galhos mexiam-se e quebravam.

“Fale comigo! Eu não consigo achar o caminho certo!”

Ela suspirou. “Então você finalmente chegou. E como vai meu futuro marido?”

“Quente e irritado. Não que você ligue. Olha, há cinco caminhos neste ponto de encontro, qual deles eu pego?”

A voz dele estava perto; ela podia sentir o cheiro da cara colônia que ele usava. Não encharcado, como a de Evian, mas apenas o suficiente. “O que parece menos provável,” ela disse. “Em direção a casa.” O murmúrio irritado se tornou mais distante. “Como nosso noivado, como muitos diriam.

Claudia me tire daqui!”

Ela fez uma careta. Ele era pior do que ela se lembrava.

O teixo se debateu e estalou.

Ela se levantou rápido, tirando a poeira do seu vestido, esperando que o seu rosto não estivesse tão pálido quanto ela sentia. A sua esquerda o arbusto estremeceu. Uma espada veio e cortou fazendo uma abertura, o grande e silencioso guarda-costas dele, Fax, a atravessou, olhando rapidamente ao redor e então abrindo mais os ramos. Através deles surgiu um rapaz magro, com a boca amarga de insatisfação. Ele olhou irritado para ela.

“Olhe minhas roupas, Claudia. Elas estão arruinadas. Totalmente arruinadas.”

Ele a beijou com frieza em uma das bochechas. “Qualquer um pensaria que você está me evitando.”

“Então foi expulso,” ela disse calmamente.

“Eu fui embora.” Ele deu os ombros. “Muito entediante. Minha mãe mandou isso para você”

Era uma carta, em um grosso papel branco, selado com a rosa branca da rainha.

Claudia o abriu e leu.

Minha querida,

Você já deve ter ouvido as boas notícias que seu casamento é iminente. Depois de esperar todos esses anos, eu tenho certeza que você está tão excitada quanto eu! Caspar insistiu em escoltar você aqui - tão romântico. Que lindo casal

vocês irão ser. De agora em diante, minha querida você pode pensar em mim como sua amada mãe.

Sia Regina.

Claudia a dobrou. “Você insistiu?”

“Não. Ela me enviou.” Ele chutou o astrolábio. “O quão tedioso será se casar, Claudia. Você não acha?” Ela assentiu, em silencio.

A degradação foi gradual e nós fomos lentos em reconhecê-la. Então, um dia, eu estava conversando com a Prisão, e quando saía da sala, a ouvi rir. Uma risada baixa, zombeteira.

O som me congelou. Eu parei no corredor e o pensamento veio a mim de uma imagem antiga que eu havia visto uma vez em um manuscrito fragmentado, da enorme boca do Inferno devorando pecadores.

Foi quando descobri que havíamos criado um demônio que iria nos destruir.

—Diário de Lorde Calliston

O som do destrancar era doloroso, como se a Prisão estivesse suspirando. Como se essa porta não tivesse sido aberta por séculos. Mas nenhum alarme tocou. Talvez por que Incarceron soubesse que nenhuma porta os levaria para fora.

Gildas se afastou com o aviso de Finn, pedaços de destroços e uma chuva de ferrugem vermelha retiniram. A porta sacudiu, e então parou.

Por um momento eles esperaram, por que a fina brecha era escura e fria, estranhos aromas doces surgiam de longe. Então Finn chutou os escombros para o lado e colocou seu ombro na porta. Ele chutou, e empurrou até estar preso de novo. Mas agora havia um cômodo para se passar.

Gildas o cutucou. “Dê uma olhada. Seja cuidadoso.”

Finn olhou para trás de relance para Keiro, sentado derrotado e esgotado. Ele puxou sua espada e a passou por dentro da abertura.

Estava frio. Sua respiração estava congelante. O chão era irregular, era um declive.

Enquanto ele dava alguns passos um estranho material metálico roçou os tornozelos dele, colocando uma mão para baixo ele sentiu algo como uma

plantação de coisas rígidas, frias e úmidas, espetando as pontas dos dedos dele. Enquanto isso os olhos dele gradualmente se acostumavam com a escuridão, e ele achava que estava em um hall inclinado com colunas, pilares altos e pretos com rosas os envolvendo. Tateando o mais próximo, ele sentiu através de suas mãos, intrigado. Era muito gelado e parecia sólida, mas nada suave.

Uma massa de fissuras e rachaduras interligando-se, nós e saliências que variavam de tamanho, galhos de uma estrutura intrincada.

“Finn?”

Gildas estava na sombra próximo à porta.

“Espere.” Finn estava ouvindo. A brisa moveu-se em uma diferente direção, fazendo com que um tilintar metálico fraco ressoasse por milhas. Depois de um momento ele disse, “Não há ninguém aqui. Pode passar.”

Alguns ruídos e agitações. Então Gildas disse, “Traga a Chave, Keiro. Nós precisamos fechar isto.”

“Se fizermos isso, iremos conseguir voltar?” Keiro soou cansado.

“O que há para voltar? Me dê uma mão.” Assim que o cão escravo passou pela porta, Finn e o homem velho empurram e forçaram a pequena porta de volta para sua moldura. Ela fez um pequeno barulho fechando.

Um farfalhar. Um ruído de raspar. Uma luz, regular, em uma lanterna.

“Alguém pode ver isto,” Keiro disse mordazmente.

Mas Finn disse, “Eu te disse. Nós estamos sozinhos.”

Enquanto Gildas segurava a lanterna para o alto, eles olharam em volta para os pilares agourentos que os cercavam. Finalmente Keiro disse, “O que é isso?”

Atrás dele, a criatura-cachorro agachou no chão. Finn olhou de relance para ele, e sabia que a criatura o olhava.

“Árvores de metal.” A luz capturava a barba trançada do Sapiente, havia um brilho de satisfação nos olhos dele. “A floresta onde as espécies são de aço, cobre e ferro, onde as folhas são finas como lâminas, onde os frutos crescem em ouro e prata.” Ele virou. “Há histórias, dos tempos antigos, sobre esse lugar. Maçãs de ouro são guardadas por monstros. Parece que elas são verdadeiras.”

O ar estava frio e silencioso. Isso dava uma sensação estranha de distância. Foi Keiro que perguntou o que Finn não tinha coragem.

“Nós estamos do Lado de Fora?”

Gildas bufou. “Você pensa que seria fácil assim? Agora sente antes que você desmorone.” Ele olhou de relance para Finn. “Eu irei cuidar dos ferimentos dele. Esse é um bom lugar para esperar pelo Acender das Luzes. Nós podemos descansar. Até mesmo comer.”

Mas Finn virou e encarou Keiro. Ele parecia com frio e doente, mas ele falou obstinado.

“Antes de nós irmos a qualquer lugar, eu quero saber o que Jormanric quis dizer.

Sobre a morte de Maestra.”

Houve um momento de silencio. Na luz fantasmagórica Keiro deu a Finn um olhar aborrecido e desmoronou exausto em farfalhar de folhas, puxando o cabelo com as mãos sujas de sangue.

“Pelo amor de Deus, Finn, você realmente acha que eu sei? Você o viu.

Ele estava acabado. Ele não deveria ter dito nada! Isto era apenas mentira. Esqueça isso.”

Finn olhou para baixo, para ele. Por um segundo ele queria insistir, perguntar de novo, para silenciar o medo insistente dentro dele, mas Gildas aliviou a tensão. “Se faça útil, encontre algo para comermos.”

Enquanto o Sapiente servia a água, Finn derrubou para fora alguns pacotes de carne seca e frutas da sua mochila e outra lanterna, a qual ele acedeu de primeira. Então ele pisou sobre as geladas folhas de metal amontoadas, colocando algumas cobertas sobre elas, e sentou. Nas sobras da floresta, além das poças de luz, pequenos farfalhares e sons mecânicos o perturbavam; ele tentava os ignorar. Keiro xingava viciosamente enquanto Gildas limpava os cortes dele, tirava a jaqueta e a camisa dele, e esfregava uma mistura de ervas com um cheiro nojento por toda a ferida que cruzava o seu peito.

Nas sombras o cachorro-escravo estava abaixado, quase imperceptível. Finn pegou um dos pacotes de comida e os abriu, colocando um pouco para fora.

“Pague isso,” ele sussurrou.

Uma mão maltrapilha, coberta de feridas, pegou a comida. Enquanto a criatura comia ele assistia, relembrando a voz que havia o respondido, uma baixa e urgente voz.

Agora ele sussurrou “Quem é você?”

“Essa coisa ainda está aqui?” com dor e irritado, Keiro puxou sua jaqueta de volta e a amarrou, carrancudo com os corte e lagrimas. Finn deu os ombros.

“Temos que despejá-lo.” Keiro sentou, devorando a carne, e olhando em volta procurando por mais. “Essa coisa está doente.”

“Você deve a essa coisa sua vida,” Gildas comentou.

Estressado, Keiro olhou para cima. “Eu não penso assim! Eu tinha Jormanrick onde eu queria.”

Seus olhos se viram para criatura, então eles dilataram com fúria e ele levantou rapidamente, caminhou até onde ela estava abaixada, e puxou dela algo escuro. “Isso é meu!”

Era a mochila dele. Uma túnica verde e punhal com joias se esparramaram. “Ladrão fedorento.”

Keiro se preparou para dar um chute na criatura; Ela se afastou. Então, para o espanto dele, ela disse em uma voz de garota. “Você deveria estar agradecido a mim por trazer isto.”

Gildas virou-se em seu calcanhar e encarou a sombra dos farrapos. Então ele apunhalou um dedo ossudo dela. “Se mostre,” ele disse.

A capa esfarrapada foi puxada para trás, as patas envolvidas em bandagens desenrolaram assim como as tiras cinza que a envolviam. Vagarosamente, da confusão de machucados, uma pequena figura emergiu, ela agachou em cima de seus joelhos, um cabelo escuro e sujo cortava o rosto, um rosto estreito vigilante, os olhos desconfiados. Ela estava com camadas de roupas amarradas e ligadas aos seus quadris e bustos. Enquanto ela tirava as tiras envoltas da mão dela, Finn deu passos para trás enjoado com as feridas abertas e a carne viva exposta. Até que Gildas bufou, “Falso.”

Ele caminhou para frente. “Não me admira que você não me queria por perto.”

Na penumbra da floresta de metal o cão-escravo se tornou uma pequena e magra garota, os engenhosos cortes eram uma bagunça de cores. Ela ficou de pé vagarosamente, como se ela quase houvesse se esquecido de como se fazia isso. Então ela se esticou e gemeu. As extremidades da corrente em volta do pescoço dela moviam-se ruidosamente.

Keiro riu asperamente. “Ora, ora. Jormanric era mais engenhoso do que eu pensava.”

“Ele não sabia.” A garota olhou para ele com ousadia. “Nenhum deles sabiam.

Quando me pegaram eu estava com um grupo, uma mulher velha havia morrido naquela noite.

Eu roubei esses trapos do corpo dela e fiz estes cortes com ferrugem, esfreguei sujeira em mim inteira, e cortei meu cabelo. Eu sabia eu tinha que ser inteligente, muito inteligente, para me manter viva.”

Ela parecia assustada, e desafiadora. Era difícil dizer a idade dela, o trágico corte de cabelo a fazia parecer uma criança magricela, mas Finn supunha que ela não devia ser muito mais nova do que ele.

Ele disse. “Isto não parece ter sido uma ideia tão boa no final.”

Ela encolheu os ombros. “Eu não sabia que eu ia terminar como escrava dele.”

“E comendo os restos da comida dele?”

Ela riu então, parecendo amarga. “Ele comia bem. Isso me mantinha viva.”

Finn olhou para Keiro. O companheiro dele olhava a garota, então ele se virou e se enrolou na coberta. “Nós a despejamos pela manhã.”

“Isto não cabe a você” A voz dela era baixa mais firme. “Eu sirvo o Vidente das Estrelas agora.”

Keiro rolou e encarou. Finn disse, “Eu?”

“Você me trouxe para fora daquele lugar. Ninguém mais havia feito isso. Deixa-me, e eu irei seguir você. Como um cachorro.” Ela deu um passo para frente. “Eu quero Escapar. Eu quero encontrar os de fora, se eles existirem. E eles disseram na sala do hall que você vê estrelas em seu sonho, que Sapphique fala com você. Que a Prisão irá mostrar para você como sai porque você é seu filho.”

Ele a encarou com espanto. Gildas balançou a cabeça. Ele olhou para Finn e Finn olhou para ele de volta.

“Depende de você,” o velho homem murmurou.

Ele não tinha ideia do que fazer, então ele limpou a garganta e disse para a

garota, “Qual é o seu nome?”

“Attia.”

“Bem, olha Attia, eu não quero uma serva. Mas… Você pode vir conosco.”

“Ela não tem comida. Isso significa que nós temos que alimentar ela,” Keiro disse.

“Nem você” Finn cutucou os pacotes de roupas. “Ou eu, agora.”

“Então ela compartilhará a caça com você, irmão. Não comigo.”

Gildas encostou as costas em uma das arvores de metal. “Vamos dormir,” ele disse.

“Nós discutiremos isso quando as luzes vierem. Mas alguém precisa ficar de vigia, então você pode ser a primeira, garota.”

Ela assentiu, e enquanto Finn se enrolava inquieto nos cobertores, ele a viu deslizando nas sombras e desaparecendo.

Keiro bocejou como um gato. “Ela provavelmente irá cortar nossas gargantas,” ele murmurou.

***

Claudia disse, “Eu disse boa noite, Alys,” ela via pelo espelho de sua penteadeira enquanto sua ama mexia a seda espalha no chão.

“Olhe para isso, Claudia, está arruinada com a terra…”

“Coloque tudo isto em uma máquina de lavar. Eu sei que você tem uma em algum lugar.”

Alys deu a ela um olhar penetrante. As duas sabia que a interminável forma arcaica de lavagem, bater e engomar as roupas era tão desgastante, que os empregados haviam secretamente abandonado o Protocolo há muito tempo atrás. Provavelmente o mesmo aconteceu com a Corte, Claudia pensou.

Assim que a porta fechou ela pulou e foi até ela e a trancou, virando a chave de ferro forjada e acionando todos os sistemas de segurança. Então ela encostou as costas dela contra a porta e considerou.

Jared não apareceu para ceia. Isto não queria dizer nada. Ele deveria querer manter o pretexto, e ele odiava a estupidez do Conde. Por um momento ela considerou se ele estava mesmo se sentindo mal, e ela pensou se ela deveria ligar para ele, mas ele disse para apenas usar o dispositivo em caso de emergência,

principalmente na casa do Diretor.

Ela colocou o cinto no roupão dela e pulou na cama, tateando o dossel preso nos quatro postes.

Não lá.

A casa estava quieta agora. Caspar havia falado e bebido durante toda a ceia, quatorze fatias de peixe e pássaros, capões e cisnes, enguias e guloseimas. Ele havia falado alto e de modo irritante, sobre torneis, o novo cavalo dele, o castelo que ele havia construído na costa, as quantias que ele havia perdido no jogo. Sua nova paixão parecia ser caçar Javali, ou pelo menos ficar bem afastado enquanto seus servos amarravam um ferido para ele matar. Ele havia descrito sua lança, as mortes que ele causou e as cabeças que enfeitavam os corredores da Corte. E todo tempo ele bebia e reenchia o copo e sua voz aumentava cada vez mais, mais irritadiça e arrastada.

Ela havia ouvido tudo isto com um sorriso e está conversa desnecessária com ele como o usual, fazendo perguntas afiadas que ele não entendia. E o tempo todo o pai dela estava sentado do lado oposto, brincando com a haste do copo de vinho dele, virando ela na toalha branca entre os dedos dele, olhando para ela. Agora ela pulou para baixo, foi para a penteadeira e procurou em todas as gavetas. Ela pensou com um olhar frio como ela apreciava estar sentada aqui, em comparação ao idiota que ela teria que se casar.

Não estava em nenhuma das gavetas.

De repente gelada, ela foi até a janela e a destrancou, deixando-a balançando aberta, se enrolando miseravelmente nas almofadas no assento da janela. Se ele a amava, como ele podia fazer isso com ela? Ele não conseguia ver o quão miserável eles iam ser?

A noite de verão estava quente e cheirava docemente a uma mistura de madressilva e dos arbustos de rosas almiscaras que ficavam ao redor do fosso. Além dos campos os sinos da igreja Hornsely suavemente tocavam às doze badaladas. Ela observava enquanto uma mariposa flutuava de maneira imprudente em volta das chamas da vela, fazendo uma sombra enorme no teto por um momento.

Havia algo novo nas beiradas do sorriso dele? O quão aquela estúpida pergunta-desabafo sobre a sua mãe havia aumentado os riscos?

Sua mãe havia morrido. Isto era o que Alys havia dito, mas Alys ainda não trabalhava aqui, nem nenhum dos outros servos exceto Medlicote, o secretário

do seu pai, um homem que ela raramente falava. Mas talvez ela devesse. Porque essa questão foi como uma faca, através da armadura estudada do Diretor de sorrisos sérios e frieza decorada do Período. Ela havia esfaqueado ele e ele havia sentindo.

Ela sorriu, o rosto dela quente.

Isto nunca tinha acontecido antes.

Poderia ter alguma coisa estranha sobre a morte da mãe dela? A doença era grave, mas para os ricos, drogas podiam ser encontradas. Medicamentos modernos para essa Era.

O pai dela era severo, mas se ele realmente amasse sua esposa ele faria qualquer coisa, mesmo que ilegal, para salvar ela. Ele poderia ter sacrificado sua própria esposa por causa do Protocolo?

Ou será que era algo pior do que isso?

A mariposa moveu-se rapidamente para o teto. Inclinando para frente ela olhou para fora da janela para o céu.

As estrelas do verão estavam brilhando. Elas iluminavam o telhado e o frontão da mansão com um brilho fraco, refletindo o preto e prata na ondulação do fosso.

Seu pai estava envolvido na morte de Giles. Ele poderia ter matado antes?

Um toque na bochecha dela a fez pular. As asas da mariposa pinicaram ela, sussurrando, “no assento da janela” e foi embora, flutuando em direção a fraca luz na torre de Jared.

Claudia sorriu.

Ela empurrou-se para cima, apalpando debaixo das almofadas, e tocou algo frio na barda de cristal. Cuidadosamente ela a puxou para fora.

A chave pegou a luz das estrelas e segurou isso. Ela parecia brilhar com uma pequena luminescência, e a águia dentro dela tinha um pequeno brilho em seu bico.

Jared devia a ter trazido enquanto todo mundo estava na ceia.

Ela apagou as velas e fechou a janela por precaução. Puxando a pesada coberta da cama dela, se enrolando e apoiando a chave nos joelhos dela. Então ela a tocou, esfregou e soprou.

“Fale comigo,” ela disse.

***

Finn estava com tanto frio que ele mal tinha energia para tremer.

A floresta de metal estava totalmente escura; a lanterna jogou apenas uma pequena piscina de luz em Keiro com a mão estendida, na bagunça que era Gildas. A garota estava nas sombras em baixo da árvore; Ela estava muito quieta e ele se perguntou se ela estava mesmo dormindo.

Ele estendeu cuidadosamente a mão para a mochila de Keiro. Ele queria colocar uma das engraçadas jaquetas do irmão de juramento sobre a sua. Duas, talvez, e se eles se separassem de Keiro ele poderia colocar isto.

Puxando a mochila para perto, ele colocou a mão dentro, e tocou a chave.

Ela estava quente.

Ele a levantou suavemente, e apertou bem, aquele calor trouxe conforto para os dedos apertados dele. Baixo ela disse, “Fale comigo.”

De olhos arregalados, Finn olhou para os outros.

Ninguém se moveu.

Cuidadosamente, ele levantou, o cinto rangeu silenciosamente, ele ficou de pé e virou. Ele conseguiu dar três passou antes do farfalhar das folhas de metal fizessem com que Keiro murmurasse e se virasse.

Atrás da árvore, Finn congelou.

Ele trouxesse a chave para a orelha dele. Ela estava em silencio, a tocou, em todos os lugares, apertou-a. Então ele sussurrou para ela, “Sapphique. Lorde Sapphique. É você?”

Claudia ofegou.

A resposta veio tão clara. Ela olhou em volta procurando algo para gravar isso, ela não viu nada e amaldiçoou. Então ela disse, “Não! Não. Meu nome é Claudia. Quem é você?”

“Quieta! Eles irão acordar.”

“Quem irá?”

Houve uma pausa. Então ele disse, “Meus amigos.” Ele soou sem ar, estranhamente apavorado.

“Quem é você?” ela disse. “Onde você está? Você é um Prisioneiro? Você está em Incarceron?”

Ele empurrou a cabeça dele para trás e encarou a Chave com descrença.

Havia uma pequena luz azul no centro dela; ele se inclinou mais perto até a luz tocar a pele dele.

“Claro que eu sou. Você quer dizer... Você é.. Do Lado de Fora?”

Ela estava em silêncio. Durou tanto tempo que ele pensou que a ligação havia quebrada; ele disse apressadamente. “Você me ouviu?” e ao mesmo tempo a garota disse.

“Você ainda está ai?” em uma estranha colisão.

Então ela disse, “Desculpa. Eu não deveria estar falando com você. Jared me alertou sobre isso.”

“Jared?”

“Meu tutor.”

Ele balançou a cabeça dele, e a respiração dele embaçou o cristal.

“Mas olha,” ela disse, “é tarde demais agora e eu não posso acreditar que algumas palavras podem causa algum risco a uma experiência de séculos de idade, você acha?”

Ele não fazia ideia sobre o que ela estava falando. “Você é uma de Fora não é? Os Fora existem?

As estrelas estão ai, não estão?”

Ele estava estaria arrasado se ela não respondesse, mas depois de um momento ela disse, “Sim.

Eu estou olhando para elas.”

Ele soltou o ar com espanto; o cristal nivelou a temperatura instantaneamente com frio.

“Você não me disse seu nome,” ela disse.

"Finn. Apenas Finn."

Silêncio. Uma autoconsciência de quietude, a chave estava desajeitada em suas mãos. Havia tanta coisa que ele queria perguntar, saber, ele não sabia por onde começar. E então ela disse, “Por onde você está falando comigo, Finn? É

uma chave de cristal, como um holograma de águia dentro?”

Ele engoliu seco. “Sim. Uma Chave.”

Um farfalhar, atrás dele. Ele olhou entre as arvores, viu Gildas dar um ronco e grunhir.

“Então cada um de nós temos uma réplica do mesmo dispositivo.” Ela disse rapidamente, pensativa, como se ela usualmente resolvesse problemas, trabalhasse para achar soluções; uma voz clara fez com que ele de repente se lembrasse, com uma pitada de dor, das velas. As sete velas em um bolo.

Neste momento, com sua rudeza habitual, as luzes de Incarceron vieram.

Ele arquejou. Viu que ele estava em um lugar coberto de cobre, ouro e laranja-marrom em uma vermelhidão. A floresta se estendia por milhas, inclinando-se para baixo, em uma grande oscilação, uma paisagem ondulante. Ele olhava para isso atônito.

“O que foi isso? O que aconteceu? Finn?”

“As luzes acenderam. Eu… Eu estou em um lugar novo, uma diferente área. Uma floresta de metal.”

Ela disse estranhamente. “Eu tenho inveja de você. Isto deve ser fascinante.”

“Finn?” Gildas estava de pé, procurando em volta. Por um momento ele pensou em chamá-lo, mas então mudou de ideia. Isto era o segredo dele. Ele precisava mantê-lo.

“Eu preciso ir,” ele disse apressado. “Eu irei tentar falar com você de novo... Agora que nós sabemos... Isso, se você quiser. Mas você precisa,” ele adicionou urgentemente.

“Você precisa me ajudar.”

A resposta da garota o surpreendeu. “Como eu posso ajudar você? O que pode estar errado em um mundo perfeito?”

O aperto de Finn aumentava enquanto a luz azul desaparecia. Desesperado ele sussurrou, “Por favor. Você precisa me ajudar a Escapar.”

Paredes têm ouvidos.

Portas têm olhos.

Árvores têm vozes.

Bestas contam mentiras.

Cuidado com a chuva.

Cuidado com a neve

Cuidado com o homem

Que você acha que conhece.

—Canções de Sapphique

A voz de Finn. Enquanto ela puxava as luvas e flexionava o florete, sua voz sussurrou de novo dentro da máscara.

Você tem de me ajudar a Escapar...

“En garde, por favor, Claudia.” O espadachim era um pequeno homem grisalho que suava abundantemente. Sua espada cruzou com a dela; ele deu sinais com pequenos e precisos movimentos de um esgrimista habilidoso. Automaticamente ela respondeu, praticando ataques, a defesa seis, defesa sete, defesa oito—como se ela fizesse isto desde que ela tinha seis anos.

Tinha algo de familiar sobre a voz do garoto. Dentro da escuridão quente da máscara ela mordeu seus lábios, atacou, tomou guarda, revidou, acertando a jaqueta acolchoada do maestro com um ruído surdo.

O sotaque, as vogais levemente lentas. Era como eles falavam na corte.

“Finta de ataque direto, descansar, por favor.”

Ela obedeceu, com calor, a luva já estava amolecida com suor, o florete chicoteando, os pequenos cliques do reconfortante exercício que lhe era familiar, o controle da espada forçando sua mente a rapidez.

Você tem de me ajudar a Escapar.

Medo. Medo no sussurro, de ser ouvido, de dizer o que ele disse. E a palavra Escapar como uma coisa sagrada, proibida, cheio de medo.

“Quarto contra ataque, por favor, Claudia. E mantenha sua mão alta.”

Ela desviou distraidamente, as lâminas dos floretes deslizando além de seu corpo.

Atrás do maestro Lorde Evian saiu da porta principal dentro do pátio e parou em cima dos degraus, pegando rapé. Ele a observou, elegantemente equilibrada.

Claudia franziu a sobrancelha.

Ela tinha tanta coisa para pensar. A aula de esgrima era sua própria escapatória. Na casa era um caos; Suas roupas sendo empacotadas as últimas

medidas para o vestido de casamento, os livros que ela recusava deixar para trás, os mascotes que ela insistiu em levar com ela. E agora isto.

Uma coisa—Jared terá que carregar a chave. Ela não estará segura na sua bagagem.

Eles estavam lutando agora. Ela deixou todos os pensamentos irem, concentrando nos golpes, os desvios, a flexão do florete enquanto ela golpeia, de novo, e de novo.

Até ele finalmente dar um passo para trás. “Muito bem, minha senhora. Seu ponto de controle continua excelente.”

Lentamente ela tirou sua máscara e apertou sua mão. De perto, ele parecia mais velho, e um pouco triste.

“Eu lamentarei perder tal pupila.”

A mão dela firmou na dele. “Perder?”

Ele deu um passo para trás. “Eu... Parece... Depois do casamento...”

Claudia conteve sua raiva. Ela soltou sua mão e se levantou. “Depois do meu casamento eu ainda vou requerer os seus serviços. Por favor, desconsidere qualquer coisa que meu pai disse sobre isto. Você irá viajar conosco para a Corte.”

Ele sorriu, e se curvou. Sua dúvida aparecia; enquanto ela se afastava e pegava um copo de água com Alys, ela sentiu o calor da humilhação queimar seu rosto.

Eles estavam tentando isolá-la. Ela tinha esperado isto; Jared a tinha avisado disto.

Na corte da Rainha Sai eles a queriam sozinha sem ninguém para confiar, ninguém para conspirar junto. Mas ela não estava tendo nada daquilo.

Lorde Evian tinha gingado. “Bastante admirável, minha querida.” Seus pequenos olhos aproveitavam a imagem dela na bermuda de esgrima.

“Não me ampare,” ela repreendeu, acenando para Alys sair, ela pegou um copo e a jarra, procurou por um banco e ficou parada no limite da grama verde. Depois de um momento Evian veio atrás dela. Ela se virou para ele. “Eu preciso falar com você.”

“A casa nos vê,” ele disse discretamente. “Qualquer um pode ver.”

“Então balance o seu lenço e ria. Ou qualquer coisa que um espião faz.”

Seus dedos fecharam a caixa de rapé. “Você está brava, Lady Claudia. Mas não comigo, eu acho.”

Isto era verdade. Mas ainda assim ela olhou para ele. “O que você quer de mim?”

Ele sorriu serenamente para os patos no lago, os pequenos patos pretos com pressa.

“Até agora, nada. Obviamente nós não faremos nada até depois do casamento. Mas então, nós precisaremos de sua ajuda. Teremos de lidar com a Rainha primeiro—ela é a mais perigosa. E

então, quando você estiver em segurança como Rainha, seu marido encontrará algum tipo de acidente...”

Ela bebeu a água gelada. Invertido no copo ela viu a torre de Jared refletida, o seu azul atrás dela, as pequenas janelas perfeitamente em Protocolo.

“Como sei que isso não é uma armadilha?”

Ele sorriu. “A Rainha suspeita de você? Ela não tem motivo.”

Claudia encolheu os ombros. Ela só tinha encontrado a Rainha nos festivais. A primeira vez tinha sido no seu noivado, e tinha sido anos atrás. Ela se lembrava de uma mulher loira e magra em um vestido branco, sentada em um trono que parecia ter centenas de degraus até ele, e ela teve de subir cada um deles, concentrando, carregando uma cesta de flores que era quase tão grande quanto ela.

As mãos da Rainha, as unhas com um vermelho brilhante.

A palma fria na sua testa.

As palavras. “Quão encantadora, Diretor. Quão doce.”

“Você pode estar gravando isto,” ela disse. “Você pode estar me testando... Minha lealdade.”

Evian suspirou um pequeno som. “Eu lhe asseguro...”

“Assegure o quanto quiser, pode ser verdade.” Ela largou o copo e pegou a toalha que Aly tinha deixado, limpando seu rosto com sua maciez. Então ela se virou. “O que você sabe sobre a morte de Giles?”

Isto o assustou. Seus olhos pálidos se abriram ligeiramente. Mas ele estava

acostumado com decepção; ele respondeu sem fazer nada. “Príncipe Giles? Ele caiu do cavalo.”

“Isto foi um acidente? Ou ele foi assassinado?”

Se ele estivesse gravando aquilo, ela sabia que estaria acabada agora.

Seus dedos entrelaçados juntos. “Realmente, minha cara...”

“Conte-me. Eu preciso saber. De todas as pessoas isto é o que mais me preocupa.

Giles era... Nós éramos noivos. Eu gostava dele.”

“Sim” Evian olhava para ela astutamente. “Eu vejo.” Ele parecia incerto, então, como se ele fizesse sua mente, ele disse, “Tem algo estranho sobre a morte.”

“Eu sabia! Eu disse a Jared—”

“O Sapiente sabe sobre isto?” Ele olhou para cima em alarme. “Sobre mim?”

“Eu confiaria em Jared com minha vida.”

“Estas são as pessoas mais perigosas.” Evian se virou, observando a casa. Um dos patos desviou em sua direção; ele deu um safanão e ele foi embora, grasnando.

“Nós nunca sabemos onde os ouvintes estão” ele disse calmamente, olhando depois disto. “Isto e o que Haraarna fez conosco, Claudia. Eles nos crivaram com medo. “

Por um momento ele parecia quase abalado; então ele esfregou uma dobra invisível no seu terno de seda e disse na sua voz mudada, “Príncipe Giles cavalgou naquela manhã sem nenhum dos seus atendentes de costume. Era uma bela manhã de primavera, ele estava bem, com boa saúde, um garoto risonho de quinze anos. Duas horas depois um mensageiro trovejou em um cavalo branco suado; ele saltou dele e correu para dentro do hall da corte, correu as escadas, e se atirou para os pés da Rainha. Eu estava lá, Claudia. Eu vi o rosto dela quando eles disseram a ela sobre o acidente. Ela e uma mulher pálida, como todos eles são, mas então ela estava branca. Se isto fosse uma encenação, seria de profissional. Eles trouxeram o garoto de volta em um carro fúnebre feito rapidamente de ramos, o casaco deles em cima de seu rosto. Adultos estavam chorando.”

Impaciente, Claudia disse, “Continue.”

“Eles o deitaram em cerimônia. Usando um excelente manto de ouro e uma túnica de seda branca bordadas com a águia coroada. Centenas em fila passaram por ele.

Mulheres soluçando. Crianças trouxeram flores. O quão bonito eles estava, eles disseram.

Quão jovem.”

Ele olhou para a casa.

“Mas havia uma coisa estranha. Um homem. Seu nome era Bartlett. Um homem que cuidava dele nos seus primeiros anos. Ele estava velho agora e fraco. Eles o permitiram ver o corpo de tarde, quando todas as pessoas tinham saído. Eles o trouxeram pelas pilastras e sombras da Câmara de Cerimônias e ele subiu os degraus com dificuldade e olhou para Giles. Eles pensaram que ele iria chorar e lamentar e gemer com dor. Pensaram que ele iria despedaçar suas roupas com agonia.

Mas ele não o fez.”

Evian olhou para cima e ela viu que seus olhos pequenos estavam perspicazes. “Ele riu, Claudia.

O velho riu.”

***

Depois de duas horas andando pela floresta metálica a neve começou.

Tropeçando em uma raiz de cobre e saindo de um sonho acordado, Finn percebeu que aquilo já vinha caindo por algum tempo; isto já tinha revestido as folhas com uma fina camada de gelo fino. Ele olhou para trás, sua respiração fumegante.

Gildas estava um pouco atrás, falando com a garota. Mas onde estava Keiro?

Finn virou rapidamente. A manhã toda ele tinha ficado incapaz de parar de pensar naquela voz, a voz do exterior, onde estavam as estrelas. Claudia. Como ela foi capaz de falar com ele? Ele sentiu a protuberância da chave dentro de sua camisa, sua estranheza o confortava. “Onde está Keiro?” ele disse.

Gildas parou. Ele colocou seu bastão no chão e inclinou-se nele. “Esta escoltando a frente. Você não o ouviu te contar?” De repente ele olhou para frente e olhou duro para Finn, seus olhos azuis claros como cristal em seu pequeno rosto enrugado. “Você está bem? Tem uma visão vindo a você, Finn?”

“Eu estou bem. Desculpe-me desapontá-lo.” Doente com a avidez na voz do Sapiente, Finn olhou para a garota. “Nós precisamos tirar esta corrente de você.”

Ela tinha enrolado aquilo em volta dela como um colar para parar de balançar. Ele podia ver a pele machucada dela debaixo do colarinho onde ela tinha preenchido com pana. Ela disse calmamente, “Eu consigo lidar. Mas onde nós estamos?”

Virando, ele olhou para os quilômetros de floresta. Um vento estava crescendo, as folhas metálicas se emaranhando e rangendo. Bem abaixo, a madeira estava perdida debaixo das nuvens de neve, e lá no alto da prisão estava uma opressão distante, suas luzes sob a nevoa e fracas.

“Sapphique veio deste caminho.” Gildas soou tenso com agitação. “Nessa floresta ele derrotou suas primeiras dúvidas, o desespero negro que o disse que não havia nenhum caminho. Aqui ele começou a escalar para fora.”

“Mas o caminho leva para baixo,” Attia disse tranquilamente.

Finn olhou para ela. Debaixo da sujeira e do cabelo cortado seu rosto estava iluminado com uma estranha alegria. “Você já esteve aqui antes?” ele perguntou.

“Não. Eu era de um pequeno grupo Civicry lá atrás. Nós nunca deixamos a Ala.

Isto é tão... Maravilhoso.”

A palavra o fez pensar na Maestra, e o arrepio de culpa o atravessando, mas Gildas o empurrou e continuou caminhado. “Isto parece levar para um declive, mas se a teoria de que Incarceron é subterrânea for verdadeira, nós devemos subir eventualmente. Talvez depois das árvores.”

Consternado, Finn olhou para as léguas de floresta. Como podia Incarceron ser tão vasta? Ele nunca tinha imaginado que isto seria assim. Então a garota disse “Aquilo é fumaça?”

Eles seguiram o dedo apontado dela. Muito longe, na nevoa distante, uma fina coluna subia e se dissipavam. Isto parece fumaça de algum fogo, ele pensou.

“Finn! Me dê uma mão!”

Eles viraram. Keiro estava arrastando alguma coisa da moita de cobre e aço; enquanto eles corriam até ele Finn viu um pequeno carneiro, uma de suas pernas grosseiramente reparada, os circuitos expostos.

“Vocês ainda são ladrões então,” Gildas disse acidamente.

“Você sabe a regra do Comitatus.” Keiro soou alegre. “Tudo pertence à Prisão, e a Prisão é nossa Inimiga.”

Ele já tinha cortado a garganta dele. Agora olhava em volta. “Nós podemos abrir ele aqui. Bem, ela pode. Ser útil.”

Nenhum deles se moveu. Gildas disse “Isto é estúpido. Nós não temos ideia de quais prisioneiros estão aqui. Ou a força deles.”

“Nós temos de comer.” Keiro agora estava bravo, seu rosto obscurecido. Ele jogou o carneiro no chão. “Mas se você não quer isto, ótimo!”

Havia um silencio estranho. Então Attia disse simplesmente, “Finn?”

Ele percebeu que ela iria fazer aquilo se ele pedisse para ela. Ele não queria ter aquele poder.

Mas Keiro estava com um olhar furioso, então ele disse “Tudo bem. Eu vou te ajudar.”

Lado a lado eles ajoelharam e cortaram o carneiro. Ela pegou emprestado a faca de Gildas e trabalhou eficientemente; ele percebeu que ela tinha feito muito isso antes, e quando ele ficou desajeitado, ela o empurrou para o lado e dissecou a carne crua. Eles pegaram apenas um pouco; eles não tinham nenhuma forma de carregar mais ou alguma forma de cozinhar depois a carne, ainda. Apenas metade da besta era orgânica; o resto era uma miscelânea de metal, ingenuamente colocada juntas. Gildas investigou os restos com seu bastão. “A prisão alimenta estas bestas um pouco pior estes dias.”

Ele soou um pouco sério. Keiro disse, “O que você quer dizer, velho?”

“O que eu disse. Eu consigo lembrar quando as criaturas eram todas de carne.

Então circuitos começaram a aparecer, pequenas coisas, fios em vez de veias, de cartilagem. O

Sapiente sempre estudou e dissecou qualquer tecido que ele pudesse encontrar. Uma vez eu ofereci recompensas por carcaças trazidas a mim, embora a Prisão sempre foi muito rápida.”

Finn balançou a cabeça. Eles todos sabia que os restos de qualquer criatura morta desapareciam durante a noite, que Incarceron enviava seus Besouros instantaneamente e coletava a matéria prima para reciclagem. Nada nunca é enterrado aqui, nada queimava.

Mesmo aqueles do Comitatus que tinham sido mortos eram deixados, enrolados nas suas possessões preferidas, decorados com flores, em um lugar no abismo. Pela manhã eles já tinham sumido.

Para a surpresa deles Attia falou. “Meu povo sabia disto. Por um longo tempo agora os cordeiros tem nascido desse jeito, e os cachorros. Ano passado, no nosso grupo, uma criança nasceu. Seu pé esquerdo era feito de metal.”

“O que aconteceu com ele?” Keiro perguntou calmamente.

“A criança?” Ela respondeu. “Eles a mataram. Tais coisas não podem ser permitidas a viver.”

“A Escoria é mais bondosa. Nós deixamos todo tipo de aberrações viver.”

Finn olhou para ele. A voz de Keiro era ácida; ele se virou e foi em direção às árvores. Mas Gildas não se moveu. Invés disso ele disse, “Não vê o que isto quer dizer, garoto tolo? Isto quer dizer que a Prisão está ficando sem material orgânico…”

Mas Keiro não estava escutando. Ele levantou sua mão, alerta.

Um som estava aumentando na floresta. Um sussurro alto, uma brisa de ferrugem.

Pequena no começo, mal levantando as folhas, isto agitou os cabelos de Finn, o manto de Gildas.

Finn se virou. “O que é isto?”

O Sapiente se moveu, o empurrando. “Rápido. Nós devemos procurar abrigo, Rápido!”

Eles correram por entre as arvores, Attia sempre nos calcanhares de Finn. O vento cresceu rapidamente. Folhas começaram a elevar, voando por eles. Uma cortou Finn na bochecha; colocando sua mão na picada súbita ele sentiu um corte, e viu sangue. Attia engasgou, sua mão protegendo seus olhos.

E de uma vez eles estavam em uma nevasca de lascas de metal, as folhas de cobre, metal e prata um turbilhão afiado na tempestade repentina. A floresta gemeu e se inclinou, galhos quebraram com estalos que badalaram no teto invisível.

Enquanto ele corria se esquivando e sem ar, Finn escutou o rugido da tempestade como uma grande voz. Isto gritou com ele, o pegou e o jogou; sua raiva o fez colidir com uma árvore de metal, aquilo o ferio e bateu nele.

Tropeçando, ele sabia que as folhas eram suas palavras, flechas de ódio, que Incarceron o estava o provocando, seu filho, nascido nas suas celas e ele parou, se inclinando, arfando, “Eu te escuto! Eu te escuto! Pare!”

“Finn!” Keito o puxou para baixo. Ele deslizou, o chão dando espaço, caindo dentro de um oco entre as raízes emaranhadas de um imenso carvalho.

Ele caiu em cima de Gildas, que o empurrou. Por um momento cada um deles tomou ar, escutando as folhas mortais cortando o ar lá fora, o gemido e o zunido. Então a voz abafada de Attia veio de trás.

“O que é este lugar?”

Finn se virou. Atrás deles ele viu um buraco opaco e arredondado, parecia fundo de baixo do carvalho de metal. Muito baixo para ficar de pé nele, aquilo estendia para trás dentro da escuridão. A garota estava debruçada sobre suas mãos e joelhos, rastejando lá dentro. Folhas afiadas fazendo sons afiados debaixo dela, ele cheirou mofo, cheiro estranho, viu que nas paredes germinavam fungos, contorcidos, esporos espanavam, massas flácidas e cresciam.

“É um buraco,” Keiro disse acidamente. Ele levantou seus joelhos, limpou musgo de seu casaco, então olhou para Finn. “A chave está segura, Irmão?”

“Claro que está,” Finn murmurou.

Os olhos azuis de Keiro estavam duros. “Bem, me mostre.”

Estranhamente relutante Finn colocou sua mão dentro de sua camisa. Ele tirou a chave, e eles viram o cristal brilhando na escuridão. Estava frio, e Finn aliviado, calado.

Os olhos de Attia arregalaram.

“A Chave de Sapphique!”

Gildas virou para ela. “O que você disse?”

Mas ela não estava olhando para o cristal. Ela estava olhando para uma imagem riscada meticulosamente na parede de trás da árvore, manchada por séculos de sujeira e coberto com líquen verde, a imagem de um homem alto magro de cabelos negros sentado em um trono, em suas mãos apoiado uma abertura hexagonal de escuridão.

Gildas pegou a chave de Finn. Ele a colocou dentro da abertura. Instantaneamente ela começou a crescer; luz e calor queimavam dela, os

mostrando o rosto sujo um do outro, os cortes inclinados, brilhando nos mais longos recessos do buraco.

Keiro balançou a cabeça. “Parece que nós estamos indo no caminho certo,” ele murmurou.

Finn não respondeu. Ele estava observando o Sapiente; o brilho de respeito e prazer no rosto do velho. A obsessão. Isso o gelou até o osso.

Nós proibimos o crescimento e, portanto, a decadência. Ambição e, portanto, desespero.

Porque cada um é apenas o reflexo distorcido do outro. Acima de tudo, o Tempo é proibido. A partir de agora nada vai mudar.

—Decreto do Rei Endor

“Não acho que você vai querer todo esse lixo.” Caspar escolheu um livro da pilha e abriu. Olhou preguiçosamente para as letras brilhantes iluminadas. “Temos livros no Palácio. Nunca me preocupei com eles.”

“Você me surpreende.” Claudia sentou na cama e olhou desesperadamente para o caos em volta.

Como ela podia ter tantas posses? E tão pouco tempo!

“E os Sapienti tem milhares.” Ele jogou-o de lado. “Você é tão sortuda, Claudia, que nunca teve que ir à Academia. Pensei que ia morrer de tédio. Em todo caso, não estamos saindo com os falcões? Os criados podem arrumar tudo. Eles servem para isso.”

“Sim.” Claudia estava roendo as unhas; percebeu e parou.

“Você está tentando se livrar de mim, Claudia?”

Ela olhou para cima. Ele a estava observando, seus pequenos olhos fixos naquele olhar inerte.

“Eu sei que não quer se casar comigo,” ele disse.

“Caspar...”

“Está tudo bem, não me importo. É coisa da dinastia, isso é tudo. Minha mãe explicou. Você pode ter quantos amantes quiser, depois que tivermos um herdeiro. Eu certamente terei.”

Ela o olhou, incrédula. Não podia ficar quieta; levantou-se e marchou pela sala dividida. “Caspar, ouça o que diz! Alguma vez você já pensou em que tipo

de vida teremos juntos, naquele mausoléu de mármore que você chama de palácio? Vivendo uma mentira, um faz de conta, mantendo falsos sorrisos em nossos rostos, vestindo roupas de uma época que nunca existiu, posando e enfeitando-se e imitando maneiras que só devem existir em livros? Você já pensou sobre isso?"

Ele ficou surpreso. "Sempre foi assim."

Ela sentou-se ao lado dele. "Você nunca quis ser livre, Caspar? Para ser capaz de caminhar sozinho em uma manhã de primavera e partir para ver o mundo? Para encontrar aventura e alguém que você possa amar?"

Era demais. Ela soube assim que havia dito. Demais para ele. Sentiu-o enrijecer e franzir a testa, e olhar para ela. "Eu sei do que tudo isso se trata." Sua voz era dura. "É porque você preferiria que fosse meu irmão. O santo Giles. Bem, ele está morto Claudia, então esqueça-o." Então seu sorriso voltou, estreito e capcioso. "Ou é por causa de Jared?"

"Jared?"

"Bem, é obvio, não é? Ele é mais velho, mas algumas garotas gostam."

Queria esbofetear ele, levantar-se e esbofetear seu pequeno rosto com aquele sorriso irônico.

Sorriu para ela. "Vi como olha para ele, Claudia. Como disse, não me importo."

Ela se levantou rígida com a raiva. "Seu pequeno sapo miserável."

"Você está com raiva. O que prova que é verdade. Seu pai sabe sobre você e Jared, Claudia? Devo dizer-lhe, o que acha?"

Ele era venenoso. Era um lagarto com uma língua chicoteante. Seu sorriso era ácido.

Ela se inclinou e aproximou de seu rosto e ele se afastou.

"Se disser isso de novo, para mim, para qualquer um, vou matar você. Você entendeu, meu senhor Steen? Eu pessoalmente, com um punhal através do seu pequeno corpo fraco. Vou matar você como mataram Giles."

Tremendo de cólera ela marchou para fora e bateu a porta com um estrondo que ecoou pelo corredor. Fax, o guarda-costas estava descansando do lado de fora. Quando passou, ele se levantou, com uma lentidão insolente, e enquanto corria debaixo dos retratos para as escadas, sentiu os olhos dele em suas costas, o

sorriso frio.

Ela os odiava.

Todos eles.

Como ele podia dizer isso!

Como podia sequer pensar nisso! Vociferando escada abaixo, atravessou as portas duplas, criadas abrindo passagem para ela, seu humor como um trovão. Que mentira obscena! Contra Jared!

Jared, que nunca sonharia, nem sequer pensaria em tal coisa!

Ela gritou por Alys, que veio correndo. “O que há de errado, senhora?”

“Meu casaco de montaria. Agora!”

Enquanto esperava se irritou, andando de um lado para outro, olhando pela porta da frente aberta para a eterna perfeição dos gramados, o céu azul, os pavões dando seus gritos estranhos.

Sua raiva era quente e um conforto. Quando o casaco chegou, o jogou sobre ela, e retrucou, “Vou cavalgar.”

“Claudia... Há muito que fazer! Partiremos amanhã.”

“Você faz isso.”

“O vestido de casamento... os ajustes finais.”

“Você pode rasga-lo em pedaços, não estou preocupada.” Então saiu, correndo escada abaixo e atravessando o pátio, e enquanto corria, olhou para cima e viu seu pai, de pé na janela impossível de seu escritório que não existia, nem mesmo estava lá.

Estava de costas para ela, falando com alguém. Alguém no escritório com ele? Mas ninguém nunca foi lá.

Desacelerando, assistiu por um momento, perplexa. Então, com medo dele se virar, correu para os estábulos e encontrou Marcus já selado, batendo os cascos no chão com impaciência. O cavalo de Jared estava pronto também, uma criatura altiva e magra chamada Tam Lin, que provavelmente era alguma brincadeira secreta do Sapiente que nunca compreendeu.

Olhou em volta. “Onde está o Sábio?” perguntou a Job.

O menino, sempre calado murmurou, “Voltou para a torre, senhora.

Esqueceu alguma coisa.”

Ela olhou para ele. “Job me escute. Você conhece todos na propriedade?”

“Quase.” Ele varria o chão afobadamente, levantando nuvens de poeira. Queria dizer-lhe para parar, mas isso o teria deixado ainda mais nervoso, então disse, “Um velho chamado Bartlett.

Aposentado, um empregado do Tribunal. Ainda está vivo?”

Ele ergueu a cabeça. “Sim, minha senhora. Ele tem um chalé em Hewelsfield. Basta descer o caminho do moinho.”

Seu coração bateu forte. “Ele está... Sua mente ainda está clara?”

Job assentiu e deu um sorriso. “Ele está afiado. Mas não diz muito, não sobre seus dias na Corte.

Apenas olha se perguntar a ele.”

A sombra de Jared escureceu a passagem e ele entrou um pouco sem fôlego.

“Desculpe, Claudia.”

Ele impulsionou-se para a sela, e quando ela colocou os pés nas mãos unidas de Job, disse calmamente: “O que você esqueceu?”

Seus olhos escuros encontraram os dela. “Um certo objeto que eu não queria deixar desprotegido.” Sua mão moveu-se discretamente para seu casaco, o manto verde escuro de gola alta do Sapiente.

Ela assentiu, sabendo que era a chave.

Enquanto cavalgavam, ela se perguntou por que se sentia tão estranhamente envergonhada.

***

Eles fizeram uma fogueira com os fungos secos e um pouco de pólvora instantânea da bolsa de Gildas e cozinharam a carne enquanto o furacão enfurecia-se lá fora. Ninguém falava muito. Finn estava tremendo de frio, e os cortes em seu rosto doíam; ele percebeu que Keiro ainda estava cansado também. Era difícil saber sobre a garota. Ela sentou-se ligeiramente afastada, comendo rapidamente, seus olhos observando e não perdendo nada.

Finalmente Gildas limpou as mãos engorduradas em seu manto. “Houve qualquer sinal dos presos?”

“As ovelhas estavam perambulando," Keiro disse negligentemente. “Nem mesmo uma cerca.”

“E a prisão?”

“Como eu poderia saber? Olhos nas árvores, provavelmente.”

Finn estremeceu. Sentia a cabeça ecoando e estranha. Queria que eles dormissem, de modo que ele pudesse pegar a Chave novamente e falar-lhe. Com ela. A garota Estrangeira. “Não podemos seguir em frente, então podemos descansar. Não acha?”, disse “Parece bom,” Keiro disse preguiçosamente. Ele arrumou sua trouxa no fundo de um buraco. Mas Gildas estava encarando a imagem entalhada no tronco da árvore. Ele se arrastou mais para perto, estendeu a mão, e começou a friccionar suas mãos cheias de veias nela. Frisos de líquen caíram. O rosto estreito pareceu surgir da sujeira e da pele verde de musgo, suas mãos segurando a Chave tão cuidadosamente desenhada, pareciam reais. Finn percebeu que a Chave devia estar ligada em algum circuito na própria árvore e por um momento um borrão de visão o pegou desprevenido, uma sensação de que todo Incarceron era uma grande criatura em cujas entranhas de arame e osso eles rastejavam.

Ele piscou.

Ninguém pareceu ter notado, embora a garota estivesse olhando para ele. Gilda estava dizendo: “Ele está nos levando pelo caminho que tomou. Como um fio através do labirinto.”

“Então ele deixou sua própria imagem?” Keiro falou lentamente.

Gildas franziu a testa. “Obviamente não. Isso é um santuário, criado pelos Sapienti que o seguiram. Devemos encontrar outros sinais pelo caminho.”

“Não posso esperar.” Keiro virou-se e se enrolou.

Gilda olhou para trás. Então disse para Finn: “Retire a Chave. Precisamos cuidar dela. O caminho será mais longo do que pensamos.”

Pensando na vasta floresta lá fora Finn se perguntou se eles vagariam nela para sempre.

Cuidadosamente ele estendeu a mão e retirou a Chave do hexágono; ela saiu com um leve estalido, e instantaneamente o buraco foi escurecido e as lascas de folhas sibilantes embaçaram as luzes distantes da Prisão.

Finn estava rígido e desconfortável, mas se manteve imóvel, escutando.

Depois de um bom tempo ele soube pela respiração pesada do velho homem que Gildas estava dormindo. Ele não estava certo sobre os outros. Keiro estava virada para o outro lado.

Attia sempre parecia silenciosa, como se tivesse aprendido que manter-se quieta e despercebida à mantinha viva. Lá fora, a floresta rugia com a tempestade. Ele ouviu o estalar dos galhos, a agitação de seu desprezo surgindo de longas distâncias, sentiu a força do vento batendo nas árvores, estremecendo o tronco de ferro acima dele.

Eles tinham irritado Incarceron. Eles haviam aberto uma de suas portas proibidas e cruzado alguns limites. Talvez fosse prendê-los aqui para sempre, antes de mal terem começado.

Por fim, ele não podia esperar mais.

Com cautela, fazendo esforço infinito para evitar o farfalhar das folhas, ele puxou a Chave de seu bolso. Estava gélida, congelada pelo frio. Seus dedos deixaram marcas manchadas nela, e até mesmo a águia dentro dela estava difícil de ver até que esfregou a condensação de sua superfície.

Ele a segurou firmemente. “Claudia,” sussurrou.

A Chave estava fria e morta.

Nenhuma luz mudou nela. Não se atreveu a falar mais alto.

Mas então Gildas murmurou, ele teve a chance e se enroscou, trazendo a chave mais perto. “Você pode me ouvir?” disse para ela. “Você está aí? Por favor, responda.”

A tempestade enfureceu-se. Gemia entre seus dentes e nervos. Ele fechou os olhos e sentiu desespero, que tinha imaginado tudo isso, que a garota não existia, que ele havia realmente nascido de algum Ventre aqui.

E então, como se fora de seu próprio medo, veio uma voz, uma observação suave.

“Risada? Tem certeza de que foi o que ele disse?”

Os olhos de Finn se abriram. Uma voz de homem. Serena e considerando.

Olhou ao redor freneticamente, com medo de que os outros tivessem ouvido, e então uma garota disse, “...Claro que tenho certeza. Por que o velho deveria rir, Mestre, se Giles estava morto?”

“Claudia.” Finn sussurrou o nome antes que pudesse parar.

Instantaneamente Gildas virou; Keiro sentou-se. Praguejando, Finn enfiou a chave em seu casaco e rolou para ver Attia o encarando. Percebeu imediatamente que ela tinha visto tudo.

Keiro pegou sua faca. “Você ouviu isso? Alguém lá fora.” Seus olhos azuis estavam alertas.

“Não.” Finn engoliu. “Era eu.”

“Falando durante o sono?”

“Ele estava falando comigo,” Attia disse calmamente.

Por um momento Keiro olhou para os dois. Então recostou-se, mas Finn sabia que ele não estava convencido. “Ele estava agora?” seu irmão de juramento disse suavemente.

“Então, quem é Claudia?”

***

Eles andaram a meio galope rapidamente até a alameda, as folhas verde-escuro dos carvalhos formavam um túnel sobre suas cabeças. “E você acredita em Evian?”

“Nisso eu acredito.” Ela olhou para frente para o moinho crescente no sopé da colina. “A reação do velho foi toda errada, Mestre. Ele deve ter amado Giles.”

“A dor afeta estranhamente as pessoas, Claudia.” Jared parecia preocupado. “Você disse a Evian que iria encontrar esse Bartlett?”

“Não. Ele— “

“Você disse a alguém? Alys?”

Ela bufou. “Diga a Alys e estará circulando no salão de criados em minutos.” Isso a lembrou. Ela diminuiu a velocidade do cavalo ofegante. “Meu pai pagou o espadachim.

Ou pelo menos tentou. Ele disse mais alguma coisa para você?”

“Não. Ainda não.”

Eles ficaram em silêncio enquanto ele se inclinou e destrancou o portão, liberando a parte traseira do cavalo para arrastá-lo. Do outro lado a alameda estava esburacada, ladeada por cercas vivas, rosas caninas entrelaçadas entre urtigas e salgueirinhas, as umbelas brancas de canabrás.

Jared chupou um ferrão em seu dedo. Então disse, “Esse deve ser o lugar.”

Era uma cabana pequena meio obscurecida por uma enorme castanheira que cresceu ao lado dela. Enquanto cavalgavam mais perto Claudia fez uma careta para seu Protocolo perfeito, o telhado de palha com buracos, as paredes úmidas, as árvores retorcidas do jardim. “Um casebre para os pobres.”

Jared sorriu seu sorriso triste. “Temo que sim. Nesta Era apenas os ricos conhecem conforto.”

Eles deixaram os cavalos amarrados, aparando a longa grama viçosa da borda. O portão estava quebrado, pendurado amplamente; Claudia viu como tinha sido forçado recentemente, como as lâminas de grama foram arrastadas sob ele, ainda molhadas de orvalho.

Jared parou. “A porta está aberta,” disse.

Ela deu um passo à frente dele, mas ele disse, “Um momento, Claudia.” Tirou o pequeno scanner e o deixou zunir. “Nada. Ninguém aqui.”

“Então entramos e esperamos por ele. Eu só tenho hoje.” Ela andou pelo caminho lascado; Jared a seguiu rapidamente.

Claudia escancarou a porta que rangeu e pensou que algo se moveu lá dentro.

“Olá?” disse calmamente.

Silêncio.

Ela colocou a cabeça para dentro.

O cômodo estava escuro e cheirava a fumaça. Uma janela baixa o iluminava, a veneziana aberta e encostada na parede. O fogo estava extinto na lareira; quando entrou viu a panela enegrecida em suas correntes, o espeto, cinzas flutuando pelo esquema abaixo da grande chaminé.

Dois pequenos bancos alinhados no canto da chaminé; perto da janela havia uma mesa e cadeira e um guarda-louça com alguns pratos de estanho amassados e uma jarra.

Pegou a jarra e cheirou o leite no interior.

“Fresco.”

Havia uma pequena porta no curral das vacas. Jared o atravessou e olhou em volta, inclinando-se sob a verga da porta.

Ele estava de costas, mas ela sabia por seu silêncio repentino, que algo

estava errado. “O que?”

ela disse.

Ele se virou, e seu rosto estava tão pálido, que ela pensou que estivesse doente. Ele disse: “Temo que estejamos muito atrasados.”

Ela se aproximou. Ele ficou bloqueando seu caminho. “Quero ver,” ela murmurou.

“Claudia...”

“Deixe-me ver, Mestre.” E abaixou-se por debaixo do braço dele.

O velho estava deitado no chão do curral. Era bastante óbvio que seu pescoço estava quebrado.

Deitado de costas, os braços abertos, uma mão enterrada na palha. Seus olhos estavam abertos.

O curral cheirava a esterco velho. Moscas zumbiam sem parar e vespas entravam e saiam pela porta aberta; uma pequena cabra balia lá fora.

Gélida com medo e raiva ela disse: “Eles o mataram.”

“Nós não sabemos.” Jared pareceu voltar à vida de repente. Ele ajoelhou-se ao lado do velho, tocou no pescoço e no pulso, correu o scanner sobre ele.

“Eles o mataram. Ele sabia algo sobre Giles, sobre o assassinato. Eles perceberam que estávamos vindo pra cá.”

“Quem poderia ter percebido?” Ele se levantou rapidamente, voltando para a sala.

“Evian sabia. Minha conversa com ele deve ter sido grampeada. E tem Job.

Perguntei a ele...”

“Job é uma criança.”

“Ele está com medo do meu pai.”

“Claudia, eu estou com medo do seu pai,”

Ela olhou novamente para a pequena figura na palha, deixando sua raiva fluir, segurando seus braços ao redor de si mesma, "Dá para ver as marcas," ela sussurrou.

Marcas de mão. Duas manchas roxas como marcas escuras de polegares,

fundo na carne manchada. “Alguém grande. Muito forte.”

Jared abriu com um solavanco a porta do guarda-louça e pegou pratos.

“Certamente ele não caiu.”

Ela virou-se.

Ele bateu a gaveta, foi para a chaminé, e olhou para cima. Em seguida, para espanto dela, ele subiu em um dos bancos e esticou os braços na escuridão, tateando às cegas.

Fuligem caiu como chuva.

“Mestre?”

“Ele viveu na Corte, Claudia. Deve ter sido alfabetizado.”

Por um momento ela não entendeu. Então se virou e olhou rapidamente ao redor, encontrou a cama, levantou o colchão, rasgou a palha infestada de piolhos.

Lá fora, um melro gritou e voou.

Claudia olhou. “Eles estão voltando?”

“Talvez. Continue procurando.”

Mas quando ela se moveu o pé ficou preso em uma tábua que rangia, e quando se ajoelhou e a puxou, balançou-se em um eixo com a facilidade de uso constante.

“Jared!”

Era o depósito de tesouros do velho. Uma bolsa surrada com algumas moedas de cobre, um colar quebrado com a maioria das pedras soltas, duas penas, uma dobra de pergaminho, e, cuidadosamente escondido totalmente no fundo, uma bolsa de veludo azul com cordão, pequena como a palma da sua mão.

Jared pegou o pergaminho e o folheou. “Parece uma espécie de testamento. Sabia que ele teria isso escrito! Se tivesse sido ensinado pelo Sapiente, é apenas...” Olhou por cima. Ela tinha aberto a bolsa azul. Para fora dela, deslizou um pequeno objeto oval de ouro, suas costas gravada com a águia coroada. Ela o virou.

O rosto de um menino olhava para eles, seu sorriso tímido e direto, seus olhos castanhos.

Claudia sorriu para ele, amarga. Olhou para seu tutor. “Deve valer uma fortuna, mas ele nunca vendeu. Deve tê-lo amado muito.”

Gentilmente ele disse, “Tem certeza...?”

“Oh sim, eu tenho certeza. É Giles.”

ACORRENTADO, MÃOS E PÉS

Sapphique cavalgou para fora de Tanglewood e viu a Fortaleza de Bronze. As pessoas estavam correndo em suas paredes por todo lado.

“Venha para dentro,” eles o encorajavam. “Rápido! Antes que ele ataque!”

Ele olhou em volta. O mundo era metal e o céu era metal. As pessoas eram formigas nas superfícies da Prisão.

“Você se esqueceu,” ele disse, “que você já está Dentro?”

Mas eles rapidamente passaram e disseram que ele estava demente.

—Lendas de Sapphique

A tempestade atormentou a noite toda, terminando tão subitamente que Finn acordara de uma vez pelo silêncio. Este parecia estranho depois do vento, mas pelo menos queria dizer que ele poderia se mexer agora, antes que a Prisão mudasse de ideia. Keiro se arrastara para fora e se esticava, gemendo com câimbra. Depois de um minuto sua voz veio novamente, raramente mudo. “Olhe isso.”

Quando Finn se levantou, ele viu que a floresta estava pelada. Cada folha, cada onda metálica de folhagem jazia amontoada em imensos montes.

As árvores haviam rompido em flores. Flores de bronze, escarlate e dourada, cintilavam em cima da colina e abaixo no vale até onde ele podia ver.

Atrás dele, Attia riu. “É bonito.”

Ele virou-se, surpreso, percebendo que ele vira isso somente como um obstáculo.

“É?”

“Oh sim. Mas você... você é acostumado com cores. Vindo de Fora.”

“Você acredita em mim?”

Ela acenou lentamente. “Sim. Tem alguma coisa diferente em você. Você não se encaixa. E o nome que você chamou enquanto dormia, essa Claudia. Você lembra dela?”

Foi isso que ele dissera a eles. Ele olhou para cima. “Escute, Attia, preciso de sua ajuda. É que...

às vezes eu preciso ficar sozinho. A Chave... isso ajuda as visões. Às vezes eu preciso ficar longe de Keiro e Gildas. Você entende?”

Ela acenou gravemente, seus olhos fixados nele. “Eu lhe disse, sou sua serva.

Apenas me diga quando, Finn.”

Ele sentiu-se envergonhando. Olhando seu rosto, ela não disse nada mais.

Desde então eles tinham se apressado por uma paisagem de várias cores, entre plantações de árvores que desfilavam morro abaixo, o chão da floresta se interrompeu e se ligou com riachos em leitos estranhos separados, cortados com fendas. Insetos que Finn nunca imaginara rastejavam em grandes montes de folhas que bloqueavam o caminho; encontrando desvios em volta destes, perderam horas. E no alto, nos ramos nus, gralhas pulavam e voavam em bandos, seguindo os viajantes com brilhante curiosidade até que Gildas os amaldiçoou, e acenou o punho para elas. Depois, silenciosamente, todas voaram para longe.

Keiro acenou. “Então os Sapienti ainda têm um pouco de magia, afinal.”

Sem ar, o velho olhou-o, bravo. “Eu queria que funcionasse em você.”

Keiro sorriu para Finn, e Finn se permitiu um sorriso. Ele se sentiu mais iluminado de algum modo, e quando ele andou com dificuldade depois de Gildas abaixo dos corredores da mata, ele começou a perceber algo que devia ser como felicidade. A Fuga começara. O Comitatus estava bem atrás; toda aquela vida de corpo-a-corpo brutal, de assassinato e mentiras e medo estava acabada. As coisas seriam diferentes agora.

Sapphique lhe mostraria a saída.

Andando sobre um emaranhado de raízes ele quase sentiu desejo de rir alto, mas ao invés disso, ele pôs a mão na blusa e tocou a Chave.

Ele puxou a mão de uma só vez.

Estava quente.

Ele deu uma olhada em Keiro marchando em frente. Então ele virou. Attia estava onde ela sempre caminhava. Em seus calcanhares.

Perturbado, ele parou. “Eu não quero uma escrava.”

Ela parou também. “Qualquer coisa que você dizer.” Os olhos dela o observavam com aquele olhar magoado.

Ele disse, “Há um riacho aqui, posso escuta-lo. Diga aos outros que vou beber um pouco d’água.”

Sem esperar, ele caminhou para fora do caminho em uma profunda moita de espinhos platinados, depois se encurvou no meio dos pequenos arbustos. Umbelas de fios flexíveis subiam em torno dele, juncos ocos onde micro besouros trabalhavam ocupadamente.

Apressadamente ele pegou a Chave.

Era um risco. Keiro poderia vir. Mas ela estava quente agora nos seus dedos, e havia as pequenas e familiares luzes azuis no cristal. “Claudia?” ele sussurrou ansiosamente. “Você pode me ouvir?”

“Finn! Finalmente!”

A voz dela estava tão alta que o fez engolir; ele espiou em volta. “Calma! Seja rápida, por favor.

Eles virão procurar por mim.”

“Quem virá?” Ela parecia fascinada.

“Keiro.”

“Quem é ele?”

“Meu irmão de juramento...”

“Tudo bem. Agora escute. Há um pequeno painel de dedo na base da Chave. É invisível, mas a superfície é levemente elevada. Pode encontrá-la?”

Os dedos dele buscaram, deixando manchas sujas. “Não,” ele disse, frustrado.

“Tente! Você acha que ele tem um artefato diferente?” A pergunta não era para Finn. A outra voz perguntara a ela, a mesma que ele se lembrou ser de Jared. “É quase certamente idêntico.

Finn, use as pontas dos dedos. Procure a ponta, as facetas perto da ponta.”

O que eles pensavam que ele era! Ele arranhou, com as mãos doloridas.

“Finn!” O murmúrio de Keiro estava bem atrás dele. Ele pulou, enfiando a Chave de volta, arfando.

“Pelo amor de Deus! Não posso beber em paz?”

A mão de seu irmão o empurrou de volta para baixo num monte de folhas. “Se abaixe e cale a boca. Temos visitantes.”

***

Claudia sentou-se nos calcanhares e xingou com frustração. “Ele se foi. Por que ele se foi?”

Jared foi até a janela e olhou para fora ao caos absoluto no pátio. “Melhor assim. O

Diretor está subindo os degraus.”

“Você ouviu o jeito que ele pareceu? De novo, estava tão... assustado.”

“Eu sei como ele se sente.” Jared puxou um pequeno bloco do bolso de seu casaco de cavalgada e empurrou pra ela. “Este é o rascunho completo do testamento do velho.

Leia na hora que viajarmos.”

Portas batendo. Vozes do lado de fora. O pai dela. E o de Caspar.

“Depois apague isso imediatamente, Claudia. Eu tenho uma cópia.”

“Deveríamos fazer alguma coisa. Sobre o corpo.”

“Não estávamos lá, lembra?”

Ele mal tinha falado as palavras, adiante a porta se abriu. Claudia calmamente deslizou o bloco para baixo de seu vestido.

“Minha querida.” Seu pai entrou e ficou diante dela. Ela se levantou para encontra-lo. Ele usava sua sobrecasaca usual, o cachecol no pescoço sedosamente caro, suas botas o melhor couro. Mas hoje ele usava uma pequena flor branca na lapela, como se para marcar a ocasião, e isso era tão diferente dele que ela o olhou com surpresa.

“Você está pronta?” ele perguntou.

Ela acenou. Ela estava usando um vestido azul escuro de viagem e capa, com um bolso especial costurado nesta para a Chave.

“Uma ótima manhã para a Casa de Arlex, Claudia. O começo de uma nova vida para você, para todos nós.” O cabelo dele com as mexas de cinza estava severamente preso para trás, seus olhos escuros de satisfação. Ele calçou as luvas antes de pegar a mão dela.

Ela olhou para ele sem sorrir, e o velho morto na palha estava na mente dela, seus olhos abertos.

Ela sorriu e fez uma reverência. “Estou pronta, senhor.”

Ele acenou. “Eu sempre soube que você estaria. Eu sempre soube que você nunca me decepcionaria.”

Como minha mãe decepcionou? Ela imaginou friamente. Mas não disse nada, e seu pai deu a Jared uma curta saudação e a conduziu para fora. Eles invadiram o grande salão, sobre o chão de polvilhado de lavanda, abaixo entre as fileiras de servos fascinados, o Diretor de Incarceron e sua maravilhosa filha, se preparando para o casamente que a faria uma rainha. E num sinal de Ralph a equipe torceu e aplaudiu e jogou doces íris sob os pés; eles tocaram minúsculos sinos prata em honra do matrimonio que eles nunca veriam.

Jared caminhava atrás, uma bolsa de livros sobre um braço. Ele apertava as mãos dos servos, e as empregadas se aparvalhavam em cima dele, empurrando pequenos pacotes de bala para ele, prometendo manter a torre salva, não tocar nos preciosos instrumentos dele, alimentar o filhote de raposa e os pássaros.

Quando Claudia tomou seu lugar no assento e olhou para trás, sentiu um terrível nó na garganta.

Todos eles sentiriam falta de Jared, suas maneiras gentis, sua frágil boa aparência, sua disposição para medicar a tosse das crianças e aconselhar seus filhos rebeldes. Nenhum deles parecia triste em vê-la ir.

Mas de quem era a culpa? Ela jogara o jogo. Ela era a senhora, a filha do Diretor.

Fria como gelo. Dura como pregos.

Ela ergueu a cabeça e sorriu para Alys. “Quatro dias de viagem. Eu pretendo cavalgar pelo menos metade disso.”

Sua governanta franziu as sobrancelhas. “Eu duvido que o Conde vá. E provavelmente ele irá querer que você vá na carruagem dele por algum tempo.”

“Bem, eu ainda não estou casada com ele. Quando eu estiver, ele brevemente

descobrirá que é o que eu quero que conta.” Se eles a imaginavam dura, ela seria dura. E assim, quando os cavalos foram montados e os cavaleiros se reuniram e as carruagens começaram o lento retorno à portaria, tudo que ela queria era ter ficando ali, na casa onde ela vivera desde que nascera, e se inclinou para fora da janela e acenou e chamou todos os seus nomes, seus olhos doendo com lágrimas imprevistas. “Ralph! Job! Mary-Ellen!”

E eles acenaram de volta, uma tempestade de lenços e os pombos se elevando das empenas e as abelhas nas madressilvas zunindo enquanto a carruagem rugia sobre a ponte levadiça de madeira. Nas águas verdes escura do canal ela viu a casa refletida, viu pássaros aquáticos e cisnes seta sobre ela, e atrás dela numa grande procissão de carroças e carruagens e cavaleiros e cães de caça e falcoeiros de seu cortejo, da família do Diretor de Incarceron, em um dia os planos dele começaram a se realizar.

***

Eles eram homens e mesmo assim como poderiam ser?

Eles tinham no mínimo dois metros e meio de altura. Caminhavam com um andar angular estranho, seguindo como garças, ignorando os grandes montes de folhas afiadas, triturando em linha reta através deles.

Finn sentiu a mão de Keiro segurar tão apertado em seu braço que machucou.

Então seu irmão respirou uma única sílaba em sua orelha.

“Pernas de pau?”

Claro. Quando um deles passou, ele os viu de perto, pinças metálicas da altura do joelho, e os homens caminhavam sobre elas com habilidade, dando longos passos, e ele viu também que eles usavam o peso para tocar certos pontos das árvores, pequenos nós nos troncos, e que as arvores instantaneamente germinavam frutos semi-orgânicos que os homens colhiam.

Virando a cabeça ele procurou por Gildas, mas onde quer que o Sapiente e a garota estivessem escondidos, eram invisíveis para ele.

Ele observou a fileira de homens a trabalhar pelas árvores. Quando eles desceram a encosta, pareceram se contrair, e Finn viu claramente o homem no final tremular, como se ele passasse por alguma perturbação no ar.

Depois de um momento só as suas cabeças e ombros apareciam. Então eles se foram.

Keiro esperou um longo momento antes de levantar. Ele deu um fraco assobio e um amontoado de folhas próximo se agitou. A cabeça prateada de Gildas subiu. Ele disse, “Foram?”

“Longe o suficiente.”

Keiro observou Attia se arrastar apressadamente, então ele virou. Dando uma olhada em seu irmão adotivo disse calmamente, “Finn?”

Estava acontecendo. Olhando ao brilho que o ar tinha feito. A pele de Finn arrastava-se com coceiras, sua boca estava seca, sua língua parecia grossa. Ele esfregou a mão na boca. “Não,” ele resmungou.

“Segure-o,” Gildas repreendeu.

De algum lugar distante Keiro disse, “Espere.”

E depois Finn estava caminhando. Caminhando direto para o lugar, o vazio entre dois grandes ramos de cobre onde o ar tinha se movido como se pó caísse da coluna de luz ali, como se uma fenda no Tempo se abriu ali. E quando ele veio até ali, ele parou, estirando os dois braços diante de si como se estivesse cego. Era um buraco de fechadura do mundo.

Através dela, uma corrente de ar soprou.

Pequenos relâmpagos de dor o ferroaram. Ele lutou por ele, sentindo, tocando as pontas, trazendo seu rosto para perto, colocando seus olhos na fenda de luz, vendo através dela.

Ele viu uma tremulação de cores. Era tão brilhante que fez seus olhos lacrimejarem, o fez arfar.

Formas se moviam lá, um mundo verde, um céu tão azul quanto em seus sonhos, uma grande criatura negra e âmbar zunindo se arremessando na direção dele.

Ele gritou e cambaleou para trás, sentiu Keiro agarrar os dois braços detrás.

“Continue olhando, irmão. O que você vê? O que é, Finn?”

Ele desmoronou. Toda a força se foi de suas pernas e ele caiu no monte de folhas.

Attia empurrou Keiro para longe. Rapidamente ela despejou água numa xicara e a segurou para Finn; cegamente, ele pegou e engoliu de uma vez, depois fechou os olhos e pôs a cabeça nas mãos, tonto e enjoado. Sentiu ânsia. Então vomitou.

Acima dele, vozes protestaram. Quando ele pode ouvir, ele percebeu que a de Attia era uma delas.

“...tratando ele daquele jeito. Você não vê que ele está doente!”

A risada de Keiro era desdenhosa. “Ele vai superar isso. Ele é um vidente. Vê coisas. Coisas que precisamos saber.”

“Você não se importa com ele?”

Finn ergueu a cabeça. A garota está encarando Keiro, suas mãos em punhos dos lados. Seus olhos tinham perdido a olhar ferido; agora eles ardiam com fúria.

Keiro manteve o sorriso zombeteiro. “Ele é meu irmão. Claro que me preocupo com ele.”

“Você só se preocupa com você mesmo.” Ela virou para Gildas. “E você também.

Mestre. Você...”

Ela parou. Gildas, obviamente não estava escutando. Ele ficou apoiando um braço na árvore de metal, olhando fixamente adiante. “Venha aqui,” ele disse em voz baixa.

Keiro estendeu a mão e Finn pegou-a, se levantando grogue. Eles andaram até o Sapienti e ficaram atrás dele; olhando, eles viram o que ele viu.

A floresta acabava aqui. Adiante uma estreita estrada corria para uma cidade. Ela ficava atrás de muros em uma paisagem escaldante de planícies nuas. Casas se aglomeravam, construídas de emplastros de metal, torres e ameias construídas de estranha madeira negra, cobertas com estanho e folhas de cobre.

Pela estrada toda até a cidade, em longas filas barulhentas de risadas e gritos e música, em multidões e carroças carregando crianças e rebanhos de ovelha, centenas e centenas de pessoas estavam andando.

***

Com seus joelhos em cima do assento da carruagem, Claudia leu o pequeno bloco enquanto Alys dormia. A carruagem pulou; do lado de fora, os verdes bosques e campos de Wardenry chacoalhavam em uma nuvem de poeira e moscas.

Meu nome é Gregor Bartlett. Este é meu testamento. Eu rezo que aqueles que encontrarem-no o mantenha a salvo, e quando a hora chegar, o use porque uma grande injustiça foi feita e somente eu estou vivo e sei sobre ela.

Eu trabalhei no Palácio desde meus primeiros anos de vida. Eu era um menino firme e um mensageiro, então um servo da casa. Eu me tornei de confiança, cresci para ser importante. Eu era o criado da Câmara para o falecido Rei, e eu me lembro de sua primeira esposa, a frágil e atraente mulher do outro lado do mar que ele casara quando os dois eram jovens. Quando seu primeiro filho, Giles, nasceu eu fui responsável por ele. Eu arrumei a ama, nomeei as empregadas do quarto do bebê. Ele era o Herdeiro; nenhuma despesa foi poupada por seu conforto. Enquanto o garoto crescia eu comecei a ama-lo como a mim mesmo. Ele era uma criança feliz. Mesmo quando sua mãe morreu e o Rei casou novamente, ele viveu na sua ala do Palácio, rodeado de seus preciosos brinquedos e animais de estimação, sua própria criadagem. Eu não tenho filhos.

O garoto se tornou minha vida.

Você deve acreditar nisso.

Gradualmente, eu senti uma mudança. Enquanto ele crescia, seu pai vinha até ele cada vez menos. Havia um segundo filho agora, Conde Caspar, um barulhento bebê, mimado pelas mulheres da Corte. E havia a nova Rainha.

Sia é uma mulher estranha, distante. Eles dizem que o Rei olhou para fora de sua carruagem uma vez quando ele estava passando na estrada da floresta, e ela estava lá, na encruzilhada. Dizem que quando ele passou por ela ele viu seus olhos – eles são estranhos olhos, com pálidas íris – e depois desse momento ele não pode parar de pensar nela. Ele enviou mensageiros de volta, mas ninguém estava lá. Ele procurou nas vilas e propriedades próximas, emitiu proclamações, ofereceu recompensas para seus nobres, mas ninguém conseguiu encontrá-la. Então, semanas depois; quando ele caminhava nos jardins do Palácio, ele levantou os olhos e ela estava lá, sentada ao lado da fonte.

Ninguém conhece seu parentesco, ou de onde ela vem. Eu acredito que ela é uma feiticeira. O

que se tornou claro logo após que seu filho nasceu, foi seu ódio por Giles. Ela nunca mostrou isso ao Rei ou sua Corte; para eles ela era cuidadosa ao honrar o Herdeiro. Mas eu vi isso.

Ele ficou noivo aos sete anos da filha do Diretor de Incarceron. Uma arrogante garotinha, mas ele parecia gostar dela...

Claudia sorriu. Olhando de relance para Alys ela se debruçou na janela. A carruagem de seu pai estava atrás; ele devia estar dividindo ela com Evian. Ela rolou o texto para baixo.

...a felicidade de sua festa de aniversário, uma noite quando nós remamos no lago sob as estrelas e ele me disse quão feliz ele estava. Eu nunca esquecerei as palavras dele para mim.

A morte de seu pai o afetou muito. Ele se tornou solitário. Não comparecia às danças e jogos.

Ele estudava muito. Eu imagino agora, se ele começara a temer a Rainha. Ele nunca disse isso.

Agora eu passarei ao final. O dia antes do acidente de equitação? Eu recebi uma mensagem que minha irmã, que vivia em Casa, estava doente. Eu pedi a Giles para me dar licença para ir até ela; o amado menino estava tão preocupado, e insistiu que as cozinhas me fizessem um pacote de iguarias para levar para ela. Ele também se certificou que eu tivesse uma carruagem. Ele se despediu de mim nos degraus da Corte Externa. Foi a última vez que eu o vi.

Quando eu cheguei, minha irmã estava em excelente saúde. Ela não tinha conhecimento de quem mandara a mensagem.

Meu coração me receou. Eu pensei na Rainha, eu queria retornar no mesmo tempo, mas o cocheiro, que devia ser um homem da Rainha, recusou, dizendo que os cavalos estavam exaustos.

Eu não sou mais um cavaleiro, mas eu selei um cavalo da pousada e cavalguei de volta, galopando muito, a noite toda. Eu não tentarei escrever as agonias de preocupação que senti. Eu vim pela colina e vi os milhares pináculos da Corte, e eu vi em cada um deles uma flamula negra tremular.

Eu me lembro de pouco depois disso.

Eles colocaram seu corpo em um esquife na Grande Câmara do Conselho, e depois estava pronto, eu pedi licença para aproximar dele. Uma mensagem veio da Rainha, com um homem para me escoltar. Ele era o secretário do Diretor, um homem alto e calado chamado Medlicote...

Claudia estava tão surpresa que assoviou. Alys roncou e virou.

... Eu subi os degraus como uma criatura quebrada. Meu garoto estava deitado lá e eles o tinham deixado bonito. Eu me abaixei para beijar sua face com as lágrimas cegando meus olhos.

Então eu parei.

Oh, eles fizeram um bom trabalho. Quem quer que fosse o garoto, ele era da

idade e cor certa, e a maquiagem fora usada cuidadosamente. Mas eu sabia, eu sabia.

Não era Giles.

Eu acho que ri. Um grito sufocado de alegria. Eu rezo que ninguém percebeu, que ninguém saiba.

Eu solucei, me retirei, encenei o inconsolável velho. E ainda assim eu sei o segredo que a Rainha, e talvez o Diretor, não querem que ninguém saiba.

Que Giles está vivo.

E onde mais ele poderia estar, senão em Incarceron?

Alys grunhiu e bocejou e abriu os olhos. “Já estamos próximos da pousada?” ela perguntou com sono.

Claudia olhou o pequeno bloco, os olhos arregalados. Ela olhou para a ama como se nunca tivesse visto-a antes. Depois olhou para baixo e leu a última frase de novo.

E de novo.

Não me desafie, John. E fique de guarda.

Há tramas na Corte, e conspirações contra nós. Quanto a Claudia, pelo que você diz, ela já viu o que procura. Como é divertido que ela nem reconheceu.

—Rainha Sia para o Diretor; carta privada

Levou horas antes que ela pudesse ficar a sós com Jared. Houve uma confusão para encontrar seus quartos a hospedeira se inclinando e esfregando, a refeição, a conversinha interminável de Evian, a calma cuidadosa do seu pai, as reclamações de Caspar sobre seu cavalo.

Mas, finalmente, bem depois da meia-noite, ela bateu na porta do seu sótão e entrou.

Ele estava sentado na janela olhando as estrelas com um passado bicando pão das suas mãos. Ela disse, “Você nunca dorme?”

Jared sorriu. “Claudia, isso é estupidez. Se pegarem você aqui, você sabe o que vão pensar.”

Ela disse, “Eu estou te colocando em perigo, eu sei. Mas temos de conversar sobre o que ele escreveu.”

Ele ficou um momento em silêncio. Então liberou o passado, fechou a janela, e se virou, e ela viu as sombras debaixo dos seus olhos. “Sim.”

Eles se olharam. Finalmente, ela disse, “Eles não mataram Giles. Eles o aprisionaram.”

“Claudia...”

“Eles não iriam derramar o sangue de Havaarna! Ou talvez a Rainha tenha medo.

Ou meu pai...” Ela olhou para cima. “É verdade. Meu pai deve saber.”

O vazio na sua voz chocou a ambos. Ela se sentou na cadeira. “E há algo mais. Esse garoto Finn.

O prisioneiro. A voz dele... parece familiar.”

“Familiar?” Ele olhou atentamente para ela.

“Eu a ouvi antes, Mestre.”

“Você imagina isso. Não faça essa suposição, Claudia.”

Ela ficou quieta por um momento. Então encolheu os ombros. “Para o caso de precisarmos tentar novamente.”

Jared anuiu. Ele trancou a porta, prendeu um pequeno dispositivo nela e o ajustou.

Então se virou.

Claudia já tinha a Chave. Ela ativou o canal de comunicação, e então o pequeno circuito visual que eles tinham descoberto. Ele ficou atrás dela, observando o holograma das asas de águia batendo silenciosamente.

“Você deletou o bloco?”

“É claro. Completamente.”

Enquanto a Chave começava a brilhar, ele disse quietamente. “Eles não tiveram problema em derramar o sangue do velho, Claudia. Eles podem até saber que já procuramos a casa dele. Podem temer o que encontramos.”

“Por eles você quer dizer meu pai.” Ela olhou para cima. “Ele não vai me machucar.

Se me perder, ele perde o trono. E eu vou proteger você, Mestre, eu juro.”

O sorriso dele era triste. Ela sabia que ele não acreditava que ela podia.

Muito baixinho, a Chave falou. “Pode me ouvir?”

Claudia disse, “É ele! Toque o painel, Finn. Toque-o! Você encontrou?”

“Sim.” Ele parecia hesitante. “O que vai acontecer se eu tiver encontrado?”

“Seremos capazes de ver um ao outro, achamos. Não vai te machucar. Tente, por favor.”

Houve um segundo de silêncio, alguns estalos. E então Claudia quase pulou para trás. Fora da chave um feixe de luz era projetado silenciosamente. Abriu para um quadrado, e encolhido nele, assustado e magro, havia um garoto.

Ele era alto e muito magro, seu rosto faminto e ansioso. Seu cabelo era liso e longo, amarrado para trás em um nó, e suas roupas eram as mais desmazeladas que ela já tinha visto, com sujos cinzentos e esverdeados, muito gastas. Uma espada e uma faca enferrujada estavam presas no seu cinto.

Ele a encarava com surpresa.

***

Finn viu uma rainha, uma princesa.

Seu rosto era limpo e claro, seu cabelo brilhava. Ela usava um vestido de alguma seda lustrosa, e um solar de pérolas que poderia valer uma fortuna se um comprador pudesse se encontrar rico o suficiente. Ele viu imediatamente que ela nunca passou fome, que sua mente era clara e inteligente. Atrás dela um homem moreno e sério observava, usando um casaco de Sapiente que provocava vergonha ao trapo de Gildas.

Claudia ficou em silêncio por tanto tempo que Jared olhou para ela. Ele viu que ela estava chocada, provavelmente pela condição do garoto, então ele falou suavemente.

“Parece que Incarceron não é nenhum paraíso.”

O garoto olhou para ele. “Isso é uma piada, Mestre?”

Jared balançou a cabeça tristemente. “Não, de fato. Conte-nos como você chegou à esse artefato.”

Finn olhou ao redor. A ruina estava silenciosa e escura; a sombra de Attia estava encolhida na entrada, observando a escuridão do lado de fora. Ela deu a ele um pequeno aceno de segurança.

Ele olhou de volta para a projeção, temendo que a luz os entregasse.

Enquanto ele os contava sobre a águia no seu pulso, ele observou Claudia. Ele era bom em ler rostos, mas o dela era difícil, tão controlado, tão cheio de segredos, embora o leve arregalar dos seus olhos disse a ele que ela estava fascinada. Então ele começou a contar mentiras, sobre encontrar a Chave em um túnel deserto, apagando a Maestra, a sua morte, a sua vergonha, como se nada disso tivesse acontecido. Attia olhou para ele, mas ele manteve seu rosto afastado. Ele os contou sobre o Comitatus, sobre a luta terrível que ele teve com Jormanric, como ele tinha derrotado o gigante em um único combate, roubado três anéis-caveira de suas mãos, tirado seus amigos do inferno. Sobre como eles estavam seguindo a trilha sagrada para fora da Prisão.

Ela ouviu com atenção, fazendo breves perguntas. Ele não tinha ideia de se ela acreditava em alguma coisa. O Sapient estava em silêncio, uma vez apenas levantando uma sobrancelha, quando Finn falou das Gildas.

“Então os Sapienti ainda sobrevivem? Mas o que aconteceu ao Experimento, às estruturas sociais, ao suprimento de comida? Como tudo ruiu?”

“Não se importe com isso,” Claudia disse impacientemente. “Você não vê o que a marca significa, Mestre? Não vê?” Ela se inclinou para frente, ávida. “Finn. Por quanto tempo você esteve em Incarceron?”

“Eu não sei.” Ele fez uma careta. “Eu... só lembro...”

“O quê?”

“Os últimos três anos. Eu tenho... Memórias, mas—” Ele parou. Ele não queria contar a ela sobre os ataques.

Ela assentiu. Suas mãos estavam apertadas sobre seu colo, ele viu. Um anel de diamante brilhava em um dedo. “Ouça, Finn. Eu pareço familiar para você? Você me reconhece?”

O coração dele deu um salto. “Não. Eu deveria?”

Ela estava mordendo o lábio. Ele sentiu sua tensão. “Finn, me escute. Acho que você pode ser...”

***

“Finn!”

O grito de Attia foi reprimido. Uma mão a agarrou e tapou sua boca. “Tarde demais,” Keiro disse alegremente.

Fora da escuridão Gildas entrou e olhou para a projeção. Por um segundo ele e Jared dividiram um olhar assustado.

Então a tela ficou preta.

O Sapiente soprou uma oração. Ele se virou e olhou para Finn, e a obsessão estava de volta aos seus duros olhos azuis. “Eu vi! Eu vi Sapphique!”

Finn de repente se sentiu muito cansado. “Não,” ele disse, observando Attia tentar se soltar o aperto de Keiro. “Não era.”

“Eu vi, garoto tolo! Eu o vi!” O velho se ajoelhou dolorosamente ante a Chave. Ele estendeu a mão e a tocou. “O que ele disse, Finn? Qual era a mensagem dele para nós?”

“E por que você não nos contou que você podia ver pessoas com isso?” Keiro repreendeu. “Não confia em nós?”

Finn encolheu os ombros. Ele, não Claudia, tinha feito a maior parte da conversa, ele percebeu.

Mas ele tinha de continuar a mantê-los imaginando, então ele disse, “Sapphique... nos alerta.”

“De quê?” Cuidando de sua mão mordida, Keiro lançou a garota um olhar azedo.

“Vadia,” ele murmurou.

“Do perigo.”

“De que tipo? Todo o lugar é—”

“De cima.” Finn murmurou aleatoriamente. “Perigo de cima.”

Juntos, eles olharam para cima.

Instantaneamente Attia gritou e se jogou para o lado; Gildas praguejou. A rede caiu como uma teia de uma super-aranha, cada ponta pesada; caiu em cima de Finn, jogando-o no chão com o impacto, um levantamento de poeira e morcegos berrando. Por um momento a respiração estava presa para ele, então ele percebeu que Gildas estava lutando e se enrolando ao seu lado, que dois deles estavam presos nas cordas pesadas e pegajosas como resina lamacenta.

“Finn!” Attia se ajoelhou e puxou a rede; a mão dela se prendeu e ela a puxou bruscamente.

Keiro tinha tirado sua espada; ele a empurrava para o lado e cortava os

cabos, mas eles estavam presos com metal e as cordas retiniam. Ao mesmo tempo um alarme agudo na ruina começou a lamentar, um gemido alto.

“Não perca seu tempo,” Gildas resmungou. Então, furiosamente, “Saia daqui!”

Keiro encarou Finn. “Não deixo meu irmão.”

Finn lutou para se levantar, mas não pôde. Por um momento todo o pesadelo de estar preso ante aos vagões da Civicry voltou para sua mente; então ele arfou, “Faça como ele diz.”

“Nós podemos tirar essa coisa de você.” Keiro olhou ao redor loucamente. “Se nós tivéssemos algum tipo de eixo.”

Attia agarrou uma estrutura de metal da parede. Ele se desfez em ferrugem em suas mãos e ela o deixou cair com um gemido.

Keiro puxava a rede. O óleo negro escurecia suas mãos e seu casaco; ele praguejava, mas continuava puxando, e Finn tentava levantar, mas depois de um segundo eles todos caíam, derrotados pelo peso.

Keiro se agachou. “Vou encontrar você. Vou te resgatar. Dê-me a Chave.”

“O quê?”

“Dê para mim. Ou eles vão encontra-la em você e tomá-la.”

Os dedos de Finn se fecharam sobre o cristal quente. Por um momento ele viu o olhar assustado de Gildas através da rede; o Sapient disse, “Finn, não. Nós nunca o veremos novamente.”

“Cale sua boca, velho.” Furioso, Keiro se virou. “Dê para mim, Finn. Agora.”

Vozes do lado de fora. O latir de cachorros na trilha.

Finn se sacudiu. Ele apertou a Chave entre a rede oleada; Keiro a agarrou e a puxou, seus dedos passando óleo na águia perfeita. Ele a colocou dentro da jaqueta, então tirou um dos anéis de Jormanric e colocou no dedo de Finn. “Um para você. Dois para mim.”

O alarme parou.

Keiro recuou, olhando ao redor, mas Attia já tinha sumido. “Vou encontrar você, eu juro.”

Finn não se moveu. Mas logo quando Keiro sumiu na noite da Prisão, ele

agarrou as correntes e sussurrou. “Vai funcionar só comigo. Sapphique fala apenas comigo.”

Se Keiro o ouviu, ele não sabia. Porque bem quando as portas se abriram, luzes atingiram seus olhos, os dentes dos cachorros estavam estalando e rosnando para suas mãos e seu rosto.

***

Jared olhou para ela horrorizado. “Claudia, isso é loucura...”

“Podia ser ele. Podia ser Giles. Ah sim, ele parece diferente. Mais magro. Mais desgastado. Mais velho. Mas podia facilmente ser ele. Idade certa, constituição certa.

Cabelo.” Ela sorriu. “Olhos certos.”

Ela caminhou pelo quarto, consumida em inquietação. Ela não queria dizer como a condição do garoto a tinha apavorado. Ela sabia que a falha do Incarceron Experiment era um golpe terrível, que todos os Sapienti seriam atingidos por isso.

Agachando-se de repente perto do fogo morrendo, ela disse, “Mestre, você precisa dormir e eu também. Amanhã vou insistir para que você viaje comigo. Podemos ler as Histórias de Alegon até Alys dormir e então podemos conversar. Hoje à noite, eu só direi isso. Se ele não for Giles, poderia se tornar. Podemos descobrir quem ele é. Com o testamento do velho e a marca no pulso do garoto, haverá dúvida. Dúvida suficiente para parar o casamento.”

“O DNA dele...”

“Não é Protocolo. Você sabe disso.”

Ele balançou a cabeça. “Claudia, não posso acreditar... Isso é impossível...”

“Pense nisso.” Ela se levantou e atravessou o quarto. “Porque mesmo se o garoto não for Giles, Giles está em algum lugar. Caspar não é o Herdeiro, Jared. E eu tenciono provar isso. Se isso significa ir contra a Rainha e meu pai, eu farei.”

Ela parou na porta, não querendo deixa-lo nessa dor, querendo dizer algo que aliviaria seu sofrimento. “Temos de ajuda-lo. Temos de ajudar todos daquele inferno.”

Ele deu as costas para ela, mas assentiu. Desoladamente, falou. “Vá para cama, Claudia.”

Ela saiu pelo correndo turvo. Uma vela queimava ao longe, em uma alcova.

Enquanto ela caminhava com seu vestido sussurrando contra o chão, e a sua porta ela parou e olhou para trás.

A hospedaria parecia silenciosa. Mas do lado de fora da porta que devia ser de Caspar, um pequeno movimento repentino a assustou, e ela mordeu o lábio em desalento.

O homem grande, Faz, estava deitado ali sobre duas cadeiras.

Ele estava olhando diretamente para ela. Ironicamente, com um olhar malicioso que deu a ela arrepios, ele acenou com a caneca na mão.

Em antigos estatutos a Justiça foi sempre cega. Mas e se ela vê, vê tudo, e seu Olho é frio e sem Misericórdia? Quem se salvaria de tal olhar?

Ano após ano Incarceron reforçou seu domínio. Fez um inferno do que deveria ter sido o Céu.

O Portão está trancado; aqueles de fora não podem ouvir nossos gritos. Então, em segredo, comecei a moldar uma chave.

—Diário de Lorde Calliston

Quando passou sob o portão da Cidade, Finn viu que ele tinha dentes.

Ele era desenhado como uma boca escancarada, dentada com incisores de metal que pareciam navalhas afiadas. Ele pensou que havia algum mecanismo que fechava o portão em emergências, criando um bloqueio em mordida intransponível.

Deu uma olhada em Gildas, encostado cansadamente na carroça. Finn disse, “Deve haver alguém do seu povo aqui.”

O Sapiente coçou o rosto com as mãos atadas e disse secamente, “Se há, eles não inspiram muito respeito.”

Finn amarrou a cara. Isso tudo era culpa de Keiro. A primeira coisa que os homens-garça fizeram depois de tira-los da armadilha foi procurar a trouxa de Gildas. Eles jogaram fora os pós e pomadas, as penas de escrever cuidadosamente embrulhadas, o livro das Canções de Sapphique que ele sempre carregava. Nada daquilo importava. Mas quando eles encontraram os pacotes de comida, ele tinham se olhado. Um deles, um cara esquelético, virou nas pernas de pau e disse bruscamente, “Então, vocês são os ladrões.”

“Escuta, amigo,” Gildas disse sombriamente, “não sabíamos que a ovelha era sua.

Todo mundo tem que comer. Eu te pagarei, com minha sabedoria. Sou um Sapiente de alguma habilidade.”

“Oh, você pagará, velho.” O olhar do homem tinha sido raso. Ele olhara para seus companheiros; eles pareceram divertidos. “Com suas mãos, eu pensaria, quando as Justiças virem isso.”

Finn tinha sido preso tão fortemente que as cordas queimaram sua pele. Arrastado para fora, tinha visto uma pequena carroça, arreada em um burro; os Homens–garça pularam nela, deslizando habilmente fora dos estranhos aparelhos de metal.

Amarrado atrás, Finn tropeçara ao lado do velho ao longo da estrada que levava à Cidade. Duas vezes ele olhara para trás, esperando ver Keiro ou talvez Attia, só de relance, um breve aceno, mas a floresta estava longe agora, um reflexo distante de cores impossíveis, e a estrada corria em linha reta, como uma flecha, para baixo na longa ladeira metálica, o chão de cada lado cravejado com espinhos e recortado por abismos.

Impressionado com tais defesas, ele murmurou, “Do que eles têm tanto medo?”

Gildas olhou com cara feia. “Ataque, obviamente. Estão ansiosos para estar dentro antes do Apagar das Luzes.”

Mais que ansiosos. Quase todos da grande multidão que tinham visto mais cedo, já estavam dentro do muro; enquanto eles se apressavam ao portão, um clarim soou na cidadela, e os homens-garça instigaram ferozmente o burro, tanto que Gildas estava sem ar com o ritmo, e quase caiu.

Agora, salvo do lado de dentro, Finn ouviu o tinir de uma ponte levadiça e o chacoalhar de correntes. Será que Keiro e Attia tinham chegado aqui também? Ou eles estavam lá na floresta?

Ele sabia que os homens-garça teriam encontrado a Chave se ele tivesse ficado com ela, mas o pensamento de Keiro a ter, e talvez conversar com Claudia, deixaram-no nervoso. E havia outro pensamento que o preocupava, mas ele não pensaria nisso. Ainda não.

“Vamos.” O líder do partido de forrageamento, o puxou pra cima. “Temos que fazer isso esta noite. Antes do Festival.”

Enquanto se arrastava pelas ruas, Finn pensou que nunca vira tantas pessoas. Os caminhos e passagens estavam enfeitados com lanternas; quando as luzes da Prisão foram apagadas o mundo foi transformado instantaneamente em uma rede de minúsculas centelhas prateadas cintilantes, belas e brilhantes. Havia milhares de presidiários, armando barracas, barganhando em vastos bazares, procurando por abrigo, arrebanhando ovelhas e cavalos em currais e mercados quadrados. Viu mendigos sem as mãos, cegos, sem lábios e orelhas. Viu doenças desfigurantes que o fizeram ofegar e virar as costas. E ainda, nenhum meio-homem. Aqui também, parecia, a abominação era restrita aos animais.

O barulho de cascos se chocando era ensurdecedor; o fedor de esterco e suor, de palha triturada e a repentina doçura vivida de sândalo, de limões. Cachorros corriam em todo lugar, lutando sobre sacos de alimento, remexendo em esgotos, e furtivamente atrás deles os pequenos ratos de cobre que se reproduziam tão rápido se esgueiravam em fendas e soleiras, seus pequeninos olhos vermelhos.

E ele viu que imagens de Sapphique estavam em cada esquina, montadas acima das soleiras e janelas, um Sapphique que erguia sua mão direita para mostrar o dedo que faltava, que segurava na esquerda o que Finn reconheceu, com um silencioso pulo em seu coração, como uma Chave de cristal.

“Você vê...?”

“Vejo.” Gildas sentou sem fôlego num degrau enquanto seus captores se moviam pela multidão.

“Isso é obviamente algum tipo de festival. Talvez em honra de Sapphique.”

“Aquelas Justiças...”

“Deixe a conversa comigo.” Gildas se endireitou, tentou ajustar o manto. “Não diga uma palavra.

Uma vez que souberem quem eu sou, seremos libertados e está bagunça toda será resolvida. Um Sapiente será ouvido.”

Finn fechou a cara. “Espero que sim.”

“O que mais você viu, lá atrás na ruina? O que mais Sapphique disse?”

“Nada.” Ele ficara sem mentiras, e seus braços doeram de ser amarrados na frente.

Medo estava se enfiando em sua mente como um frio de água fria.

“Não que veremos a Chave de novo,” Gildas disse amargamente. “Ou aquele

mentiroso Keiro.”

“Eu confio nele,” Finn disse entre os dentes.

“Muito idiota, você.”

Os homens voltaram. Eles puxaram seus prisioneiros para um lado, e os empurraram por uma arcada em uma parede e subiram uma ampla e indistinta escadaria que fazia uma curva para a esquerda. No topo uma grande porta de madeira os confrontou; pela luz das duas lanternas que a guardavam, Finn viu que um enorme olho fora entalhado profundamente na madeira negra; o olho o encarou e ele pensou por um momento que ele estava vivo, que o observava, que era o Olho de Incarceron que estudada curiosamente toda sua vida.

Então os homens-garça bateram na madeira e a porta abriu. Finn e Gildas foram guiados para dentro, um homem de cada lado deles.

A sala, se isso era uma sala, estava completamente escura.

Finn parou instantaneamente; ele respirava com dificuldade, ouvindo ecos, um estranho farfalhar. Seus sensos o alertaram de um grande vazio, diante dele, ou talvez ao lado; ele estava apavorado de dar outro passo em caso de ele despencar em profundezas desconhecidas. Uma memória remota se mexeu em sua mente, um sussurro de algum lugar sem luz, sem ar. Ele se puxou para cima. Ele tinha que se manter alerta.

Os homens se afastaram, e ele se sentiu isolado, não vendo nada, tocando ninguém.

Então, não muito longe na frente dele, uma voz falou.

“Somos todos criminosos aqui. Não é assim?”

Era uma pergunta deprimida, calma, modulada. Ele não tinha ideia se a pessoa que falava era homem ou mulher.

Gildas disse imediatamente, “Não. Eu não sou um criminoso, nem foram os meus antepassados.

Eu sou Gildas Sapiens, filho de Amos, filhos de Gildas, que entrou em Incarceron no Dia do Fechamento.”

Silêncio. Depois, “Eu não pensei que restasse um de vocês.” A mesma voz. Ou era?

Vinha superficialmente da esquerda agora; Finn olhou nessa direção, mas não viu nada.

“Nem eu nem o garoto roubamos você,” Gildas vociferou. “Outro companheiro nosso matou o animal. Foi um erro, mas—”

“Fique calado.”

Finn ofegou. A terceira voz, idêntica às primeiras duas da direita. Devia ter três delas.

Gildas fez um ar de aborrecimento. Até seu silêncio estava zangado.

A voz central disse pesadamente, “Somos todos criminosos aqui. Somos culpados.

Mesmo Sapphique, aquele que Escapou, teve que pagar o débito para Incarceron. Vocês pagarão o débito em sua carne e com seu sangue. Vocês dois.”

Talvez a luz estivesse crescendo, ou talvez os olhos de Finn estivessem se ajustando.

Porque agora ele podia vislumbrá-las; três sombras sentadas diante dele, vestidas em mantos negros que cobria todos seus corpos, usando cocares negros estranhos que ele percebeu de uma vez que eram perucas. Perucas de cabelo liso e negro como corvos. O efeito era grotesco porque os locutores eram muito velhos. Ele nunca vira mulheres tão velhas.

Suas peles eram como couro com rugas, seus olhos de branco leitoso. Cada uma delas tinha a cabeça abaixada; quando seus pés rangeram desconfortavelmente, ele viu como suas faces viraram para seguir o som, e ele percebeu que elas eram cegas.

“Por favor...” ele murmurou.

“Não há apelo. Esta é a sentença.”

Ele deu uma olhada em Gildas. O Sapiente estava observando alguns objetos nos pés das mulheres. Nos degraus em frente da primeira, ficava uma roca áspera de madeira, e dela uma linha saia, um tecido fino prateado. Ele serpenteava e se enrolava nos pés da segunda mulher, como se ela nunca se movesse do banco onde estava sentada, e escondida nessa confusão estava uma vara de medição. A linha, suja e desfiada até agora, corria sobre a cadeira da terceira, para onde um par de tesouras afiadas se apoiava.

Gildas parecia afetado. “Eu ouvi falar se vocês,” ele murmurou.

“Então você saberá que somos as Três Sem Misericórdia, As Implacáveis. Nossa justiça é cega e trata somente de fatos. Vocês roubaram aqueles homens, a

evidencia é apresentada.” A idosa do meio inclinou a cabeça. “Concordam, minhas irmãs?”

De cada lado, vozes idênticas sussurraram, “Concordamos.”

“Então deixe a punição dos ladrões ser realizada.”

Os homens vieram para frente, agarraram Gildas, e o forçaram a se ajoelhar. No escuro Finn viu o contorno de um bloco de madeira; os braços do velho foram puxados para baixo e presos através dele no pulso. “Não!” ele ofegou. “Escutem-me...”

“Não fomos nós!” Finn tentou lutar. “Isso está errado.”

Os três rostos idênticos pareceram surdos bem como cegos. A central levantou um dedo magro; uma faca cintilou na escuridão.

“Eu sou um Sapiente da Academia.” A voz de Gildas estava rouca e apavorada.

Gotas de suor sobressaiam em sua testa. “Não serei tratado como um ladrão. Vocês não têm direito...”

Ele foi preso em um cabo rígido; um homem nas suas costas, outro agarrando seus pulsos atados.

A lâmina da faca estava levantada. “Cale-se, velho tolo,” um deles murmurou.

“Podemos pagar. Temos dinheiro. Posso curar doenças. O garoto... o garoto é um vidente. Ele fala com Sapphique. Ele viu as estrelas!”

Isso veio como um grito de desespero. Na mesma hora o homem com a faca parou; seu olhar piscou para as idosas.

Juntas disseram, “As estrelas?” As palavras eram um murmúrio sobreposto, um sussurro interrogativo. Gildas, ofegando por ar, viu sua chance. “As estrelas, Sábias Mulheres. As luzes das quais Sapphique fala. Perguntem a ele. Ele é um Nascido nas Celas, um filho de Incarceron.”

Estavam silenciosas agora. Suas faces cegas viraram na direção de Finn; a do meio ergueu a mão, acenando, e o homem-garça, o empurrou para frente de modo que ela tocou seu braço e o agarrou. Finn se manteve bem parado. As mãos da velha eram ossudas e secas, as unhas longas e quebradas. Ela apalpou pelos seus braços, por seu peito, alcançando seu rosto. Ele queria se desvencilhar dela, tremer, mas se manteve parado, resistindo os dedos frios, ásperos em sua

testa, sobre seus olhos.

A outra mulher o encarou, como se uma sentisse por todas. Depois, ambas mãos se pressionaram contra seu peito, a Justiça do meio murmurou, “Sinto seu coração. Ele bate corajosamente, carne da Prisão, osso da Prisão. Sinto o vazio nele, os céus rasgados na mente.”

“Sentimos a tristeza.”

“Sentimos a perda.”

“Ele me serve.” Gildas se levantou e ficou de pé precipitadamente. “Só a mim. Mas eu o dou a vocês, irmãs; ofereço-o a vocês em reparação de nosso crime. Uma justa troca.”

Finn o encarou, assombrado. “Não! Você não pode fazer isso!”

Gildas virou. Ele era uma pequena forma encolhida na escuridão, mas seus olhos estavam duros e espertos com a repentina inspiração, sua respiração irregular. Ele olhou propositalmente para o anel no dedo de Finn. “Não tenho escolha.”

As três idosas viraram-se uma para as outras. Elas não falaram, mas algum reconhecimento pareceu passar entre elas. Uma trepidou uma repentina risada que fez Finn suar e o homem atrás dele murmurar com terror.

“Vamos?”

“Deveríamos?”

“Poderíamos?”

“Aceitamos.” Elas falaram em uníssono. Então a idosa da esquerda se debruçou e pegou a roca.

Seus dedos rachados a giraram; ela pegou a linha e a puxou entre o dedo e o polegar. “Ele será o Escolhido. Ele será o Tributo.”

Finn engoliu. Sentiu-se fraco, suas costas brilharam com suor firo. “Que tributo?”

A segunda irmã mediu o fio, um palmo pequeno. A terceira idosa pegou a tesoura.

Cuidadosamente ela cortou a linha e esta caiu silenciosamente na poeira.

“O Tributo que devemos,” ela sussurrou, “para a Besta.”

***

Keiro e Attia alcançaram a Cidade pouco antes do apagar das luzes, a última légua atrás da carroça da qual o motorista nunca os perceberam. Fora do portão eles saltaram.

“E agora?” ela sussurrou.

“Vamos em frente. Todo mundo está indo.”

Ele caminhou a passos largos e ela olhou com ódio para suas costas, depois correu atrás dele.

Havia um portão menor, e à esquerda uma fenda estreita no muro. Ela imaginou para que era isso, depois viu que os guardas estavam fazendo as pessoas caminharem através dela.

Ela olhou para trás. A estrada estava vazia. Longe, na silenciosa planície as defesas esperavam; no alto, o que poderia ter sido um pássaro voava em círculos como uma fagulha prateada na névoa escura.

Keiro a empurrou para frente. “Você primeiro.”

Quando se aproximaram, o guarda correu um olho hábil sobre eles, depois mexeu a cabeça bruscamente em direção à fenda. Attia a percorreu. Era escuro, um corredor fedorento, e ela emergiu na rua de paralelepípedos da Cidade.

Keiro deu um passo atrás dela.

Instantaneamente, um alarme tocou. Keiro virou; um bipe suave, urgente na parede. Logo acima, Incarceron abriu um Olho e ficou olhando.

O guarda, que estivera fechando o portão, parou. Ele girou, puxando a espada.

“Bem, você não parece...”

Com um soco no estômago Keiro o curvou; outro o mandou batendo no muro. Ele ficou amassado. Keiro tomou folego, depois cruzou até o painel e desligou o alarme com uma pancada.

Quando voltou, Attia estava olhando-o. “Por que você? Por que não eu?”

“Quem se importa?” ele caminhou rapidamente por ela. “Ele provavelmente sentiu a Chave.”

Ela olhou suas costas, no rico justilho e no rabo de cavalo que ele prendia tão cuidadosamente para trás. Em voz baixa, de modo que ele não pode ouvi-la, ela

disse, “Então por que você está assustado?”

***

Quando a carruagem se curvou quando ele saltou para dentro, Claudia suspirou com alivio.

“Pensei que você nunca viria.”

Ela se virou da janela e as palavras morreram em sua boa.

“Estou tocado,” seu pai disse secamente.

Ele tirou uma luva e espanou a poeira do assento. Depois ele descansou sua bengala e um livro do lado, e gritou, “Dirija.”

A carruagem rangeu quanto os cavalos foram chicoteados. No momento do chacoalhar dos arreios e da volta balançante no pátio da pousada Claudia tentou parar a si mesma de cair na armadilha. Mas a ansiedade era demais. “Onde está Jared? Pensei...”

“Pedi a ele para viajar com Alys na terceira carruagem esta manhã. Achei que devíamos conversar.”

Era um insulto, claro, entretanto Jared não se importaria e Alys ficaria felicíssima em tê-lo para si. Mas tratar um Sapient como um servo... Ela estava rígida de fúria.

Seu pai a observou por um momento, depois olhou para fora da janela, e ela viu que ele tinha deixado um pouco mais de cinza em sua barba, de modo que sua aparência de grave distinção estava mais forte do que nunca.

Ele disse, “Claudia, poucos dias atrás você me perguntou sobre sua mãe.”

Se ele tivesse batido nela, ela não conseguiria ter ficado mais estupefata. Depois, instantaneamente, ela estava em alerta. Era próprio dele, tomar a iniciativa, para virar o jogo, para atacar. Ele era um mestre em jogar xadrez na Corte. Ela era um peão em seu tabuleiro, um peão que ele faria uma rainha, apesar de tudo.

Lá fora, uma suave chuva de verão estava encharcando os campos. Cheirava doce e fresco. Ela disse, “Sim, perguntei.”

Ele olhou para fora para o campo, seus dedos brincando com as luvas pretas. “É muito difícil para mim, falar sobre ela, mas hoje, nessa jornada em direção a tudo pelo que eu sempre trabalhei, talvez a hora tenha chegado.” Claudia mordeu o lábio.

Tudo que sentiu foi medo. E por um momento, só um fragmento de tempo, algo que ela nunca sentira antes. Sentiu pena dele.

Nós pagamos o tributo dos melhores e mais queridos e agora aguardamos o resultado. Se demorar séculos, não esqueceremos. Como lobos, ficaremos de guarda. Se tivermos que nos vingar, nos vingaremos.

—Os Lobos de Aço

“Casei na meia-idade.” John Arlex assistiu a vegetação densa do verão escurecer o interior da carruagem com reflexos da luz do sol. “Eu era um homem rico—nossa família sempre foi parte da Corte—e o cargo de Diretor havia sido meu na juventude. Uma grande responsabilidade, Claudia. Você não tem ideia do quanto.”

Deu um leve suspiro.

A carruagem sacudia sobre pedras. No bolso do casaco de viagem, ela sentiu a chave de cristal bater contra seu joelho, lembrou-se do medo de Finn, seu rosto faminto.

Eram todos assim, os Prisioneiro que seu pai vigiava?

“Helena era uma mulher bonita e elegante. Nosso casamento não era arranjado, mas um encontro casual em um baile de inverno na Corte. Ela era uma Dama da companhia da última Rainha, a mãe de Giles, uma órfã, a última de sua linhagem.”

Ele parou, como se quisesse que ela dissesse alguma coisa, mas ela não disse. Ela sentia que se falasse quebraria o encanto, que ele pararia. Ele não olhou para ela.

Suavemente ele disse, “Eu estava muito apaixonado por ela.”

As mãos dela estavam apertadas. Ela as fez relaxar.

“Depois de um breve cortejo nos casamos na Corte. Um casamento tranquilo, não como será o seu, mas houve um discreto banquete depois, e Helena sentou-se à cabeceira da minha mesa e riu. Ela se parecia muito com você, Claudia, um pouco mais baixa. Seu cabelo era belo e macio.

Ela sempre usava uma fita de veludo preta em volta do pescoço, com um retrato de nós dois nela."

Ele alisou o joelho distraidamente.

“Quando ela me disse que estava grávida eu estava mais feliz do que posso

dizer.

Talvez eu tivesse pensado que o tempo se foi, que eu nunca teria um herdeiro. Que os cuidados com Incarceron passaria da família, que a linhagem dos Arlexi morreria comigo.

Em todo caso, eu cuidei ainda mais dela. Ela era forte, mas as restrições do Protocolo tinham que ser observadas."

Ele olhou para cima. "Tivemos tão pouco tempo juntos."

Claudia respirou. "Ela morreu."

"Quando a criança nasceu." Ele olhou para longe, pela janela. Sombras das folhas brilhavam em seu rosto. "Tivemos uma parteira e uma das mais renomadas dos Sapienti no atendimento, mas nada poderia ser feito."

Ela não tinha ideia do que dizer. Nada a havia preparado para isso. Ele nunca tinha falado com ela assim antes. Seus dedos estavam unidos para trás. Ela disse, "Nunca a vi então."

"Nunca." Seu olhar sombrio virou-se para ela. "E depois eu não aguentava ver a imagem dela.

Havia um retrato, mas eu o tinha trancado. Agora só existe isso."

Ele tirou de dentro de sua camisa um pequeno medalhão de ouro, puxou a fita preta por sobre sua cabeça e o estendeu. Por um momento ela estava quase com medo de pegá-lo; quando o pegou, estava quente com o calor do seu corpo.

"Abra-o," ele disse.

Ela desamarrou. No interior, olhando um para o outro em dois quadros ovais estavam duas miniaturas, primorosamente pintadas. À direita, seu pai, com ar sério e mais jovem, seus cabelos de um rico castanho. E em frente, em um vestido decotado de seda escarlate, uma mulher com rosto doce e delicado, sorrindo, uma minúscula flor em sua boca.

Sua mãe.

Seus dedos tremeram; olhando para cima para ver se ele percebeu, viu que ele a estava olhando.

Ele disse, "Farei uma cópia para você na Corte. Mestre Alan, o pintor, é um excelente artista."

Ela queria que ele tivesse um ataque de nervos, gritasse. Queria que ele se

zangasse, ficasse arrasado pela dor, alguma coisa, qualquer coisa que ela pudesse responder. Mas havia apenas sua calma sombria.

Ela sabia que ele tinha vencido essa rodada do jogo. Em silêncio ela devolveu o medalhão.

Ele guardou no bolso.

Nenhum dos dois falou durante algum tempo. A carruagem fazia barulho ao longo da estrada; eles passaram por uma aldeia de casas em ruínas e uma lagoa onde os gansos se levantaram e bateram as asas brancas no susto. Então a estrada subiu, para a sombra verde de um bosque.

Claudia se sentiu quente e embaraçada. Um marimbondo entrou pela janela aberta; ela o espantou e limpou suas mãos e rosto com um pequeno lenço percebendo como a poeira marrom da estrada apareceu no linho branco.

Finalmente ela disse, “Estou feliz que tenha me contado. Por que agora?”

“Não sou um homem comunicativo, Claudia. Mas só agora estou pronto para falar sobre isso.”

Sua voz era áspera e rouca. “Esse casamento vai ser o auge da minha vida.

Dela também, se tivesse vivido. Devemos pensar nela, do quanto se sentiria orgulhosa e feliz.”

Ele levantou os olhos e eles eram cinzentos como aço. “Nada deve estragar as coisas, Claudia.

Nada deve ficar no caminho do nosso sucesso.”

Ela encontrou seus olhos; ele sorriu seu sorriso lento. “Agora. Tenho certeza de que prefere a companhia de Jared que a minha.” Havia uma frieza nas palavras que ela não perdeu. Ele pegou sua bengala e bateu no teto da carruagem; do lado de fora, o cocheiro apitou baixo, puxando os cavalos para uma parada inquieta, bufando e batendo os cascos.

Quando ficaram quietos, o Diretor se inclinou e abriu a porta. Ele desceu e se esticou.

“Que bela vista. Olhe minha querida.”

Ela desceu ao lado dele.

Um grande rio corria abaixo deles, brilhando sob o sol de verão. Ele percorria ricas terras, os campos dourados com cevadas amadurecidas, e ela viu

que as borboletas estavam elevando-se nas nuvens dos prados floridos ao lado da estrada. O sol estava quente em seus braços; ela levantou o rosto para ele com gratidão, fechando seus olhos e vendo apenas um calor vermelho, sentindo o cheiro da poeira e alguns pungentes mil-em-ramas esmagados na sebe.

Quando ela abriu os olhos novamente ele tinha ido, caminhando de volta para as carruagens que os seguiam, batendo sua bengala, dizendo uma palavra gentil ao Lorde Evian, que subiu e enxugou o suor de seu rosto vermelho.

E o Reino estendia-se diante dela para o calor distante do horizonte nevoento, e por um segundo ela desejou que pudesse correr em sua quietude de verão, fugir para a paz da terra vazia. Em algum lugar que ninguém mais estaria.

Em algum lugar onde ela estaria livre.

Um movimento em seu cotovelo. Lorde Evian ficou ali, bebendo de uma garrafa de vinho pequena. “Lindo,” ele respirou. Ele apontou um dedo gordo. “Vê?”

Ela viu um brilho milhas de distância nas montanhas distantes. Um reflexo brilhante de diamante branco. E ela soube que era a luz do sol sobre o telhado da grande Corte de Vidro.

***

Keiro comeu o último pedaço de carne e recostou-se, empanturrado. Bebeu a última gota de cerveja e procurou em volta por alguém para encher a caneca.

Attia ainda estava sentada perto da porta, ele a ignorou. A taberna estava cheia; ele precisou chamar duas vezes para ganhar atenção. Então a dona da taverna veio com um jarro e enquanto servia perguntou, “E sua amiga? Ela não come?”.

“Ela não é minha amiga.”

“Ela veio atrás de você.”

Ele deu de ombros. "Não é possível deixar de ser seguido por garotas. Quero dizer, olhe para mim.”

A mulher riu e balançou a cabeça. “Tudo bem, bonitão. Pague.”

Ele contou algumas moedas, bebeu a cerveja e levantou, se alongando. Sentiu-se melhor depois do banho, e o colete vermelho-fogo sempre pareceu bem nele.

Caminhando entre as mesas ele ignorou Attia quando ela levantou para

segui-lo e estava quase no meio do beco escuro antes que a voz dela o fizesse parar.

“Quando é que vamos encontrá-los?”

Ele não se virou.

“Deus sabe o que está acontecendo com eles. Você prometeu...”

Keiro virou. “Por que você não se perde?”

A garota olhou para trás. Ela era uma coisinha tímida, ele havia pensado, mas esta era a segunda vez que ela o confrontava, e estava ficando chato. “Eu não vou a lugar nenhum,” ela disse calmamente.

Keiro sorriu. “Você acha que vou abandoná-los, não é?”

“Sim.”

Sua franqueza o atingiu. Isso o fez se zangar. Ele se virou e seguiu em frente, mas ela veio atrás dele como uma sombra. Como um cão.

“Eu acho que você quer, mas não vou deixar. Não vou deixar você pegar a Chave.”

Ele disse a si mesmo que não a responderia, mas as palavras saíram de qualquer jeito. “Você não tem ideia do que vou fazer. Finn e eu somos irmãos de juramento. Isso significa tudo. E eu mantenho minha palavra.”

“Mantém?” A voz dela deslizou como uma cópia dissimulada de Jormanric. “Eu não mantive minha palavra desde que eu tinha dez anos e esfaqueei meu próprio irmão. É assim que funciona, Keiro? É como o Comitatus ainda está conosco, dentro de você?”

Ele então se virou, mas ela estava pronta para ele. Ela pulou, arranhando seu rosto, chutando e empurrando-o de modo que ele cambaleou e caiu para trás contra a parede. A Chave caiu, um ruído na calçada imunda; ambos tentaram pega-la, mas ela foi mais rápida.

Keiro sibilou com raiva. Ele pegou os cabelos dela, arrastou-a para trás com brutalidade. “Dê-

me!”

Ela gritou e se contorceu.

“Chega disso!”

Ele puxou mais forte. Com um uivo de dor Attia jogou a Chave na escuridão; instantaneamente Keiro a largou e procurou pela chave, mas assim que a encontrou, caiu com um grito.

Ele ficou caído no chão, pequenas luzes azuis viajavam dentro dele.

De repente, com um silêncio alarmante, um campo de imagens surgiu em torno dele. Eles viram uma garota vestida em um suntuoso vestido, as costas contra uma árvore, iluminada por uma luz de brilho glorioso. Ela olhava para os dois. Quando ela falou, sua voz estava acentuada com suspeita.

“Onde está Finn? Quem diabos são vocês?”

***

Tinham lhe dado uma refeição de bolos de mel e algumas sementes estranhas e uma bebida quente que borbulhava ligeiramente, mas ele tinha medo de prova-lo, caso estivesse com drogas.

Seja o que for que vá acontecer, ele queria uma cabeça limpa.

Eles também tinham lhe dado roupas limpas e água para se lavar. Dois homens-Crane estavam de pé do lado de fora da sala, encostados na parede.

Ele foi até a janela. Havia uma longa queda. Adiante tinha uma rua estreita, apinhada de pessoas até agora, mendigando e vendendo e montando acampamentos improvisados na rua, dormindo em sacos, seus animais vagando por toda parte. O barulho era terrível.

Ele colocou as mãos no peitoril e inclinou-se para fora, olhando para os telhados.

Era a maioria de palha, com um ou outro de metal remendado. Não havia como ele pudesse sair por eles; a casa inclinava-se para fora como se fosse cair, e ele certamente cairia. Por um momento ele se perguntou se não seria melhor quebrar seu pescoço aqui do que ter que enfrentar alguma criatura sem nome, mas ainda havia tempo. As coisas poderiam mudar.

Ele abaixou a cabeça e sentou no banco tentando pensar. Onde estava Keiro? O que ele estava fazendo? Qual plano ele tinha? Keiro era voluntarioso e selvagem, mas era um grande conspirador. A emboscada do Civicry tinha sido sua ideia. Ele foi obrigado a pensar em algo bom.

Finn já perdeu sua audácia, sua absoluta autoconvicção.

A porta se abriu; Gildas se espremeu para dentro.

“Você!” Finn pulou de pé. “Você tem uma ousadia...”

O Sapiente levantou as duas mãos. “Você está com raiva. Finn, não tive escolha.

Você viu o que teria acontecido para nós.” Ele parecia triste, caminhou e sentou-se no banco.

“Além disso, eu vou com você.”

“Eles disseram que só eu.”

“As moedas de prata fazem muito.” Ele resmungou nervoso. “A maioria das pessoas tenta subornar um modo de ser levado para fora da Caverna, me parece, não para dentro.”

Havia apenas um assento no cômodo; Finn estava sentado no chão entre a palha com os braços em volta dos joelhos. “Pensei que estava sozinho,” disse em voz baixa.

“Bem, não está. Não sou Keiro, e não vou abandonar meu vidente.”

Finn fez uma careta. Então disse, “Você me abandonaria se eu não visse nada?”

Gildas esfregou as mãos secas, fazendo um som que lembrava papel. “Claro que não.”

Eles ficaram em silêncio por um momento, ouvindo o burburinho da rua. Então Finn disse, “Fale-me sobre a Caverna.”

“Pensei que conhecesse a história. Sapphique veio para a Cidadela das Justiças, que deve ser onde estamos. Ele descobriu que as pessoas daqui prestavam uma homenagem a cada mês para um ser que só conhecem como a Besta—o tributo é um jovem rapaz ou moça da cidade. Eles vão para uma caverna na montanha; ninguém jamais retorna."

Ele coçou a barba. “Sapphique foi diante das Justiças e ofereceu a si mesmo no lugar de uma moça cuja vida era o pagamento. Dizem que ela chorou a seus pés. Enquanto ele saia da cidade o povo o observou ir, em silêncio. Ele entrou na Caverna sozinho, sem armas.”

Finn disse, “E?”

Gildas ficou em silêncio por um momento. Quando continuou sua voz estava baixa.

“Por três dias nada aconteceu. Então, no quarto, notícias se espalharam em volta como um incêndio de que o estranho havia surgido da Caverna. As pessoas da cidade sinalizaram os muros, abriram os portões. Sapphique caminhou lentamente até a estrada. Quando alcançou os portões levantou a mão direita, e então viram que estava faltando o dedo indicador, e que a mão sangrava na poeira. Ele disse, ‘A dívida não foi paga. Não há o suficiente de mim para pagar a dívida. O que vive na Caverna é uma fome que nunca pode ser satisfeita. Um vazio que nunca pode ser preenchido.’ Então ele se virou e foi embora e as pessoas o deixaram ir. Mas a garota, aquela cuja vida ele salvou, correu atrás, e viajou com ele por um tempo. Foi a primeira de seus Seguidores.”

Finn disse, “O que—?” mas a porta foi aberta antes que pudesse terminar. O homem-Crane acenou. “Fora. O rapaz precisa dormir agora. Partiremos ao Acender das Luzes.”

Gildas saiu, com um olhar rápido. O homem jogou alguns cobertores para Finn; ele os puxou em torno de si e sentou encolhido contra a parede, ouvindo vozes e cantorias e latidos na rua.

Sentia frio e completamente sozinho. Tentava pensar em Keiro, em Claudia, a garota que a Chave tinha mostrado a ele. E Attia, será que o tinha esquecido? Será que todos o abandonariam ao seu destino?

Ele rolou e se cobriu.

E então viu o Olho.

Estava muito pequeno, em cima, perto do teto, meio escondido entre teias de aranha.

Ele o observava firmemente e ele olhou para trás, depois se sentou e o encarou.

“Fale comigo,” disse, sua voz suave com raiva e desprezo. “Está com muito medo de falar comigo?

Se eu nasci de você, então fale comigo. Diga-me o que fazer. Abra as portas.”

O Olho era um raio vermelho, sem piscar.

“Sei que você está lá. Sei que pode me ouvir. Sempre soube. Os outros esquecem, mas eu não.”

Ele estava de pé agora; se aproximou e estendeu a mão, mas o Olho estava,

como sempre, muito alto. “Eu disse a ela sobre você, a Mestra, a mulher que foi morta, que eu matei. Você viu isso?

Você viu sua queda, você a pegou? Você a tem em algum lugar, viva?”

Sua voz estava tremendo, sua boca estava seca; ele conhecia os sinais mas estava muito zangado e com medo para parar.

“Eu vou Escapar de você. Eu prometo. Deve haver algum lugar para ir. Onde você não possa me ver. Onde você não existe!”

Ele estava suando, fatigado. Ele teve que se sentar, deitar, deixar a tontura varrer sobre ele, a colcha de retalho de imagens, um cômodo, uma mesa, um barco em um lago escuro. Ele se engasgou com elas, lutou contra, afogado nelas. “Não,” ele disse. “Não.” O Olho era uma estrela.

Uma estrela vermelha. Caiu lentamente em sua boca aberta. E enquanto queimava dentro dele, ele a ouviu falar no mais fraco dos sopros, o murmúrio de poeira em corredores desertos, o queimar das cinzas no coração do fogo.

“Eu estou por toda parte” sussurrou. “Por toda parte.”

Pelos intermináveis corredores de culpa,

Meu fio prateado de lágrimas é derramado.

O osso de meu dedo, a chave que se quebrou, Meu sangue, o óleo que pule o cadeado.

—Canções de Sapphique.

Claudia olhou para a imagem consternada. “O que você quer dizer com presos?

Vocês estão todos na Prisão, não estão?” O garoto sorriu largamente, uma leve gozação que ela já não gostou. Ele sentou no meio-fio do que parecia algum tipo beco escuro e se reclinou para trás, olhando fixamente para ela como analisando-a minuciosamente.

“Estamos, realmente? E onde você está então, Princesa?”

Ela amarrou a cara. Na verdade, ela tinha entrado no guarda-roupa da hotelaria onde as carruagens tinham parado para o almoço - uma câmara de pedra fedorenta muito perto do Protocolo – por conforto. Mas ela não ia perder tempo explicando. “Me escute, qualquer que seja seu nome—”

“Keiro.”

“Bem, Keiro. É vital que eu fale com Finn. Como você conseguiu essa Chave dele?

Você a roubou?”

Ele tinha olhos muito azuis, e seu cabelo era loiro e longo. Ele era bonito, e certamente sabia disso. Ele disse, “Finn e eu somos irmãos adotivos, jurados um para o outro. Ele me deu ela por segurança.”

“Então ele confia em você?”

“É claro.”

Outra voz disse, “Bem, eu não.”

Uma garota apareceu atrás dele; ele olhou para ela calorosamente e murmurou, “Você vai calar a boca?” Mas ela agachou e falou apressadamente com Claudia.

“Eu sou Attia. Eu acho que ele vai abandonar Finn e o Sapiente e tentar Escapar como Sapphique tentou, ele acha que a Chave vai funcionar para ele. Você não deve lhe permitir! Finn morrerá.”

Confundida com os nomes, Claudia disse, “Espere. Vá mais devagar. Por que ele morrerá?”

“Eles parecem ter algum tipo de ritual nesta Ala. Ele tem que enfrentar a Besta. Tem algo que você possa fazer? Alguma magia das estrelas? Você tem que nos ajudar!”

A menina tinha as roupas mais sujas que Claudia já vira; seu cabelo era escuro e retalhado em um áspero e irregular corte. Ela estava claramente preocupada. Tentando pensar, Claudia disse, “Como eu posso fazer alguma coisa? Vocês têm que tirar ele disso.”

“O que te faz pensar que nós podemos?” Keiro perguntou calmamente.

“Você não tem escolha.” Um grito no pátio da pousada a fez olhar em volta nervosamente.

“Porque Finn é o único com quem irei conversar.”

“Gosta dele, não? De qualquer jeito, quem é você?”

Ela olhou com ódio. “O Diretor de Incarceron é meu pai.”

Keiro bufou. “Que Diretor?”

“Ele... supervisiona a Prisão.” Ela sentiu frio. O desprezo dele a gelou. Rapidamente ela continuou.

“Talvez eu possa encontrar mapas da Prisão, um mapa dos caminhos secretos dela, suas entradas e corredores que lhe mostrarão o caminho para fora. Mas eu não te direi nada até ver Finn.”

Isso era uma mentira que teria feito Jared gemer, mas ela não tivera escolha. Ela não confiava em Keiro; ele era arrogante, e a menina parecia zangada e assustada.

Keiro deu de ombros. “O que tem de tão especial em Finn?”

Ela hesitou. Então disse, “Acho... Eu acho que o reconheço. Ele está mais velho, ele parece diferente, mas tem algo nele, sua voz... Se eu estiver certa, seu nome verdadeiro é Giles, e ele é filho de... Uma pessoa bastante importante aqui.” Ela não devia dizer muito.

Somente o suficiente para leva-lo a agir.

Keiro ficou olhando, estupefato. “Você está me dizendo que todo esse disparate sobre vir de Fora é verdade? Que a marca no pulso dele significa alguma coisa?”

“Tenho que ir. Apenas vá busca-lo.”

Ele cruzou os braços. “E se eu não conseguir?”

“Então esqueça a magia das estrelas.” Ela olhou a garota, seus olhos se encontraram rapidamente. “E essa Chave será só um pedaço de cristal inútil. Mas se você é irmão dele, você iria querer salva-lo.”

Keiro concordou. “Eu quero.” Ele acenou para Attia. “Esqueça ela. Ela é louca. Não sabe de nada.”

Sua voz estava baixa e séria. “Finn e eu somos irmãos e nós cuidamos um do outro. Sempre.”

Attia olhou fixamente para Claudia, seu rosto machucado. “Ele é aparentado com você?” ela perguntou em voz baixa. “Seu irmão? Primo?”

Claudia deu de ombros. “Só um amigo. Um amigo, isso é tudo.” Apressadamente, ela desligou o campo visual.

A Chave bruxuleou na escuridão fétida. Ela a enfiou no bolso em sua saia e correu para fora, desesperada por ar fresco. Alys estava passando ansiosamente no corredor, servos passando por ela com bandejas e louças.

“Oh, aqui está você, Claudia! Conde Caspar está te procurando.”

Mas Claudia já podia ouvi-lo, o zurro fino e irritante de sua voz, e para sua consternação, ela viu que era Jared, com quem ele estava conversando, e Lorde Evian, os três sentados em bancos ao sol, os cães do albergue se esparramando em uma barulheira cheia de expectativa aos seus pés.

Ela saiu e atravessou os paralelepípedos.

Evian se levantou imediatamente e fez uma pomposa reverencia; Jared mudou de lugar silenciosamente para dar lugar a ela. Caspar disse irritado, “Você sempre está me evitando, Claudia!”

“Claro que não. Porque diabos eu faria isso?” Ela se sentou e sorriu. “Que legal.

Todos meus amigos juntos.”

Caspar olhou de cara feia. Jared balançou a cabeça levemente. Ao lado deles, Evian escondeu um sorriso com seu lenço rendado. Ela imaginou como ele conseguia sentar tão friamente com o Conde, o garoto que ele estava tramando assassinar. Mas então, provavelmente ele teria protestado que não era pessoal e que isso era política e nada mais.

O jogo, sempre.

Ela virou para Jared. “Quero quer você viaje comigo agora. Estou tão entediada.

Não podemos discutir a História Natural do Reino de Menessier?”

“Por que não eu?” Caspar jogou um naco de carne aos cachorros e assistiu eles brigarem por ele.

“Eu não sou chato.” Seus pequenos olhos se viraram para ela. “Sou?”

Era um desafio. “Realmente não, Sua Graça.” Ela sorriu amavelmente. “E é claro que eu amaria que você se juntasse a nós. Menessier tem algumas passagens excelentes sobre a fauna nas florestas coníferas.”

Ele a olhou fixamente com desgosto. “Claudia, não tente aquela besteirada de olhar inocente comigo. Eu te disse, eu não me importo com o que você tem que fazer. De qualquer jeito, eu sei tudo sobre isso. Fax me contou sobre noite passada.”

Ela sentiu-se empalidecer, não conseguia olhar para Jared. Os cachorros rosnavam e brigavam.

Um roçou sua saia e ela bateu o pé para ele.

Caspar ficou de pé, sorrindo triunfante. Ele estava usando um colar de argolas de ouro espalhafatoso e uma casaca de veludo preta, e ele chutou os cães ao lado até que eles gritaram.

“Mas estou te avisando, Claudia, seria melhor você ser mais discreta. Minha mãe não tem a mente tão aberta quanto eu. Se ela descobrisse, ela ficaria furiosa.” Ele sorriu para Jared. “Seu inteligente tutor poderia achar que sua doença ficasse pior de repente.”

Ela estava tão zangada que quase se pôs de pé em um salto, mas o leve toque de Jared a manteve sentada. Eles observaram Caspar atravessar o pátio da pousada à passos largos, evitando as poças e estrumeiras em suas botas caras.

Finalmente Lorde Evian pegou sua tabaqueira. “Minha nossa,” ele disse em voz baixa. “Agora, se eu já ouvi uma, aquilo foi uma ameaça.”

Claudia encontrou os olhos de Jared. Eles estavam escuros e preocupados, “Fax?”

Ele disse.

Ela encolheu os ombros, exasperada consigo mesma. “Ele me viu saindo do seu quarto noite passada.”

O desagrado dele transpareceu. “Claudia...”

“Eu sei. Eu sei. É tudo minha culpa.”

Evian cheirou o tabaco delicadamente. “Se me for permitido argumentar, isso foi uma coisa muito lamentável de se acontecer.”

“Não é o que você pensa.”

“Tenho certeza.”

“Não. De verdade. E você pode abandonar a encenação. Eu contei ao Jared sobre... os Lobos de Ferro.”

Ele deu uma olhada ao redor rapidamente. “Claudia, baixo, por favor.” Sua voz perdeu a afetação.

“Eu aprecio que você confie em seu tutor, mas—”

“É claro que ela devia ter me contado.” Jared bateu de leve no tampo da mesa com seus longos dedos. “Porque o complô todo é insensato, completamente criminoso, e quase certo de ser traído. Como vocês puderam

mesmo pensar de coloca-la nisso!”

“Porque não podemos fazê-lo sem ela.” O homem gordo estava calmo, mas uma película de suor brilhava em sua testa. “Você acima de todos, Mestre Sapiente, entende o que o decreto de ferro de Havaarna nos fez. Nós somos ricos, alguns de nós, e vivemos bem, mas não somos livres.

Estamos com pé e mão acorrentados pelo Protocolo, escravizados a um mundo estático, vazio onde homens e mulheres não podem ler, onde os avanços tecnológicos dos séculos são as preservas dos ricos, onde artistas e poetas estão fadados a repetições sem fim e estéreis reelaborações de obras-primas do passado. Nada é novo. O novo não existe. Nada muda, nada cresce, evolui, se desenvolve. O tempo parou.

O progresso é proibido.”

Ele se inclinou para frente. Claudia nunca o vira tão sério, tão despojado de seu gasto disfarce, e isso a deprimiu, como se ele fosse uma pessoa completamente diferente, um homem mais velho, exausto e desesperado.

“Estamos morrendo, Claudia. Devemos abrir esta cela onde nos trancamos, escapar desta roda infinita onde andamos como ratos. E me dediquei para nos libertar. Se isso significa minha morte, não me importo, porque mesmo a morte será um tipo de liberdade.”

Na quietude as gralhas crocitaram entre as árvores acima. Os cavalos no pátio do estabulo estavam sendo arreados, seus cascos batendo nas pedras.

Claudia lambeu os lábios secos. “Não faça nada ainda,” ela sussurrou. “Eu posso ter... Alguma informação para você. Mas ainda não.” Ela levantou rapidamente, sem querer dizer mais nada, sem querer sentir a angustia gélida que ele abrira nela como uma ferida de faca.

“Os cavalos estão prontos. Vamos.”

***

As ruas estavam cheias de pessoas, todas caladas. Seu silêncio apavorava Finn; era tão intenso, e o jeito faminto com que o olharam o fez tropeçar, as mulheres e crianças malvestidas, os mutilados, os velhos, os soldados; as encaradas frias e curiosas que ele não ousava olhar, de modo que ele olhava para baixo, para os próprios pés, na rua suja, em qualquer lugar menos para eles.

O único som que se ouvia nas ruas íngremes era a marcha constante dos seis guardas em volta dele, o estalo de suas botas com sola de ferro nas pedras, e

muito acima, voando em círculos como um presságio, um único grande pássaro piando em gritos chorosos entre as nuvens e ecoando ventos da abóboda de Incarceron.

Então alguém cantou de volta, uma única nota de lamento, e como se isso fosse um sinal, toda a multidão a acompanhou e cantarolou suavemente, sua tristeza e medo em um único estranho e suave som. Ele tentou compreender a palavras, mas somente fragmentos chegaram até ele... A linha prateada que se partiu... Todo abaixo os infinitos corredores de culpa e sonhos... E como um coro a atormentadora frase repetida: o osso de seu dedo a chave, seu sangue o óleo que lubrifica o cadeado.

Virando uma esquina, Finn deu uma olhada para trás.

Gildas caminhava atrás, sozinho. Os guardas o ignoravam, mas ele caminhava firmemente, sua cabeça erguida, e os olhos das pessoas se deslocavam com admiração sobre o verde de seu casaco de Sapiente.

O velho parecia austero e importante; ele deu a Finn um breve aceno de encorajamento.

Não havia sinal de Keiro ou Attia. Desesperadamente Finn olhou na multidão. Será que eles tinham descoberto o que estava acontecendo com ele? Será que esperariam do lado de fora da Caverna? Será que eles tinham falado com Claudia? A ansiedade o atormentava, e ele não se permitiria pensar na coisa que ele temia, que se escondia no escuro de sua mente como uma aranha, como o sussurro zombador de Incarceron.

Que Keiro poderia ter pego a Chave e ido.

Ele sacudiu a cabeça. Nos três anos de Comitatus, Keiro nunca tinha o traído. Tinha o provocado, sim, rido dele, roubado dele, brigado com ele. Mas ele sempre esteve ali. E ainda agora, Finn percebeu com uma repentina frieza, quão pouco ele sabia sobre seu irmão adotivo, sobre de onde ele viera. Keiro só dissera que seus pais estavam mortos.

Finn nunca perguntara nada. Sempre estivera absorto demais em suas próprias dolorosas perdas, nos flashes de memória e desmaios.

Ele deveria ter perguntado.

Deveria ter se importado.

Uma chuva de minúsculas pétalas negras começou a cair sobre ele. Olhando para cima, ele viu que as pessoas estavam jogando-as, lançando punhados que

caiam nas pedras e faziam um tapete perfumado negro na estrada. E ele viu que as pétalas tinham uma qualidade peculiar, que quando se tocavam, elas derretiam, e que as sarjetas e ruas fluíam com uma massa espessa coalhada que transpirava o mais doce dos perfumes.

Isso fez com que ele se sentisse estranho. É como se isso o fizesse entrar em um sonho, fê-lo lembrar da voz que ouvira de noite.

Estou em todos os lugares. Como se a Prisão tinha lhe respondido. Ele olhou para cima agora, enquanto eles marchavam sob a enorme boca do portão, e viu um único Olho vermelho na ponte levadiça, seu olhar fixo sem piscar nele.

“Você pode me ver?” ele respirou. “Você falou comigo?”

Mas o portão estava atrás dele e eles estavam fora da Cidade.

A estrada ia em frente reta e estava deserta. O óleo espesso escorria por ela, atrás, ele ouviu os portões e portas baterem, os ferrolhos de madeira se cruzar, as grades de ferro despencar. Aqui sob a abóboda o mundo parecia vazio, a planície varrida por ventos gelados.

Os soldados tiraram dos ombros os pesados machados que carregavam; o que estava na frente tinha também algum tipo de dispositivo com uma caixinha de metal anexada, uma máquina de arremesso-invariável, Finn pensou. Ele disse, “Deixe o Sapiente nos alcançar.”

Eles diminuíram o passo, como se agora ele não fosse seu prisioneiro, mas seu líder, e Gildas caminhou sem fôlego e disse, “Seu irmão não apareceu.”

“Ele vai acabar aparecendo.” Dizer isso ajudou.

Eles caminharam rapidamente, fechados num grupo apertado. Nos dois lados o chão estava aberto em fossos e armadilhas; Finn viu os dentes de aço luzirem no fundo.

Olhando para trás, ele estava surpreso em como a Cidade já estava bem para trás, suas muralhas alinhadas com pessoas, assistindo, gritando, segurando seus filhos no alto para verem.

O capitão da guarda disse, “Sairemos da estrada aqui. Cuidado, pisem só onde nós pisarmos e não pensem em fugir. O chão é cheio de globos de fogo.”

Finn não tinha ideia do que seriam os globos de fogo, mas Gildas fez carranca. “Esta Besta realmente deve ser terrível.”

O homem deu uma olhada nele. “Eu nunca a vi, Senhor, e não pretendo vê-

la.”

Uma vez fora da lisa estrada o caminho estava difícil. A terra de cobre parecia ter sido marcada e arranhada em vastos sulcos; em vários lugares estava queimada, carbonizada numa secura cinza-escuro que subia em nuvens de poeira quando eles pisaram sobre ela, ou se vitrificou quase em vidro. Uma enorme temperatura teria sido necessária para fazer aquilo, Finn pensou. Fedia também, um cheiro acre de cinzas. Ele seguiu os homens de perto, observando seus passos com nervosa atenção; quando pararam e ele ergueu sua cabeça, viu que foram longe na planície, as luzes da Prisão tão altas acima deles eram sois brilhantes, lançando a sombra dele e a de Gildas atrás deles.

Na abóboda muitos quilômetros acima, o pássaro ainda voava em círculos. Ele guinchou uma vez, e os gaurdas olharam para cima. O mais perto murmurou, “Procurando por carcaças.”

Finn começou a se perguntar quão longe eles andariam. Não havia colinas aqui, nenhuma saliência, então, onde encontrariam uma caverna? Ele tinha imaginado ela como uma abertura escura num penhasco metálico. Agora ele estava ocupado com uma nova apreensão, porque mesmo sua imaginação estava lhe traindo.

“Pare.” O capitão da guarda ergueu uma mão. “Aqui está.”

Não havia nada ali. Foi a primeira ideia de Finn. Alivio o preencheu. Era tudo fingimento. Eles o deixariam ir agora, voltariam para a Cidade, inventariam algum conto horripilante sobre um monstro para manter as pessoas quietas.

Então, quando ele empurrou os homens para passar, viu o fosso no chão.

E a Caverna.

***

Jared disse, “Você lhes prometeu mapas que não existem! Foi uma ideia louca, Claudia. As coisas estão ficando perigosas para nós!”

Ela sabia que ele estava profundamente preocupado. Ela cruzou para o lado dele da carruagem e disse, “Senhor, eu sei. Mas as apostas são tão altas.”

Ele olhou para cima e ela viu a dor que estava por trás dos olhos dele. “Claudia, me diga que você não está pensando seriamente sobre esta loucura de Evian. Não somos assassinos.”

“Eu não sou. Se meus planos funcionarem, não haverá necessidade disso.”

Mas ela não disse em que estava pensando: que se a Rainha realmente descobrira, que se ele, Jared, estava em qualquer perigo, ela os teria matado sem hesitação, mesmo seu pai, para salvá-lo.

Talvez ele soubesse disso. Quando a carruagem sacudiu, ele deu uma olhada para fora da janela e sua expressão escureceu, seu cabelo preto roçando a gola do casaco de Sapiente. “Aqui está nossa prisão,” ele disse sem vida.

E seguindo o olhar dele, ela viu os pináculos e torres de vidro do Palácio, os torreões e torres enfeitados com bandeiras, ouviu que todos os sinos estavam tocando para lhe dar as boas-vindas, todas as pombas batendo as asas, todos os canhões estavam sendo disparados em estrondosa saudação de cada terraço, que subiam quilômetros de altura em esplendor no puro céu azul.

Colocamos tudo o que restou nisso.

É maior do que todos nós agora.

—Relatório do projeto; Martor Sapiens.

“Pegue isso, e isso.”

O capitão da guarda introduziu uma bolsa de couro pequena e uma espada na mão do Finn. A bolsa parecia tão leve que deveria estar vazia. “O que há nela?” Ele perguntou nervoso.

“Você verá.” O homem recuou e olhou para Gildas. Então ele disse. “Por que não fugir, mestre?

Por que desperdiçar a sua vida?”

“Minha vida é de Sapphique,” Gilda se irritou. “É meu o seu destino.”

O capitão balançou sua cabeça. “Fique à vontade. Mas ninguém nunca voltou.” Ele apontou a cabeça para a entrada da caverna.

“Aí está.”

Houve um momento de silêncio tenso. Os guardas agarraram firmemente seus machados; Finn sabia que este era o momento que eles esperavam que fizesse algum tipo de corrida para a liberdade. Agora ele tinha uma espada na mão e seus terrores desconhecidos de volta. Quantos trazidos como tributos tinham gritado e lutado em pânico aqui?

Não ele. Ele era Finn.

Imprudentemente, ele se virou e olhou para a fenda.

Era muito fina e muito sombria, suas bordas foram incendiadas e arrasadas, era como se o metal da estrutura da prisão tivesse sido superaquecido inúmeras vezes em um torcer grotesco e afilado. Como se tudo que arrastasse para fora desses lábios de metal pudesse derreter aço, como caramelo.

Ele olhou para Gildas. “Eu vou primeiro.” Antes que o Sapiente pudesse abaixar ele se virou e se abaixou na barra da escuridão, tendo um último rápido olhar a distância. Mas a planície marcada estava vazia, a cidade era uma fortaleza remota.

Ele deslizou suas botas sobre a borda, encontrando um ponto de apoio, comprimiu seu corpo dentro.

Uma vez que ele estava abaixo do nível do solo a escuridão se fechou sobre ele. Ao sentir com as mãos e os pés ele percebeu que aquela fenda era um espaço horizontal entre camadas inclinadas, inclinada para baixo na terra. Ele tinha que espalhar-se para caber, avançando para frente, sobre uma superfície escura repleta de detritos que pareciam ser pedras e bolas lisas de aço que rolaram dolorosamente sob ele. Seus dedos tatearam no pó, em um pedaço de escombros que desmoronaram como o osso, ele a deixou cair precipitadamente.

O teto era baixo; por duas vezes ele roçou suas costas e temeu ficar preso. Tão logo o pensamento o tocou ele parou.

Transpirando, ele engoliu um profundo suspiro. “Onde está você?”

“Logo atrás.” Gildas parecia tenso. A voz dele ecoou; uma pequena chuva de pó caiu em cima do cabelo e dos olhos de Finn, uma mão agarrou sua bota. “Siga adiante.”

“Por quê?” Ele tentou virar a cabeça para olhar para traz. “Por que não esperar aqui até o Apagar das Luzes; então volte não me diga que os homens vão esperar lá fora, eles provavelmente já foram. O que há para nos parar?”

“Globos de fogo são para nos parar, garoto tolo. Hectares deles. Um passo errado e seu pé é arrancado. E você não viu o que eu vi na noite passada, como eles patrulham as muralhas da Cidade, quão longe os holofotes varrem a planície a noite toda. Nós seríamos facilmente vistos.”

Ele riu, um ladrar triste na escuridão. “Eu quis dizer o que disse para as mulheres cegas. Você é um Vidente das Estrelas. Se Sapphique veio aqui, então devemos fazer. Embora receio, minha teoria de que o caminho para saída conduz para cima, parece fadada e ser comprovada errado.”

Finn sacudiu sua cabeça, incrédulo. Mesmo nesta confusão o velho se preocupava mais com suas teorias que qualquer outra coisa. Ele a raspou, cavando com os dedos de suas botas e a levantando para frente.

Pelos próximos minutos, ele tinha certeza de que o telhado estava mergulhando tão baixo que se encontraria no chão e o prenderia. Então, para seu alívio a diferença começou a aumentar e ao mesmo tempo para a esquerda da ponta e a inclinação mais acentuada.

Finalmente ele pode subir de joelhos sem bater a cabeça no teto. “Ele abre adiante.” Sua voz estava baixa.

“Espere ali.”

Gildas se atrapalhou. Houve um estalo alto e a luz sibilou; um dos sinalizadores de fumaça primitivos que o Comitatus tinha usado para pedido de socorro. Ele mostrou a Finn o Sapiente deitado de bruços, tirando uma vela do pacote e acendendo a chama; Conforme a luz vermelha cuspida morria, as pequenas chamas tremeluziam gotas em uma pequena corrente de ar à frente.

“Eu não sabia que você os trouxe.”

“Alguns de nós.” Gildas disse. “Pensei em trazer mais que roupas extravagantes e anéis inúteis.”

Ele colocou suas mãos ao redor da chama. “Vá em silêncio. Embora o que quer que ele seja, já nos terá cheirado e nos ouvido vindo.”

Como em resposta, algo rugiu à frente. Um som baixo de trituração, sentido como uma vibração em suas mãos espalmadas. Finn puxou a espada para fora e a segurou firmemente. Ele não podia ver nada na escuridão.

Ele seguiu em frente e abriu um túnel em torno de um espaço ao seu redor. Na cintilação da chama da pequena vela, ele viu as camadas enrugadas de metal, afloramentos de quartzos de cristal, estranhos pelos de óxidos que brilhavam em turquesa e laranja como a luz afiada além deles. Ele se ajoelhou e depois ficou de quatro.

À frente, algo se moveu, ele o sentiu ao invés de ouvir, ele sentiu uma corrente de ar sujo que o pegou na parte de trás de sua garganta, muito parado, escutou cada sentido se esforçando.

Atrás dele Gildas resmungou.

“Fique parado.”

O Sapiente amaldiçoou. “Ele está aqui?”

“Eu acho que sim.”

Ele estava se tornando consciente do espaço, à medida que a escuridão crescia. Se acostumando ás margens das sombras, e fachadas de pedras inclinadas começaram a se separar por elas. Ele viu um pináculo de pedra queimada e percebeu com choque repentino que era imensa e muito longa e que o projeto agora era o vento soprando em seu rosto, um cheiro quente, como a respiração de uma criatura grande, um terrível fedor acre.

E em seguida, em um instante de clareza, ele soube que a coisa estava enrolada em torno dele, que a negra face da rocha era sua pele com crostas e as esporas vastas de pedras eram garras fossilizadas, que estava em uma caverna formada por antigas escamas, que ocultam uma fera latente.

Ele se virou para gritar o aviso.

Mas lentamente, com um peso terrível rangendo, um olho se abriu. Um olhar vermelho com fortes pálpebras, maior do que ele.

***

O barulho era ensurdecedor por todo o caminho através das ruas, constantemente, flores eram arremessadas; Claudia se viu vacilando no repetido baque e deslizando no impacto sobre o teto do carro. O cheiro dos caules esmagados crescia doce e enjoativo. A subida era íngreme e ela foi jogada desconfortavelmente no assento; Ao lado dela Jared parecia pálido; ela segurou seus braços. “Você está bem?”

Ele sorriu debilmente. “Eu gostaria que nós pudéssemos ir embora. Vomitar na escadaria do palácio, não fará grande impressão.”

Ela tentou sorrir. Juntos eles se sentaram em silencio, enquanto o transporte ribombava e batia através dos portões da cidadela exterior nas suas vastas defesas, através de seus pátios e pórticos de paralelepípedos, e com cada torção e volta ela sabia que estava se tornando mais e mais enredada na vida que esperava por ela aqui, os labirintos do poder, os labirintos da traição.

Lentamente os gritos estridentes desapareceram e as rodas funcionavam muito bem.

Espreitando em torno da cortina viu que a estrada estava forrada com tapete vermelho, dispendiosas porções dela, e por toda ela, guirlanda de flores penduradas na rua e pombas batiam entre telhados e cumeeiras.

Havia mais pessoas aqui em cima, estes eram os apartamentos de cortesões, o conselho privado e o escritório de protocolo e os aplausos foram mais refinados, pontuados por explosões de músicas de violas, serpentes, pífaros e tambores. Em algum lugar à frente ela podia ouvir urros e aplausos—Caspar estava obviamente inclinando-se da janela da sua carruagem para receber as boas-vindas a seu lar.

“Eles querem ver a noiva,” Jared murmurou.

“Ela ainda não está aqui.”

Um silêncio, em seguida ela disse. “Mestre, eu estou com medo.” Ela sentiu sua surpresa. “Eu estou, realmente. Esse lugar me assusta, em casa eu sei quem eu sou, o que fazer. Eu sou a filha do Warden, eu sei onde eu estou. Mas esse é um lugar perigo, cheio de armadilhas. Toda minha vida eu sempre soube que isto estava me esperando, mas agora eu não tenho certeza que eu possa enfrentar isso. Eles querem me absorver, me fazer uma deles, e eu não quero mudar! Não quero! Eu quero permanecer eu.”

Ele suspirou e ela viu seu escuro olhar velado fixado na janela. “Claudia, você é a pessoa mais corajosa que eu conheço.”

“Não sou...”

“Você é. E ninguém vai mudar você. Você vai mandar aqui, embora não vá ser fácil.

A rainha é poderosa, e ela vai te invejar, porque você é jovem e vai tomar o seu lugar. Seu poder é tão grande quanto o dela.”

“Mas se eles o mandam embora...”

Ele se virou. “Eu não vou. Eu não sou um homem valente. Eu compreendo isso.

Confrontação me incomoda. Uma olhada para seu pai e eu gelarei até os ossos, Sapiente ou não.

Mas eles não podem fazer com que eu te abandone, Claudia.” Ele se sentou longe dela. “Eu tenho visto a face da morte durante anos, e isso dá algum tipo de temeridade, pelo menos.”

“Não fale disso.”

Ele gentilmente deu de ombros. “Ela virá, mas não devemos pensar muito de nós mesmos. Nós temos que considerar se podemos ajudar Finn. Dê-me a chave

e me deixe trabalhar nisso um pouco mais. Ela tem complexidades que eu ainda mal imagino.”

Quando a carruagem brincou ao longo de um limiar ela tirou-a de seu bolso oculto e a deu para ele, e quando ela o fez a asa da águia de profundidade no cristal tremeluzia, como se bateu e os tirou. Jared puxou a cortina rapidamente e o sol pegou as facetas brilhantes.

O pássaro estava voando.

Ele sobrevoava uma paisagem escura, uma planície carbonizada. Muito abaixo um abismo se abriu na terra e o pássaro, e o pássaro voou e despencou dentro, torcendo pelos lados na fenda estreita fazendo Claudia assobiar com medo.

A Chave ficou escura. Uma única luz vermelha pulsava nela.

Mas mesmo enquanto eles olhavam para ela, a carruagem retumbou para parar os cavalos batendo e soprando e a porta foi aberta, a sombra do Diretor escureceu o limiar.

“Venha, minha querida,” ele disse baixinho. “Todos estão esperando.”

Sem olhar para Jared, e sem sequer se deixar pensar ela saiu da carruagem. Ela se ergueu e segurou no braço de seu pai.

Juntos eles encararam a fila dupla de cortesões aplaudindo, o esplendor de bandeiras de seda, a escada grande levando para cima para o trono.

Sentada sobre ele, resplandecente em um vestido prata com rufos vastos e grandes, sentava-se a rainha. Mesmo nessa distância, a vermelhidão de seus cabelos e lábios era evidente, e o brilho dos diamantes em seu pescoço. Por trás dos ombros dela, uma presença carrancuda, estava Caspar.

O diretor disse calmamente. “Um sorriso, eu acho.”

Ela colocou, um sorriso brilhante, confiante, tão falso como tudo em sua vida, um manto sobre a frieza.

Então eles subiram firmemente as escadas.

***

Era o olhar irônico de seu pesadelo, e ele reconheceu a voz rouca. “Você?”

Por trás de sua cabeça Gildas ofegou. “Ataque. Ataque, Finn.”

O olho era um turbilhão, sua pupila era um espiral de movimento, uma

galáxia escarlate. Em volta dele a escuridão se convulsou e ele viu que a vastidão escondida da Besta estava repleta de objetos, pedaços de joias, ossos, fragmentos de trapos, eixos de armas. Eles tinham séculos de idades. Com um rasgo e rachaduras um afloramento de rocha escura de facetada tornou-se sua cabeça e levantando sobre ele; esporas de metal deslizaram para fora como garras, agarrando o chão tremendo e inclinante da caverna.

Finn não conseguia se mover, poeiras e fumaça o encobriram.

“Ataque!” Gildas agarrou seu braço.

“É inútil. Você não consegue ver...?”

Gildas deu um rugido de raiva, pegou a espada dele e pôs no ocular coagulado da besta, saltando para trás como se esperasse o sangue em cascata numa grande gota. Então ele viu, vendo o que Finn tinha visto.

Não havia ferimento. O couro se abriu e dissolveu, absorveu a lâmina, se reagrupou em torno dela. A Besta era uma criatura composta, uma formação rápida e triturante de milhões de seres, de morcegos e ossos e besouros, negras nuvens de abelhas, um padrão de caleidoscópio em constante mudança de fragmentos de rocha e fragmentos de metal.

Uma vez que ele se virou e subiu para o telhado da câmara, eles viram que ao longo dos séculos, ela havia absorvido todo o terror e o medo da Cidade, que todo Tributo enviado para aplacar tinha sido absorvido, ingerido e o tinham feito crescer mais. Em algum lugar dentro dele, estavam bilhões de átomos dos mortos, das vítimas e os filhos arrastados aqui fora por decretos das Justiças. Era uma massa magnetizada de carne e metal, sua calda se desintegrando, cravejado com unhas, dentes e garras.

Ele estendeu sua cabeça à cima deles e se inclinou, trazendo os grandes olhos vermelhos perto do rosto de Finn, tornando sua pele escarlate, com as mãos tremendo e o olhar como se fosse vermelho sangue.

“Finn.” Ele disse, com voz de profundo prazer, um melado de rouquidão gutural.

“Finalmente.”

Ele recuou para Gildas, A mão do Sapiente agarrou–lhe o cotovelo. “Você sabe o meu nome.”

“Eu lhe dei o seu nome.” Sua língua tremeluzia na caverna escura de sua boca. “Dei muito tempo atrás, quando você nasceu de minhas células, quando

você se tornou meu filho. ”

Ele estava tremendo. Queria negá-lo, gritar, mas as palavras não vinham.

A criatura inclinou a cabeça estudando-o. O focinho longo pingando abelhas e escamas, fragmentado em uma nuvem de libélulas e reformado novamente. “Eu sabia que você viria,”

disse. “Eu estive observando você, Finn, porque você é tão especial. Em todas as entranhas e veias do meu corpo, em todos os milhões de seres que eu coloquei, não há ninguém como você.

”

Na cabeça ampliada mais próxima, algo como um sorriso formado rompeu. “Você realmente acha que pode escapar de mim? Você esquece que eu poderia matá-lo, desligar a luz e o ar, queima-lo em segundos? ”

“Eu não esqueci,” ele conseguiu dizer.

“A maioria dos homens o faz. A maioria dos homens se contenta em viver em sua prisão e achar que é o mundo, mas não você, Finn. Você se lembra de mim. Você olha em volta e vê meus Olhos te observando, nas noites de escuridão em que você me chamou e eu ouvi...”

“Você não respondeu,” ele sussurrou.

“Mas você sabia que eu estava lá. Você é um Vidente das Estrelas, Finn. Quão interessante isto é.”

Gildas avançou. Ele estava branco, cabelos espaços e molhados de suor “Quem é você?” Ele rosnou.

“Eu sou Incarceron, velho. Você deveria saber que foram os Sapienti que me criaram. Seu maior, enorme, excedente erro. Seu inimigo.” Ele ziguezagueou mais perto, a boca de modo que eles pudessem ver os trapos de pano que pendiam lá, sentir o cheiro do óleo, estranhamente o mau cheiro doce de K. “Ah, o orgulho dos Sábios. E agora você se atreve a buscar uma maneira de se libertar de sua própria loucura. ”

Ele deslizou para trás, seus olhos vermelhos estreitados em fendas. “Pague-me, Finn, pague-me como Sapphique pagou. Dê-me sua carne, seu sangue. Dê-me o velho e seu desejo terrível para a morte. Então talvez sua Chave possa abrir portas com as quais você não sonha. ”

A boca de Finn estava seca como a cinza. “Isto não é um jogo.”

“Não?” O riso da Besta era suave e deslizante. “Vocês não são peças em um tabuleiro? ”

“Pessoas.” Sua ira estava aumentando. “Pessoas que sofrem. Pessoas que você atormenta.”

Por um segundo a criatura dissolveu para nuvens de inseto, em seguida ela coagulou em gárgulas abruptas, uma nova face, serpentina e sinuosa. “Temo que não. Eles atormentam uns aos outros.

Não há sistema que possa parar isso, nenhum lugar que possa parar o mal, porque os homens o trazem com eles, mesmo as crianças. Tais homens estão além da correção, e a minha tarefa é unicamente contê-los. Eu os prendo dentro de mim. Eu os engulo inteiros. ”

Um tentáculo atacou em torno de seu pulso. “Pague-me, Finn. ”

Finn empurrou para trás, olhou para Gildas. O Sapiente parecia encolhido com o rosto desenhado, como se todos os seus medos tivesse caído sobre ele de uma vez, mas ele disse lentamente.

“Deixe-o me levar, rapaz. Não há nada para mim agora.”

“Não.” Finn olhou para a Besta, seu sorriso reptiliano a centímetros dele. “Eu já lhe dei uma vida.”

“Ah. A mulher.” O sorriso aumentou. “Como a morte dela te dilacera. Consciência e vergonha são tão raras. Elas me interessam. ”

Algo em seu sorriso o fez perder o fôlego. Um choque de esperança o machucou, ele engasgou.

“Ela não está morta! Você a pegou, você parou sua queda! Não foi? Você a salvou!”

O espiral vermelho piscou para ele. “Nada é desperdiçado aqui,” ela murmurou.

Finn olhou, mas a voz de Gildas era um grunhido em seu ouvido. “É mentira, menino.”

“Talvez não. Talvez...”

“Ele está brincando com você.” Azedo com o desgosto, o velho olhou para a confusão girando do Olho. “Se é verdade que fizemos tal coisa como você, então estou pronto para pagar por nossa loucura.”

“Não.” Finn o agarrou apertado. Ele deslizou um círculo chato de prata de seu polegar e o ergueu em uma centelha de brilho. “Pegue isso como seu Tributo em vez disto, Pai?”

Era o anel-crânio. E ele estava além de se importar.

Eu trabalhei por anos em segredo para fazer um dispositivo que é uma cópia daquele do lado de Fora. Agora ele me protege. Timon morreu semana passada e Pela desapareceu nos tumultos, e apesar disso estou escondido neste corredor perdido, a Prisão procura por mim. “Meu senhor,”

ela sussurra, “eu te sinto. Sinto seu rastejo na minha pele.”

—Diário de Lorde Calliston

A Rainha se levantou graciosamente.

Na brancura de porcelana de seu rosto seus estranhos olhos estavam claros e frios.

“Minha querida, doce Claudia.”

Claudia fez uma reverência, sentiu o sussurro de um beijo em cada bochecha, e no aperto do abraço sentiu os ossos finos da mulher, a pequena moldura dentro do espartilho e enormes saias rodadas.

Ninguém sabia a idade da Rainha Sia. Afinal de contas, ela era uma feiticeira. Mais velha que o Diretor talvez, embora do lado dela, ele estava sério e sombrio, sua barba prateada meticulosa.

Frágil ou não, sua juventude era convincente; ela parecia pouco mais velha que seu filho.

Virando, ela levou Claudia para dentro, passando pelo olhar emburrado de Caspar.

“Você está tão bonita, querida. Este vestido é maravilhoso. E seu cabelo! Agora me conte, é natural ou você o coloriu?”

Claudia expirou já irritada, mas não havia necessidade de responder. A Rainha já estava falando sobre outra coisa. “...e eu espero que você não considere isso muito avançado de mim.”

“Não,” Claudia disse sem expressão em um segundo de silêncio.

A Rainha sorriu. “Excelente. Por aqui.”

Era uma porta dupla de madeira e foi escancarada por dois lacaios, mas

quando Claudia entrou, as portas fecharam e toda a minúscula câmara se moveu silenciosamente para cima.

“Sim, eu sei,” a Rainha murmurou, segurando-a perto. “Tal violação do Protocolo.

Mas é só para mim, então, quem tem que saber?”

As pequenas mãos brancas estavam tão apertadas em seu braço, que ela podia sentir as unhas se cravando. Ela estava sem fôlego, como se ela tivesse sido sequestrada.

Até seu pai e Caspar foram deixados para trás.

Quando as portas abriram, o corredor que se esticava diante dela era uma visão de dourado e espelhos; ele tinha que ser três vezes o tamanho do de casa. A Rainha a guiou por ele pela mão, entre vastos mapas pintados que mostravam todos os estados no Reino, adornados em suas pontas com fantasias de ondas fluentes e sereias e monstros do mar.

“Aquela é a biblioteca. Eu sei que você ama livros. Caspar, infelizmente, não é tão estudioso.

Realmente, eu não sei se ele pode ler de qualquer jeito. Nós não vamos entrar.”

Escoltada firmemente, ela olhou para trás. Entre cada mapa ficava uma urna de porcelana azul e branca que poderia ter escondido um homem, e os espelhos refletiam um aos outros de numa confusão de luz que de repente ela não tinha mais ideia de onde o corredor acabava ou se ele acabava. E a pequena figura da Rainha parecia repetida diante e atrás dela e do lado, se modo que o pavor que Claudia tinha sentido no coche parecia estar concentrado naquele passo jovem anormal, rápido, naquela voz confidente, aguda.

“E esta é sua suíte. A do seu pai é a próxima porta.”

Imensa.

Um carpete onde seu pé afundou; uma cama de dossel com seda cor de açafrão, que ela sentiu que iria lhe afogar.

De repente ela puxou sua mão da mão da Rainha e se afastou, sabendo a armadilha.

Sabendo que fora pega nela.

Sia estava quieta. O falatório inútil se fora. Elas se encararam.

Então a Rainha sorriu. “Você não vai precisar ser avisada, tenho certeza, Claudia. A filha de John Arlex vai ser bem treinada, mas eu suponho que não machucara lhe dizer que muitos dos espelhos são duplos e os dispositivos de escuta em todo o Palácio são os mais eficientes.” Ela se aproximou. “Veja, eu ouvi falar que você recentemente estava um pouco curiosa sobre o querido e perdido Giles.”

Claudia manteve seu rosto perfeitamente composto, mas suas mãos estavam geladas. Ela olhou para baixo. “Eu pensei nele. Se as coisas tivessem sido diferentes...”

“Sim. E todos estão devastados com sua morte. Mas mesmo que a Dinastia Havaarna tenha acabado, o Reino deve ser governado. E eu não tenho dúvida, Claudia, que você fará isso muito bem.”

“Eu?”

“Claro.” A Rainha virou e sentou elegantemente numa cadeira dourada.

“Certamente você sabe que Caspar é incapaz até de se governar. Venha e sente aqui, minha querida. Deixe-me aconselhá-la.”

A surpresa estava lhe congelando. Ela sentou.

A Rainha se inclinou, seus lábios vermelhos fazendo um sorriso tímido. “Agora, sua vida aqui pode ser muito agradável. Caspar é uma criança—deixe-o ter seus brinquedos, cavalos, palácios, garotas, e ele não trará problemas. Eu me certifiquei que ele não soubesse nada sobre política.

Ele fica entediado tão facilmente! Você e eu podemos ter horas muito agradáveis, Claudia. Você não tem ideia de quão cansativo isso fica só com aqueles homens.”

Claudia olhou para as mãos. Isso era real, alguma coisa disso? Quanto disso era o jogo?

“Eu pensei...”

“Que eu te odiava?” A risada da Rainha era feminina. “Eu preciso de você, Claudia!

Podemos governar juntas, e você será tão boa nisso! E seu pai vai sorrir o sorriso sério dele.

Então.” Suas pequenas mãos bateram de leve nas de Claudia. “Sem mais pensamentos triste sobre Giles. Ele está em um lugar melhor, minha querida.”

Lentamente, ela concordou e ficou de pé, e a Rainha também levantou, com um farfalhar de seda.

“Tem somente uma coisa.”

Com uma mão na porta, Sia virou. “Sim?”

“Jared Sapiens. Meu tutor. Eu...”

“Você não vai precisar de um tutor. Eu posso lhe ensinar tudo agora.”

“Eu quero que ele fique.” Ela disse firmemente.

A Rainha olhou para trás. “Ele é jovem para um Sapiente. Eu não sei o que seu pai estava pensando...”

“Ele ficará.” Ela se certificou que isso fosse uma declaração, não uma pergunta.

Os lábios da Rainha tremeram. Seu sorriso era agradável. “O que você disser, querida. Tudo que quiser.”

***

Jared colocou o scanner na moldura da porta, abriu a minúscula janela, e sentou na cama. O

quarto era esparso, talvez como a Corte pensasse que a cela de um Sapiente deveria ser, com laminas de madeira no chão e painéis escuros cobertos com trevos e rosas verdes.

Cheirava a caules e umidade, e parecia vazio o suficiente, mas ele já removera dois pequenos dispositivos de escuta e devia haver outros. Mesmo assim, ele tinha que correr o risco.

Ele pegou a Chave e a segurou, ativando a ligação de voz.

Nada, fora a escuridão.

Ele tocou-a novamente, preocupado: A escuridão cresceu em um círculo largo, mas permaneceu escuro. Então, muito vagamente, ele viu a beira de alguém agachado. “Não podemos conversar,”

ela murmurou. “Não agora.”

“Então escute.” Jared manteve sua voz baixa. “Isso pode ajudar. Uma combinação de dois, quatro, três, um no painel de toque produz um campo de amortecimento.

Qualquer sistema de vigilância perdera seu rastro, completamente. Você desaparecerá de seus scanners. Entende isso?”

“Eu não sou estúpido.” O sussurro desdenhoso mal veio.

“Você encontrou Finn?”

Nada. Eles tinham desligado.

Jared uniu os dedos e xingou baixinho na língua Sapiente. Fora da janela, as vozes das pessoas cresceram; alguns violinistas nos jardins distantes raspando uma jiga.

Haveria dança esta noite para dar as boas-vindas à noiva do Herdeiro.

E se o velho Bartlett estava certo, o verdadeiro Herdeiro ainda estava vivo, e Claudia estava convencida de que ele era este garoto, Finn. Jared balançou a cabeça, desabotoando a gola de seu casco com longos dedos. Ela queria isso demais. Sua duvidas teriam que ficar em silencio, porque sem está esperança, ela não teria nada. E afinal, era possível, somente possível, que o instinto dela estivesse certo.

Cansado, encostou-se no travesseiro duro, pegou o malote de medicação em seu bolso, e preparou a dose. Ela estava três grãos mais forte, e estivera pela última semana, mas a dor que vivia oculta em seu corpo ainda parecia crescer lentamente, como uma coisa viva; algumas vezes ele pensava que ela devorava a droga, que estava alimentando seu apetite.

Ele aplicou a seringa, franzindo as sobrancelhas. Estas eram ideias mórbidas e tolas.

Estilo musical.

Mas quando ele deitou e dormiu, sonhou por um momento que um olho, escarlate como galáxias, se abrira na parede e olhara para ele.

***

Finn estava desesperado; ele segurou o anel no alto. “Pegue isso e nos deixe.”

O Olho cresceu, examinando ele de perto. “Você acredita que este objeto é de algum valor? ”

“Ele contém vida. Presa dentro dele.”

“Tão pertinente... Como todas suas vidas estão presas dentro de mim.”

Ele estava tremendo. Certamente se Keiro estivesse ouvindo, ele agiria agora. Se ele estivesse aqui.

Gildas entendeu. Deve ter entendido, porque ele vociferou alto.

“Pegue isso! Deixe-nos ir.”

“Como eu peguei o Tributo de Sapphique? Com eu peguei isso?” Na pele coagulada da Besta, um brilho de luz abriu; eles viram um osso frágil minúsculo, embutido no fundo.

Gildas murmurou uma prece de admiração.

“Quão pequeno é!” A Besta considerou. “E ainda assim, quanta dor isso me custou. Deixe me ver esta vida presa. ”

Ele deslizou a gavinha mais próxima. Finn apertou o anel em seu punho, seu suor fazendo ele escorregadio. Então ele abriu a mão.

De uma só vez, o Olho piscou. Arregalou, se contraiu, olhou ao redor. Da garganta da Besta um sussurro deslizou como óleo, uma demanda intrigada e fascinada.

“Como você fez isso? Onde você está?”

Uma mão apertou a boca de Finn; quando ele se agitou, viu Attia, um dedo nos lábios em alerta.

Atrás dela, estava Keiro, a Chave segura apertada em uma mão, um lança-chamas na outra.

“Você está invisível!” A Besta parecia amedrontada. “Isso não é possível! ”

Uma massa de tentáculos saiu dela, tateando teias de aranhas minúsculas e pegajosas. Finn cambaleou para trás.

Keiro ergueu até os ombros o lança-chamas. “Se você nos quer,” ele disse calmamente, “aqui estamos.”

Uma explosão de chamas rugiu por Finn; a Besta uivou com fúria. Em um instante a caverna era uma explosão de pássaros barulhentos em pânico e abelhas e morcegos libertados da forma e da ordem; eles arquearam e oscilaram e voaram em espirais até o teto da caverna, batendo a si mesmos insensatamente contra a pedra.

Keiro gritou com prazer. Atirou de novo, um estouro de chamas amarelas, e a Besta estava uma cascata ruidosa de fragmentos, de pele queimada e pedras

caídas, seu Olho vermelho nada, mas uma pequenina explosão de mosquitos que se partiram em medo enlouquecido.

As chamas chiaram, atingiram as paredes, e repercutiram em um calor repentino.

“Deixe isto!” Finn berrou. “Vamos sair!”

Mas o teto e o chão estavam se inclinando, a rachadura se fechando em torno deles.

“Eu posso não poder te ver,” a Prisão mencionou acidamente acima do tumulto, “mas você está aqui, e eu te agarrarei apertado, meu filho. ”

De costas uns para os outros ela os forçou, rapidamente, as paredes da caverna estavam caindo, pedaços do teto se espatifando. Finn agarrou a mão de Attia no caos.

“Fiquem juntos!”

“Finn.” A voz de Gildas estava embargada. “Na parede. Lá em cima.”

Por um momento Finn não tinha ideia do que ele quis dizer; então ele viu. Uma fissura se abrindo.

Instantaneamente Attia se livrou. Ela correu e saltou; agarrando nas facetas salientes, ela se arrastou acima dos tentáculos, escalando as muitas escamas da própria Besta.

Ela impeliu Gildas depois dela; o velho escalou desajeitadamente, mas com vigor desesperado, pedaços de pedras e gemas rolando e deslizando sob suas mãos.

Finn virou.

Keiro tinha a arma pronta. “Continuem! Está procurando por nós!”

Incarceron estava cega. Ele viu como as partes da Besta se modificaram, uma garra, uma calda, como esta tateou e açoitou na escuridão. Ela os sentia na pele, sentia as vibrações de seu movimento. Ele queria perguntar a Keiro como ele fizera isso, mas não havia tempo, então ele virou e subiu atrás de Gildas.

A cada minuto as paredes estavam mudando, se modificando e ondulando, se empinando mais retas como se a Besta as levantasse, se enrolando ao redor para atirá-los de suas costas. Alto, no espaço cavernoso ele os alcançou, se pendurando, e quando Finn olhou para cima ele viu frestas de luz no alto, alfinetes de brilhante, e por um vertiginoso instante ele estava entre as estrelas, e

então uma girou sobre ele e ela era um holofote, prateando suas mãos e rosto quando ele arquejou, desamparadamente exposto.

Attia virou, seu rosto um borrão. “Vá mais devagar! Temos de ficar perto da Chave!”

Keiro estava escalando muito abaixo, o lança-chamas deixado de lado. Quando o esconderijo acidentado chacoalhou, ele escorregou, um pé balançando no espaço, e talvez a Besta sentiu isso, porque ela sibilou e o ar fumegou com gases repentinos.

“Keiro!” Finn virou. “Vou ter que voltar por ele.”

Attia se contorceu. “Não. Ele pode se virar.”

Keiro agarrou a direita e puxou-se de volta. A Besta tremeu. Então riu, aquele sinistro riso que Finn lembrava tão bem. “Então vocês tem um dispositivo para se disfarçar. Eu lhes parabenizo.

Mas certamente eu pretendo descobrir o que é.”

Poeira caiu; um raio de luz. “Espere!” Finn gritou para Gildas; sem fôlego o velho balançou a cabeça.

“Não consigo mais segurar.”

“Você consegue!”

Ele deu um olhar desesperado a Attia; ela arrastou os braços de Gildas sobre os ombros e disse, “Ficarei com ele.”

Ele quase caiu onde Keiro segurava, apanhou-o com uma mão e se agarrou nele. “É inútil! Não tem saída!”

“Tem que ter,” Keiro ofegou. “Não temos uma Chave?”

Ele a esquivou e a mão de Finn pegou-a; por um momento ambos estavam segurando-a. Então Finn arrebatou-a e segurou-a longe. Pressionou cada botão, cutucando a águia, sua esfera, sua coroa. Nada. Quando a Besta açoitou debaixo deles ele sacudiu a Chave, a xingou, e sentiu a quentura dela aumentar repentinamente em suas mãos, superaquecendo com um barulho sinistro. Com um grito ele a abanou; ela o queimara.

“Use-a!” Keiro gritou. “Derreta a rocha!”

Finn apertou na Chave no contra um lado da caverna. Na hora ela zumbiu e estalou.

Incarceron gritou. Um uivo de angustia. Rochas caíram, Attia gritou do alto.

Quando Finn olhou, uma grande fenda branca se abriu na parede como um rasgo no tecido do mundo.

***

O Diretor estava com Claudia na janela e olhou para baixo na folia iluminada por tochas. “Você fez bem,” ele disse gravemente. “A Rainha está satisfeita.”

“Bom.” Claudia estava tão cansada, mal podia pensar.

“Amanhã, talvez nós...” Ele parou.

Um bip agudo e urgente. Insistente e alto, Claudia olhou ao redor. “O que é isso?”

Seu pai ficou muito quieto. Depois ele alcançou o bolso do colete e pegou seu relógio, e com um clique de seu polegar, abriu o estojo dourado. Ela viu o bonito mostrador, a hora. Quinze para as onze.

Mas o bip não era o bater das horas. Era um alarme.

O Diretor olhou fixamente. Quando ergueu o olhar, seus olhos estavam frios e pálidos. “Tenho que ir. Boa noite, Claudia. Durma bem.”

Assombrada, ela lhe assistiu atravessar a porta. “É a Prisão?” ela disse.

Ele virou, seu olhar atento. “O que te faz dizer isso?”

“O alarme... Nunca tinha escutado antes...”

Ele estava a observando. Ela se amaldiçoou. Então ele disse, “Sim. Parece haver um incidente.

Não se preocupe. Verei isso pessoalmente.”

As portas se fecharam atrás dele.

Por um momento ela ficou ali, congelada. Olhou para os painéis de madeira; então, como se a quietude a estimulasse à ação, ela agarrou um xale escuro, o pôs em volta de si, e se jogou na porta, abrindo-a rapidamente.

Ele estava bem abaixo no corredor dourado, caminhando rápido. Tão logo ele virou a esquina, ela correu atrás dele, sem ar, silenciosa nos macios carpetes. Sua imagem bruxuleando em espelhos escuros.

Do lado de um grande vaso de porcelana uma cortina girou; escorregando atrás dela, ela se viu no alto de um escuro lance de escadas em espiral. Ela

esperou, seu coração martelando, observando a figura escura dele descendo abaixo, e ela viu que ele estava correndo, um passo rápido, agitado. Apressadamente ela avançou abaixo atrás dele, voltas e voltas, uma mãe no corrimão úmido, até que as paredes douradas se tornaram tijolo e depois pedra, os degraus esburacados com o uso, pegajosos com líquen verde.

Estava frio aqui embaixo, e muito escuro. A respiração dela nublava. Ela tremeu e apertou o xale contra si.

Ele estava indo à Prisão.

Ele estava indo para Incarceron!

Leve, muito à frente, o alarme estava tocando, alto e urgente, um pânico incessante.

Estes eram adegas de vinho. Elas eram câmaras enormes, cheias, abarrotadas com barris e cascos, fiação serpenteando suas paredes, presas com sais brancos que escorriam lentamente da alvenaria. Se era o Protocolo, era muito convincente.

Espreitando em torno de uma pilha de cascos, ela se manteve quieta.

Ele chegara a um portão.

Era de bronze verde, construído no fundo da parede, brilhando com rastros de caracol, corroído pela velhice. Grandes rebites o cravejavam. Correntes enferrujadas penduradas nele. Com um silencioso salto no coração ela viu a águia de Havaarna, suas asas estendidas quase perdidas sob camadas de verdete.

Seu pai olhou ao redor e ela abaixou-se atrás dos cascos, sem respirar. Então ele usou uma combinação no globo que a águia segurava; ela ouviu um clique.

As correntes escorregaram e balançaram, caindo.

Num banho de teias de aranha e caracóis e poeira o portão vibrou, aberto.

Ela se debruçou desesperada para ver o que havia atrás, para ver Dentro, mas só havia escuridão e um cheiro, um fedor metálico, ácido e ela teve que se jogar para trás ás pressas quando ele virou.

Quando ela olhou novamente ele se fora, e o portão estava fechado.

Claudia encostou-se aos tijolos molhados e expirou um sibilo silencioso de sopro desanimado.

Finalmente. Finalmente.

Ela o encontrara.

***

O Alarme apitou em seus dentes, em seus nervos, em seus ossos. Finn pensou que isto provocaria um desmaio; apavorado, ele chegou até a fenda, contra o vento gelado que uivava por ela.

A Besta se fora. Assim como Keiro passou por cima de Finn e agarrou Gildas, ela se dissolveu; repentinamente eles estavam caindo numa cascata de fragmentos, e então eles bateram contra a parede, uma corrente de corpos segurados só pela mão de Finn.

Ele gritou com agonia. “Não consigo segurá-los!”

“O cacete que não!” Keiro gritou sufocado.

Terror correu nele. A mão de Keiro deslizou num puxão agonizante. Ele não ia conseguir segura-los. Sua mão queimou.

Uma sombra caiu sobre ele. Ele pensou que era a cabeça da Besta, ou uma grande águia, mas quando ele se contorceu em desespero e olhou para cima, viu mergulhando pela fenda, zumbindo com o poder contido, um navio prateado, um veleiro antigo, suas velas de tecido fino cheio de remendos, suas cordas se embaraçando e pendendo pela amurada.

Ele surgiu acima eles, e muito lentamente, uma escotilha abriu na base. Uma cesta foi baixada, balançando em quatro imensos cabos, e em cima dela um rosto olhou pela amurada do navio, um rosto horrendo, carrancudo, deformado por óculos e um bizarro aparelho respiratório.

“Entrem,” esganiçou. “Antes que eu mude de ideia.”

Como eles subiram, ele não tinha ideia, mas em segundos Keiro tinha caído na cesta que balançava demais; Gildas se arrastou atrás dele. Attia pulou, parando só um momento, e então Finn se deixou cair, sua mente tão negra com alivio que ele caiu sem medo, e não se sentiu pousar, até que um silêncio bem-vindo explodiu com o grito de Keiro em sua orelha. “Sai de cima de mim, Finn!”

Ele se esforçou para se levantar. Attia estava se debruçando sobre ele. “Tudo bem com você?”

“... Sim.”

Ele não estava, ele sabia, mas ele passou por ela para a borda e olhou, tonto com o balanço, o ar gelado.

Estavam fora da Caverna, acima da planície, milhas a cima da Cidade. Ela jazia como um brinquedo, e desta altura eles podiam ver as marcas de queimadura e a fumarolas ao redor delas, como se a própria terra fosse à pele da Besta que roncava abaixo, soltando vapores com ira.

Nuvens se alinhavam ao redor, vapores de amarelo metálico, um arco-íris.

Finn sentiu Gildas lhe agarrar, a voz do velho delirante com alegria, arrebatada pelo vento. “Olhe para cima, garoto! Rápido! Ainda existem Sapienti, com poder!”

Ele girou a cabeça. E viu, enquanto o navio prateado subia em espirais, uma torre tão estreita e impossivelmente alta que parecia uma agulha equilibrada em cima de uma nuvem, seu topo bruxuleando com luz. Ele sentiu sua respiração gear e condensar na amurada, quebrar e se estilhaçar, cada caco de gelo polarizado pela torre, cada cristal alinhado como se por um imã.

Ofegando no ar leve, ele agarrou a mão do velho, tremendo com frio e medo, não se atrevendo a olhar para baixo novamente, vendo apenas o minúsculo lugar de desembarque na ponta da agulha crescer mais, o globo lentamente girando em seu cume.

E ainda assim, alto como eles estavam, acima deles, milhas e milhas, a noite de Incarceron estendia-se no céu gelado.

***

O martelar acordou Jared num suor frio de medo.

Por um momento ele não tinha ideia do que era, então ele ouviu um sussurro, “Jared! Rápido, sou eu.”

Ele sentou e levantou-se cambaleando, tirando o scanner da moldura, tateando a procura da tranca. Tão logo ele a levantou, a porta se escancarou, quase batendo em seu rosto; então Claudia estava dentro, sem fôlego e manchada com poeira, um xale imundo ao redor de seu vestido de seda.

“O que foi?” ele prendeu a respiração. “Claudia, ele descobriu? Ele sabe que nós temos a Chave?”

“Não. Não.” Ela não tinha ar; ela sentou-se rapidamente na cama e se abaixou, apertando as costelas.

“Então o que?”

Ela ergueu a mão, fazendo-o esperar; depois de um momento, quando ela

pode falar e olhou para cima, ele viu sua face iluminada com triunfo.

Ele se afastou subitamente desconfiado. “O que você fez Claudia?”

Seu sorriso era penetrante. “O que eu esperei tantos anos para fazer. Descobri a porta para o segredo dele. A entrada para Incarceron.”

UM MUNDO QUE ESTÁ SUSPENSO NO ESPAÇO.

“Onde estão os líderes?” Sapphique perguntou.

“Em suas fortalezas,” o cisne respondeu.

“E os poetas?”

“Perdidos em sonhos de outros mundos.”

“E os artesãos?”

“Forjando máquinas para desafiar a escuridão.”

“E os Sábios, que fizeram o mundo?”

O cisne abaixou seu pescoço negro tristemente.

“Definharam em bruxas e feiticeiros em torres.”

—Sapphique no Reino dos Pássaros

Finn cuidadosamente tocou uma das esferas. Ela lhe mostrava seu próprio rosto, inchado grotescamente no vidro delicado cor-de-lilás. Atrás dele ele viu Attia vir através do corredor e olhar ao redor.

“O que é isso?” Ela ficou estupefata entre as bolhas presas ao teto, e ele viu como ela estava limpa nessa manhã, seu cabelo lavado, as novas roupas fazendo-a parecer mais jovem que nunca.

“O laboratório dele. Olhe aqui.”

Algumas das esferas continha paisagens completas. Em uma, uma colônia de pequenas criaturas de pelos dourados repousavam tranquilamente ou cavavam em pequenos montes de areia. Attia estendeu suas mãos sobre o vidro. “É quente.”

Ele assentiu. “Você dormiu?”

“Um pouco. Eu fiquei acordando porque estava muito quieto. Você?”

Ele anuiu, sem querer dizer que sua exaustão tinha o feito cair em uma pequena cama branca e dormir instantaneamente, sem nem se despir. Apesar disso, quando ele acordou nessa manhã, ele tinha descoberto que alguém tinha colocado o cobertor sobre ele, e colocado roupas limpas na cadeira em um quarto nu e branco. Tinha sido Keiro?

“Você viu o homem no barco? Gildas acha que ele é um Sapiente.”

Ela balançou a cabeça. “Não sem a máscara. E tudo que ele disse na noite passada foi ‘Tome esses quartos e conversaremos de manhã.’” Ela olhou ao seu redor. “Foi corajoso, voltar por Keiro.”

Eles ficaram em silêncio por um momento. Ele se aproximou e ficou ao lado dela, e enquanto observavam os animais se coçando e rolando, eles ficaram conscientes de que além desse globo estava uma câmara completa de mundos de vidro, verde-água, dourado e azul claro, cara um preso em uma corrente, algumas menores que um punho, outras vastas como um átrio, onde pássaros voavam, ou peixes nadavam, ou bilhões de insetos voavam e enxameavam.

“É como se ele tivesse feito celas para todos eles,” ela disse baixinho. “Eu espero que ele não nos coloque em uma.” Então, percebeu o solavanco repentino no reflexo dele, “O quê? Finn?”

“Nada.” Suas mãos deixaram manchas quentes na esfera quando ele se inclinou.

“Você viu algo.” Os olhos de Attia estavam arregalados. “Eram as estrelas, Finn?

Há realmente milhões delas? Elas se reúnem e cantam na escuridão?”

Estupidamente, ele não queria desapontá-la. Disse, “Eu vi... eu vi um lago na frente de uma grande construção. Era de noite. Lanternas estavam flutuando sobre a água, pequenas lanternas de papel, cada uma com uma vela dentro para que elas parecessem azuis, verdes e vermelhas.

Havia barcos no lago e eu estava em um deles.” Ele esfregou o rosto. “Eu estava lá, Attia. Eu estava inclinado sobre o lado e tentando tocar meu reflexo na água, e sim, havia estrelas. E elas estavam com raiva porque minha manga ficou molhada.”

“As estrelas?” Ela se aproximou.

“Não. As pessoas.”

“Que pessoas? Quem eles eram, Finn?” Ele tentou. Havia um cheiro. Uma sombra.

“Uma mulher,” disse. “Ela estava com raiva.”

Doía. Lembrar doía. Desencadeava flashes de luz; ele fechou os olhos contra elas, suando, sua boca seca.

“Não.” Ansiosa, ela estendeu a mão para ele, as marcas vermelhas nos seus pulsos onde as correntes tinham machucado a pele. “Não se preocupe.”

Ele esfregou o rosto com sua manga e o quarto ainda estava com o silêncio que ele não conhecia desde a cela onde ele nasceu. Sem jeito, ele murmurou, “Keiro ainda está dormindo?”

“Ah, ele!” Ela fez uma carranca. “Quem se importa?” Ele a observou caminhar por entre as esferas,

“Você não pode continuar a o detestar dessa forma. Você ficou com ele na Cidade.”

Ela estava em silêncio, então ele disse. “Como vocês conseguiram nos seguir?”

“Não foi fácil.” Ela apertou os lábios. “Ouvimos rumores sobre o Tributo, então ele disse que deveríamos roubar um lança-chamas. Fui eu quem causou uma distração para que ele pudesse conseguir. Não que eu tivesse recebido algum agradecimento.”

Finn riu. “Esse é Keiro. Ele nunca agradece.” Estendendo suas mãos sobre a esfera, ele inclinou sua testa sobre ela e os répteis de dentro o encaram de volta apaticamente. “Eu sabia que ele viria. Gildas disse que não, mas Keiro nunca iria me trair.”

Ela não deu nenhuma resposta, mas ele percebeu que o silêncio dela tinha mudado com uma tensão estranha; quando ele olhou para ela, ela estava o observando com algo como raiva.

Explodiu nela abruptamente. “Você está tão errado, Finn! Não pode ver como ele é? Ele teria te abandonado facilmente, só levado a Chave e ido embora e nem teria se importado!”

“Não,” ele disse, surpreso.

“Sim!” Ela o encarou, seus machucados lívidos na pele branca do seu rosto. “Porque foi apenas a ameaça da garota que o fez ficar.”

Ele se sentiu frio. “Que garota?”

“Claudia.”

“Ele falou com ela!”

“Ela o ameaçou. ‘Encontre Finn,’ ela disse, ‘ou a Chave será inútil para você.’ Ela estava realmente zangada com ele.” Attia deu ombros suavemente. “Era a ela que você deveria agradecer.”

Ele não iria acreditar.

De jeito nenhum ele acreditaria.

“Keiro teria voltado.” Sua voz estava baixa e teimosa. “Eu sei como ele se parece, que ele não se importa com ninguém, mas eu o conheço. Nós lutamos juntos. Nós fizemos o juramento.”

Ela balançou a cabeça. “Você confia demais, Finn. Você deve ter nascido no Lado de Fora, porque você não se encaixa aqui.”

Então, ouvindo passos, ela disse rapidamente, “Pergunte a ele sobre a Chave.

Pergunte. Você vai ver.”

Keiro entrou no cômodo e assobiou. Ele estava usando uma roupa justa azul-escuro, seu cabelo molhado, e ainda estava comendo uma maçã do prato do quarto deles, os últimos dois anéis-caveira brilhando nos seus dedos. “Então é aqui onde vocês estão!” Ele fez um giro completo. “E

essa é a torre de um Sapiente. Aposto que é a gaiola do velho.”

“Estou satisfeito por você pensar assim.” Para o horror de Finn, uma das maiores esferas se abriu e um estranho saiu, seguido por Gildas. Ele se perguntou o quanto eles tinham ouvido, e como poderia haver escadas para baixo dentro da esfera, mas antes que ele estivesse certo sobre isso, ela se fechou e só brilhou dentre as centenas de outras.

Gildas usava uma veste de Sapiente verde iridescente. Seu rosto afilado estava lavado, sua barba aparada. Ele parecia diferente, Finn pensou. Alguma da fome tinha desaparecido; quando ele falou sua voz não estava rabugenta, mas tinha uma nova gravidade.

“Esse é Blaize,” disse. E então, suavemente, “Blaize Sapiens.”

O homem alto inclinou sua cabeça levemente. “Bem-vindos à minha Câmara dos Mundos.”

Eles o encararam. Sem a máscara de respiração, seu rosto era extraordinário, mosqueado com feridas, pontos e manchas de ácido, seu fino cabelo amarrado para trás com uma fila oleada.

Sob o casaco de Sapiente ele usava velhas calças a altura dos joelhos manchadas com produtos químicos, e uma camisa amassada que talvez um dia já tivesse sido branca.

Por um momento ninguém falou. Então, para surpresa de Finn, foi Attia que disse, “Temos de agradecê-lo, Mestre, por nos salvar. Nós poderíamos ter morrido.”

“Ah... bem. Sim.” Ele olhou para ela, seu sorriso torto e estranho. “Isso de fato é verdade. Eu pensei que seria melhor eu descer.”

“Por quê?” A voz de Keiro estava fria.

O Sapiente se virou. “Eu não entendo...?”

“Por que se incomodar? Em salvar-nos? Temos algo que você precisa?”

Gildas franziu as sobrancelhas. “Esse é Keiro, Mestre. O que não tem maneiras.”

Keiro urrou. “Não me diga que ele não sabe sobre a Chave.” Ele mordeu a maçã, o mastigado alto no silêncio.

Blaize se virou para Finn. “E você deve ser o Vidente das Estrelas.” Seus olhos estavam fixos em Finn com escrutínio enervante. “Meu colega me contou que Sapphique mandou essa chave para você, e que ela vai leva-lo para o Lado de Fora. Que você acredita que veio do Lado de Fora.”

“Eu acredito.”

“Você se lembra?”

“Não. Eu só... acredito.”

Por um momento o homem o encarou, uma mão fina coçando distraidamente um machucado da sua bochecha. Então ele disse, “Infelizmente, eu tenho de dizer que você está errado.”

Gildas se virou estupefato; Attia encarou.

Irritado, Finn disse, “O que você quer dizer?”

“Quero dizer que você não veio do Exterior. Ninguém nunca veio do Exterior.

Porque, veja, não existe o Exterior.”

Por um momento o silêncio no cômodo estava alarmado, cheio de descrença. Então Keiro riu suavemente e jogou os restos da maçã sobre as lajes de pedra no chão. Ele se aproximou, tirou a chave, e a colocou do lado de uma esfera de vidro. “Certo, Sábio. Se não existe o Exterior, para que é isso?”

Blaize estendeu a mão e a pegou. Ele a virou cuidadosa e calmamente. “Ah sim. Eu ouvi histórias sobre tais dispositivos. Talvez os Sapienti originais os inventaram. Há uma lenda que diz que Lorde Calliston fez uma em segredo e morreu antes de poder experimentá-la. Ela torna o usuário invisível aos Olhos, e sem dúvida tem outras habilidades. Mas não pode deixar você sair.”

Gentilmente ele colocou o cristal sobre a mesa. Gildas o fitou. “Irmão, isso é tolice!

Todos sabemos que o próprio Sapphique—”

“Não sabemos nada sobre Sapphique além de um monte de histórias de lendas.

Aqueles tolos na Cidade, cujos feitos eu observo com tédio, inventam novas histórias sobre Sapphique todo ano.” Ele cruzou os braços, seus olhos cinzentos cruéis. “Homem amam criar histórias, irmãos. Eles amam sonhar. Eles sonham que o mundo é um profundo subterrâneo, e se nós subirmos encontraremos uma forma de sair, um alçapão para uma terra onde o céu é azul e a terra gera sementes e mel e não há dor. Ou que há nove círculos da Prisão rodeando seu centro, e se adentrarmos profundamente neles encontraremos o coração de Incarceron, seu ser vivo, e iremos emergir até outro mundo.” Ele balançou a cabeça. “Lendas. Nada mais.”

Finn estava chocado. Ele olhou para Gildas; o velho parecia abatido, então raiva explodiu dele.

“Como você pode dizer isso?” ele rangeu. “Você, um Sapiente? Eu pensei, quando vi o que você era, que nossos esforços seriam mais fáceis, que você entenderia...”

“Eu entendo, acredite em mim.”

“Então como você pode dizer que não há um Lado de Fora?”

“Porque eu vi.”

A voz dele estava tão melancólica e pesada com desespero que até Keiro

parou de andar de um lado para o outro e o encarou. Do lado de Finn, Attia tremeu. “Como?” ela sussurrou.

O Sapiente apontou para uma esfera, uma casca preta e vazia. “Ali. O experimento me tomou décadas, mas eu estava determinado. Meus sensores penetraram metal e pele, osso e arame. Eu fiz meu caminho quilômetros através de Incarceron, seus átrios e corredores, seus mares, seus rios. Como você, acredito.” Ele riu cruelmente, mordendo as unhas ruídas da sua mão. “E sim, eu encontrei o Lado de Fora, de certa forma.” Ele se virou o tocou os controles, e a esfera se iluminou. “Eu encontrei isso.”

Eles viram uma imagem da escuridão. Uma esfera dentro da esfera, um globo de metal azul. Ela pairava numa interminável escuridão de espaço, sozinha, silenciosa.

“Essa é Incarceron.” Blaize apontou para ela. “E vivemos dentro dela. Um mundo.

Construído, ou brotado, quem sabe. Mas sozinho, numa vastidão, num vácuo. No nada.

Não há nada do lado de fora.” Ele deu ombros. “Lamento. Eu não queria destruir os sonhos das suas vidas. Mas não há lugar nenhum para ir.”

Finn não podia respirar. Era como se as frias palavras tivessem tirado a vida dele.

Ele fitou o globo e sentiu Keito se aproximar por detrás dele, sentiu o calor e a energia do seu irmão de juramento, e isso o confortou. Mas foi Gildas quem surpreendeu a todos.

Ele riu. Um rugido, áspero e gutural, de desprezo. Ficando ereto, ele se virou para Blaize e o olhou.

“E você se chama de Sábio! Enganado pela malícia da Prisão, mais provável. Ela lhe mostra mentiras e você acredita nelas, e vive aqui acima dos homens e os despreza. Pior que um tolo!”

Ele se aproximou do homem mais alto; Finn deu um passo atrás dele. Ele conhecia o temperamento do velho.

Mas Gildas apunhalou o ar com seu dedo nodoso, e sua voz estava dura e baixa.

“Como se atreve a ficar aí e me negar a minha esperança e a chance das

vidas deles. Como se atreve a me dizer que Sapphique é um sonho, que a Prisão é tudo que há!”

“Porque é verdade,” Blaize disse.

Gildas se soltou do aperto de Finn. “Mentiroso! Você não é nenhum Sapiente. E você esquece.

Vimos os Estrangeiros.”

“Sim!” Attia disse. “E falamos com eles.”

Blaize parou. Ele disse, “Falaram com eles?”

Por um momento quase parecia que a certeza dele estava estremecida. Ele juntou seus dedos e sua voz estava estrangulada. “Falaram com quem? Quem eram eles?”

Todos olharam para Finn, então ele disse, “Uma garota que se chamava Claudia. E um homem.

Ela o chama de Jared.”

Houve um segundo de silêncio. Keiro disse, “Então explique isso.”

Blaize deu suas costas para eles. Mas quase imediatamente ele se virou e seu rosto estava sério.

“Eu não desenho preocupar vocês. Mas vocês viram uma garota e um homem. Como vocês sabem onde eles estão?”

Finn disse, “Eles não estão aqui.”

“Não?” Blaize olhou para ele rapidamente, seu rosto marcado inclinado para o lado.

“Como você sabe? Você não achou que eles também devam ser de Incarceron? Em outra Ala, algum nível distante onde vida parece diferente, onde eles nem sabem que estão aprisionados?

Pense, garoto! A ideia de escapar vai se tornar uma tolice que vai devorar a sua vida. Você vai passar anos em viagens perdidas, buscando, e tudo por nada! Encontre um lugar para viver, e fique em paz em vez disso. Esqueça as estrelas.”

Sua voz murmurou por entre as esferas de vidro, alta nas vigas de madeira do teto.

Apavorado, mal ouvindo a explosão furiosa de Gildas, Finn encarou a janela

e ficou ali, olhando para o lado de fora do vidro selado para as nuvens da estratosfera de Incarceron, muito altas para pássaros, a paisagem congelada quilômetros abaixo, as colinas distantes e as inclinações escuras que pareciam paredes além da sua visão.

Seu próprio medo o aterrorizava.

Se isso fosse verdade, não havia Escapada, daqui ou de si mesmo...

Ele era Finn e sempre seria, com nenhum passado e nenhum futuro e nenhum lugar para voltar.

Ninguém com quem ele esteve.

Gildas e Attia estava zangados; eles estavam discutindo, mas o argumento frio de Keiro cortou através do barulho e silenciou a todos. “Por que não perguntamos a eles?” ele disse. Ele pegou a chave o tocou os controles; se virando rapidamente, Finn viu como conhecedor ele estava.

“Não há sentido,” Blaize disse rapidamente.

“Para nós há.”

“Então eu vou deixar vocês falarem com seus amigos.” Blaize se virou. “Eu não tenho nenhum desejo de fazer o mesmo. Sintam-se livres para se sentirem em casa nessa torre. Comam, descansam. Pensem sobre o que eu disse.”

Ele caminhou entre as esferas e saiu pela porta, a veste ondulando sobre suas roupas manchadas, o fraco odor de ácido e algo mais, algo doce, ficou atrás dele.

Logo que ele se foi Gildas praguejou, longa e amargamente.

Keiro sorriu. “Você aprendeu algo útil dos Comitatus, então.”

“Pensar que depois de todos esses anos eu encontraria um Sapiente e ele seria tão fraco!” O

velho parecia doente de desgosto. Então ele estendeu a mão. “Dê-me essa Chave.”

“Não precisa.” Keiro a colocou com pressa sobre a mesa e deu um passo para trás.

“Está funcionando.”

Um zumbido familiar se elevou; o holograma foi projetado e se iluminou em um círculo de luz.

Hoje parecia mais brilhante que antes, como se eles estivessem mais próximos da fonte, ou como se seu poder tivesse crescido. Dentro dele, tão perto como se ela estivesse entre eles, Claudia apareceu. Seus olhos estavam brilhantes, seu rosto alerta.

Finn quase sentiu que ele podia estender a mão e tocá-la.

“Eles o encontraram,” ela disse.

“Sim,” ele sussurrou.

“Estou tão satisfeita.”

Jared estava com ela, um braço inclinado contra o que parecia ser uma árvore. E de repente Finn percebeu que eles estavam sentados em um campo, ou um jardim, e a luz daquele lugar era gloriosamente dourada.

Os ombros de Gildas passaram por ele. “Mestre,” disse de forma curta. “Você é um Sapiente?”

“Sou.” Jared se levantou e se inclinou formalmente. “Como você, eu vejo.”

“Por esses cinquenta anos, filho. Antes que você tivesse nascido. Agora me responda três perguntas e diga a verdade. Vocês estão no Exterior do Incarceron?”

Claudia encarou. Jared assentiu devagar. “Sim.”

“Como você sabe?”

“Porque esse é um palácio, não uma prisão. Porque o sol está sobre nós, e as estrelas e a noite.

Porque Claudia descobriu o portão que leva até a Prisão...”

“Descobriu?” Finn prendeu a respiração.

Mas antes que ela pudesse responder, Gildas falou, “Mais uma coisa. Se você está no Exterior, onde está Sapphique? O que ele fez para sair? Quando ele vai voltar para nos libertar?”

Havia flores no jardim, papoulas brilhantes e vermelhas.

Jared olhou para Claudia, e no silêncio entre eles uma abelha zumbiu nas pétalas, um murmúrio pequeno que fez Finn tremer com a memória perdida.

Então Jared se levantou e se aproximou, tão perto, que ele e Gildas estavam cara a cara. “Mestre,”

ele parecia cortês. “Perdoe minha ignorância. Minha curiosidade. Perdoe-me se isso parece uma pergunta estúpida. Mas quem é Sapphique?”

Nada mudou, ou irá mudar.

Então nós devemos mudar.

—Os Lobos de Aço.

Finn pensou que a abelha iria sair do halo dourado e pousar sobre ele. Enquanto ela zumbia perto de sua mão, ele deu um puxão para trás e ela arremessou-se para longe.

Ela olhou para Gilda. O velho homem quase cambaleou; Attia foi ajudar ele a sentar, e Jared estava agarrando suas próprias mãos como se para ajudar, desânimo em seu rosto. Ele olhou fixamente para Claudia; Finn ouviu seu murmúrio. “Eu não deveria ter perguntado. O

Experimento...”

“Sapphique Escapou." Keiro arrastou um banco e sentou sob o holofote, sua luz abundante em seu casaco vermelho. “Ele saiu. O único que conseguiu fazer isso. Está é a lenda.”

“Não é uma lenda,” Gildas estourou. Ele ergueu os olhos. “Você realmente não sabe? Eu pensei...

que lá fora ele seria um grande homem... um rei.”

Claudia disse, “Não. Pelo menos... bem, nós poderíamos fazer alguma busca. Ele pode ter se escondido. As coisas aqui não são perfeitas tampouco.” Ela ficou de pé rapidamente. “Talvez vocês não saibam, mas as pessoas aqui acreditam que Incarceron seja um lugar maravilhoso. Um paraíso.”

Eles olharam fixamente para ela.

Ela viu o choque da descrença em seus rostos. O de Keiro mudando quase que instantaneamente para um sorriso ácido, divertido. “Fabuloso”, ele murmurou.

Então ela contou a eles. Ela contou a eles sobre o Experimento, seu pai, o enigma lacrado da Prisão. E então ela contou a eles sobre Giles. Jared disse, “Claudia...” mas ela ondulou uma mão para ele e continuou rapidamente, andando na grama surpreendentemente verde. “Eles não o mataram, nós sabemos disso. Eles o esconderam. E eu penso que eles o esconderam aí dentro.

Eu acho que ele é você.”

Ela se virou e os encarou, e Keiro disse, “Você está dizendo...” e então parou e olhou fixamente para seu irmão de juramento. “Finn? Um príncipe?” Ele riu, imaginando.

“Você está louca?”

Finn abraçou a si mesmo. Ele estava tremendo, ele sabia, aquela rara confusão desnorteadora estava de volta aos cantos de sua mente, lampejos de coisas idas tão rápido quanto sombras em espelhos escuros.

“Você parece com ele,” Claudia disse firmemente. “Não é permitido fotografias agora, não são Protocolo, mas o velho homem tinha uma pintura.” Ela a ergueu, deslizando para fora de uma bolsa azul. “Olhe.”

Attia inspirou.

Finn estremeceu.

O cabelo da criança era brilhante e seu rosto iluminado com inocente felicidade.

Impossível vitalidade irradiava dele. Sua túnica era um tecido de ouro, sua pele gorducha e rosada. Uma pequena águia marcava seu pulso.

Finn se aproximou mais. Ele estendeu a mão e ela ergueu a miniatura para ele, e seus dedos fecharam ao redor da moldura dourada; por um momento ele sentiu que a tinha segurado, que a tinha tocado. E então as pontas de seus dedos encontraram o nada e ele sabia que estava muito longe, mais longe do que ele podia imaginar. E um longo tempo atrás.

“Havia um velho homem,” Claudia disse. “Bartlett. Ele cuidava de você.”

Ele olhou fixamente para ela. Seu vazio assustou ambos.

“Rainha Sai, então? Sua madrasta, ela deve ter odiado você. Caspar, seu meio-irmão? Seu pai, o rei, que morreu. Você deve lembrar!”

Ele queria. Ele queria arrastá-las para fora da escuridão de sua mente, mas não havia nada lá.

Keiro estava de pé e Gildas tinha seu braço, mas tudo o que ele podia ver era Claudia, seu olhar ávido, feroz nele, querendo lembrá-lo. “Nós éramos noivos.

Quando você fez sete anos houve um grande banquete. Uma enorme celebração.”

“Deixe-o em paz,” Attia vociferou. “Deixe-o em paz.”

Claudia aproximou-se. Ela esticou a mão e tentou tocar seu pulso. “Olhe, Finn. Eles não puderam tirá-lo. Isto prova quem você é.”

“Isto não prova nada!” Attia virou-se tão de repente, que Claudia puxou-se de volta. Os punhos da garota estavam cerrados, seu rosto machucado branco. “Pare de atormentá-lo! Se você o amou, deveria parar! Você não pode ver que isso o machuca e ele não consegue lembrar? Você realmente não se importa se é ele, se ele é Giles. Tudo o que você quer é não casar com este Caspar!”

No silêncio chocado Finn respirava fortemente. Keiro o empurrou sobre o banco; seus joelhos cederam e ele sentou-se depressa.

Claudia estava pálida. Ela deu um passo para trás, mas seus olhos nunca deixaram Attia. Então ela disse, “Realmente esta não é a verdade. Eu quero o Rei de verdade. O verdadeiro Herdeiro, mesmo que ele não seja dos Havaarna. E eu quero tirar você desse lugar. Todos vocês.”

Jared se aproximou e agachou-se. “Você está bem?”

Finn assentiu. Sua mente estava nublada; ele esfregou o rosto com as mãos.

“Ele fica assim,” Keiro disse. “E pior.”

“Pode ser o tratamento que eles deram a ele.” Os olhos escuros do Sapiente encontraram os de Gilda. “Eles devem ter dado drogas a ele para fazê-lo esquecer. Você tentou algum antídoto, Mestre, quaisquer terapias?”

“Nossos remédios são limitados,” Gilda grunhiu. “Eu usei pó de tumentine e uma decocção de papoula. E uma vez dentes de lebre, mas o deixou doente.”

Jared pareceu educadamente chocado. Claudia sabia por seu rosto que tais coisas eram tão primitivas que os Sapienti aqui tinham praticamente esquecido delas. De repente ela se sentiu furiosa de frustração, ela queria alcançar e arrastar Finn para fora, rompendo a barreira invisível.

Mas isso não adiantava, então ela fez a si mesma dizer calmamente, “Eu decidi o que fazer. Eu vou entrar. Através do portal.”

“Como isso pode nos ajudar?” Keiro perguntou, observando Finn.

Foi Jared quem respondeu. “Eu fiz um estudo cuidadoso da Chave. Pelo que posso ver, nossa habilidade de contato um com o outro está mudando. A imagem está tornando-se mais clara e mais focada. Isto pode ser por causa de Claudia e eu termos vindo da Corte; nós estamos mais perto de vocês, e a Chave pode registrar isso. Ela pode ajudar você a navegar em direção ao portal.”

“Eu pensei que haviam mapas.” Keiro olhou Claudia. “A Princesa aqui disse isso.”

Claudia suspirou, impaciente. “Eu menti.”

Ela olhou direto para ele; os olhos azuis dele eram afiados como gelo.

“Mas,” Jared continuou apressadamente, “há problemas. Há uma estranha...descontinuidade que me confunde. A Chave demora demais para nos mostrar uns aos outros; cada vez que ela parece estar ajustando algum parâmetro físico ou temporal...

Como se nossos mundos estão de algum modo desalinhados...”

Keiro parecia desdenhoso; Finn sabia que ele achava que tudo isso era uma perda de tempo. Do banco ele levantou a sua cabeça e disse calmamente, “Mas você não acha, Mestre, que Incarceron é outro mundo? Que ele flutua livre no espaço, longe da Terra.”

Jared olhou fixamente. Então ele disse suavemente, “Não, eu não acho. Uma fascinante teoria.”

“Quem lhe disse isso?” Claudia disparou.

“Não importa.” Instavelmente, Finn se pôs de pé. Ele olhou para Claudia. “Nesta Corte de vocês, há um lago, não há? Onde nós flutuávamos lanternas, com velas dentro?”

As papoulas ao redor dela eram um tecido vermelho no sol. “Sim,” disse ela.

“E em cima de meu bolo de aniversário, pequenas bolas de prata.” Claudia estava tão imóvel, que mal podia respirar.

E então enquanto ele a olhava em insuportável tensão, os olhos dela se arregalaram; ela virou-se e gritou, “Jared! Desligue-o! Desligue-o! ”

E na escuridão da sala de esferas imediatamente havia só escuridão, e uma estranha vertigem inclinada, e um perfume de rosas.

Keiro levou sua mão direita cuidadosamente ao espaço vazio onde a holoimagem tinha estado.

Faíscas foram cuspidas; ele deu um puxão de volta, xingando.

“Alguma coisa os assustou,” Attia respirou.

Gilda franziu as sobrancelhas. “Não alguma coisa. Alguém.”

***

Ela tinha o cheirado. Um doce, inconfundível perfume que ela percebeu agora tinha estado lá por um longo tempo, que ela tinha conhecido, mas ignorado, envolvida na tensão do momento.

Agora, enquanto ela resistia ao inflamado toque de lavanda e delfínios e rosas, ela sentiu Jared atrás dela levantar lentamente em seus pés, ouviu sua baixa respiração de desânimo como se ele registrar-se-á também. “Saia,” ela disse friamente.

Ele estava atrás do arco de rosa. Ele deu um passo relutantemente, a seda pêssego de seu terno macia como pétalas.

Por um momento nenhum deles falou.

Então Evian sorriu um envergonhado sorriso.

“Quanto você ouviu?” Claudia exigiu, mãos no quadris.

Ele tirou um lenço e limpou o suor de seu rosto. “Realmente demais, eu temo, minha querida.”

“Pare a atuação.” Ela estava furiosa.

Ele deu uma olhada para Jared e então, curiosamente para Chave. “Este é um dispositivo incrível.

Se nós tivéssemos tido a menor ideia que existia, nós teríamos movido céus e terras para encontrá-lo.”

Ela silvou uma respiração de raiva e virou-se. Para suas costas, ele disse astutamente, “Você sabe o que isso significa, se esse rapaz é realmente Giles.”

Ela não respondeu.

“Isso significa que nós temos uma figura representativa para o nosso golpe. Mais do que isso, uma causa justa. Como você disse tão emocionadamente, o verdadeiro Herdeiro.

Eu acredito que essa era a informação que você me prometeu?”

“Sim.” Ela virou-se e viu seu olhar fascinado, e aquilo a gelou como tinha feito antes. “Mas escute, Evian. Nós estamos fazendo isso a meu modo. Primeiro de tudo eu estou indo através daquele portal.”

“Não sozinha.”

“Não,” Jared disse rapidamente. “Comigo.”

Ela disparou a ele um olhar assustado. “Mestre...”

“Juntos, Claudia. Ou absolutamente não.”

Uma trombeta soou no Palácio. Ela deu um olhar em direção ao edifício em contrariedade. “Tudo bem. Mas não há necessidade de assassinatos, você não vê? Se as pessoas entenderem que Giles está vivo, se nós o mostramos a eles, certamente a Rainha não será capaz de negá-lo..”

Sua voz sumiu enquanto ela olhava para eles. Jared estava brincando infeliz com uma florzinha branca na grama; esfregando seu perfume entre os dedos. Ele não olharia para ela. Evian o fez, mas seus pequenos olhos estavam quase piedosos. “Claudia,” ele disse, “você é tão inocente ainda?” Ele veio até ela, não mais alto do que ela, suando no sol quente. “As pessoas nunca irão ver Giles. Ela nunca deixaria que isso acontecesse. Você e ele seriam mortos sem piedade, como o velho homem que eu falei. Jared também, e qualquer um que eles pensem que sabe sobre o plano.”

Ela cruzou os braços, sentindo seu rosto ir aquecendo. Ela sentiu-se humilhada, como uma criança pequena sendo repreendida gentilmente, para piorar. Por que, é claro, ele estava certo.

“São eles que devem ser mortos.” A voz de Evian era baixa e dura. “Eles devem ser removidos.

Nós estamos decididos sobre isso. E nós estamos prontos para agir.”

Ela ergueu os olhos para ele. “Não.”

“Sim. Muito em breve.”

Jared deixou cair à flor e virou sua cabeça. Ele pareceu muito pálido. “Você deve pelo menos esperar até depois do casamento.”

“O casamento é em dois dias. Tão logo ele acabar nós vamos nos mover. É melhor se nenhum de vocês conhecer os detalhes...” Ele ergueu a mão para evitar que ela falasse.

“Por favor, Claudia, não me pergunte jamais. Se isso vir a sair errado, se você for interrogada, desta forma você pode nada revelar. Você não saberá o tempo, ou o lugar, ou o método. Você não terá ideia de quem são os Lobos de Aço. Você não poderá ser culpada.”

Por ninguém além de si mesma, ela pensou amargamente. Caspar era um

ganancioso um pouco tirano e iria tornar-se pior. A Rainha uma cativante assassina. Eles sempre infringiam o protocolo.

Eles nunca mudariam. E ainda assim ela não queria o seu sangue em suas mãos.

A trombeta soou de novo, urgente. “Eu tenho que ir,” ela disse. “A Rainha está caçando e eu tenho que estar lá.”

Evian assentiu e afastou-se, mas antes que ele tivesse tomado dois passos ela forçou as palavras para fora, “Espere. Uma coisa.”

A seda de pêssego cintilou. Uma borboleta voou até seu ombro, curiosa.

“Meu pai. E meu pai?”

No bonito céu azul um alvoroço de pombos levantou de uma das mil torres do Palácio. Evian não se virou e sua voz era tão baixa que ela mal as ouviu. “Ele é perigoso.

Ele está implicado.”

“Não o machuque.”

“Claudia...”

“Não.” Ela cerrou seus punhos. “Ele não tem de ser morto. Prometa-me agora. Jure.

Ou eu vou a Rainha neste minuto e conto a ela todas as coisas.”

Aquilo o fez virar-se, assustado. “Você não iria...”

“Você não me conhece.”

Como ferro frio ela o encarou. Somente sua teimosia manteria uma faca fora do coração de seu pai. Ela sabia que ele era seu inimigo, seu sutil adversário, seu frio oponente sobre o tabuleiro de xadrez. Mas ele ainda era seu pai.

Evian lançou um olhar para Jared, então expirou, um longo e desconfortável suspiro. “Muito bem.”

“Jure.” Ela adiantou sua mão e agarrou a dele e segurou com força; ela estava quente e úmida.

“Com Jared como testemunha.”

Relutante, ele a deixou alcançar seus dedos com um aperto de mão. Jared sua mão suave no topo.

“Eu juro. Como um lorde do Reino e um devoto d’Aquele de Nove Dedos.” Os olhos cinza de Lorde Evian eram pálidos na luz do sol. “O Diretor de Incarceron não será morto.”

Ela assentiu. “Obrigada.”

Eles assistiram ele separar sua mão e caminhar para longe, secando seus dedos meticulosamente com um lenço de seda, desaparecendo em baixo do esverdeado passeio de lima.

Tão logo ele tinha ido, Claudia sentou na grama e agarrou seus joelhos em baixo de seu vestido azul. “Oh, Mestre. Que confusão.”

Jared parecia mal estar ouvindo. Ele deslocou-se impacientemente em volta, como se estivesse tenso. Então ele parou tão abruptamente, que ela pensou que uma abelha o tinha picado. “Quem é Aquele de Nove Dedos?”

“O quê?”

“Foi o que Evian disse.” Ele virou-se, e havia uma tensão em seus olhos negros que ela conhecia bem, como as obsessões em chamas que muitas vezes o mantinham em seus experimentos por dias e noites. “Você já ouviu falar de tal culto antes?”

Brutalmente, ela encolheu os ombros. “Não. E não tenho tempo para preocupar-me.

Escute. Hoje à noite, depois do banquete, a Rainha terá uma reunião de seu Conselho, um grande Sínodo, para preparar as ações do casamento e a sucessão. Eles estarão lá, Caspar e o Diretor e seu secretário e qualquer um de importância. E eles não serão capazes de sair.”

“Você não?”

Ela encolheu os ombros. “Quem sou eu, Mestre? Um peão no tabuleiro”. Ela riu, o riso que ela sabia que ele odiava, duro e amargo. “Então é aí que nós entraremos em Incarceron. E desta vez não correremos riscos.”

Jared assentiu suavemente. Seu rosto tinha se abatido, mas a ponta de excitação ainda permanecia.

“Eu estou contente que você disse nós, Claudia,” ele murmurou.

Uma assembleia de sacerdotes e de outros fiéis da Igreja.

Ela ergueu os olhos. “Eu estou assustada por você,” ela disse simplesmente.

“Aconteça o que acontecer.”

Ele assentiu. “Isso faz dois de nós.” Eles ficaram em silêncio por um momento. “A Rainha estará esperando.”

Mas ela não fez nenhum movimento para ir, e quando ela olhou para ele, seu rosto estava tenso e distante. “Aquela garota Attia. Ela estava com ciúmes. Ela estava com ciúmes de mim.”

“Sim. Eles podem ser próximos, Finn e seus amigos.”

Claudia encolheu os ombros. Ela levantou e escovou o pólen de seu vestido.

“Bem. Nós iremos saber logo.”

Você procura a chave para Incarceron?

Olhe dentro de você. Ela sempre esteve escondida lá.

—O Espelho dos Sonhos para Sapphique.

A torre do Sapiente era estranha, Finn pensou. Ele, Keiro e Attia tinham levado o homem até seu mundo, e gastaram o dia explorando tudo por lá, e havia coisas sobre isso que os surpreenderam.

“A comida, por exemplo.” Keiro pegou uma pequena fruta verde da tigela e a cheirou cuidadosamente. “Isso é cultivado, mas onde? Estamos milhas acima no céu e não há caminho para baixo. Não me diga que ele leva seu navio prateado para negociar no mercado.”

Eles sabiam que não havia caminho para baixo porque os cômodos do porão, onde as camas ficavam, tinham sido construídos sobre a rocha nua. Pequenas estalagmites cresciam entre os móveis, pingentes de cálcio estavam pendurados no teto, sedimentos se formaram ao longo do século, um meio da vida na prisão, embora Finn tenha pensado que levou mais tempo, até mesmo milênios, para tais coisas se formarem.

Enquanto ele vagava atrás de Attia da cozinha para a despensa para o observatório deixou-se deslizar por um momento para um devaneio de horror fascinante; que Incarceron era de fato um mundo, antigo e vivo, que ele era uma

criatura microscópica dentro dele, minúsculo como uma bactéria, e que Claudia também estava aqui, que mesmo Sapphique era um sonho sonhado por Prisioneiros que não poderiam enfrentar o medo de não haver Escapada.

"E então os livros!" Keiro empurrou a porta aberta da biblioteca e olhou para todos eles com nojo. "Quem precisa de tantos livros? Quem poderia se incomodar em lê-los?"

Finn passou por ele. Keiro mal conseguia ler seu próprio nome, e estava orgulhoso disso. Uma vez ele se meteu em uma briga sobre alguns supostos insultos sobre ele escritos em uma parede por um dos capangas de Jormanric; Keiro tinha saído vivo da luta, mas muito espancado. Finn lembrou ter sido incapaz de dizer-lhe que a pichação era inofensiva, mesmo admirando a contragosto.

Finn sabia ler. Ele não tinha ideia de quem lhe ensinou, mas podia ler ainda melhor que Gildas que murmurava as palavras em meia voz e só tinha visto cerca de uma dúzia de livros em sua vida. O Sapiente estava aqui agora, sentado à mesa no coração da biblioteca, suas mãos nodosas virando as páginas de um grande códice encadernado em couro, seus olhos junto ao texto manuscrito.

Em torno dele, em prateleiras que chegavam até o teto sombrio, a biblioteca de Blaize era imensa, torres de pesados volumes todos numerados em dourado e encadernados em verde e marrom.

Gildas levantou a cabeça. Eles esperavam que ele estivesse admirado, mas sua voz estava ácida.

"Livros? Não há livros aqui, garoto."

Keiro bufou. "Seus olhos estão pior do que pensa."

Impacientemente, o velho sacudiu a cabeça. "Estes são inúteis. Olhe para eles.

Nomes, números. Não nos dizem nada."

Attia pegou um livro da prateleira mais próxima e abriu, e Finn olhou por cima de seu ombro.

Estava grosso de poeira, e as bordas das páginas estavam devoradas, tão secas que caiam em flocos. Na página tinha uma lista de nomes:

MARCION.

MASCUS.

MASCUS ATTOR.

MATTHEUS PRIME.

MATTHEUS UMRA.

Cada um seguido de um número. Um longo número de oito dígitos. “Prisioneiros?”

Finn perguntou.

“Aparentemente. Listas de nomes. Volumes deles. Para cada Ala, todos os níveis, que remontam há séculos.”

Ao lado de cada nome tinha uma pequena imagem quadrado de um rosto. Attia tocou um e quase deixou o livro cair. Finn deu um suspiro, o que trouxe Keiro para a mesa, ajoelhando-se por trás deles.

“Bem, bem,” disse.

Para cada nome uma séria de imagens piscava rapidamente sobre a página, aparecendo e desaparecendo em rápida sucessão, até que Attia tocou uma com a ponta dos seus dedos pequenos e ela congelou, abrindo em uma foto de corpo inteiro de um homem corcunda com um casaco amarelo que encheu a página. Quando ela soltou, as fotos ondularam novamente, centenas de imagens de um mesmo homem, na rua, viajando, conversando sobre um incêndio, dormindo, sua vida inteira catalogada lá, seu corpo se tornando gradativamente mais velho diante de seus olhos, curvando, com uma bengala agora, miserável, leprosa com alguma doença terrível. E então nada.

Finn disse em voz baixa, “Os Olhos. Eles devem registrar tanto quanto assistir.”

“Então, como esse Blaize tem tudo isso?” Keiro levantou a cabeça num choque repentino. “Você acha que estou aqui?” Sem esperar por resposta ele cruzou para a prateleira marcada encontrou uma longa escada, e a colocou contra os livros, subindo facilmente por ela. Ele começou a tirar os livros e empurrá-los de volta, impaciente.

Attia tinha atravessado para a seção A e Gildas estava ocupado lendo, então Finn encontrou a letra F e procurou pelo seu nome.

FIMENON.

FIMMA.

FIMMIA.

FIMOS NEPOS.

FINARA.

Seus dedos tremiam quando ele virou a página, percorrendo para baixo até que ele encontrou.

FINN.

Ele olhou fixamente. Havia dezesseis Finns, mas o dele era o último. O número estava lá, em toda a sua negra familiaridade, o número que tinha estado em seu macacão na cela da prisão, que ele havia memorizado. Próximo a ele havia uma pequena imagem, dois triângulos sobrepostos, um deles invertido. Uma estrela. Se sentindo nauseado, ele a tocou.

Imagens ondularam. Ele próprio rastejando no túnel branco. Ele parou instantaneamente.

Lá estava ele, parecendo mais jovem, mais limpo, seu rosto uma máscara de medo e determinação lacrimosa. Magoou-o olhar para isso. Ele tentou voltar, mas essa era a primeira imagem, não havia nada antes.

Nada.

Seu coração disparou. Ele rolou lentamente.

Ele e Keiro. Imagens do Comitatus. Ele lutando, comendo, dormindo. Uma vez, rindo. Crescendo, mudando. Perdendo algo. Ele quase pensou que podia vê-lo em movimento, as imagens em constante mudança mostrando-o se tornando alguém cada vez mais difícil, atento, carrancudo, sempre lá em segundo plano nas brigas e esquemas de Keiro. Uma imagem o mostrou em um ataque, e ele olhou horrorizado com náusea para seu corpo enroscado em convulsão, o rosto contorcido. Rapidamente ele deixou as imagens correrem, quase rápido demais para ver, até que ele apontou para baixo e as segurou imóveis.

A emboscada.

Ele viu a si mesmo congelado, metade fora das correntes, agarrando o braço da Maestra. Ela deve ter percebido nesse momento a armadilha em que estava; seu rosto foi capturado em um estranho olhar ferido, quase magoado, seu sorriso já enrijecido.

Se houvesse mais, ele não queria ver.

Ele bateu o livro fechando-o, o som alto na sala em silêncio, fazendo Gildas resmungar e Attia prestar atenção.

“Encontrou algo?” ela perguntou.

Ele deu de ombros. “Nada que eu não soubesse. E quanto a você?” Ele notou que ela tinha deixado a seção A e estava na C. “Por que lá?”

“O que Blaize disse sobre nenhum Lado de Fora. Pensei em procurar Claudia.”

Ele gelou. “E?”

Ela estava segurando o livro, um grande volume verde. Ela o fechou rapidamente e virou-se, empurrando-o de volta na prateleira. “Nada. Ele está errado. Ela não está em Incarceron.”

Havia algo suave em sua voz, mas antes que pudesse pensar nisso o chiado de raiva de Keiro sacudiu-o.

“Ele tem tudo sobre mim aqui! Tudo!”

Finn sabia que Keiro tinha ficado órfã quando bebê e havia crescido com um bando de moleques imundos de rua que sempre pareceu estar à beira do Comitatus; guerreiros por desgraça, filhos de mulheres que eles haviam matado, crianças que ninguém conhecia.

Deve ter sido uma luta de unhas e dentes para comer e sobreviver e manter um rosto sem marcas como o de Keiro naquela multidão feroz. Talvez por isso seu irmão de juramento parecesse tão alarmado. Ele também fechou o livro com uma batida.

“Esqueça suas histórias insignificantes.” Gildas levantou os olhos, seu rosto afilado iluminado.

“Venha e leia um livro de verdade. Este é o diário de um Lorde Calliston, aquele que chamavam de Lobo de Aço. Ele é dito ter sido o primeiro prisioneiro.” Ele virou uma página. “Está tudo aqui, a vinda dos Sapienti, os primeiros condenados, o estabelecimento da Nova Ordem. Eles parecem ter sido relativamente poucos, e eles falavam com a Prisão naqueles dias como falavam uns com os outros.”

Agora ele pareceu temeroso.

Eles se juntaram e viram que o livro era menor que os outros e o texto verdadeiramente manuscrito, com alguma pena áspera. Gildas bateu a página. “A garota estava certa. Eles estabeleceram a Prisão como um lugar para descarregar todos os seus problemas, mas havia esperança definitiva de criar uma sociedade

perfeita. De acordo com isso nós todos deveríamos ter sido filósofos serenos há muito tempo atrás. Ouça.”

Ele leu em voz alta, com sua voz rouca.

"Tudo estava preparado, todas as eventualidades cobertas. Temos alimentos nutritivos, educação gratuita, assistência médica melhor que a de fora, agora que o protocolo governa lá. Temos a disciplina da prisão, aquele ser invisível que vigia e pune e governa.

"E ainda assim.

"As coisas decaíram. Grupos dissidentes estão se formando; território é disputado.

Casamentos e contendas se desenvolvem. Já dois Sapienti levaram seus seguidores para longe para viver no isolamento, alegando que temem os assassinos e ladrões que nunca vão mudar, que um homem foi morto, uma criança atacada. Semana passada dois homens chegaram às vias de fato por uma mulher. Os prisioneiros intervieram. Desde então nenhum deles tem sido visto.

"Eu acredito que eles estejam mortos e que Incarceron os integrou em seus sistemas. Não havia condição para a pena de morte, mas a prisão é responsável agora. Está pensando por si mesma"

No silêncio Keiro disse, “Eles realmente pensaram que isso iria funcionar?”

Depois de um momento Gildas virou a página. O sussurro era alto na quietude.

“Parece que sim. Ele não é claro sobre o que deu errado. Talvez algum elemento não planejado entrou e desequilibrou a balança, com apenas um comentário, um pequeno ato, de modo que a falha em seu ecossistema perfeito cresceu gradualmente e o destruiu.

Talvez a própria Incarceron se avariou, tornando-se uma tirana—isso certamente aconteceu, mas isso foi causa ou efeito? E depois há isso.”

Ele apontou as palavras enquanto as lia, e Finn, se inclinando para frente, viu que estavam sublinhadas, a página suja, como se mais alguém as tivesse manuseado repetidamente.

"... ou isso significa que o homem contém dentro de si mesmo as sementes do mal? Que mesmo que seja colocado em um paraíso perfeitamente formado para ele vai envenená-lo, lentamente, com seus próprios ciúmes e desejos? Temo

que possamos culpar a Prisão por nossa própria corrupção. E não me excluo, pois também sou um que matei e olhei para meus próprios ganhos."

Na vasta sala silenciosa apenas partículas de poeira caíam através do declive da iluminação do telhado.

Gildas fechou o livro. Olhou para Finn e seu rosto estava cinzento. “Não devemos ficar aqui,” disse pesadamente. “Esse é um lugar onde o pó se reúne e a dúvida entra no coração. Devemos ir, Finn. Este não é um refúgio. É uma armadilha.”

Um passo na poeira os fez olhar para cima. Blaize estava de pé na galeria que circulava a claraboia, olhando para baixo para eles, suas mãos apertadas sobre o corrimão.

“Vocês precisam descansar,” disse calmamente. “Além disso, não há caminho daqui para baixo.

Até que eu decida levá-los.”

***

Claudia tinha sido meticulosa; scanners pré-colocados em todo o porão, halo-imagens dela e de Jared dormindo tranquilamente em suas camas, um robusto suborno para o subintendente para saber a duração do debate, o número de cláusulas do tratado de casamento, o tempo que tudo levaria.

Finalmente ela tinha visto Evian e disse-lhe para argumentar sobre qualquer coisa.

Desde que seu pai permanecesse na Grande Câmara até bem depois da meia-noite.

Escorregando entre os toneis e barris em suas roupas escuras, ela se sentiu como uma sombra liberada do banquete interminável lá em cima, as brincadeiras educadas, da Rainha de lábios vermelhos intimidantes enjoativos, do jeito como agarrou a mão de Claudia e segurou-a com tanta força, excitando-se com o quanto elas seriam tão felizes, os palácios que iriam construir, as caçadas, as danças, os vestidos. Caspar tinha fechado a cara para ela, bebendo muito vinho e fugindo tão logo pode para encontrar alguma serviçal. E seu pai, sério e equilibrado em sua sobrecasaca preta e botas brilhantes, havia encontrado seu olhar uma vez através da longa mesa, um ligeiro olhar entre as velas e flores.

Ele adivinhou que ela tinha algum plano?

Não havia tempo para preocupar-se agora. Quando se abaixou sob uma barreira de teia de aranha, ajeitou-se em uma figura alta e quase gritou com o choque.

Ele a segurou. “Desculpe, Claudia.”

Jared vestia roupas escuras também. Ela olhou para ele. “Deus, você me deu um susto! Você tem tudo?”

“Sim.” Ele estava pálido, seus olhos com sombras escuras.

“Seus remédios?”

“Tudo.” Ele forçou um fraco sorriso. “Qualquer um pensaria que eu era o discípulo aqui.”

Ela sorriu de volta, querendo animá-lo. “Vai dar tudo certo. Temos que olhar, Mestre. Temos que ver o Lado de Dentro.”

Ele balançou a cabeça. “Depressa então.”

Ela o levou pelos corredores abobadados. Esta noite os tijolos pareciam mais úmidos que antes, as exalações das paredes salgadas um ar fétido que nublava suas respirações.

O portão parecia maior, e quando ela se aproximou dele, Claudia viu que as correntes estavam transversalmente para trás, cada elo de metal mais grosso que seu braço. Mas foram as lesmas que a fizeram tremer: criaturas grandes e gordas, suas trilhas prateadas cruzando a condensação sobre o metal como se tivessem sido criados aqui por séculos.

“Eca.” Ela tirou uma; saiu com um plop suave e ela jogou-a para baixo. “É isso. Ele colocou uma combinação na fechadura.”

A águia Havaarna abriu as asas largas. No globo que a mantinha havia sete pequenas depressões circulares; ela estava prestes a tocá-las quando Jared segurou seus dedos.

“Não! Se a combinação errada for usada, alarmes vão tocar. Ou pior, podemos ser presos em uma armadilha. Isso deve ser feito com cuidado, Claudia.”

Ele pegou o scanner pequeno e começou, muito gentilmente, a fazer leituras e ajustá-las, contraindo entre as correntes enferrujadas.

Impaciente, ela foi, verificou o porão, voltou.

“Depressa, Mestre.”

“Não posso apresar isso.” Ele estava absorto, seus dedos se movendo suavemente.

Após longos minutos, ela estava quase doente de impaciência. Ela tirou a Chave, e olhou por cima de suas costas. “Você acha que...?”

“Espere, Claudia, estou quase certo do primeiro número.”

Poderia levar horas. Havia um disco na porta; brilhava um bronze esverdeado, ligeiramente mais brilhante que o metal ao redor. Sobre a cabeça dela, ela estendeu a mão e deslizou para o lado.

Um buraco de fechadura.

Modelado como o cristal, hexagonal.

Ela estendeu a mão e encaixou a Chave nele.

Instantaneamente ela pulou para fora de seus dedos.

Com um grande estalo que a fez gritar e fez Jared pular para trás em pavor, a Chave girou por si só. Correntes desabaram. Ferrugem caiu. O portão estremeceu entreaberto.

Arrastando-se para cima, Jared foi freneticamente verificar todos os alarmes; ele engasgou, “Claudia, isso foi tão estúpido!” mas ela não se importou, estava rindo porque estava aberto, o portão, a Prisão. Ela tinha aberto Incarceron.

A última corrente deslizou.

O porão se envolveu com os ecos.

Jared esperou até que cada último suspiro de ruído foi silenciado.

“Bem?” ela perguntou.

“Ninguém vindo. Tudo está normal.” Ele limpou o suor da testa com uma mão.

“Devemos estar muito baixo para eles ouvirem. Mais do que merecemos, Claudia.”

Ele deu de ombros. “Eu mereço encontrar Finn. E ele merece ser livre.”

Olharam para a fenda escura, esperando. Ela meio que esperava uma multidão de prisioneiros explodir de lá.

Mas nada aconteceu, então ela deu um passo à frente e abriu o portão.

E olhou para o Lado de Dentro.

Eu me lembro da história de uma garota no Paraíso que comeu uma maça que Algum sábio Sapiente deu a ela. Por causa disso ela viu algumas coisas diferentes. O que tinha parecido moedas de ouro eram folhas mortas. Ricas roupas eram trapos esfarrapados. E ela viu que havia um muro ao redor do mundo, com um portão trancado.

Eu estou ficando fraco. Os outros estão todos mortos. Eu terminei a chave, mas não mais ouso usá-la.

—Diário de Lorde Callister

Era impossível. Ela estava em pé congelada, sentiu a esperança romper-se dentro dela. Ela esperou corredores escuros, um labirinto de celas, passagens de pedras com ratos correndo e umidade. Não isto.

Atrás de sua estranha entrada inclinada a sala branca era uma perfeita cópia da sala de estudos de seu pai. Suas máquinas zumbindo eficientemente, sua única escrivaninha e cadeira estavam organizadas na faixa de luz do teto.

Ela soltou um sopro de desespero. “É exatamente a mesma!”

Jared estava examinando cuidadosamente. “O Diretor é uma homem de gosto meticulosos.” Ele abaixou o dispositivo e ela viu pelo seu rosto que ele estava tão atordoado quanto ela estava.

“Claudia, agora que o portão está aberto, eu posso dizer que não há Prisão abaixo de nós, no labirinto subterrâneo. Esta sala é tudo o que há.”

Consternada, ela balançou sua cabeça. Então ela entrou.

Imediatamente ela sentiu o mesmo efeito de antes; aquele peculiar nublado e produzindo aquele som seco pelo choque de dois objetos, o chão parecendo nivelar-se sob seus pés, as paredes elevarem-se retas, até mesmo o ar pareceu diferente na sala, mais frio e mais seco, não as úmidas emanações dos porões.

Virando-se, ela observou Jared.

“Agora isso foi muito estranho,” ele disse. “Aquilo foi uma mudança espacial.

Como eu disse antes, como se a sala e o porão não estão completamente... próximos.”

Ele deu um passo em sua direção, e ela viu como seus olhos escuros se arregalaram.

Mas ela estava quase doente demais com a decepção para preocupar-se.

“Por que fazer uma cópia de sua sala de estudos aqui?” Ela aproximou-se e recuou a escrivaninha zangada. “Não parece mais usada do que a outra!”

Jared olhou ao redor, fascinado. “É exatamente a mesma?”

“Em cada único detalhe.” Ela inclinou-se na escrivaninha e disse a senha para Incarceron e a gaveta rolou aberta. Dentro, como ela tinha esperado, estava a Chave de cristal a imagem se sua própria. “Ele mantem uma Chave em casa e uma aqui. Mas a Prisão é em algum outro lugar.”

A amargura em sua voz fez Jared dar-lhe um olhar preocupado e então voltou para seu lado.

Calmamente ele disse, “Não atormente a si mesma...”

“Eu disse a Finn que tinha achado uma forma de entrar!” Desgostosa, ela virou-se e abraçou a si mesma. “E o que nós vamos fazer agora? Amanhã vou estar casada com Caspar ou executada por traição.”

“Ou você vai ser Rainha,” ele disse.

Ela olhou para ele. “Ou Rainha. Depois de um banho de sangue que vai assombrar-me para sempre.”

Ela afastou-se e olhou para as máquinas de prata zumbindo. Atrás dela, ela ouviu Jared dizer, “Bem, pelo menos...”

Ele parou.

Quando ele não terminou a sentença ela virou-se, viu ele curvado sobre a gaveta aberta com a Chave dentro. De repente ele endireitou-se e olhou para sua lateral. Quando ele falou sua voz estava rouca com excitação.

“Isto não é uma cópia. É a mesma sala.”

Ela o encarou.

“Olhe, Claudia. Venha e olhe.”

A Chave. Ela está sobre o veludo preto e ele a alcançou e a tocou, e para seu espanto ela viu como seus dedos passaram através da imagem dentro do suave e felpudo tecido abaixo. Era uma holoimagem.

A holoimagem que ela tinha colocado lá.

Ela recuou, procurando em volta. Então calmamente, ela afundou e raspou ao redor da cadeira as pernas. “Se é a mesma sala, há uma...” Ela engasgou, então pulou com um murmúrio de confusão. Ela segurava um pedaço muito pequeno de metal. “Isto estava disposto bem ali antes!

Mas como? Como pode estar na mesma sala? Aquela estava na casa. Milhas de distância.” Ela olhou para a porta aberta, o sombrio porão do Palácio além dele.

Jared parecia ter esquecido seu medo. Seu rosto estreito estava iluminado, ele pegou o pedaço de metal e olhou com atenção, então deslizou uma pequenina bolsa de seu bolso e fechou o objeto dentro. Ele dirigiu-se ao exame na cadeira. “Há alguma coisa estranha bem aqui. A fenda espacial pareceu mais forte.” Ele fez uma careta de frustração.

“Ah, se nós somente tivéssemos melhores instrumentos, Claudia! Se os Sapienti não tivessem sido tão obstruídos pelo Protocolo todos esses anos!”

“Você percebeu,” ela disse, “como a cadeira está fixada no chão?”

Ela não tinha visto isso antes, mas haviam pedaços de metal para mantê-la na posição. Ela caminhou ao redor dela. “E por que aqui? É tão longe da escrivaninha. Há apenas aquela luz acima.”

Eles olharam para cima para aquilo. Uma estreita luz levemente azul caindo sobre a cadeira e nada mais. Mal brilhava o suficiente para ler.

Um pensamento frio a arrepiou. “Mestre... este não é um local de tortura, é?”

Ele não respondeu de início, então ela ficou grata por seu tom comedido. “Eu duvido. Não há encarceramento, nem sinais de violência. Você acha que seu pai necessitaria usar tais dispositivos?”

Ela não queria responder isso. Em lugar ela disse, “Nós vimos tudo o que nós pudemos. Vamos sair.” É passado da meia-noite. Seu corpo todo estava ouvindo por passos.

Ele assentiu, relutante. “E ainda essa sala guarda segredos, Claudia, o que eu iria dar no mundo para descobrir. Talvez seja uma passagem. Talvez nós não estamos vendo o que há.”

“Jared. Isso é suficiente.”

Ela cruzou a porta e andou através. O porão estava silencioso e sombrio.

Todos os alarmes estavam seguros no lugar. E ela ainda ficou repentinamente balançada por terrores; aquelas figuras sombrias estavam observando, aquela Cópia existia, aquilo que seu pai mantinha nas sombras onde ela tinha estado, aquele portal de bronze iria fechar com força repentinamente e Jared ficou preso dentro. Ela arrastou-o para fora tão depressa que ele quase caiu.

Pegando a Chave, ela puxou-a para fora do buraco da fechadura, observando como instantaneamente o portal juntava-se de volta com muito pouco tinido, as correntes unindo-se por si mesma no lugar, os caracóis continuando seu rígido progresso viscoso para fora das asas desgastadas da águia.

Ela ficou em silêncio enquanto ela seguia a figura escura do Sapiente através dos barris empilhados, silenciados pelo desapontamento e amargo fracasso. O que Finn pensaria dela agora?

Como Keiro iria rir em desdém e aquela garota iria sorrir afetadamente. E para si mesma, um dia de liberdade desperdiçado.

No topo da escada, ela parou com o puxão de Jared em suas mangas. “Nós devemos voltar separadamente, Mestre. Nós não devemos ser vistos juntos.”

Ele assentiu e no escuro ela achou que ele corou um pouco. “Você vai primeiro.

Tome cuidado.”

Ela não se moveu, sua voz sombria. “Está tudo acabado, não está? Todas as coisas terminaram.

Finn vai apodrecer naquele lugar para sempre.”

Jared recostou-se no pilar e inspirou profundamente. “Não se desespere, Claudia.

Incarceron está perto. Eu estou certo disso.” Ele tirou alguma coisa de seu bolso e, para sua surpresa ela viu que era uma pequena lâmina de metal do chão em sua embalagem de plástico.

“O que é isso?”

“Eu não tenho ideia. Eu vou usar a torre do Sapiente aqui e tentar algumas investigações amanhã.”

“Que sorte.” Ela virou-se azedamente. “Tudo o que eu tenho que tentar é o meu vestido de noiva.”

Ela estava indo antes que ele pudesse responder, deslizando até as escadas

dentro do corredor à luz de velas, o silêncio da meia-noite e os sussurros do Palácio.

Jared virou o pequeno pedaço entre as pontas de seus dedos.

Ele empurrou de volta seus cabelos úmidos e respirou muito de lentamente.

Por um momento, a estranheza da sala o tinha feito esquecer a dor. Agora ela voltou pior, como se para puni-lo.

***

Por horas eles não viram nada de Blaize. Ele pareceu sumir, mas Finn não tinha ideia para onde.

“Há uma parte dessa torre que nós não encontramos ainda,” Keiro murmurou, “e essa é a forma de sair.” Ele deitou na cama olhando para o teto branco. “E essa conversa fiada sobre os livros— eu não acredito em uma palavra disso.”

Blaize tinha rido de suas questões sobre os registros da Prisão. “Esta torre estava vazia e possivelmente foi feita somente para estes livros, para estarem guardados aqui,” ele tinha dito, passando o pão mais adiante na mesa naquela noite. “Eu achei o lugar e gostei dele, então eu entrei. Eu garanto a você não tenho ideia de como as imagens chegaram a ser armazenadas aqui, e nem tempo nem disposição para olhá-las.”

“Mas você se sente seguro aqui,” Gildas murmurou.

“Eu estou seguro. Ninguém pode alcançar-me. Eu removi todos os Olhos e os Besouros não podem entrar. É claro, Incarceron tem muitas formas de observar e eu estou certamente sob observação, já que minhas imagens surgem nos livros provavelmente como as de qualquer outro.

Mas não no momento, entretanto, por causa do estranho de poder de sua Chave. No momento, todos nós estamos invisíveis.” Ele tinha sorrido então, em seguida esfregando as feridas em seu queixo. “Agora, se eu tivesse um dispositivo como esse, eu poderia aprender muito sobre ele. Eu suponho que você não iria considerar se separar dele?”

“Ele quer isso.” Keiro sentou-se agora, rapidamente. “Você viu como ele pareceu quando Gilda riu dele? Havia uma frieza em seu rosto, em seguida, um brilho de alguma coisa. Ele quer a Chave.”

Finn sentou-se no chão, joelhos juntos. “Ele nunca vai consegui-la.”

“Onde ela está?”

“Segura, irmão.” Ele deu um tapinha em seu casaco.

“Bom.” Keiro deitou de volta. “E mantenha sua espada contigo. Este Sapiente miserável deixa-me inquieto. Eu não gosto dele.”

“Attia diz que nós somos seus prisioneiros.”

“Aquela pequena cadela.” Mas o comentário de Keiro era preocupado; enquanto Finn assistiu ele rolar para fora da cama e levantar-se, pegando um rápido olhar de si mesmo no vidro polido da janela. “Mas não se preocupe, irmão. Keiro tem um plano.”

Ele puxou seu casaco e saiu, espreitando cautelosamente ao redor da porta.

Sozinho, Finn puxou a Chave fora e olhou ela. Attia estava dormindo e Gilda estava impacientemente examinando os livros, do mesmo modo que ele pareceu ter estado fazendo desde que eles vieram para cá. Silenciosamente, Finn fechou a porta e colocou suas costas contra ela. Então ele ativou a Chave.

Ela acendeu rapidamente.

Ele viu um quarto cheio com roupas e havia luz lá que fez seus olhos picarem, luz do sol através da janela. Do outro lado do círculo da Chave estava uma grande e pesada cama de madeira, suspensa, uma parede de painéis esculpidos. Então, sem fôlego, Claudia.

“Você deve me dar mais aviso! Eles poderiam ter visto você!”

“Quem?” Ele perguntou.

“As criadas, a costureira. Pelo amor de Deus, Finn!”

Ela estava com o rosto vermelho, seu cabelo desgrenhado. Ele percebeu que ela estava usando um vestido branco, o corpete elaborado com pérolas e rendas. Um vestido de casamento.

Por um momento ele não tinha ideia do que dizer. Em seguida, ela sentou-se próxima a ele, agachando no chão espalhando a saia em um movimento rápido no chão.

“Nós falhamos. Nós abrimos o portal, mas ele não levou Incarceron, Finn. Foi tudo um estúpido erro. Tudo o que eu encontrei foi à sala de estudos do meu pai.” Ela soou desgostosa consigo mesma.

“Mas seu pai é o Diretor,” ele disse lentamente.

“O que quer que isso signifique.” Ela fez uma careta.

Ele balançou a cabeça. “Eu desejo que eu pudesse lembrar de você, Claudia. Você, o lado de fora, tudo o mais.” Ele olhou para cima. “E se eu não for realmente Giles? Aquela pintura... Eu não pareço como aquilo. Eu não sou aquele menino.”

“Você foi uma vez.” Sua voz era teimosa; ela contorceu-se para encará-lo, a seda farfalhando.

“Olhe, tudo o que eu quero é não casar com Caspar. Uma vez que você for salvo, uma vez que você estiver livre, então o nosso compromisso... Bem, ele não terá que acontecer, isso é tudo.

Attia estava errada; não é apenas sobre mim sendo egoísta.” Ela sorriu ironicamente. “Onde ela está?”

“Dormindo. Eu acho.”

“Ela está gostando de você.”

Ele deu de ombros. “Nós a resgatamos. Ela está agradecida.”

“É isso que você chama?” Ela olhou para frente para o nada. “As pessoas amam umas às outras em Incarceron, Finn?”

“Se ele o fazem, eu não tenho visto nada disso.” Mas então ele pensou na Maestra, e sentiu-se envergonhado. Houve um silêncio constrangedor. Claudia podia ouvir as criadas tagarelando na câmara próxima; podia ver atrás de Finn um pequeno quarto com uma janela congelada, através da qual cintilava um ofuscado e artificial crepúsculo.

E havia um cheiro. Enquanto ela percebia, ela inspirou com severidade, tanto que ele olhou para ela. Um desagradável cheiro de mofo, metal e suor, o ar que foi preso e reciclado infinitamente.

Ela remexeu-se em seus joelhos.

“Eu posso sentir o cheiro da Prisão!”

Ele olhou. “Não há cheiro. Além disso, como—”

“Eu não sei, mas eu posso!”

Ela pulou e correu para fora de sua vista, voltou com uma pequena garrafa de vidro que ela destampou e pulverizou levemente na luz do sol.

Minúsculas gotas brilharam no pó.

E Finn gritou, porque o cheiro dele era rico e forte e cortou dentro de sua memória como uma faca; ele juntou suas mãos em cima de sua boca e respirou de novo e de novo, fechando seus olhos, forçando-se a pensar.

Rosas. Um jardim de rosas amarelas.

Uma faca cortando um bolo e ele foi empurrando para baixo, cortando ele, era fácil e ele estava sorrindo. Migalhas em seus dedos. O sabor doce.

“Finn? Finn!” A voz de Claudia o trouxe de volta da distância infinita. A secura estava em sua boca, o formigamento de aviso em sua pele. Ele estremeceu, forçando a si mesmo a ficar calmo, respirar devagar, deixou um suor frio em sua testa.

Ela estava próxima a ele. “Se você pode sentir isso, as gotas devem estar viajando para você, elas não devem? Talvez você possa tocar-me agora. Tente, Finn.”

Sua mão estava perto. Ele colocou a sua própria mão ao redor dela, fechando seus dedos.

Eles atravessaram através das dela e nada havia, nem um calor, nem uma sensação.

Ele voltou a sentar e eles ficaram em silêncio.

Finalmente ele disse, “Eu tenho que sair daqui, Claudia.”

“E você vai.” Ela ajoelhou-se, seu rosto feroz. “Eu juro para você, eu não vou desistir. Se tiver que ir para meu pai e pedir a ele de joelhos, eu vou fazer isso.” Ela virou-se. “Alys está chamando.

Espere por mim.”

O círculo ficou escuro.

Ele sentou-se aconchegado ali até que ele ficou rígido e o quarto ficou insuportavelmente sozinho; então ele se levantou, deslizou a chave dentro de seu casaco, e saiu, descendo os degraus dentro da livraria, onde Gilda estava marchando irritadamente para frente e para trás.

Blaize o observou através da mesa com comida espalhada. Quando ele viu Finn, o magro Sapiente ficou em pé.

“Nossa última refeição juntos,” ele disse, estendendo a mão.

Desconfiado, Finn olhou para ele. “Então o quê?”

“Em seguida, eu levarei todos vocês para um lugar seguro e deixarei vocês prosseguirem sua jornada.”

“Onde Keiro está?” Gildas vociferou.

“Eu não sei. Então você irá simplesmente nos deixar ir?”

Blaize olhou para ele, seus olhos cinza calmos. “É claro. Meu objetivo foi unicamente sempre ajudar vocês. Gildas persuadiu-me que você precisa viajar.”

“E a Chave?”

“Eu devo ficar sem ela.”

Attia estava sentada à mesa, suas mãos fechadas juntas.

Capturando o olhar de Finn, ela encolheu ligeiramente os ombros. Blaize levantou-se. “Eu vou deixar você fazer seus planos. Aprecie sua refeição.”

No silêncio depois que ele tinha ido, Finn disse “Nós o julgamos mal.”

“Eu ainda acho que ele é perigoso. Se ele é um Sapiente, por que ele não cura aquela varicela que ele tem?”

“O que você sabe do Sapiente, garota ignorante?” Gildas rosnou.

Attia roeu sua unha, enquanto Finn alcançou uma maçã, cortou-a ao meio e a mordeu. “Eu testo sua comida,” ela disse incertamente. “Lembra-se?”

Ele ficou zangado. “Eu não sou o Senhor da Ala. Você não é minha escrava.”

“Não, Finn.” Ela inclinou-se sobre a mesa. “Eu sou sua amiga. Isso significa muito mais.”

Gildas sentou-se. “Alguma notícia de Claudia?”

“Eles falharam. O portal não levou a lugar algum.”

“Como eu pensei.” O velho homem balançou a cabeça fortemente. “A garota é esperta, mas nós não devemos esperar por ajuda deles. Nós devemos seguir Sapphique sozinhos. Agora, há uma história que conta como...”

Sua mão alcançou a fruta, mas Finn a agarrou. Seus olhos estavam fixos em Attia; ela meio levantou, e de repente asfixiou-se, o talo da maçã caindo de seus dedos. Quando ele a puxou em sua direção e a pegou, ela caiu, seus dedos correndo para sua garganta.

“A maçã,” ela ofegou. “Está me queimando!”

Você escolheu imprudentemente. Eu tinha advertido antes.

Ela é esperta demais e você subestima o Sapiente.

—Rainha Sia para o Diretor; carta particular.

“Está envenenada!” Finn subiu sobre a mesa e agarrou-a; ela sufocou, agarrando os seus braços.

“Faça alguma coisa!”

Gildas o empurrou para o lado. “Pegue minha bolsa de medicamentos. Rápido!”

Levou preciosos segundos para ele encontrá-la, e pelo tempo que ele voltou Gildas tinha Attia deitada ao seu lado, contorcendo-se em dor. O Sapiente agarrou a bolsa e correu em direção a ela, então ele puxou a tampa fora de um pequeno frasco e o segurou em seus lábios. Attia lutou.

“Ela está sufocando,” Finn murmurou, mas Gildas apenas xingou, forçando-o nela para que ela bebesse e tossiu e convulsionou.

Então, com um som horrível e torturante ela passou mal.

“Bom,” Gildas disse calmamente. “É isso.” Ele a segurou bem apertado, seus dedos velozmente sentindo seu pulso, a pele fria e úmida de sua testa. Ela estava passando mal novamente, e então desmoronou para baixo, seu rosto branco e manchado.

“Ele saiu? Ela está bem?”

Mas Gildas ainda estava carrancudo. “Frio demais,” ele murmurou. “Consiga um cobertor.” Então, “Feche a porta e vigie ela. Se Blaize vier, mantenha-o fora.”

“Por que ele iria...?”

“A Chave, garoto tolo. Ele quer a Chave. Quem mais poderia ter feito isso?”

Attia gemeu. Ela estava tremendo agora, um estranho azulado em seus lábios e sob seus olhos.

Ele obedeceu, batendo a pesada porta.

“Ele saiu dela?”

“Eu não sei. Eu penso que sim. Pode ter entrado na corrente sanguínea quase que imediatamente.”

Finn olhou para ele em consternação. Gildas sabia sobre os venenos; as mulheres do Comitatus tinham sido especialistas, e Gildas não tinha nada contra aprender com elas.

“O que mais podemos fazer?”

“Nada.”

A porta estremeceu; bateu no ombro de Finn e ele virou, puxando sua espada com um golpe feroz. Keiro ficou parado.

“O que é....?” Seus olhos rápidos captaram o acontecimento. Ele disse, “Veneno?”

“Alguma coisa corrosiva.” Gilda observava a garota tentando vomitar sem êxito e contorcendo-se. Ele se levantou de vagar, resignado. “Não há nada que eu possa fazer.”

“Tem que haver!” Finn empurra-se para o lado. “Eu podia ter comido aquilo! Podia ter sido eu!”

Ele ajoelhou-se próximo a ela, tentando suspendê-la, fazê-la mais confortável, mas ela balbuciou de dor o fazendo parar. Ele sentiu furioso e impotente. “Nós temos que fazer alguma coisa!”

Gildas agachou-se perto dele. Suas palavras duras cortando através dos lamentos.

“É ácido, Finn. Seu sistema interno já deve estar queimado, seus lábios, sua garganta. Será muito em breve.”

Finn olhou para Keiro.

“Nós vamos,” seu irmão disse. “Agora mesmo. Eu descobri onde eles mantêm o navio.”

“Não sem ela.”

“Ela está morrendo.” Gilda o forçou a olhar. “Nada pode ser feito. Seria preciso um milagre e eu não tenho um.”

“Então nós salvamos a nós mesmos?”

“É o que ela iria querer.”

Eles tinham segurando ele, mas ele se soltou e ajoelhou-se perto dela. Ela ainda estava e parecia estar mal respirando, os hematomas desaparecendo em sua pele clara. Ele tinha visto a morte, ele estava acostumado à morte, mas toda sua

alma revoltou-se contra isso, e a vergonha que ele tinha sentido da traição vinda de volta da Maestra e varreu sobre ele parecendo inflamá-lo, como se ela iria esmagá-lo. Ele abafou de volta suas as palavras, sabendo que lágrimas estavam enchendo seus olhos.

Se precisava um milagre, Attia conseguiria um.

Ele saltou para cima e virou-se para Keiro, agarrando as suas mãos. “Um anel. Dê-me outro dos anéis.”

“Agora espere um minuto.” Keiro puxou de volta.

“Dê para mim!” Sua voz era um ruído estridente; ele levantou a espada. “Não me faça usar isso, Keiro. Você ainda tem um sobrando.”

Keiro estava calmo. Seus olhos azuis deram uma olhada para Attia enquanto ela se enrolava em agonia. Então ele olhou para trás. “Você acha que vai funcionar?”

“Eu não sei! Mas nós podemos tentar.”

“Ela é uma garota. Ela não é ninguém.”

“Um para cada um, você disse. Eu estou dando o meu para ela.”

“Você já teve o seu.”

Por um momento eles encararam um ao outro, Gildas observando. Então Keiro puxou um dos anéis fora das articulações de seus dedos e olhou para baixo. Sem palavras, ele atirou-o para Finn.

Finn pegou-o, derrubou a espada, e agarrou os dedos de Attia, empurrando o anel nele; ele era grande demais para ela, enquanto ele o segurava lá, rezando sob sua respiração, para Sapphique, para o homem cuja vida era o anel, para qualquer um. Gildas agachou-se atrás dele, profundamente cínico.

“Nada está acontecendo. O que deve acontecer?”

O Sapiente fez uma carranca. “Isso é superstição. Você mesma a desprezou.”

“Sua respiração. Está desacelerando.”

Gilda sentiu seu pulso, tocando as cicatrizes sujas onde as algemas tinham estado.

“Finn. Aceite. Não há...” Ele parou. Seus dedos apertaram, sentiram de novo.

“O quê? O que—”

“Eu pensei... O pulso parece mais forte...”

Keiro disse, “Então apanhem ela! Tragam ela. Mas vamos!”

Finn atirou-lhe a espada, agachou, e pegou Attia.

Ela era tão leve, ele podia carregá-la facilmente, apesar de sua cabeça recostou-se contra ele.

Keiro já tinha a porta aberta e estava olhando para fora. “Por aqui. Fiquem quietos.”

Ele os levou para fora.

Eles correram ao encontro de uma escada empoeirada de cordas em espiral para o alçapão; Keiro de volta e puxando a si mesmo dentro da escuridão, arrastando Gildas rapidamente atrás dele.

“A garota.”

Finn a passou para cima. Então olhou para trás.

Na escadaria um estranho zunir parecia ondular no ar. Ele cresceu ameaçadoramente através dele e ele subiu apressadamente, correndo para cima e batendo o alçapão para baixo. Keiro estava lutando com uma grade na parede, Gildas segurando-a com força com suas mãos enojadas.

Os olhos de Attia pestanejaram, então abriram.

Finn olhou a fixamente. “Você devia estar morta.”

Ela balançou sua cabeça, em silêncio.

A grade saiu da parede com um pancada intensa, atrás ele viu um grande salão escuro, e no centro, amarrado com uma corda ao chão por um cabo de ferro, o navio de prata, flutuando livremente. Eles correram, Finn com o braço de Attia sobre seus ombros, pequenas figuras sobre um liso piso cinza, vulneráveis e expostos, como ratos sob o amplo olhar de uma coruja, porque no teto acima deles projetava-se uma grande tela iluminada, e Finn olhou para cima e ela mostrava para ele um olho. Não os pequenos Olhos vermelhos que ele conhecia, mas um olho humano, uma íris cinza, ampliada enormemente, como se ela olha-se dentro de um potente microscópio.

Então uma agitação no ar veio através do chão e atirou todos eles fora de seis pés, a Prisão tremeu isso fez a fina agulha da bússola do Sapiente a fortaleza vibrou até seu topo.

Keiro rolou e saltou para cima. “Aqui.”

Um vislumbre da escada de cordas feita a mão pairava para baixo. Gildas agarrou-a e começou a subir, balançando sem jeito, embora Keiro segurasse o final firmemente.

Finn disse, “Você pode chegar lá em cima?”

“Eu penso que sim.” Attia empurrou o cabelo de seu rosto. Ela ainda estava mortalmente pálida, mas o azulado estava diminuindo. Ela parecia ser capaz de respirar.

Ele olhou para baixo para seus dedos.

O anel estava encolhido. Um fino aro, ele rompeu-se quando ela agarrou a corda; finos fragmentos caíram imperceptíveis. Finn tocou um com seu pé. Ele parecia como osso.

Osso velho, ressecado.

Atrás deles, o alçapão retiniu aberto. Finn virou; ele sentiu Keiro passar de volta sua espada e desembainhar a sua própria.

Juntos, eles encararam o quadrado negro de escuridão.

***

“E então está tudo pronto para amanhã.” A Rainha colocou o último dos papéis sob o couro vermelho da escrivaninha e recostou-se, colocando as pontas de seus dedos juntas.

“O Diretor tem sido tão generoso. Que dote, Claudia. Propriedades rurais inteiras, um cofre de joias, doze cavalos negros. Ele deve amar muito você.”

Suas unhas foram pintadas de ouro. Ele era provavelmente real, Claudia pensou.

Ela pegou um dos documentos e o olhou, mas tudo o que ela ficou ciente foi de Caspar, caminhando para cima e para baixo no rangente chão de madeira.

Rainha Sia olhou ao redor. “Caspar, fique quieto.”

“Eu estou entediado e tenso.”

“Então vá cavalgar, querido. Ou importunar um texugo, ou o que quer que seja que você faz.”

Ele virou. “Certo. Boa ideia. Vejo você, Claudia.”

A Rainha levantou uma sobrancelha perfeita. “Dificilmente este é o modo que o Herdeiro fala com sua noiva, meu lorde.”

No meio do caminho para a porta ele parou e voltou. “Protocolo é para os servos, Mãe. Não nós.”

“Protocolo nos mantém no poder, Caspar. Não esqueça isso.”

Ele sorriu e fez uma reverência baixa e elaborada para Claudia, então beijou sua mão. “Vejo você no altar, Claudia.” Ela levantou e fez uma reverência friamente.

“Certo. Agora eu estou fora.”

Ele bateu a porta e elas puderam ouvir o baque de suas botas corredor abaixo.

A Rainha inclinou-se sobre a mesa. “Eu estou tão contente que nós tenhamos esse pouco tempo sozinhas, Claudia, porque eu tenho algumas coisas para dizer. Eu sei que você não vai se importar, minha querida.”

Claudia tentou não franzir as sobrancelhas, mas seus lábios apertaram. Ela queria escapar, encontrar Jared. Eles tinham tão pouco tempo!

“Eu mudei minha opinião. Eu pedi ao Mestre Jared para deixar a Corte.”

“Não.”

Estava dito antes que ela pudesse parar a si mesma.

“Sim, querida. Depois do casamento, ele irá retornar para a Academia.”

“Você não tem o direito...” Claudia estava de pé.

“Eu tenho todo o direito.” O sorriso da Rainha era doce e mortal. Ela inclinou-se para frente.

“Vamos entender uma a outra. Há somente uma Rainha aqui. Eu vou ensinar você, mas eu não vou tolerar nenhuma rival. E você e eu necessitamos entender isso, porque nós somos iguais, Claudia. Homens são fracos; mesmo seu pai pode ser governar, mas você tem sido educada para ser minha sucessora. Espere seu tempo. Você pode aprender muito comigo.” Ela inclinou-se para trás, seus dedos tamborilando os papéis.

“Sente-se, minha querida.”

Havia uma dura ameaça nas palavras. Claudia sentou devagar. “Jared é meu amigo.”

“De agora em diante, eu serei sua amiga. Eu tenho muitos espiões, Claudia. Eles contam-me muito. Isto realmente vai ser para o melhor.”

Ela alcançou e deu uma batida no sino; um servo veio de imediata, de peruca empoeirada e uniforme. “Diga ao Diretor que eu o aguardo.”

Quando ela tinha ido ela abriu uma caixa de doces de menta e levou um momento para escolher um, então os ofereceu para Claudia com um sorriso.

Entorpecida, Claudia balançou a cabeça. Ela sentiu-se como se ela tivesse pegado uma bela flor e encontrado ela apodrecida completamente por dentro, fervilhando vermes.

Ela percebeu que nunca tinha pensado seriamente em Sia como um perigo. Seu pai sempre tinha sido o único a temer. Agora ela perguntou quão errada ela estava.

Sia a observava, seus lábios vermelhos em um pequeno sorriso. Ela os secou com um lenço rendado. E então as portas foram lançadas abertas, ela inclinou-se para trás na cadeira e balançou seu braço para cima e para o lado. “Meu querido Diretor, o que prendeu você?”

Ele estava corado.

Claudia percebeu isso ao mesmo tempo, por meio do atropelo de sua consternação.

Ele nunca se apressava, porém agora seu cabelo estava realmente um pouco torto, seu casaco escuro desbotado no topo.

Ele fez uma reverência gravemente, mas sua voz era um fio da falta de ar. “Eu sinto muito, minha senhora. Algo exigiu minha atenção.”

***

Nada veio através do alçapão.

Finn disse, “Levante a escada.”

Quando Keiro virou-se, o chão ondulou novamente. Finn olhou para aquilo. O tremor levantou as lajes como se uma onda de água bramisse sobre eles. Antes que ele percebesse estava coberto de geada até para se mover, o mundo inteiro mudou. Ele caiu colidindo contra o chão, então estava rolando ladeira abaixo, descendo uma ladeira que não devia estar lá. Batendo contra um pilar ele arfou, dor disparando para baixo de seus lado.

O corredor estava inclinando.

Com uma doentia certeza ele pensou que a torre do Sapiente estava desabando, que ela tinha sido quebrada em sua fina base. Então a escada de cordas roçou nele e ele a agarrou. Keiro já estava na borda, inclinando-se sobre o convés de madeira de prata. Finn arrastou-se para cima; tão logo quanto ele pode vir, eles enlaçaram as mãos.

“Eu o peguei. VÁ!”

O navio levantou. Com um uivo de medo Finn deslizou para dentro do convés; a geringonça toda balançou e balançou e então ele flutuou, cordas rompendo-se uma por uma abaixo dele.

Havia uma abertura na parede da torre à frente, a vastidão da plataforma onde Blaize tinha aportado a embarcação. Mas enquanto Gildas puxava com toda a sua força o fio para girar o raio da roda, o navio deu um solavanco e eles todos caíram, entulho caindo em forma de cascata em cima dentro do convés e velas.

“Alguma coisa está nos puxando para baixo,” ele rugiu.

Keiro pendurou-se no lado. “Deus! Há uma âncora!”

Ele subiu de volta. “Deve haver um guincho. Vamos!”

Eles acharam um labirinto de passagens e galés. Alcançando e arremessando as portas abertas, Finn olhou se cada cabine estava vazia; não havia suprimentos, nem carga, nem tripulação. Antes que ele tivesse tempo para pensar sobre isso, Keiro gritou da escuridão abaixo.

No nível mais abaixo o convés era escuro. Um eixo tracionador circular enchia o espaço; Keiro estava pressionando a tranca no interior do lugar. “Ajude-me.”

Juntos, eles empurram. Nada mudou; o mecanismo estava rígido, a corrente da âncora pesada.

Novamente eles puxaram, Finn sentindo os músculos de suas costas estalar, e devagar, com um longo relutante rugido, o eixo tracionador estalou dentro em movimento.

Em geral, galé ou galera podem designar qualquer tipo de navio movido a remos.

Finn cerrou os dentes e puxou de novo, o suor escorrendo em seu rosto; ao seu lado ele ouviu Keiro suspirar e resmungar.

Então outro corpo estava lá. Attia, ainda pálida, trabalhando na tranca próxima a ele.

“Que... bem... você faz?” Keiro murmurou.

“Bem o suficiente,” ela retrucou de volta, e Finn viu para sua surpresa que ela estava sorrindo, seus olhos estavam brilhantes sob o emaranhado de cabelo, a cor de volta ao seu rosto.

A âncora vibrou violentamente. O navio balançou, então abruptamente levantou.

“Nós conseguimos!” Keiro cavou seus calcanhares dentro e empurrou, e muito vagarosamente o eixo tracionador estava virando rapidamente sobre seu peso, a grande corrente da âncora raspando acima através do chão e dando laçadas obedientemente à medida que eles a forçavam ao redor.

Quando eles a tinham toda e o mecanismo no chão parou Finn correu para cima pelos degraus da escada da escotilha, mas quando ele saiu correndo dentro do convés ele parou com um grito de susto.

Eles estavam navegando na nuvem. Os fragmentos em torno dele, rompendo para dar vislumbres de Gildas xingando na direção do leme, as grandes velas aumentando, um pássaro seguindo elas num pedaço de luz.

“Onde nós estamos?” Attia murmurou atrás dele.

Em seguida, o navio saiu da névoa, e eles viram que eles estavam num oceano azul no ar, a torre inclinada do Sapiente já bem mais atrás.

Ofegante, Keiro inclinou-se na grade e gritou com prazer.

Finn em pé ao lado dele, olhou para trás. “Por que ele não tentou nos parar?”

Alcançando dentro de sua jaqueta, ele tocou a sutileza da Chave de cristal.

“Quem se importa com o maldito!” Seu irmão de juramento disse.

E então ele virou e socou Finn duro no estômago.

Attia gritou. Finn desmoronou, toda a respiração indo, a dor da surpresa dentro dele, sem ar a escuridão que apareceu nublou sobre sua visão.

Do leme Gildas gritou alguma coisa, suas palavras perdendo-se longe.

Lentamente, a agonia diminuiu. Quando Finn pôde respirar ele ergueu os olhos e viu Keiro com ambos os braços esparramados na grade, olhando para ele com um gracejo.

“O que...?”

Keiro estendeu a mão e puxou ele para cima, cambaleando, face a face. “Isso vai ensiná-lo a não puxar uma espada para mim novamente,” ele disse.

Sapphique amarrou as asas aos seus braços e voou sobre oceanos e planícies, sobre cidades de vidro e montanhas de ouro. Animais fugiram; pessoas apontaram para cima. Ele voou tão alto, ele viu o céu sobre ele e o céu disse “Volte, meu filho, porque você já subiu alto demais.”

Sapphique riu, como ele raramente fazia,” Não desta vez. Desta vez eu vou insistir até você abrir.”

Mas Incarceron se irritou e golpeou-o para baixo.

—Lendas de Sapphique.

“Ela disse que Jared tem que ir.” Ela se virou e olhou para seu pai, querendo saber se era essa sua atitude. “Eu disse a você. Estava prestes a acontecer.” O Diretor passou por ela e sentou-se na poltrona próxima à janela de seu quarto, olhando para os jardins do prazer, onde partidos de cortesãos andaram na noite fria. “Eu acho que você terá que obedecer, minha querida. É um preço pequeno a se pagar para se obter um reino.”

Ela estava pronta para explodir em seu temperamento, mas ele se virou e olhos para ela, aquele olhar frio e medidor que ela tanto temia.

“Tirando isso nós temos coisas mais importantes para discutir. Venha e se sente.”

Ela não queria. Mas ela foi até a cadeira próxima à mesa e sentou-se. Ele piscou a pálpebra fechada e manteve-o na mão.

Ele disse baixinho, “Você tem algo que me pertence.”

Ela sentiu sua pele arrepiar com o perigo. Por um momento ela achou que não poderia falar, mas então sua voz surgiu, surpreendentemente calma.

“Tenho? O que seria?”

Ele sorriu. “Você é mesmo notável, Claudia. Mesmo que eu tenha lhe criado, você sempre me surpreende. Mas eu avisei-lhe antes sobre passar dos limites comigo.” Ele colocou o relógio em seu bolso e se inclinou para frente. “Você está com a minha Chave.”

Ela deu uma lufada de desânimo. Ele se inclinou de volta para trás e cruzou uma perna sobre a outra, o couro das botas brilhando. “Sim. Você não nega, e

isso é sábio. Foi engenhoso plantar uma imagem da chave na gaveta, muito engenhoso. Acho que devo agradecer Jared por isso.

Quando chequei meus estudos naquele dia, deslizei a gavetas aberta e olhei para dentro dela; não acho que para pegar a chave. E as joaninhas—que toque criativo, quão tolo vocês devem ter me feito."

Ela balançou a cabeça, mas ele ficou indiferente e andou em direção à janela. "Você falou sobre mim com Jared, Claudia. Vocês riram juntos por terem roubado a chave de mim? Tenho certeza que você deve ter gostado disso."

"Eu a peguei porque tinha de fazê-lo." Ela apertou as mãos. "Você escondeu isso de mim. Você nunca me contou."

Ele parou e olhou para ela. Ele tinha posto seu cabelo para trás agora, e seu olhar era tão calmo e ponderado como sempre. "Sobre o quê?"

Ela levantou-se lentamente e encarou-o. "Sobre Giles," ela disse.

Ela esperava espanto, um momento de silêncio. Mas ele não estava assustado. Ela soube, com súbita surpresa, que ele estava esperando por esse nome, que o pronunciando, ela tinha caído em uma espécie de armadilha.

Ele disse, "Giles está morto."

"Não, ele não está." As joias em seu pescoço fizeram cócegas; com uma fúria repentina ela as puxou e atirou no chão, então cruzou os braços e todas as suas palavras reprimidas explodiram.

"Sua morte foi forjada. Você e a Rainha a forjaram. Giles está em Incarceron, trancado. Você tirou sua memória para que ele não soubesse quem é. Como você pôde fazer isso?" Ela chutou um banquinho; ele caiu e rolou. "Eu posso entender porque ela fez isso, porque ela queria que seu filho inútil fosse Rei, mas você! Eu já estava noiva de Giles. Seu precioso plano teria funcionado de qualquer forma. Por que você fez isso conosco?"

Ele levantou uma sobrancelha, "Conosco?"

"Eu não conto? O fato de que eu iria acabar com Caspar não significa nada para você? Você pensou em mim?" Ela estava tremendo. Toda a raiva de sua vida estava saindo, frustração por todas as vezes que ele havia partido e a deixado por meses, tinha sorrido para ela e não a tocado.

Ele esfregou sua barba rala com o polegar e o indicador. "Eu pensei em você." Sua voz era calma.

” Era óbvio que você gostava de Giles. Mas ele era um menino teimoso, muito gentil, muito honrado. Caspar será um Rei tolo. Você será capaz de controlá-lo de forma muito mais eficaz.”

“Essa não é a razão pela qual você o fez.”

Ele desviou o olhar. Ela viu seus dedos tocando a lareira. Ele pegou uma estatueta de porcelana delicada e examinou-a, então a deixou de lado. “Você está certa.”

Ele ficou em silêncio; ela queria tanto que ele falasse que poderia gritar. Parecia um ano antes de ele voltar e sentar na cadeira e falar calmamente. “Temo que o verdadeiro motivo seja um segredo que você nunca saberá por mim.”

Vendo seu espanto, ele ergueu a mão. “Eu sei que você me despreza, Claudia.

Tenho certeza que você e seu Sapiente me acham um monstro. Mas você é minha filha e eu sempre agi por seus interesses. Além disso, a prisão de Giles era um plano da Rainha, não meu.

Ela me forçou a concordar.”

Ela bufou com desprezo. “Forçou! Ela te controla!”

Ele sacudiu a cabeça para cima e sussurrou, “Sim. E você também.”

Por um segundo, o veneno em sua voz a atingiu. “Eu?”

Suas mãos estavam em punhos nos braços da cadeira de madeira. “Deixa pra lá, Claudia. Esqueça.

Não pergunte o motivo, porque a resposta pode destruir você. Isso é tudo o que vou dizer.” Ele se levantou, alto e sombrio, e sua voz era desoladora. “Agora, sobre a chave. Nada do que você tem feito tem me passado despercebido. Eu sei sobre sua busca por Bartlett, sobre sua comunicação com Incarceron. Eu sei sobre esse prisioneiro que você acredita ser Giles.”

Ela olhou com espanto e ele deu sua risada seca. “Há milhões de prisioneiros em Incarceron, Claudia, e você acredita que encontrou o certo? Tempo e espaço são diferentes lá. Esse rapaz pode ser qualquer um.”

“Ele tem uma marca de nascença.”

“Ele tem! Deixe-me dizer uma coisa sobre a prisão.” Sua voz era cruel agora, ele veio até ela e a olhou. “É um sistema fechado. Nada entra. Nada sai. Quando os prisioneiros morrem seus átomos são reutilizados, sua pele, seus órgãos. Eles

são feitos uns dos outros. Reparados, reciclados. E

quando os tecidos orgânicos não estão disponíveis, eles são reparados com metal e plástico. A águia de Finn não significa nada. Pode até não ser seu. As memórias que ele pensa ver podem não ser dele."

Horrorizada, ela queria fazê-lo parar, mas nenhuma palavra surgiu. "O rapaz é um ladrão e um mentiroso." Ele continuou, sem remorsos. "Um de uma gangue de assassinos que caçava os outros. Suponho que ele tenha lhe contado isso?"

"Sim," ela retrucou.

"Quanta honestidade. Ele te contou que em troca da sua cópia da Chave uma mulher inocente foi levada à morte no fundo de um precipício? Depois que ter prometido que ela estava a salvo?"

Ela ficou em silêncio.

"Não," ele disse. "Eu achei que não." Ele se afastou. "Quero que toda essa bobagem acabe. Eu quero a Chave. Agora." Ela balançou a cabeça.

"Agora, Claudia."

"Eu não a tenho," ela sussurrou.

"Então Jared..."

"Deixe Jared fora disso!"

Ele a agarrou. Sua mão era fria e ele agarrou seu pulso como ferro. "Eu quero a Chave, ou você vai se arrepender por me desafiar."

Ela tentou se livrar dele, mas ele segurava firme. Ela olhou para ele através de seu cabelo em movimento. "Você não pode me machucar. Eu sou tudo que você tem para fazer com que seu plano funcione e você sabe disso!"

Por um momento, eles se encararam. Então ele balançou a cabeça e a soltou. Um círculo de pele branca sem sangue apareceu em seu pulso como a marca de uma algema.

"Eu não posso machucá-la." Ele disse com a voz rouca.

Seus olhos se arregalaram.

"Mas há esse Finn. E há Jared."

Ela se afastou. Estava tremendo, com as costas frias com suor. Por um momento, eles se entreolharam. Então, não confiando em si mesma para falar,

ela se virou e correu para aporta, mas as palavras dele a apanharam, ela teve que ouvi-las.

“Não há maneira de sair da prisão. Traga-me a Chave, Claudia.”

Ela bateu a porta atrás dela. Um servo passando a olhou surpreso. No espelho em sua frente, Claudia viu o porquê; seu reflexo mostrava uma criatura desgrenhada, vermelha, amarrada com infelicidade. Ela queria gritar de raiva. Em vez disso, ela andou até seu quarto e fechou a porta e se jogo sobre a cama.

Ela bateu no travesseiro e enterrou sua cabeça nele, se encolhendo, seus braços ao redor do corpo. Sua cabeça era um labirinto confuso, mas conforme ela se movia, papel amassava no travesseiro e ela levantou a cabeça e viu um bilhete preso lá. Era de Jared. Eu preciso te ver.

Descobri algo inacreditável.

Assim que ela o leu, ele se tornou cinzas.

Ela não pôde sequer sorrir.

***

Empoleirado no equipamento do navio, Finn segurou firme, vendo bem abaixo lagos de líquido amarelo sulforoso, viscoso e malcheiroso. Ao redor da paisagem, animais pastavam, estranhas criaturas desajeitadas daqui, o rebanho se dividindo com terror e fugindo conforme a sombra do navio caia sobre eles. Do outro lado havia mais lagos, pequenos arbustos insignificantes eram a única coisa verde que crescia perto deles, e distante à direita um deserto se estendia até onde ele podia ver as sombras.

Eles estiveram navegando por horas. Gildas havia pilotado primeiro, nobre e constante, até que ele gritou irritado para alguém aliviá-lo e Finn tomou a vez, sentindo a estranheza do cargo, ferido por correntes de ar e brisas. Acima deles, as velas bateram; os ventos atingiam e cortavam a tela branca. Ele havia navegado duas vezes através das nuvens. Na segunda vez a temperatura caíra alarmantemente e pelo tempo que eles tinham emergido, o convés e o ponto central tinham sido congelados por agulhas de gelo que caíram e bateram nas tábuas.

Attia lhe trouxe água. “Muito disso,” ela disse “mas nenhum alimento.”

“O que, nada?”

“Não.”

“Do que ele vive?”

“Há apenas alguns pedaços que Gildas tem.” Enquanto ele bebia, ela tinha tomado o volante, suas pequenas mãos sobre o raio de espessura. Ela disse, “Ele me contou sobre o anel.”

Finn limpou a boca.

“Era muito para mim. Devo-lhe muito mais agora.”

Ele se sentiu orgulhoso e mal humorado ao mesmo tempo; ele tinha tomado a roda traseira e disse, “Nós ficaremos juntos. Além disso, eu não achei que funcionaria.”

“Estou impressionada que Keiro o deu.”

Finn encolheu os ombros. Ela estava assistindo de perto. Mas então ela tinha olhado para o céu.

“Olhe para isso! Isso é tão maravilhoso. Toda minha vida eu vivi em um pequeno túnel escuro alinhado com choupanas e agora, todo esse espaço...”

Ele disse, “Você tem alguma família?”

“Irmãos e irmãs. Todos mais velhos.”

“Pais?”

“Não.” Ela balançou a cabeça. ” Você sabe...”

Ele sabia. A vida na Prisão era curta e imprevisível.

“Você sente falta deles?”

Ela ainda estava segurando o timão com força. “Sim. Mas...” ela sorriu. “É estranho como as coisas funcionam. Quando fui capturada, eu achei que fosse o fim da minha vida.

Mas em vez disso, levou a isso.”

Ele balançou a cabeça, depois disse, “Você acha que o anel te salvou? Ou foi o emético de Gildas?”

“O anel.” Ela disse firmemente. “E você.”

Ele não tinha tanta certeza.

Agora, olhando para Keiro espreguiçando no convés, ele sorriu. Chamado para tomar sua vez, seu irmão de juramento tinha dado um olhar para a roda e

ido buscar alguma corda; então, ele amarrou e sentou ao lado dele, os pés para cima. “O que podemos possivelmente acertar?” ele disse a Gildas.

“Seu tolo,” o Sapiente havia rosnado. “Basta manter seus olhos abertos, isso é tudo.”

Passaram por cima das colinas de cobre e montanhas de vidro, florestas inteiras de árvores de metal. Finn havia visto assentamentos cortados em vales impenetráveis onde os habitantes viviam em isolamento; grandes cidades e uma vez um castelo com bandeiras em suas torres.

Aquilo o tinha assustado, pensando em Claudia. Arco-íris de spray se arqueavam sobre eles; eles tinham voado por estranhos efeitos atmosféricos, uma ilha refletida, remendos de calor, borrões picantes de fogo roxo e dourado. Uma hora atrás, um bando de aves de cauda longa havia subitamente gritado e circulado e bombardeado o convés, fazendo Keiro desviar. Então igualmente rapidamente elas haviam desaparecido, uma mera direção de obscuridade no horizonte. Uma vez, o navio tinha ido muito baixo; Finn tinha se inclinado sobre milhas e milhas de casebres fedorentos, as pessoas correndo de habitações feitas de lata e madeira, coxos e doentes, seus filhos apáticos. Ele tinha ficado contente quando o vento tinha levantado o navio a sair. Incarceron era um inferno.

E ainda assim ele possuía sua Chave.

Ele a tirou e tocou os controles. Ele tinha tentado isso antes, mas nada tinha acontecido. Nada aconteceu agora também, e ele se perguntou se um dia funcionaria novamente. Mas estava quente. Isso significava que eles estavam indo na direção certa, em direção a Claudia? Mas se Incarceron era tão grande, quantas vidas poderia demorar para chegar à saída?

“Finn!”

O grito de Keiro era nítido. Ele olhou para cima.

À frente, algo cintilou. Primeiro ele pensou que era luz; então ele viu que a escuridão não era a usual melancolia da Prisão, mas um banco de nuvens escuras de tempestade, em frente seu caminho. Ele lutou, raspando as palmas das mãos nos cabos.

Keiro estava rapidamente desvencilhando o leme.

“O que é isso?”

“Tempo.”

Estava escuro. Relâmpagos cintilaram dentro dele. E conforme eles navegaram mais perto, trovões, um ronco baixo, uma risada obscura. “A Prisão,” ele sussurrou. “Ela nos encontrou.”

“Pegue Gildas,” Keiro murmurou.

Ele encontrou o Sapiente embaixo, debruçado sobre as cartas e mapas sob a lâmpada. ” Olhe para estes.” O velho olhou para cima. Seu rosto sombreado pela luz do lampião.

“Como isso pode ser tão vasto? Como podemos esperar seguir Sapphique por tudo isso?”

Consternado, Finn olhou para o monte de cartas escorregando para fora da mesa, cobrindo o chão. Se isso mostrava a extensão de Incarceron, então sua jornada poderia durar para sempre.

“Nós precisamos de você. Há uma tempestade pela frente.”

Attia correu para dentro. “Keiro diz para se apressar.”

Como que em resposta o navio se inclinou. Finn agarrou a mesa conforme os mapas escorregavam e rolavam. Então ele voltou para o convés.

Nuvens negras ao redor do mastro, as flâmulas prateadas batendo e rompendo. O navio estava quase tombado; ele teve que se agarrar à amurada e subir até o leme se agarrando a qualquer coisa a seu alcance.

Keiro estava suando e praguejando. “Essa é a feitiçaria do Sapiente!” ele gritou.

“Eu acho que não. É Incarceron.”

O trovão retumbou novamente. Com um grito, o vendaval os atingiu; os dois se agarraram a roda, se agachando sob o escasso esconderijo. Objetos bateram contra eles, pedaços de metal, folhas, pedaços de detritos como granizo. Então uma neve de minúsculos grãos brancos, vidro moído, parafusos, pedras que destruíram as velas.

Finn virou.

Ele viu Gildas se escondendo atrás do mastro principal, se agarrando, um braço ao redor de Atitta.

“Fique aí!” ele gritou.

“A Chave!” O grito de Gildas foi arrancado pelo vento. “Deixe-me levá-la

para baixo. Se você se perder...’’

Ele sabia. E ainda assim ele odiava a ideia de se separar dele.

“Faça.” Keiro rosnou.

Finn soltou a roda.

Imediatamente ele foi arremessado para trás, esbofeteado, caindo, ao longo do convés. E a Prisão atacou. Ele sentiu que o zoom sobre ele, e capotando, ele gritou em terror.

Do coração da tempestade, uma águia caiu do céu, negra como um trovão, suas garras como relâmpagos. Estendia-se para a chave, pronta para levá-la e a ele.

Finn se atirou para um lado. Um emaranhado de cordas se chocou contra ele, ele pegou a mais próxima e a chicoteou, girando ao redor, o fim da pesada corda estava tão perto do peito da ave que ela desviou e passou, voando alto para virar e atacar novamente.

Ele mergulhou passado Gildas para o abrigo da plataforma. “Ela está voltando!”

Attia gritou.

“Ela quer a chave.” Gildas abaixou. Chuva batia neles; um trovão retumbou novamente, e desta vez foi uma grande voz, um murmúrio de raiva longe e alto.

A águia mergulhou. Keiro, exposto pela roda, se enrolou para se fazer pequeno.

Viram como ela circulou e gritou com raiva, seu bico largo. Então, de repente, ela virou-se para o leste e voou para longe.

Finn puxou para fora a Chave. Ele tocou-o e instantaneamente Claudia estava lá, de olhos molhados, com os cabelos desalinhados, “Finn,” disse ela, “Ouça-me. Tu—”

“Você ouça,” ele agarrou apertado enquanto o navio balançava e oscilava.

“Precisamos de ajuda, Claudia. Você tem que falar com seu pai. Você tem que levá-lo a parar a tempestade ou vamos todos morrer!”

“Tempestade?” Ela balançou a cabeça. “Ele não é... Ele não vai ajudar. Ele quer você morto. Ele descobriu tudo, Finn. Ele sabe!”

“Então—”

Keiro gritou. Finn olhou para cima e o que viu fez seus dedos se agarrarem na Chave, de modo que segundos antes da imagem desligar, Claudia também viu.

Uma grande parede de metal sólido. A Parede do Fim do Mundo.

Subindo de profundezas desconhecidas que circundam o escondido do céu.

E eles estavam indo direto para ela.

A entrada é através do Portal, Apenas o Diretor terá uma chave, E esta será a única maneira de sair

Apesar de todas as prisões terem suas frestas e fendas.

—Relatório de Projeto; Manor Sapiens

Era tarde; o sino na Torre de Ébano marcava dez badaladas. No entardecer do verão, mariposas voavam nos jardins e um pavão distante chorou conforme Claudia correu através pelo mosteiro.

Servos passaram por ela e se e esforçaram-se para fazer reverência, carregados com cadeiras e tapeçarias e grandes ancas da caça. Todo o alvoroço dos preparativos da festa estava acontecendo durante horas. Ela franziu a testa, irritada, não ousando perguntar a um deles onde ficava o quarto de Jared.

Mas ele estava esperando.

Quando ela virou em um canto úmido por uma fonte de quatro cisnes de pedra, a mão dele saiu e agarrou-a. Puxou-a através de um arco e ela ficou sem fôlego enquanto ele fechava a porta de carvalho já quase fechada e colocou seus olhos na fenda.

Uma figura se aproximou. Ela achou ter reconhecido o secretário de seu pai.

“Medlicote. Ele está me seguindo?”

Jared colocou um dedo em seus lábios. Ele parecia mais pálido e torcido que o habitual, e havia uma energia nervosa sobre ele que a preocupou. Ele levou-a para baixo por alguns degraus de pedra, por um pátio esquecido, até um caminho cheio de alburnos amarelos pendurados. Na metade do caminho ele parou e sussurrou: “Há um edifício extravagante aqui em baixo que eu tenho usado. Há escutas no meu quarto.”

Uma imensa lua pairava sobre o palácio. As cicatrizes dos Anos de Fúria encheram sua face de marcas de varíola; seu brilho prateado iluminava o pomar e a estufa, refletindo nas janelas com vidraças de diamante que pendia aberta no

calor. Uma pequena explosão musical vinha de uma sala, com vozes, risos e o tilintar de pratos. A escura figura de Jared escorregou entre dois pilares de pedra onde ursos dançavam, através de arbustos que cheiravam a bálsamo de lavanda e limão, para uma pequena estrutura construída em uma parede, no canto mais esquecido do jardim murado. Claudia vislumbrou uma torre, um parapeito em ruínas cobertas de hera.

-Arbusto ornamental, da família das Leguminosas, com flores amarelas dispostas em ramos terminais pendentes.

Ele destrancou a porta e a conduziu para dentro.

Era escuro e fedia a solo úmido. Luz cintilou sobre ela; Jared tinha uma tocha; ele apontou para uma porta interna.

“Rápido.”

A porta estava mofada com a idade, a madeira tão frágil que desmanchava. Dentro da sala escura, as janelas haviam sido bloqueadas com hera; enquanto Jared acendia lâmpadas, Claudia olhava em volta. “Como em casa.” Ele tinha colocado seu microscópio eletrônico em uma mesa instável, desempacotado algumas caixas de instrumentos e livros.

Ele se virou; na luz das chamas seu rosto estava desfigurado. “Claudia, você deve olhar isso. Isso muda tudo. Tudo.”

Sua angústia a assustou. “Calma,” ela disse calmamente. “Você está bem?”

“Bem o suficiente.” Ele se inclinou sobre o microscópio, os dedos longos ajustando-o habilmente.

Então ele recuou. “Você se lembra do fragmento de metal que eu peguei no escritório? Dê uma olhada nisso.”

Intrigada, ela colocou o olho na lente. A imagem era desfocada; ela refocou muito ligeiramente.

E então sentou-se muito quieta, tão rígida que Jared sabia que ela tinha visto, e naquele instante, entendido.

Ele foi e sentou-se exausto no chão, entre as heras e urtigas, o robe Sapiente em torno dele, sua bainha arrastando no chão. E ele a observou enquanto ela olhava.

***

Era a Parede no Fim do Mundo.

Se Sapphique tinha realmente caído de cima para baixo, ele deve ter levado anos.

Enquanto Finn contemplava ele sentiu o ricochetear do vento por sua imensidão, fazendo uma trilha que rugiu para eles. Restos do coração de Incarceron foram destruídos no topo e então caiu em um redemoinho sem fim; uma vez preso naquela ventania, nada poderia escapar.

“Precisamos voltar!” Gildas estava titubeando no comando; Finn subiu depois dele.

Juntos eles se espremeram ao lado de Keiro, se arrastando, tentando fazer o navio desviar antes que atingisse a corrente ascendente.

Com o trovão, veio o Apagar das Luzes.

Na escuridão Finn ouviu Keiro xingar, sentiu Gildas contorcer-se ao redor dele, segurando firme.

“Finn, puxe a alavanca! No convés.”

Sua mão tateou, encontrou, e ele puxou.

Luzes piscaram, dois feixes de luz horizontal vindos da proa do navio. Ele viu como a parede estava perto. Os discos de luz jogados em rebites enormes, maiores que casas, os painéis enormes aparafusados, esmagados pelo impacto dos fragmentos, incomensuravelmente rachados e com cicatrizes e corroídos.

“Podemos voltar atrás?” Keiro gritou.

Gildas deu-lhe um olhar de desprezo. E naquele momento, eles caíram.

Mergulhando para baixo, derrubando vigas e longarinas e cordas, o navio caiu pelo lado da Parede como um grande anjo de prata, as velas batendo, se despedaçando em questão de segundos, até que logo quando eles pensaram que ela se iria se partir acima deles, o cone de aspiração os pegou. O mastro quebrou, o barco disparou novamente, girando fora de controle, os faróis girando na Parede, escuridão, um rebite, escuridão. Preso nas cordas, Finn se agarrou em um braço que poderia ser o de Keiro. O vento furioso se precipitou no topo, o fluxo da corrente vindo de uma ruidosa escuridão, e conforme eles prosseguiam no fino ar, as nuvens e a tempestade ficaram para trás, a parede um simples pesadelo que os sugava para perto. Eles estavam tão perto, Finn podia ver que sua superfície rachada estava enredada com fechaduras e pequenas portas, aberturas onde morcegos sopraram para fora e navegaram na tempestade com facilidade. Polido pela colisão de bilhões de átomos o metal brilhava no farol.

O navio balançava. Por um longo segundo Finn teve a certeza que deslizaria bem para cima dele; ele agarrou Keiro e fechou seus olhos, mas quando ele os abriu tinha se endireitado e Keiro estava se chocado contra ele, sacudindo as cordas.

A popa virou. Houve um escorregão enorme, um grande empurrão.

Gildas rugiu: “Attia! Ela deixou a âncora escapar.”

Attia deve ter ido para baixo e puxado os pinos.

A subida ficou mais lenta, as velas se rasgando. Gildas puxou-se para cima e trouxe Finn para perto. “Temos que ir direto para a Parede e pular.”

Finn o encarou, sem expressão. O Sapiente retrucou,” É a única saída! O navio vai cair e levantar e cair eternamente! Temos que levá-lo até lá!”

Ele apontou. Finn viu um cubo escuro. Ele se projetava do metal batido, uma abertura oca na escuridão. Parecia minúsculo; suas chances de entrar lá remotas.

“Sapphique pousou em um cubo.” Gildas tinha que segurar-se nele. ” Tem que ser aquele.”

Finn olhou para Keiro. Dúvida atingiu os dois. Conforme Attia veio até a escotilha e foi em direção a eles, Finn sabia que seu irmão de juramento achou que o velho homem era louco, consumido com sua busca. Ainda assim, que outra escolha eles tinham?

Keiro encolheu os ombros. Imprudente, ele girou o volante e dirigiu o navio diretamente para a Parede. Nos faróis dianteiros o cubo esperava, um enigma negro.

***

Claudia não podia falar. Sua surpresa, sua consternação eram grandes demais. Ela viu animais.

Leões.

Ela contou-os entorpecida; seis, sete... três filhotes. Uma alcateia. Era essa a palavra, não...? “Eles não podem ser reais,” ela murmurou.

Atrás dela, Jared suspirou. “Mas eles são.”

Leões. Vivos, perambulando, um rugindo, o resto dormindo em uma área gramada, algumas árvores, um lago onde aves estavam espalhadas na água.

Ela se inclinou para trás, encarou o microscópio, olhou de novo.

Um dos filhotes arranhou o outro; eles rolaram e lutaram. Uma leoa bocejou e deitou, as patas planas.

Claudia se viu. Encarou Jared através da luz da lâmpada e ele olhou para trás, e por um momento não havia nada a ser dito, apenas pensamentos que ela não se atrevia a ter, implicações que ela estava muito aterrorizada para pensar.

Finalmente ela disse. “Quão pequenos?”

“Incrivelmente pequenos.” Ele mordeu as pontas de seu longo cabelo preto.

“Miniaturizados para cerca de um milionésimo de nanômetros... Infinitesimal.”

“Eles não... Como é que eles ficam...?”

“É uma caixa de gravidade. Auto ajustável. Eu achei que a técnica estivesse perdida. Parece ser todo um zoológico. Há elefantes, zebras...” Sua voz desapareceu; ele sacudiu a cabeça “Talvez seja um protótipo... tentando-o primeiro em animais. Quem sabe?”

“Então isso significa...” Ela se esforçou para dizer. “Que Incarceron...”

“Estivemos procurando por um edifício enorme, um labirinto subterrâneo.” Ele olhou para frente para a escuridão. “Como fomos cegos, Claudia! Na biblioteca da Academia há registros que propõem que tais coisas—mudanças trans-dimensionais—já foram possíveis. Todo esse conhecimento foi perdido na guerra. Ou assim nós pensamos.”

Ela se levantou, não conseguia ficar parada. O pensamento dos leões menores que um átomo de sua pele, a grama na qual eles deitavam ainda menor, as minúsculas formigas que eles esmagavam com suas patas, as pulgas em seu pêlo... Era muito difícil de digerir. Mas para eles o mundo era normal. E para Finn...?

Ela caminhou em urtigas, sem nem perceber. Ela se forçou a dizer, “Incarceron é minúscula.”

“Deduzo que sim”

“O Portal...”

“Um processo de entrada. Cada átomo do corpo entra em colapso.” Ele olhou para cima e ela viu o quão mal ele parecia. “Você vê? Eles fizeram uma Prisão para prender tudo o que temiam e a diminuíram de forma que seu Diretor pudesse tê-la na palma de suas mãos. Que solução para os problemas de um

sistema abarrotado, Claudia. Que maneira de diminuir os problemas do mundo.

E isso explica muito. A anomalia espacial. E pode haver uma diferença de tempo muito, muito pequena."

Ela voltou ao microscópio e viu os leões rolarem e brincarem. "Então é por isso que ninguém pode sair." Ela olhou para cima. "Isso é reversível, Mestre?"

"Como eu posso saber? Sem examinar cada—" Ele parou. "Você percebe que vimos o Portal, o portal de entrada? No escritório de seu pai havia uma cadeira."

Ela encostou-se à mesa. "O objeto de iluminação. As ranhuras no teto."

Era aterrorizante. Ela teve que voltar a andar, para cima e para baixo, pensar nisso de verdade.

Então ela disse, "Eu tenho algo para te contar também. Ele sabe. Ele sabe que nós temos a Chave."

Sem olhar para ele, não querendo ver o medo em seus olhos, ela lhe contou sobre a raiva de seu pai, suas demandas. Tendo terminado, ela se viu agachada a seu lado, sua voz próxima de um sussurro. "Eu não irei devolver a Chave. Tenho que tirar Finn de lá."

Ele ficou em silêncio. A gola de seu casaco alta em seu pescoço. "É impossível," ele disse.

"Tem que haver algum jeito..."

"Oh, Claudia." A voz de seu tutor era leve e doce. "Como pode haver?"

Vozes. Alguém rindo alto.

Instantaneamente ela levantou e apagou as luzes. Jared parecia muito deprimido para se importar. Na escuridão, eles aguardaram, ouvindo os gritos dos foliões bêbados, uma balada mal cantada sumindo através do pomar. Claudia sentiu seu coração batendo tão forte no silencio que quase machucou. Sinos fracos badalaram horas na torre do relógio e nos estábulos do Palácio.

Em uma hora teria início o dia de seu casamento. Ela não desistiria. Não ainda.

"Agora que nós sabemos sobre o Portal e como ele funciona... podemos manuseá-lo?"

"Possivelmente. Mas não há caminho de volta."

“Eu poderia tentar.” Ela disse rapidamente. ” Ir e procurar por ele. O que eu tenho aqui? Uma vida com Caspar...”

“Não.” Ele se sentou e a encarou. “Você pode sequer começar a imaginar a vida lá?

Um inferno de violência e brutalidade? E aqui—se o casamento não acontecer os Lobos de Aço vão atacar. Seria um terrível derramamento de sangue.” Ele se esticou e pegou suas mãos. “Eu espero ter ensinado você a enfrentar os fatos.”

“Mestre—”

“Você tem que ir adiante com o casamento. Isso é o que resta. Não há caminho de volta para Giles.”

Ela queria se afastar, mas ele não deixava. Ela não sabia que ele era tão forte.

“Giles está perdido para nós. Mesmo se ele estiver vivo.”

Ela deslizou suas mãos e apertou as dele, tensa de angústia. “Eu não sei se posso,” ela sussurrou.

“Eu sei, mas você é corajosa.”

“Eu serei tão solitária. Eles estão te mandando embora.”

Os dedos dele eram gelados. “Eu te disse. Você tem muito a aprender.” Na escuridão ele deu um de seus raros sorriso. “Eu não vou a lugar algum, Claudia.”

***

Eles não podiam fazer isso. O navio não iria se manter estável, mesmo com todos eles puxando na direção. Suas velas eram trapos, seus cabos espalhados por toda parte, seus anteparos foram esmagados e ainda seguia em ziguezague, a âncora balançava e o arco oscilava em direção ao cubo, distante, para cima e para baixo. “É impossível,” Keiro rosnou.

“Não.” Gildas parecia iluminado com alegria. “Nós podemos fazer isso.

Mantenham-se fortes.” Ele agarrou o leme e olhou para frente.

De repente o navio caiu. Os faróis encolhendo na abertura do cubo; conforme eles se aproximavam Finn viu que era filmado transversalmente com uma vilosidade estranha que parecia a superfície de uma bolha. Arco-íris iridescentes brilhavam sobre ele.

“Caracóis gigantes,” Keiro murmurou. Mesmo agora ele era capaz de fazer

piada, Finn pensou.

Mais perto, mais perto. Agora o navio estava tão perto que agora eles podiam ver o reflexo de suas luzes, inchadas e distorcidas. Tão perto que o gurupé tocou o filme, o afundou, o trespassou de modo que bateu com repentina suavidade, desaparecendo em um sopro fraco de ar doce.

Aos poucos, lutando contra a corrente contrária, o navio girou no cubo escuro. A luta diminuiu.

Vastas sombras sobrecarregaram os faróis.

Finn olhou para o cubo de negritude. Enquanto ele se abriu como se fosse engoli-lo, ele sentiu como se fosse extremamente pequeno, como se fosse uma formiga rastejando em uma prega de tecido, um pano de piquenique colocado sobre a grama muito longe e há muito tempo atrás, onde um bolo de aniversário com sete velas estava meio comido e uma menina com cabelos castanhos encaracolados estava entregando-lhe um prato de ouro, tão educadamente.

Ele sorriu para ela e o pegou.

O navio rachou, o mastro lascado, derrubado, uma chuva de madeira caindo ao seu redor. Attta caiu sobre ele, trazendo um brilhante cristal que escorregou por sua camisa.

“Pegue a Chave,” ela gritou.

Mas o navio bateu no fundo do cubo e escuridão desabou sobre ele. Como um dedo esmagando uma formiga. Como a queda de um mastro principal.

Mastro que se projeta, quase na horizontal, para frente da proa de um navio.

O PRÍNCIPE PERDIDO

O desespero é profundo. Um abismo que engole sonhos.

Uma parede no fim do mundo. Atrás dela aguardo a morte. Porque todo nosso esforço acabou nisso.

—Diário de Lorde Calliston

A manhã do casamento amanheceu morna e sem chuva. Até o tempo havia sido planejado; as árvores estavam em plena floração e os pássaros cantavam, o céu estava azul e sem nuvens, a temperatura ideal, a brisa suave e docemente

perfumada.

De sua janela, Claudia viu os exasperados servos realizando o transporte de cargas de presentes, viu mesmo dali de cima o brilho de diamantes, o fascínio do ouro.

Ela colocou o queixo no parapeito de pedra e sentiu seu calor arenoso. Havia um ninho um pouco acima, uma andorinha que mergulhava para dentro e para fora regularmente com bicos com moscas. Filhotinhos invisíveis piavam conforme os pais iam e vinham.

Ela sentiu seus olhos pesarem e seus ossos cansados. A noite inteira ela havia ficado acordada e olhado para cima para as cortinas de carmesim da cama, ouvindo o silêncio do quarto, seu futuro pairando sobre ela como uma cortina pesada prestes a cair. Sua antiga vida estava acabada—a liberdade, os estudos com Jared, os longos passeios e as subidas em árvores, o descuido de fazer tudo a seu gosto. Hoje ela se tornaria a Condessa de Steen, iria entrar na guerra de intrigas e traições que era a vida no Palácio. Em uma hora eles viriam dar-lhe banho, preparar seu cabelo, pintar suas unhas, vesti-la como uma boneca.

Ela olhou para baixo.

Havia um telhado distante, a inclinação de alguma torre. Por um momento de sonho, ela achou que se amarrasse todos os lençóis de roupa de cama juntos, ela poderia descer, lentamente, de mão em mão, até seus pés tocarem os quentes ladrilhos. Ela poderia escorregar até em baixo e pegar um cavalo dos estábulos e fugir, fugir da forma que estava, na sua camisola branca, para as verdes florestas nas montanhas ao longe.

Foi um pensamento aconchegante. A garota que desapareceu. A princesa perdida.

Isso a ver sorrir. Mas então uma chamada a trouxe de volta; ela viu Lorde Evian resplandecente em azul e arminho, olhando para ela.

Ele gritou algo; ela estava muito acima para ouvir o quê, mas ela sorriu e acenou com a cabeça, e ele se inclinou e foi embora, seus pequenos sapatos com esporões batendo.

Observando-o, ela soube que a Corte era como ele, que por trás de sua perfumada e elaborada fachada ocultava-se uma teia de ódios e assassinatos secretos, e sua parte nisso começaria em breve, e para sobreviver ela deveria ser tão forte quanto eles. Finn nunca poderia ser resgatado.

Ela tinha que aceitar isso.

Levantou-se, engolindo em pânico, e caminhou até a penteadeira.

Estava repleta de flores, buquês compactos, ramalhetes e buquês. Eles estiveram chegando durante a manhã inteira, então o quanto tinha um cheiro requintado e doentio.

Atrás dela, na cama, o vestido branco deitava espalhado. Ela olhou para si mesma.

Tudo bem. Ela se casaria com Caspar e se tornaria Rainha. Se havia uma trama, ela faria parte disso. Se haviam assassinatos, ela sobreviveria a eles. Ela iria governar.

Ninguém nunca lhe diria o que fazer novamente.

Ela abriu a gaveta de penteadeira, tirou a chave, e pousou-a sobre a mesa. Ela brilhava, suas facetas de cristal captavam a luz do sol, sua águia esplêndida.

Mas primeiro ela tinha que dizer à Finn. Deixá-lo saber que não havia escapatória.

Dizer a ele que seu noivado estava acabado.

Ela estendeu a mão, mas assim que a tocou houve uma batida na porta e instantaneamente ela deslizou a chave suavemente para dentro da gaveta e pegou um pincel. “Entre, Alys.”

A porta se abriu. “Não é Alys,” seu pai disse.

Ele ficou ali, obscuro e elegante, emoldurado pelo lintel dourado. “Posso entrar?”

“Sim,” ela disse.

Seu paletó era novo, um veludo preto, uma rosa branca na lapela, calças de cetim até os joelhos.

“Toda essa ornamentação é incômoda. Mas é preciso ser perfeita em tal dia.” Olhando para seu vestido simples, ele tirou o relógio e o abriu, de forma que o sol pegasse o cubo cinza pendurado na corrente. “Você só tem suas horas, Claudia. Você deveria se vestir agora.”

Ele inclinou se cotovelo na mesa. “É isso que veio me dizer?”

“Eu vim dizer o quanto estou orgulhoso.” Seus olhos acinzentados pegaram os dela, e a luz neles era aguçada e afiada. ” Hoje é o dia que eu planejei e

programei por décadas. Muito antes de você nascer. Hoje, o Arlexi chega ao coração do poder. Nada deve dar errado.” Ele se levantou e andou até a janela, como se a tensão não o permitisse ficar parado. Ele sorriu. “Confesso não ter dormido pensando nisso.”

“Você não é o único.”

Ele a olhou de perto. “Você não deve temer, Claudia. Tudo está arranjado. Tudo está pronto.”

Algo em seu tom a fez olhar para cima. Por um momento ela olhou para ele e viu sub a máscara, viu um homem tão ferozmente impulsionado por seu sonho de poder que sacrificaria qualquer coisa para consegui-lo. E com um frio arrepio ela viu que ele nunca o compartilharia. Não com a Rainha, ou Caspar. “O que quer dizer com... tudo?”

“Só que as coisas ficarão em nosso favor. Caspar não passa de um trampolim.”

Ficou parada. “Você sabe, não é? Sobre os assassinatos... os Lobos de Aço. Você é um deles?”

Ele cruzou o quarto em um passo e a segurou pelo braço com tanta força, que ela arfou. “Cale-se,” ele vociferou “Você acha que não há dispositivos de escuta, mesmo aqui?”

Ele a levou até a janela e a lançou aberta. Cepas de alaúde e tambor flutuam para cima, os gritos de um comandante guiando seus homens. Envolvida pelo barulho sua voz era rouco e baixa. “Só faça sua parte, Claudia. Só isso.”

“E então você os mata.” Ela disse num puxão.

“O que acontece depois não lhe diz respeito. Evian não tinha o direito de se aproximar de você.”

“Não tinha? Quanto tempo antes de eu estar no seu caminho também? Quanto tempo antes que eu caia do meu cavalo?”

Ela o chocara. “Isso nunca aconteceria.”

“Não?” Seu desprezo era ácido; ela queria queimá-lo. “Porque sou sua filha?”

Ele disse: “Porque aprendi a amar você, Claudia.”

Havia algo ali que a prendeu. Algo estranho. Mas ele se afastou. “Agora. A Chave.”

Ela franziu a testa. Depois foi até a penteadeira e abriu a gaveta. A Chave brilhava; ela a pegou e colocou em cima, junto com as flores.

O Diretor veio e a olhou. “Nem mesmo o precioso Jared poderia ter descoberto todos os mistérios desse misterioso dispositivo.”

“Eu quero dizer adeus,” ela disse, obstinada. “A Finn e aos outros. Para explicar a eles. Então eu te darei a chave. No casamento.”

Os olhos dele eram claros e frios. “Você sempre tem que testar minha paciência, Claudia.”

Por um momento, ela achou que ele simplesmente ia tomá-la. Mas ele andou para a porta.

“Não deixe Caspar esperando muito. Ele fica muito... mal-humorado.”

Ela trancou a porta atrás dele e sentou-se, segurando a chave em ambas as mãos. Eu aprendi a te amar. Talvez ele até tenha pensado que era verdade.

Ela ligou o campo.

Então ela pulou para trás tão rápido que a chave caiu com um estrondo no chão.

Attia estava em seu quarto.

“Você tem que nos ajudar,” a garota disse de uma só vez. “O navio colidiu. Gildas está ferido.”

O campo se alargou, ela viu um lugar escuro, ouviu um uivo distante como de vento. Pétalas explodiram das flores em sua mesa, como se um vendaval daquele lugar tivesse se mudado pra cá.

Attia foi deixada de lado; Finn disse, “Claudia, por favor. Jared pode ajudar...?”

“Jared não está aqui.” Indefesa, ela viu os destroços de uma estranha nave jogados como lixo no chão. Keiro estava arrancando um pedaço de vela em tiras e amarrando no braço e no ombro de Gildas; ela viu que o sangue já estava escoando dela. “Onde vocês estão?”

“A Parede.” Finn parecia cansado. “Acho que nós chegamos tão longe quanto pudemos. Este é o fim do mundo. Há uma passagem à frente, mas não sei se ele pode atravessar...”

“É claro que posso,” Gildas rebateu.

Finn fez uma careta. “Não por muito tempo. Nós devemos estar perto, Claudia, do portal.”

“Não há portal.” Ela sabia que sua voz era monótona.

Ele a olhou, “Mas você disse—”

“Eu estava errada. Sinto muito. Está tudo acabado, Finn. Não há portal e não há nenhum jeito de sair. Nunca. Não de Incarceron.”

***

Jared entrou no Salão Principal. Estava repleto de cortesãos, príncipes, embaixadores, Sapientes, duques e duquesas. Era um desnorteamento de cetins coloridos e o cheiro de suor e fragrâncias poderosas, e isso o fazia sentir-se um pouco fraco. Havia assentos ao longo da parede; ele escolheu um e sentou, inclinando a cabeça para trás contra a pedra fria. Todos ao redor dele, convidados no casamento de Claudia, riam e conversavam. Ele viu o noivo, com seu bando de jovens amigos, já bebendo, rindo ruidosamente de alguma piada. A Rainha não estava presente ainda, nem o Diretor.

Uma dobra de seda a seu lado o fez virar. Lord Evian se curvou. “Você parece um pouco cansado, Mestre.”

Jared olhou para trás. “Uma noite sem dormir, senhor.”

“Ah sim. Mas em breve, todas as nossas preocupações acabarão.” O homem gordo sorriu e se abanou com um pequeno leque preto. “Por favor, dê a Claudia todos os meus melhores desejos.”

Ele curvou-se novamente e se afastou. Jared disse de repente: “Um momento, meu senhor. No outro dia... Quando você fez uma certa promessa...”

“Sim?” A forma presunçosa de Evian tinha desaparecido; ele parecia cauteloso.

“Você mencionou Aquele de Nove-Dedos.”

Evian o encarou. Ele agarrou o braço de Jared e o arrastou para a multidão.

Passando tão rápido que as pessoas olhavam conforme iam sendo empurradas. No corredo, ele sussurrou: “Nunca diga esse nome em voz alta. É um nome sagrado e santo para aqueles que acreditam.”

Jared soltou seu braço. “Tenho ouvido sobre muitos cultos e crenças. Certamente todos os que a Rainha permite. Mas esse—”

“Este não é o dia para discutir religião.”

“É sim.” Os olhos de Jared estavam claros e nítidos. “E nós temos pouquíssimo tempo. Será que ele tem nome, esse herói de vocês?”

Evian respirou embravecido. “Eu realmente não posso dizer.”

“Você vai dizer, meu senhor,” Jared disse agradavelmente, “ou vou fazer um tumulto tão grande sobre seu plano de assassinato que cada guarda do Palácio vai ouvir.”

A testa de Evian formigou com suor. “Acho que não.”

Jared olhou para baixo; o homem gordo tinha um punhal em sal mão, a lâmina dura contra o estômago de Jared. Com esforço, ele encontrou os olhos do homem. “De qualquer maneira, meu senhor, você seria descoberto. Tudo que peço é um nome.”

Por um momento eles estavam face a face. Então Lord Evian disse, “Você é um homem corajoso, Sapiente, mas não cruze comigo de novo. Quanto ao nome, existe sim, escondido no tempo, perdido na lenda. O nome daquele que disse ter escapado de Incarceron. No mais misterioso dos nossos ritos ele é conhecido como Sapphique. Isso satisfaz sua curiosidade?”

Jared olhou para ele por uma fração de segundo. Então o empurrou para o lado. E correu.

***

Keiro estava selvagem de raiva; ele e Gildas estavam gritando com ela. “Como você pode nos abandonar?” o Sapiente queimava. “Sapphique escapou. Claro que há uma saída!”

Ela ficou em silêncio. Estava olhando para Finn. Ele sentou-se encolhido contra um ângulo decorativo, tomado pela angústia. Sua jaqueta estava rasgada e haviam cortes em seu rosto, mas agora mais do que nunca ela tinha certeza de que ele era Giles. Agora que era tarde.

“E você vai se casar com ele,” ele disse calmamente.

Gildas xingou. Keiro deu a seu irmão de juramento um olhar mordaz. “Que importa com quem ela se casa! Talvez ela tenha decidido que gosta mais dele que de você.” Ele virou, as mãos nos quadris, e a enfrentou arrogantemente. “É isso, Princesa?

Isso foi tudo uma pequena diversão, um jogo?” Ele sacudiu a cabeça.

“Lindas flores! Doce vestido!”

Ele se aproximou tanto que ela quase sentiu como se ele pudesse esticar a mão e agarrá-la. Mas então Finn disse, “Cale-se, Keiro.” Ele se levantou e a encarou. “Apenas me diga o motivo. Por que é tão impossível?”

Ela não podia. Como diria isso a eles? “Jared descobriu algumas coisas. Vocês têm que acreditar em mim.”

“Que coisas?”

“Sobre Incarceron. Acabou, Finn. Por favor. Faça uma vida para você aí. Esqueça o Lado de Fora...”

“E quanto a mim?” Gildas agarrou. “Passei anos planejando minha fuga!

Percorri a prisão inteira antes de encontrar um Vidente das Estrelas, e nunca encontrarei outro!

Nós viajamos até o Fim do Mundo, garota! Eu não vou desistir dos meus sonhos de toda uma vida!”

Ela levantou e seguiu em direção a ele, furiosa. “Você o usou como meu pai me usou. Ele não passa de uma escapatória para você; você não se importa com ele! Nenhum de vocês!”

“Isso não é verdade!” Attia sibilou.

Claudia a ignorou. Olhando firmemente para Finn disse, “Sinto muito. Gostaria que as coisas pudessem ter sido diferentes. Sinto muito.”

Houve algum tipo de comoção do lado de fora de sua porta, ela se virou e gritou.

“Eu não vou ver ninguém! Mande-os embora!”

Finn disse: “Sabe do que estou fugindo? De não conhecer a mim mesmo. Tendo essa escuridão dentro de mim, esse vazio. Eu não posso viver com isso. Não me deixe aqui, Claudia!”

Ela não podia mais suportar. Não a raiva de Keiro, não o idoso raivoso, não ele. Ele a estava machucando, e nada disse era culpa dela, nada disso. Ela estendeu a mão para a chave. “Isso é adeus, Finn. Tenho que desistir da chave. Meu pai sabe sobre tudo.

Acabou.”

Seus dedos se fecharam sobre o elo. Vozes argumentaram fora da porta.

Então Attia disse, “Ele não é seu pai, Claudia.” Todos eles se viraram para ela.

Ela estava sentada no chão, braços ao redor de seu joelho. Ela não se levantou ou disse qualquer outra coisa, só sentou no silêncio chocante que criou, seu encardido rosto estreito e calmo, o cabelo escuro gorduroso.

Claudia veio até ela. “O quê?” Sua própria voz soou pequena e não familiar.

“Temo que seja verdade.” Attia estava fria e distante. “Eu não ia te contar, mas você está me forçando, e é hora de você saber. O Diretor de Incarceron não é seu pai.”

“Sua vadia mentirosa!”

“Não, é verdade.”

Keiro sorriu.

Claudia sentiu como se o mundo tivesse sido abalado. De repente o burburinho lá fora era demais; virando as costas para eles, ela abriu a porta atrás de si. Jared estava lá, e dois guardas atrás dele.

“O que é isso?” Sua voz era afiada. “Deixem-no passar.”

“Ordens de seu pai, lady—”

“Meu pai,” ela gritou, “pode ir para o inferno!” Claudia a empurrou de volta para o quarto e bateu a porta. “Claudia, ouça—”

“Por favor, Mestre! Agora não!”

Ele viu o campo de luz. Claudia espreitou de volta para ele. “Tudo bem. Conte-me,” ela disse.

Por um momento, Attia não disse nada. Então ela se levantou, tirou a sujeira de seu braço nu.

“Eu nunca gostei de você. Altiva, egoísta, mimada. Você se acha tão forte... Não duraria minutos aqui. E Finn vale dez de você.”

“Attia,” Finn rosnou, mas Claudia disse rispidamente, “Deixe-a falar.”

“Lá na torre do Sapiente nós encontramos uma lista de Prisioneiros que já estiveram nesse lugar.

Todos procuraram seus próprios nomes, mas eu não.” Attia se aproximou de Claudia. “Procurei o seu.”

Finn se virou, gelado. “Você disse que não estava lá.”

“Eu disse que ela não estava em Incarceron. Mas esteve.”

Ele sentiu tanto frio. Olhando para Claudia, ele viu que o rosto dela estava branco; foi Jared que disse calmamente, “Quando?”

“Ela nasceu aqui. E ela viveu aqui por uma semana. Então, nada. Ela sumiu dos registros. Alguém tirou uma bebê de uma semana de idade da Prisão e aí está ela, olhe, a filha do Diretor. Ele devia estar muito desesperado por uma filha. E devia haver uma que morreu, ou ele teria escolhido um filho.”

Keiro disse, “Você a reconheceu pela foto de um bebê? Isso—”

“Não apenas um bebê” Attia manteve seus olhos em Claudia. “Alguém colocou pinturas dela no livro. Imagens, como nós. Dela crescendo. Dela tendo tudo o que queria, roupas, brinquedos, cavalos. Dela...”

“Ficando noiva?” Keiro disse astutamente.

Finn voltou com um suspiro. “Eu estava lá? Eu estava na imagem também? Attia!”

Seus lábios sopraram. “Não.”

“Tem certeza?”

“Eu te diria se estivesse.” Ela ficou séria. “Eu diria, Finn. Era apenas ela.”

Ele virou para Claudia. Ela parecia aturdida com choque. Ele olhou para Jared, que murmurou, “Eu também encontrei o nome de Sapphique aqui. Parece que ele realmente Escapou.”

Gildas girou e os dois Sapienti trocaram olhares. “Você vê o que isso significa.” O velho homem estava triunfante. Ele estava sangrando e mancando, mas todo seu corpo estava carregado com energia. “Levaram-na para fora. Sapphique saiu. Existe uma maneira. Talvez se nós trouxermos as chaves juntas, possamos desbloqueá-lo.”

Jared franziu a testa. “Claudia?” ele disse.

Ela não pôde se mover por um instante. Então ela ergueu a cabeça e olhou Finn duramente nos olhos e ele viu que seu olhar era feroz e amargo. “Mantenha a chave ligada o tempo todo”, ela disse. “Quando eu entrar, terei que encontrá-lo.”

Todos os meus anos para este momento.

Todos os meus caminhos para esta parede.

Todas as minhas palavras para este silêncio.

Todo meu orgulho para esta queda.

—Canções de Sapphique.

Ela caminhou de um lado para o outro examinando o chão ansiosamente, vestida com calças escuras e jaqueta. “Então?”

“Cinco minutos.” Jared trabalhava nos controles sem olhar. Ele já tinha colocado o lenço sobre a cadeira e operado o dispositivo; o lenço tinha desaparecido, mas ele não podia fazê-lo voltar.

Claudia olhou para porta.

Ela tinha rasgado seu vestido de casamento em uma fúria que tinha surpreendido até a si mesma, cortando em pedacinhos a renda e rasgando os babados da saia totalmente. Tudo aquilo estava terminado. Protocolo estava acabado. Ela estava em guerra agora. Correndo aqui para baixo nos porões escuros, ela tinha passado através da raiva e confusão e o vazio de um passado perdido.

“Tudo bem.” Jared ergueu o olhar. “Eu acho que eu entendo o que é isso, mas onde essa máquina vai levar você, Claudia...?”

“Eu sei onde ela me leva. Para longe dele.” O conhecimento de que ele não era seu pai ainda soava em sua cabeça como um grande retumbar de sons, ecoando sem parar, de modo que ela sentiu que nunca iria ouvir mais nada daquela calma de menina, devastada com palavras. Jared disse, “Sente na cadeira.”

Ela pegou sua espada e aproximou-se e parou. “E você? Quando ele descobrir...”

“Não se preocupe comigo.” Ele pegou o braço dela gentilmente e a fez sentar. “Já é hora que eu enfrente seu pai. Eu estou certo que será bom para mim.”

Seu rosto escureceu. “Mestre... se ele machucar você...”

“Tudo com que você precisa se preocupar é encontrar Giles e trazê-lo de volta. A justiça deve ser feita. Boa sorte, Claudia”. Ele levantou a mão dela e a beijou formalmente.

Por um momento ela foi atingida pelo pensamento de que ela nunca iria ver

ele novamente; tudo o que ela queria fazer era pular e abraçar ele, mas ele afastou-se para o painel de instrumentos e olhou para cima. “Pronta?”

Ela não podia falar. E então, pouco antes e seus dedos tocarem o painel, ela disse apressadamente, “Adeus, Mestre.”

Ele pressionou o quadrado azul, e aconteceu. Das fendas do teto da cabine a luz branca caiu, tão cegamente brilhante e tão rápida que ela tinha ido embora assim quem ela chegou, e tudo o que ela podia ver era o preto resultante gravado em sua retina.

Ele trouxe suas mãos ao longo de seu rosto.

A sala estava vazia. Ele podia sentir foi o cheiro tênue de doçura.

“Claudia?” ele sussurrou.

Nada. Por um longo tempo ele esperou em silêncio. Ele queria ficar, mas ele tinha que sair da sala de estudos; o Diretor não deve saber o que tinha acontecido enquanto fosse possível, e se eles o encontrassem aqui... Apressadamente ele empurrou os controles de volta, deslizou para fora através da grande porta de bronze, e trancou-a atrás dele.

Todo o caminho para cima através do porão Jared suava de medo. Devia haver algum alarme que ele tinha ignorado, algum gatilho gritando que seu exame minucioso tinha falhando em detectar.

A cada passo ele esperava por esbarrar no Diretor ou um dos guardas do Palácio, e pelo tempo que ele subiu ao corredor regular, ele estava pálido e tremendo e teve que se reclinar numa alcova e tomar uma profunda e cuidadosa respiração, uma criada passou olhando para ele curiosamente.

No Grande Salão, o barulho da multidão estava mais alto. Enquanto ele movia-se entre eles ele sentiu a crescente tensão, a expectativa aumentando quase para histeria. A escadaria que Claudia devia descer estava completamente à vista, com lacaios enfileirados em perucas empoadas.

Quando ele escorregou em direção ao assento junto a lareira ele viu a Rainha, gloriosa em roupas de ouro e uma tiara de diamantes, cintilando um olhar irritado para isto.

Mas as noivas estavam sempre atrasadas.

Jared se inclinou para trás e esticou suas pernas. Ele estava tonto com o medo e fadiga e ele sentia alguma coisa a mais que surpreendeu ele: uma

estranha paz. Ele perguntou-se quanto tempo ela duraria.

Então ele viu o Diretor.

Alto e solene, o homem que não era o pai de Claudia. Jared observou o Diretor sorrir, assentir, trocando uma pequena conversa graciosa com os cortesões esperando.

Uma vez ele pegou seu relógio e olhou para ele, segurando ele em seu ouvido como se em tudo o tumulto ele precisasse checar se ele estava indo. Então ele colocou-o de lado e franziu a testa.

Impaciência crescendo, lentamente.

A multidão murmurava. Caspar se aproximou e disse alguma coisa a sua mãe, ela falou com ele rapidamente, e ele voltou para seus partidários. Jared observou a Rainha.

Seu cabelo estava elaboradamente escovado para cima, seus lábios vermelhos na embranquecida palidez de seu rosto. Um servo foi chamado, um mordomo com suaves cabelos prateados, ele arqueou-se e sumiu discretamente. Jared esfregou seu rosto.

Deve estar o pânico lá em cima em seus aposentos, as criadas procurando por ela, manuseando o vestido, aterrorizadas em suas próprias peles. Provavelmente todas elas tinham fugido. Ele esperou que Alys não estivesse lá—a velha enfermeira seria culpada.

Ele encostou-se contra a parede e tentou reunir toda a sua coragem.

Ele não tinha muito tempo para esperar.

Havia uma perturbação nas escadas. Cabeças viradas. Mulheres esticavam-se para ver, um farfalhar de vestidos e fracos aplausos que acabou dentro do atordoamento, porque o servo de cabelo de prata estava correndo para baixo, sem fôlego, e em suas mãos ele tinha o vestido, ou melhor, o que restou dele. Jared secou o suor de seus lábios. Ele nunca tinha visto Claudia tão furiosa como quando ela tinha rasgado ele em pedaços.

Confusão eclodiu.

Um grito de ira, ordens, o choque de armas. Lentamente, Jared levantou.

A Rainha estava com o rosto branco; ela virou para o Diretor. “O que é isto? Onde ela está?”

Sua voz estava gelada. “Eu não tenho ideia, madame, mas sugiro...”

Ele parou. Seus olhos cinza encontraram com os de Jared no meio da agitada multidão.

Eles olharam um para o outro e um súbito silêncio crescendo na multidão que percebeu e lançou-se para trás entre eles, como se as pessoas tivessem medo de ficar em pé naquele corredor de raiva.

O Diretor disse, “Mestre Jared. Você sabe onde minha filha está?”

Jared conseguiu dar um pequeno sorriso “Lamento que não possa dizer, Senhor.

Mas posso lhe dizer isso. Ela se decidiu contra o casamento.” A multidão estava inteiramente em silêncio.

Seus olhos brilhando com fúria, a Rainha disse, “Ela está rejeitando meu filho?”

Ele fez uma reverência. “Ela tinha mudado de ideia. Foi de repente, ela sentiu que não poderia enfrentar qualquer um de vocês. Ela deixou o Palácio. Ela implora sua indulgência.”

Claudia odiaria aquela última parte, ele pensou, mas ele tinha que ser muito cuidadoso. Ele fortificou a si mesmo para a reação. A Rainha deu um sorriso de puro veneno; ela virou-se pra o diretor. “Meu querido John, que golpe para você! Depois de todos seus planos e esquemas! Eu tenho que dizer que nunca pensei neles como muito boa ideia. Você escolheu sua substituta tão mal.”

Os olhos do diretor nunca deixaram os de Jared, e o Sapiente sentiu que o olhar de brasílico lentamente petrificou sua coragem. “Onde ela foi?”

Jared engoliu. “Casa.”

“Sozinha?”

“Sim.”

“Em uma carruagem?”

“Num cavalo.”

O Diretor virou. “Uma patrulha atrás dela. De uma vez!” Ele acreditou? Jared não estava certo.

“É claro, eu tenho pena de seus problemas domésticos,” a Rainha disse cruelmente, “mas você percebe que eu nunca vou sofrer um insulto como este novamente. Não haverá casamento, mesmo que ela volte rastejando em suas

mãos e joelhos.”

Caspar murmurou “Vadia ardilosa e ingrata,” mas sua mãe o silenciou com um olhar.

“Limpem a câmara,” ela disse afiadamente. “Eu quero todos fora.”

Como se isso fosse um sinal, um tumulto de vozes irrompeu, incitando perguntas, sussurros chocados.

No meio de tudo isso Jared ainda permaneceu em pé, e o Diretor em pé o observando, e havia um olhar naqueles olhos que o Sapiente não podia vencer agora. Ele virou-se pra longe.

“Você fica.” A ordem de John Alex era áspera e irreconhecível.

“Diretor.” Lorde Evian levantou-se perto deles. “Eu acabei de ouvir... Tais notícias...

É verdade?”

Sua afetação tinha ido; ele estava pálido com intensidade. “Verdade. Ela se foi.” O Diretor dispensou um olhar sombrio para ele. Está acabado.

“Então... a Rainha?”

“Permanece a Rainha.”

“Mas... Nosso plano...”

O Diretor o silenciou com um lampejo de raiva. “Basta, homem! Você não ouviu o que eu disse?

Volte para seus pompons e perfumes. Isto é tudo o que temos agora.”

Como se ele não pudesse entender o que tinha acontecido, Evian agarrou friamente os babados de seu terno com força, puxando um botão solto. “Nós não podemos deixar terminar assim.”

“Nós não temos escolha.”

“Todos nossos sonhos. O fim do Protocolo.” Ele estendeu suas mãos dentro do casaco. “Eu não posso. Eu não vou.”

Ele moveu-se antes que Jared percebesse o que estava acontecendo, a faca cintilando fora, cortando a Rainha. Quando ela virou, a faca atingiu na altura de seu ombro; ela gritou em choque.

Instantaneamente a roupa de ouro estava salpicada com sangue, pequenos

pingos que passavam brotando aos poucos enquanto ela engasgou e agarrou Caspar, tropeçando dentro dos braços dos cortesões. “Guardas!” o Diretor gritou.

Ele sacou sua espada. Jared virou.

Evian foi cambaleando para trás, o terno rosa manchado com sangue. Ele deve ter visto que ele tinha falhado; a Rainha estava histérica, mas não morta, e não havia chance para atacar novamente. Pelo menos não nela. Soldados correram para dentro suas afiadas lanças forçando ele em volta a um anel de aço. Ele olhou para Jared sem vê-lo, para o Diretor, para o pálido terror de Caspar.

“Eu fiz isso pela liberdade,” ele disse calmamente. “Num mundo que nada oferece.”

Com uma rápida precisão, ele virou a faca e com ambas as mãos cravou-a dentro de seu coração.

Ele caiu sobre ela, estatelou-se para baixo, sacudindo-se violentamente por um momento e ficou imóvel. Enquanto Jared empurrava os guardas para passar e inclinava-se sobre ele, ele viu que a morte tinha sido quase instantânea; o sangue estava ainda brotando lentamente através da roupa de seda.

Ele olhou para baixo, horrorizado, para o rosto rechonchudo, os olhar fixos nos olhos.

“Estupido,” o Diretor atrás dele. “E fraco.” Ele estendeu a mão para baixo e arrastou Jared para cima e o virou rudemente.

“Você é fraco, Mestre Sapiente? Eu sempre pensei assim. Nós vamos ver agora se eu estava certo.” Ele olhou para o guarda. “Leve o Mestre para seus aposentos e o tranque lá.

Traga-me todos os dispositivos que estiverem lá. Designe dois homens para o lado de fora.

Ele não sai e não recebe visitantes.”

“Senhor.” O homem fez uma reverência.

A Rainha tinha sido levada para fora e a multidão dispersou-se; todos de uma vez o grande Salão pareceu vazio. As guirlandas de flores e flores de laranjeira ondulando ligeiramente pela brisa das janelas abertas. Enquanto Jared era levado pela porta ele pisou nas pétalas caídas e doces grudentos; os detritos de um casamento que nunca aconteceria.

Pouco antes deles o empurrarem para fora, ele olhou para trás e viu o Diretor

em pé com ambas as mãos na altura da lareira, inclinado sobre ela lareira.

***

Nada aconteceu além de uma luz branca. Quando Claudia abriu seus olhos, eles picaram; sua visão estava aquosa e pequenos pontos escuros flutuaram lá por um minuto, escurecendo as paredes da cela.

Era certamente uma cela. Fedia. O cheiro era forte, ela vomitou e então tentou não respirar de novo, o cheiro de umidade, urina e corpos apodrecidos e palha.

A palha era tudo ao redor dela; ela estava sentada nela e uma pulga pulou para fora sobre sua mão. Com um silvo de nojo ela pulou para cima e livrou-se dela, estremecendo e coçando.

Então isso era Incarceron.

Era do jeito como ela tinha esperado.

A cela tinha paredes de pedra e as pedras estavam gravadas com nomes antigos e datas, coberto com liquens leitosos e uma incrustação de algas. Acima, a aresta da abóbada estava perdida na escuridão. Não havia janelas, as paredes eram altas, mas pareciam estar cobertas. Nada mais.

Mas a porta da cela estava aberta.

Claudia tomou outra respiração, tentando não tossir. A cela estava em silêncio, um pesado e opressivo silêncio que era frio e úmido. Um audível silêncio. E no canto da cela, ela viu um Olho.

Um pequeno Olho vermelho que a observava impassivelmente.

Ela se sentiu normal. Nem dormente ou doente. Ela olhou para si mesma, suas mãos segurando a Chave. Ela era realmente tão minúscula? Ou era alguma noção de tamanho relativo—era essa a normalidade, o lado de fora do Reino um lugar de gigantes?

Ela cruzou a porta. Não tinha sido trancada por um longo tempo. Correntes penduradas lá, mas elas estavam corroídas dentro de uma massa de ferrugem, e as dobradiças estavam comidas ao longo tanto que a porta pendeu em um ângulo. Ela abaixou dentro da passagem.

Era um pavilhão de pedra e imundo, e esticava-se pela escuridão.

Ela olhou a Chave, operando mais imagens. “Finn?” ela sussurrou. Nada aconteceu.

Só, ao longo do corredor, alguma coisa cantarolava. Uma lamentação em um tom baixo, como uma máquina sendo ativada. Ela jogou a Chave fora apressadamente, seu coração batendo. “É

você?”

Nada.

Ela deu dois passos, então parou. O som veio de novo, longo à frente, um suave e estranhamente questionador som. Ela viu o Olho vermelho abrir, virando lentamente através de um meio círculo, em seguida ele parou e girou de volta em direção a ela. Ela manteve-se muito quieta.

“Eu vejo você,” uma voz disse suavemente. “Eu reconheço você.” Não a de Finn. Nem de ninguém que ela conhecia.

“Eu nunca me esqueci de nenhuma de minhas crianças. Mas você não esteve aqui por um tempo.

Eu não estou certo de que eu entenda isso.”

Claudia limpou o rosto com a mão suja. “Quem é você? Eu não vejo você.”

“Sim você pode. Você está em pé sobre mim, respirando-me.”

Ela recuou, olhando para baixo, mas havia somente um chão de pedra, a escuridão.

O Olho vermelho a observou. Ela respirou o ar doentio. “Você é a Prisão.”

“Eu sou.” Ela soava fascinada. “E você é a filha do Diretor.”

Ela não podia falar. Jared tinha dito que ela era uma inteligência, mas ela não tinha esperado que fosse assim.

“Vamos ajudar uns aos outros, Claudia Arxela?” A voz era calma e tinha um leve eco.

“Você está procurando por Finn e seus amigos. Eu não estou certa disso?”

“Sim.” Ela deveria ter dito isso?

“Eu vou conduzir você para eles.”

“A Chave vai fazer isso.”

“Não use a Chave. Ela interfere com meus sistemas.”

Ela estava enganada, ou aquilo tinha sido inquietação, quase aborrecimento?

Ela começou a andar vagarosamente, para dentro do corredor escuro. “Eu vejo. E o que você quer em troca?”

Um som. Poderia ter sido um suspiro, ou leve sorriso. “Não é uma questão que já me fizeram antes. Eu quero que você conte-me o que está do lado de fora. Sapphique prometeu fielmente que ele voltaria e contaria para mim, mas ele nunca o fez. Seu pai não fala dele. Eu começo a me perguntar, do fundo do meu coração, se há um Lado de fora, ou se Sapphique passou apenas para a morte e você vive em um lugar aqui que eu sou incapaz de detectar. Eu tenho um bilhão de Olhos e sentidos, e ainda eu não posso ver fora. Não é apenas um sonho dos prisioneiros de Escapar, Claudia. Mas então, como posso eu escapar de mim mesma?”

Ela chegou a um canto. A passagem bifurcava em duas, ambas escuras, gotejantes e idênticas.

Ela franziu a testa e segurou firmemente a Chave. “Eu não sei. É praticamente o que eu estou tentando fazer. Tudo bem. Leve-me para Finn. E enquanto vamos eu vou contar a você o que está do Lado de Fora.”

Luzes piscaram em frente. “Por aqui.” Ela pausou.

“Você realmente sabe onde eles estão? Isso não é um truque?”

Silêncio. Então, “Oh, Claudia. Quão irritado seu pai estará com você. Quando ele descobrir.”

Ele caiu o dia todo e a noite toda. Ele caiu em um buraco de escuridão. Ele caiu como uma pedra cai, como um pássaro com a asa quebrada, como um anjo expulso. Sua aterrissagem machucou o mundo.

— Lendas de Sapphique

“Mudaram.” Keiro olhou atentamente para a Chave. “As cores.” Finn ergueu o cristal sob um raio de luz. As luzes vermelhas estavam zunindo, piscando em um arco-íris silencioso. A Chave parecia mais quente em sua mão.

“Talvez ela esteja no Lado de Dentro.”

“Então por que ela não fala com a gente?”

À frente, Gildas virou-se, uma sombra mancando na escuridão. “Este é o caminho?

Finn?”

Ele não tinha ideia. Os destroços do navio ficaram muito para trás; o cubo

tinha se tornado um funil, estreitando-se enquanto eles saíram dele, os lados e o telhado se fechando, tornando-se uma pedra preta facetada o brilho familiar das paredes de obsidiana.

“Mantenham-se perto de mim,” ele murmurou. “Nós não sabemos até que ponto o campo protetor vai.”

Gildas mal ouvia. Desde que ele tinha falado com Jared a possessão febril de sua busca tinha voltado a ele novamente; ansiosamente ele mancava a frente, examinando os leves arranhões nas paredes, murmurando consigo mesmo. Ele parecia ignorar seus ferimentos, mas Finn suspeitava que eles eram mais graves do que ele admitia.

“O velho tolo está ficando louco,” Keiro murmurou em desgosto. “E então há ela.”

Attia hesitava. Ela parecia estar caminhando deliberadamente devagar; nas sombras ela parecia perdida em pensamentos.

“Foi uma bela manobra a que ela fez.” Keiro seguiu em frente. Ele deu um olhar afiado para Finn.

“Um verdadeiro golpe entre as pernas.”

Finn assentiu. Claudia tinha ficado tão parada. Como alguém esfaqueado com um ferimento profundo se mantém parado, de modo a não sentir dor.

“Mas,” Keiro disse, “Isso significa que existe uma saída. Assim nós podemos sair também.”

“Você é insensível. Você só pensa em si mesmo.”

“E você, irmão.” Seu irmão de juramento olhou em volta, alerta. “Se há um Lado de Fora e você foi algum tipo de rei lá fora, então estou protegendo você como ouro. Príncipe Keiro soa bem para mim.”

“Eu não estou certo que eu possa fazer isso... Ser isso.”

“Você pode. É tudo simulação. Você é um mestre das mentiras, Finn.” Keiro olhou para ele de soslaio. “Você será um naturalmente.”

Por um momento eles trocaram um olhar. Então Finn disse, “Você consegue ouvir alguma coisa?”

Um murmúrio. Flutuando abaixo no corredor, uma rajada de vozes suaves. Keiro desembainhou sua espada. Attia aproximou-se. “O que é isso?”

“Alguma coisa à frente.” Keiro ouviu atentamente, mas o som não veio novamente.

Ainda em pé, uma mão contra a parede, Gildas sussurrou, “Talvez seja Claudia. Ela nos encontrou.”

“Então ela foi muito rápida com isso.” Keiro seguiu em frente suavemente. “Fiquem juntos. Finn, vá no fundo e mantenha a Chave segura.”

Gildas bufou, mas tomou seu lugar entre eles.

Era uma voz. Estava falando em algum lugar à frente, e enquanto eles rastejavam em direção a isso, o corredor tornou-se confuso; grandes correntes colocadas através dele, algemas e grilhões, espalhadas num amontoado de ferramentas, um Besouro quebrado nas costas. Eles passaram por pequenas celas, algumas com portas trancadas, e através da grade de uma Finn viu um pequeno quarto escuro com ratos subindo sobre um prato vazio, uma pilha de panos sujos em um canto, o que poderia ter sido um corpo. Tudo era silêncio. Ele sentiu que esse era um lugar esquecido até mesmo por seus criadores, um canto de si mesma que até Incarceron tinha ignorado por séculos. Tinha sido em algum lugar como esse que o povo da Maestra tinha encontrado a Chave, com os ossos dissecados do homem que a tinha feito, ou a roubado?

Pisando ao redor de um grande pilar que ele percebeu que estava começando a se esquecer dela.

Já parecia há muito tempo, e ainda assim o barulho na ponte, o único olhar dela, ainda estavam dentro dele, esperando por ele para dormir, para pensar que ele estava seguro. E sua compaixão.

Attia o agarrou; ele percebeu que tinha ido caminhando passando por eles.

“Fiquei atento, irmão.” Silvou o rosto feroz de Keiro. Coração batendo, ele tentou limpar sua cabeça. O formigamento em seu rosto desapareceu. Ele tomou uma profunda respiração.

“Tudo bem?”, Gildas sussurrou.

Ele assentiu. O ataque quase se abateu sobre sobre ele. Isso fez com que ele se sentisse doente.

Espreitando em torno do canto, ele olhou fixamente.

As vozes estavam falando em uma língua que ele nunca tinha ouvido falar, de cliques e guinchos e sílabas forçadas. Ela estava se dirigindo ao Besouro e

Varredores e Moscas, e os ratos metálicos que saiam das paredes para levar os cadáveres. Milhões deles agachados imóveis no chão do grande salão, cordas enfileiradas e passarelas aéreas, todos eles voltados para uma estrela brilhante que brilhava como uma faísca na escuridão.

Incarceron instruiu suas criaturas e as palavras que falava eram uma miscelânea de sons, uma poesia de estalidos e burburinhos.

“Eles podem ouvir?” Keiro sussurrou.

“Não são apenas palavras.” Era uma vibração também, profunda no coração da escuridão, um som como um grande coração batendo, um grande relógio badalando.

A voz parou. De uma só vez as máquinas giraram e marchando em fila para longe, movendo-se em silenciosas fileiras dentro da escuridão até que o último tinha ido, mal fazendo um som.

Finn moveu-se, mas Keiro o agarrou apertado.

O Olho ainda observava. Sua luz iluminava o salão vazio. Então a voz disse suavemente, “Você tem a Chave com você, Finn? Eu devo pegá-la agora?”

Ele engasgou. Ele queria correr, mas o aperto de Keiro dizia não. Mordendo seus lábios, ele ouviu uma divertida risadinha baixa da Prisão. “Claudia está do Lado de Dentro.

Você sabe disto? É claro que eu pretendo manter você dois separados. Eu sou tão grande, que será muitíssimo fácil. Você não falará comigo, Finn?”

“Ela não tem certeza que estamos aqui,” Keiro murmurou.

“Soa certa para mim.”

Ele tinha uma vontade irracional de sair da proteção da Chave, abrir os braços e sair. Mas Keiro não o deixou ir, e se contorceu ao redor de Attia. “De volta, rápido.”

“É claro que eu sou somente uma máquina,” Incarceron disse acidamente.

“Diferente de você. Ou você está? Você é todo tão puro? Talvez eu deva tentar uma pequena experiência minha própria.”

Keiro o empurrou, em pânico. “Corra!”

Era tarde demais. Houve um silvo e um estalido. A espada voou da mão de Keiro e retiniu contra a parede, ficou lá de cabeça para baixo.

E Finn foi arrastado de volta, batendo contra as pedras, a Chave em sua cintura presa nele lá, a adaga que ele mantinha ricocheteando em seu braço com enorme poder.

“Ah. Agora eu sinto você, Finn. Agora eu sinto seu medo.”

Ele não conseguia se mover. Por um momento de terror que ele pensou que estava sendo sugado para dentro da própria estrutura da parede; em seguida Gildas estava lá puxando ele, e ele deixou a faca ir e sua mão estendeu-se livre, e ele percebeu que a parede tinha se tornado um imã.

Sucatas de ferro, lascas de bronze estavam voando em uma feroz tempestade horizontal; a parede tornou-se um instantâneo grumo com utensílios, construindo um elo de correntes, lidados pela imensidão. Finn esquivava-se, xingando, quando um retiniu bem ao lado de sua orelha. “Desça-me!” ele gritou.

Seu corpo foi esmagado entre a Chave e o imã.

Gildas já tinha segurado o cristal; o velho homem cavou seus calcanhares e exclamou, “Ajude-me,” e as pequenas mãos de Attia agarraram apertado. Lentamente, como se eles fossem puxados longe por dedos invisíveis puxando o peso da Chave dele, ele tombou para frente, tropeçando.

“Vá. Vá! ”

Incarceron riu sua profunda risada. “Mas você não pode ir. Não sem seu irmão.”

Prestes a fugir, ele parou.

Keiro estava junto à parede. Ele tinha uma mão estranhamente apoiada a ela, o dorso de sua mão para a parede preta. Por um momento Finn pensou que ele estava tentando afastar a espada e gritou “Deixe isso!”, mas então Keiro virou e deu a ele um frio olhar de fúria.

“Não é a espada.”

Finn agarrou o braço de seu irmão de juramento e puxou. Estava preso apertado.

“Solte.”

“Eu não estou segurando nada,” Keiro disse. Ele virou seu rosto para longe. Finn olhou mais perto.

“Mas...”

Seu irmão girou e olhou para ele e Finn ficou chocado pela raiva em seus olhos.

“Sou eu, Finn. Você não percebe? Você é tão estúpido? Eu!”

A unha de seu dedo indicador direito. Estava apertada à parede, e quando Finn agarrou sua mão e puxou-a longe, ela ficou lá, uma pequena blindagem segura pelo imã com uma atração que nada poderia quebrar.

“Eu devo deixar ele ir?” A Prisão disse maliciosamente.

Finn olhou para Keiro e Keiro olhou de volta. “Sim,” ele sussurrou.

Com uma violência que fez todos eles estremecerem, cada pedaço de metal caiu da parede em um retumbante estampido.

Claudia parou. “O que foi isso?”

“O quê?”

“Esse barulho!”

“Sempre há ruídos na Prisão. Por favor, continue acerca da Rainha. Ela soa tão—”

“Ele veio lá de baixo.” Claudia olhou para baixo a escura arcada que ela estava passando. Ela viu uma passagem baixa, mal a cabeça elevada rodeada com teias de aranhas.

Incarceron riu, mas havia uma nota de ansiedade em seu humor. “Para encontrar Finn você deve ir em frente.”

Ela ficou em silêncio. Repentinamente ela sentiu sua presença tensa ao seu redor, como se não respirasse, ficou esperando. Ela sentiu-se pequena e vulnerável. Ela disse, “Eu acho que você está mentindo para mim.”

Por um momento, nada. Um rato correu para passagem, ela viu, e escapuliu ao redor. Então a voz disse pensativamente, “Sua opinião de Finn é tolamente romântica; o Príncipe perdido, o herói aprisionado. Você lembra-se de um pequeno garoto e quer estar com ele.

Mas mesmo se Finn é realmente Giles, isso foi uma vida inteira de distância e um mundo atrás e ele não é o mesmo agora. Eu o mudei.”

Ela olhou para dentro da escuridão. “Não.”

“Oh sim. Seu pai está certo. Para sobreviver aqui homens descendem para as profundezas de seus seres. Eles tornam-se bestas, não se importando, nem

mesmo vendo a dor dos outros. Finn tem roubado, talvez matado. Como pode certamente um homem retornar para um trono, e governar outros? Quão pode ser ele confiável novamente? Os Sapienti eram sábios, mas eles fizeram um sistema sem compreensão, Claudia. Sem perdão."

Sua voz estava arrepiante para ela. Ela não queria ouvir, ser arrastada para dentro de suas persuasivas dúvidas.

Ela ativou a Chave, convertendo-se numa passagem baixa, e começou a correr.

Seus sapatos escorregando sobre os escombros que cobriam o chão, ossos e palha, uma criatura morta tão desidratada, que cedeu quando ela pulou sobre ela.

"Claudia. Onde você está?"

Ela estava em tudo ao redor dela, na frente dela, embaixo dela.

"Pare. Por favor. Ou eu terei que parar você."

Ela não respondeu. Abaixando sob um arco, ela encontrou três tuneis que se reuniam, mas a Chave estava tão quente agora, quase queimando sua mão, e ela mergulhou no túnel da esquerda, passando correndo pelas portas das celas que estavam abertas.

A Prisão retumbou. O chão ondulou, erguendo-se embaixo dela como um tapete.

Ela ofegou quando ele a arremessou para cima; ela aterrissou com um grito, uma perna ensanguentada, mas ela ganhou forças e correu em frente, por que não podia ter certeza de onde ela estava, não com a Chave.

O mundo balançou. Ela inclinava-se de um lado para outro lado. Escuridão fechada, cheiros nocivos vazavam das paredes, morcegos rodeavam em nuvens. Ela não gritaria. Agarrando as pedras, ela arrastou a si mesma para frente, mesmo quando a passagem ergueu-se para cima e tornou-se uma colina, uma íngreme, escorregadio declive, e todos os escombros que se localizavam em cima deslizaram para baixo sobre ela.

E então, logo quando ela queria se deixar ir e deslizar de volta, ela ouviu vozes.

Keiro flexionou seus dedos. Seu rosto estava corado e seus olhos não se encontrariam com os de Finn. Foi Gildas que quebrou o silêncio. "Então eu tenho estado viajando com um meio homem."

Keiro o ignorou. Ele olhou para Finn, que disse. “Há quanto tempo você sabe?”

“Minha vida toda.” A voz de seu irmão de juramento estava subjugada.

“Mas você. Você era aquele que mais os odiava. Desprezava-os...”

Keiro balançou sua cabeça em irritação. “Sim. Eu os odeio. Eu tenho mais motivos para odiá-los do que você. Você não vê que eles me assustam totalmente?” Ele lançou um olhar para Attia, então gritou para a prisão, “E você! Eu juro que se eu pudesse encontrar seu coração, eu cortaria ele aberto!”

Finn não sabia como ele se sentia. Keiro era tão perfeito, tudo o que ele sempre quis ser. Bonito, arrojado, sem falhas, vivo com aquela confiança prazerosa que ele sempre tinha invejado.

Ele nunca ficava duro de medo.

“Todos os meus filhos pensam isso,” Incarceron disse maliciosamente.

Keiro caiu contra a parede. Estava parecendo ter saído dele. Ele disse, “Ela assusta-me porque eu não sei o quão longe ela vai.” Levantando sua mão, ele flexionou os dedos.

“Ela parece real, não é? Ninguém pode dizer. E como eu sei quanto mais de mim é assim?

Dentro de mim, os órgãos, o coração. Como eu sei?” Havia um tipo de agonia na questão, como se ela tivesse sido perguntada silenciosamente milhões de vezes antes, como se atrás da bravata e da arrogância estivesse o medo que ele nunca tinha revelado.

Finn olhou ao redor. “A Prisão poderia contar a você.”

“Não. Eu não quero saber.”

“Não importa para mim.” Finn ignorou o bufo de Gildas e olhou para Attia.

Calmamente ela disse, “Então nós somos todos falhos. Mesmo você. Eu sinto muito.”

“Obrigado”. Keiro estava zombando. “A piedade de uma menina-cão e um Vidente das Estrelas.

Isso realmente me faz sentir melhor.”

“Nós estamos apenas—”

“Poupe-me. Eu não preciso disso.” Ele afastou a mão estendida de Finn e puxou a si próprio de pé. “E não pensem que isso me muda. Eu ainda sou eu.”

Gildas mancou passando. “Bem, você não conseguiu piedade de mim. Vamos continuar.”

Keiro olhou para suas costas com uma rigidez de ódio que fez Finn mover-se para frente; seu irmão de juramento apanhou sua espada do chão, mas quando ele deu um passo no encalço do Sapiente, a Prisão tremeu e estremeceu.

Finn agarrou a parede.

Quando o mundo parou de se mover, o ar estava espesso com poeira; que pairava como uma névoa, e havia um zumbido em seus ouvidos. Gildas estava silvando com dor.

Attia estendeu a mão para cima; ela apontou através dos gases venenosos. “Finn, o que é aquilo?”

Por um momento ele não tinha ideia. Então ele viu que era um rosto. Um rosto que estava estranhamento limpo, com espertos olhos brilhantes e um emaranhado de cabelos amarrados às pressas. Um rosto que estava olhando fixamente para ele fora das brumas do passado sobre as chamas minúsculas de velas em cima de um bolo que ele inclinou-se sobre e soprou com um fatigante suspiro.

“É você?” ela sussurrou.

Ele assentiu, em silêncio, sabendo que essa era Claudia.

Vocês nos agradecerão por isso. Energia não será gasta em máquinas frívolas. Nós aprenderemos a viver de forma simples, não perturbados por ciúmes e desejos. Nossas almas serão tão serenas quanto os mares sem marés.

—Decreto do Rei Endor

Os soldados chegaram depois de duas horas. Jared esteve esperando por eles; ele tinha ficado na cama duro no silencioso quarto e ouvido os sons do palácio através da janela aberta; os cavalos galopando muito distantes, os treinadores, a debandada, os gritos.

Era como se Claudia tivesse colocado uma vara num formigueiro e agora elas estavam tomadas pelo pânico, sua Rainha ameaçada e sua paz desaparecida.

A Rainha. Conforme ele se sentou rigidamente, ele olhou para os homens e esperou que ele não tivesse que enfrentar sua fúria.

“Mestre.” O servo uniformizado parecia envergonhado. “Você vem conosco, senhor.”

Sempre o Protocolo. Ele os salvava de enfrentar a verdade. Quando eles o levaram para baixo das escadas, os guardas caíram discretamente por trás, suas armas velhas seguradas como bastões de trabalho.

Ele já havia sido tomado por todas as emoções. Terror, arrogância, desespero.

Agora tudo o que havia restado era uma espécie de resignação maçante.

Não importa o que o Diretor fizesse com ele, tinha que ser suportado. Claudia tinha que ter tempo.

Para sua surpresa eles o levaram para os antigos quartos do estado, onde os aflitos embaixadores discutiam e mensageiros corriam para dentro e para fora, até uma pequena sala na ala leste.

Quando eles o anunciaram ele viu que era um dos salões privados da Rainha, repleto de frágeis móveis dourados, um elaborado relógio sobre a lareira repleta de querubins e pastoras com sorrisos afetados.

Apenas o Diretor estava aqui.

Ele não estava sentado na cadeira, mas sim de pé, encarando a porta. Duas poltronas foram arrumadas em ângulos acessíveis a lareira, onde uma grande tigela de pot-pourri descansava no topo dela.

Ainda parecia uma armadilha.

“Mestre Jared.” O Diretor indicou uma cadeira com um longo dedo. “Por favor, sente-se.”

Ele estava contente em fazê-lo. Ele sentia-se sem fôlego e tonto.

“Um pouco de água.” O Diretor a despejou e trouxe lhe deu a taça. Enquanto bebia Jared sentiu o pai de Claudia... Não, não o pai dela... Observando-o atentamente.

“Obrigado.”

“Você não comeu?”

“Não... Eu suponho... Em toda a agitação...”

“Você deveria cuidar melhor de si mesmo.” A voz era áspera. ” Muitas horas trabalhando nesses dispositivos proibidos.”

Ele acenou com a mão. Jared viu que a mesa próxima à janela estava coberta com pedaços de seus experimentos, os scanners, as câmeras, os dispositivos para bloquear alarmes. Ele não disse nada. “É claro que você entende que tudo isso é ilegal.” Os olhos do Diretor eram gelados. “Nós sempre permitidos aos Sapienti uma certa margem, mas você parece que vem tendo grande vantagem.” Então ele disse, “Onde está Claudia, Mestre?”

“Eu lhe disse—”

“Não minta para mim. Ela não está em casa. Não há cavalos faltando.”

“Talvez... Ela possa estar a pé.”

“Eu acredito que ela esteja.” O Diretor está sentado diante dele. Seus calções de cetim preto vincando elegantemente. “E talvez você tenha achado que não estava mentindo quando disse casa.”

Jared baixou o copo. Eles se encararam.

“Como ela descobriu?” John Arlex disse.

Jared decidiu, meio que repentinamente, dizer a verdade. “A garota na Prisão contou a ela, Attia, amiga de Finn. A partir de alguns registros que ela havia descoberto.”

O Diretor assentiu em lenta apreciação. “Ah sim. Como ela recebeu isso?”

“Ela estava... Muito chocada.”

“Furiosa?”

“Sim.”

“Eu não esperaria nada mais.”

“E magoada.”

O Diretor lançou lhe um afiado olhar penetrante, mas Jared devolveu calmamente.

“Ela sempre esteve tão segura quanto a ser sua filha, senhor. Sabia quem era. Ela... Se importa com você.”

“Não minta para mim.” O súbito rosnado o atingiu com sua raiva. O Diretor levantou e andou pela sala. “Sempre houve apenas uma pessoa com quem Claudia tenha se importado na vida, Mestre Sapiente. E essa pessoa é você.”

Jared ficou parado. Seu coração martelou. “Senhor...”

“Você pensou que eu era cego?” O Diretor se virou. “Certamente não. Oh, ela teve sua enfermeiras e suas camareiras, mas Claudia está muito acima de seu nível e ela soube disso cedo.

Toda vez que eu chegava em casa eu via como vocês riam e conversavam, como ela se agitava com seu casaco se ele estava frio, andava trazendo leites temperados e doces, como vocês tinham suas piadas privadas, seus estudos juntos.” Ele cruzou os braços e olhou para fora da janela.

“Comigo ela era distante, reservada. Ela não me conhecia. Eu era um estranho, o Diretor, um grande homem na Corte, alguém que vinha e ia. Alguém com quem ser cauteloso. Mas você, Mestre Jared, você era tutor dela, irmão dela, e mais pai dela do que eu jamais fui.”

Jared estava gelado agora. Por trás do controle de ferro do Diretor estava uma chama de ódio; ele nunca havia sentido a profundidade disso antes. Ele tentou respirar calmamente.

“Como você acha que era, Mestre?” O diretor andou ao redor. “Você acha que eu não senti isso?

Você acha que eu não sofri, não sabendo o que fazer, como mudar isso, ciente de que com cada palavra que eu falava eu a estava enganando; todos os dias, só por estar lá, por deixá-la pensar que ela era minha.”

“Ela... Isso é o que ela não vai esquecer.”

“Não me diga como ela pensa!” John Arlex veio e ficou sobre ele. “Eu sempre tive inveja de você.

Não é bobagem? Um sonhador, sem família, tão frágil que alguns golpes poderiam matá-lo. E o Diretor de Incarceron está doente de raiva.”

Jared conseguiu dizer “Eu... sou muito afeiçoado a Claudia...”

“Você sabe, é claro, há rumores sobre vocês.” O Diretor oscilou abruptamente e sentou-se novamente. “Eu não acredito neles; Claudia é voluntariosa, mas não estúpida.

No entanto, a Rainha acredita, e deixe-me dizer Jared, no momento a Rainha está gritando por vingança. Em qualquer um. Evian está morto, mas o enredo obviamente incluía outros. Você, por exemplo.”

Ele estremeceu. “Senhor, você sabe bem que não é assim.”

“Você sabia disso. Não sabia?”

“Sim, mas...”

“E você não fez nada. Não contou a ninguém.” Ele se inclinou para frente. “Isso é traição, Mestre Sapiente, e poderia levá-lo facilmente à forca.”

No silêncio, alguém chamou do lado de fora. Uma mosca zumbia ao redor da sala e batendo contra a janela.

Jared tentou pensar, mas não havia tempo. O Diretor retrucou: “Onde está a Chave?”

Ele queria mentir. Inventar algo. Mas ao invés disso ele manteve silêncio.

“Ela levou com ela, não é?”

Ele não respondeu. O Diretor xingou. “O mundo inteiro acha que Giles está morto.

Ela poderia ter tido tudo, o reino, o trono. Será que ela acha que eu deixaria Caspar entrar em seu caminho?”

“Você estava na trama?” Jared disse lentamente.

“Trama! Evian e seus sonhos ingênuos de um mundo sem protocolo! Nunca houve um mundo sem Protocolo. Eu teria deixado os Lobos De Aço lidar com a Rainha e Caspar, e em seguida eles seriam executados, simples. Mas agora ela se voltou contra mim.”

Ele estava olhando fixamente do outro lado da sala. Jared disse gentilmente, "A história que você disse a ela... Sobre a mãe dela.”

“Isso era verdade. Mas quando Helena morreu o bebê estava doente e eu soube que ele morreria também. E o que seria dos meus planos? Eu precisava de uma filha, Mestre. E eu sabia onde conseguir uma.’’ Ele se sentou na poltrona em frente. “Incerceron é um fracasso. Um inferno. Os diretores sempre souberam disso, mas não há remédio, então nós mantivemos segredo. Eu achei que resgataria uma alma de lá, pelo menos. Nas profundezas da prisão eu encontrei uma mulher que estava tão desesperada que ela estava disposta a participar com sua filha recém-nascida. Eu paguei bem. Seus outros filhos sobreviveram por causa disso.”

Jared concordou. A voz do Diretor tinha baixado; parecia que ele estava falando para si mesmo, como se ele tivesse justificado isso infinitamente ao longo dos anos.

“Ninguém percebeu, exceto a Rainha. Aquela bruxa deu uma olhada para a

criança e soube.”

E repentinamente, entendimento atingiu Jared. Fascinado, ele disse, “Claudia sempre quis saber por que você concordou com a trama contra Giles. Foi porque a Rainha...” Ele parou, sem saber as palavras, mas o Diretor acenou com a cabeça sem olhar para cima.

“Chantagem, Mestre Sapiente. Seu filho era para ser o único a se casar com Claudia.

Se eu não tivesse concordado, ela me ameaçou dizer a Claudia publicamente quem ela era, a desgraçaria diante de todo o reino. Eu não teria suportado isso.”

Por um momento, houve uma distância melancólica entre eles, uma quietude. Então ele levantou o rosto e viu que o olhar de Jared e seu rosto estavam gélidos. “Não sinta pena de mim, Mestre.

Isso é algo do qual não preciso.” Ele se levantou. “Eu sei que ela entrou em Incarceron. Por este Finn. Não há nada para você trair. E ela tomou a chave.”

Ele riu amargamente. “E já que ela a tomou, não há forma de sair sem ela.”

De repente, ele andou até a porta. “Siga-me.”

Jared levantou assustado, lutando contra um caco de medo, mas o Diretor saiu para o corredor e acenou para os guardas, impaciente. Os homens entreolharam-se.

Um deles disse inquieto: “Senhor, a Rainha emitiu ordens para ficarmos com você.

Para sua proteção.”

O diretor acenou com a cabeça lentamente. “Minha proteção. Vejo. Então, por favor, permaneçam aqui e guardem esta porta depois de eu entrar. Não permitam que ninguém nos siga para baixo.”

Antes que pudessem argumentar ele tinha aberto uma porta escondida nos lambris e liderou o caminho abaixo alguns degraus úmidos nos porões. Até a metade, Jared olhou para trás. Os homens estavam observando curiosamente através da fenda.

“Parece que a Rainha suspeita de mim também.” O Diretor disse calmamente. Ele tirou uma lanterna da parede e acendeu a vela dentro dela. “Nós teremos que trabalhar rápido. O escritório, que você sem dúvida notou, é a mesma sala aqui como em casa. Um espaço entre o meio caminho do mundo e a

Prisão, um Portal, como o inventor Martor chama.”

“Os escritos de Manor estão perdidos,” Jared disse, correndo atrás dele.

“Eu os tenho. Eles estão classificados.” Sua silhueta escura desceu rapidamente, segurando a lanterna alta, suas sombras piscando no muro. Ele olhou de volta para o espanto de Jared e se permitiu um sorriso. “Você nunca vai vê-los, Mestre.” Entre os cascos as trevas eram profundas; muito acima, as vozes dos guardas pareciam sussurrar em confusão.

No portão de bronze, ele digitou a combinação rapidamente. O portão abriu e estremeceu enquanto eles passaram, Jared sentiu aquele arrepio estranho de deslocamento que ele havia sentido antes.

O quarto branco se ajustou. Tudo estava exatamente como ele havia deixado. Ele teve uma súbita pontada de ansiedade. Que estava acontecendo com Claudia? Ela estava segura?

“Você a enviou sem ideia do perigo.” O diretor agitou o painel de controle a apertou os sensores.

“Entrar na prisão é perigoso, física e psicologicamente.”

Prateleiras deslizaram para trás. A tela se iluminou.

Sobre ele, Jared viu mil imagens. Elas tremeluziam, um tabuleiro de xadrez de pequenos quadrados, de salas vazias, oceanos sombrios, torres de longe, cantos empoeirados. Ele viu uma rua cheia de pessoas, um antro medonho de crianças raquíticas, um homem batendo um bicho estranho, uma mulher carinhosamente amamentando um bebê. Desnorteado, ele intensificou as imagens baixas, observando elas piscando, a dor, a fome, as amizades improváveis, os negócios selvagens.

“Esta é a Prisão.” O Diretor encostou-se à mesa. “Todas as imagens vistas pelos Olhos. É a única maneira de encontrar Claudia.”

Jared sentiu uma terrível miséria embebê-lo. Na Academia o Experimento era considerado uma das glórias dos Sapienti antigos, o sacrifício nobre das últimas reservas mundiais de energia para salvar os irredimíveis, os pobres, os desprezados. E tinha terminado nisso.

O diretor observou-o, uma silhueta contra as imagens agitadas. “Você vê, Mestre, o que somente o Diretor já viu.”

“Por que não... Por que não fomos informados...?”

“Não há energia suficiente. Eles nunca podem ser trazidos de volta, todos aqueles milhares de pessoas. Eles estão perdidos para nós.” Ele tirou o relógio e deu a Jared, que o levou entorpecido e, em seguida, olhou para ele. O Diretor indicou o cubo de prata na corrente.

“Você é como um deus, Jared. Você segura Incarceron em suas mãos.”

Ele sentiu a dor dentro dele pulsar. Suas mãos tremeram. Ele queria largá-lo, dar um passo atrás, um passo de distância. O cubo era pequeno, ele tinha visto mil vezes a corrente do relógio e pouco notado, mas agora ele se encheu de admiração. Seria possível que contivesse as montanhas que ele viu, as florestas de árvores de prata, as cidades de pessoas esfarrapadas predando um do outro a pobreza? Sudorese, ele segurou-a firmemente e o Diretor disse suavemente, “Com medo, Jared? É preciso ter força para ver um mundo inteiro. Muitos dos meus antecessores nunca ousaram olhar. Eles escondem os seus olhos.” Um sino suave.

Ambos olharam para cima. A tela tinha parado de piscar; enquanto olhavam, as imagens começaram a piscar subitamente, e uma no canto direito inferior cresceu, pixel por pixel, até que encheu a tela inteira.

Era Claudia.

Jared colocou a corrente do relógio tremulamente sobre a mesa.

Ela estava falando com os prisioneiros. Ele reconheceu o garoto Finn, e o outro, Keiro, que estava encostado num muro de pedra, ouvindo. Gildas agachada nas proximidades; Jared viu uma vez que o velho ficou ferido, Attia ao lado dele.

“Você pode falar com eles?”

“Posso,” o Diretor disse. “Mas primeiro nós ouvimos.”

Ele ligou um interruptor.

De que serve uma chave entre um bilhão de prisioneiros?

—Diário de Lorde Calliston

“Ela tentou me impedir de achar você,” Claudia disse. Ela caminhou em direção a ele no corredor sombrio abaixo.

“Você nunca deveria ter vindo para dentro.” Finn sentia-se maravilhado. Ela estava tão fora de lugar, trazendo um perfume de rosas e um estranho ar

refrescante que atormentava ele. Ele sentiu que queria arrancar aquele desejo de sua mente; em vez disso ele esfregou a mão sobre seus olhos cansados.

“Volte comigo agora.” Ela estendeu sua mão. “Vamos depressa!”

“Você apenas espere um minuto.” Keiro levantou. “Ele não vai a lugar algum sem mim.”

“Ou eu,” Attia murmurou.

“Todos vocês podem vir então. Deve ser possível.” Então seu rosto caiu.

Finn disse, “O que é?”

Claudia mordeu seu lábio. Ela de repente percebeu que não tinha ideia de como fazer isso. Não havia um portal desse lado, nem cadeira e nem painel de controle; ela simplesmente encontrou a si mesma numa cela vazia. E ela não sabia a forma de voltar para lá, mesmo se o lugar fosse importante.

“Ela não pode fazer isso,” Keiro disse. Ele voltou e olhou atentamente para ela, e apesar de irritá-

la, ela olhou calmamente de volta.

“Ao menos em tenho isso.” Ela pegou a chave de seu bolso e segurou-a fora. Eles viram que era idêntica à que eles conheciam, apesar de seu acabamento parecer melhor, a águia em sua perfeita imobilidade.

Finn colocou sua mão em seu bolso. Estava vazio. Alarmado, ele se virou.

“Está aqui, garoto tolo.” Gildas agarrou a parede e levantou-se. Ele estava cinza, seu rosto úmido.

Ele segurou a Chave tão firmemente em suas mãos nodosas que sua pele ao redor de suas juntas estava branca como os ossos por baixo.

“Você é realmente do Outro Lado?” ele suspirou.

“Eu sou, Mestre”. Ela caminhou em direção a ele e estendeu a mão para ele senti-la.

“E Sapphique Escapou. Jared descobriu o que ele tem seguidores do outro lado. Eles o chamam de Aquele de Nove Dedos.”

Ele balançou a cabeça e eles viram que havia lágrimas em seus olhos. “Eu sei disso.

Eu sempre soube que ele era real. Esse menino o viu em visões. Em breve eu

vou ver ele.”

Sua voz era rouca, mas houve um tremor que Finn nunca tinha ouvido antes.

Estranhamente assustado ele disse, “Nós precisamos da Chave, Mestre.”

Por um momento, ele pensou que o Sapiente não iria deixar ir; houve um breve intervalo onde ambos seus dedos e os de Gildas agarraram o cristal. O velho homem olhou para baixo. “Eu sempre confiei em você, Finn. Eu nunca acreditei que você fosse do Lado de Fora e eu estava errado nisto, mas suas visões das estrelas levaram-nos ao Escape, como eu sabia que elas iriam desde o primeiro dia que eu vi você deitado enrolado naquele carrinho. Este é o momento pelo qual tenho vivido.”

Seus dedos abriram; Finn sentiu o peso da Chave.

Ele olhou para Claudia. “E agora?”

Ela tomou uma respiração profunda, mas ela não tinha sua voz para essa resposta.

Attia estava nas sombras atrás de Keiro; ela não veio para frente, mas suas palavras eram afiadas.

“O que aconteceu com o belo vestido?”

Claudia fez uma careta. “Eu o retalhei.”

“E o casamento?”

“Acabou.”

Os braços de Attia estavam ao redor de seu corpo magro. “Então agora você quer Finn.”

“Giles. Seu nome é Giles. Sim, eu o quero. O Reino precisa de seu Rei. Alguém que tenha visto o lado de fora do Palácio e do Protocolo. Alguém que tenha ido direto para baixo dentro das profundezas.” Ela deixou sua irritação sair em suas palavras, canalizando-se em raiva. “Não é isso o que você quer também? Alguém que pode acabar com a miséria de Incarceron porque ele sabe como é ela?”

Attia encolheu os ombros. “É a Finn que você deve perguntar. Você pode estar apenas levando ele para fora de uma prisão para entrar em outra.”

Claudia olhou para ela e Attia olhou de volta. O riso frio de Keiro quebrou o silêncio. “Eu sugiro que nós resolveremos tudo isso fora no admirável mundo

novo do Lado de Fora. Antes que a Prisão volte a tremer.”

Finn disse, “Ele está certo. Como nós vamos fazer isso?”

Ela engoliu em seco. “Bem... Eu suponho que nós... Usamos as Chaves.”

“Mas onde está o portal?”

“Não há portal.” Isso foi difícil; eles estavam todos olhando para ela. “Não... Como vocês pensam.”

“Então como você chegou aqui?” Keiro perguntou.

“Isso é... Difícil de explicar.” Enquanto ela falava seus dedos moviam-se nos controles ocultos da Chave; ela zumbiu, luzes moveram-se dentro dela.

Keiro pulou em sua direção. “Oh, não princesa!” Ele arrancou a chave dela; ela a puxou de volta, mas ele tinha sua espada desembainhada e apontada para sua garganta.

“Sem truques. Nós vamos todos juntos ou nenhum vai.”

Furiosa, ela disse “Esse é o plano.”

“Abaixe a arma,” Gildas vociferou.

“Ela está tentando levá-lo. E deixar-nos aqui.”

“Eu não estou—”

“Parem de falar de mim como se eu fosse algum objeto!” Finn rosnou silenciando todos eles. Ele passou a mão através de seu cabelo; seu couro cabeludo estava molhado e seus olhos picaram.

Sua respiração parecia curta. Um desmaio agora iria ser impossível, mas suas mãos estavam tremendo e ele o sentiu rastejar sobre ele.

E então ele sabia que estava caindo dentro, ele deve estar, porque atrás de Gildas a parede estremeceu ao longe, e olhando para fora dela, enorme e sombriamente, estava Blaize.

Os olhos cinza do Sapiente avaliando eles; sua imagem era enorme em uma sala branca de paredes limpas. “Eu estou receoso,” ele disse, “que Escapar não seja tão fácil quanto minha filha parece pensar.”

Eles estavam imóveis. Keiro abaixou a espada. “Então é isso,” ele disse. “E olha o quão contente ela está em vê-lo.”

Finn observou Claudia virar para a imagem. Ele viu agora que apesar do

rosto familiar era o Diretor, as feridas tinham o abandonado; ele era mais magro e havia uma refinada tensão sobre seus olhos.

Claudia olhou para ele. “Não me chame de filha.” Sua voz estava dura e fria. “E não tente me parar. Eu estou levando todos eles para fora e você—”

“Você não pode trazer todos eles para fora.” O Diretor reteve os olhos dela. “A Chave trará apenas uma pessoas para fora. A cópia, se funcionar, vai fazer o mesmo.

Toque no olho preto da águia. Você vai desaparecer e reaparecer aqui.” Ele sorriu calmamente.

“Aquele é o portal, Finn.”

Horrorizada, ela olhou para ele. “Você está mentindo. Você levou-me para fora.”

“Você era um bebê. Minúsculo. Eu tive uma chance”. Havia uma voz na sala; ele virou e Claudia viu Jared atrás dele, em pé pálido e cansado.

“Mestre! Isso é verdade?”

“Eu não tenho nenhuma forma de saber, Claudia.” Ele olhou infeliz, seu cabelo escuro embaraçado. “Há apenas uma maneira de descobrir que é tentar.”

Ela olhou para Finn.

“Não você.” Foi Keiro que se moveu. “Finn e eu vamos primeiro, e se funcionar eu vou voltar pelo Sapient”. Ele sacou para cima sua espada enquanto Claudia sacou a sua.

“Solte isso Princesa ou eu vou cortar sua garganta.”

Ela segurou apertado a bainha de couro, mas Finn disse, “Faça isso, Claudia, por favor.”

Ele estava olhando para Keiro; enquanto ela abaixava a lâmina ela o viu em pé mais perto e disse, “Você realmente acha que eu vou ir e deixar eles? Devolva a Chave para ela.”

“De jeito nenhum.”

“Keiro...”

“Você é estúpido, Finn. Você não consegue ver que isso é uma armadilha! Você e ela desapareceriam e o que iria ser isso. Ninguém se incomodaria em voltar pelo resto de nós.”

“Eu iria.”

“Claro. Não foi isso o que Sapphique disse?”

Na quietude Gildas sentou-se abruptamente, como se sua força tivesse ido. “Não me deixe aqui, Finn,” ele murmurou.

Finn balançou sua cabeça, totalmente exausto. “Nós não podemos deixar Claudia aqui, seja o que for que o resto de nós decida. Ela veio para nos resgatar.”

“Pior pra ela.” Os olhos azuis de Keiro eram implacáveis. “Ela era uma vez Prisioneira—pode ser novamente. Eu vou primeiro. Para descobrir o que está esperando lá fora. E se funcionar, como eu disse, eu vou voltar.”

“Mentiroso,” Attia vociferou.

“Você não pode me parar.”

O Diretor riu baixinho. “É esse o herói que você acha que é Giles, Claudia? O homem para governar o Reino? Ele nem mesmo pode controlar essa corja.”

Instantaneamente Finn moveu-se. Ele jogou a Chave para Claudia; pegando Keiro desprevenido, ele puxou sua espada. Raiva trovejava nele; raiva de todos eles, do sorriso malicioso do Diretor, do medo e fraqueza em si mesmo. Keiro cambaleou para trás; se recuperando rápido, ele moveu rapidamente a lâmina para cima e ambos os dois as tinham, então Finn rompeu seu controle sobre a lâmina.

Keiro não vacilou enquanto a lâmina cintilou em seu rosto. “Você não vai usar isso em mim.”

O coração de Finn bateu. Seu peito arfou. Atrás dele Attia sibilou, “Por que não, Finn? Ele matou a Maestra. Você sabe disso, você sempre soube! Ele cortou a ponte. Não Jormanric.”

“É verdade?” Ele mal reconheceu seu próprio sussurro.

Keiro sorriu. “Tire suas próprias conclusões.”

“Diga-me.”

“Não.” Seu irmão de juramento agarrou a Chave em uma mão fechada. “A escolha é sua. Eu não justifico a mim mesmo para ninguém.”

Seus batimentos cardíacos estavam tão altos, machucava. Encheu a Prisão, ricocheteando para baixo em todos os corredores, em todas as celas.

Ele arremessou a espada para baixo. Keiro mergulhou para ela, Finn chutou-a para longe. De repente eles estavam lutando, todo o ar de Finn indo num cruel soco no seu estômago, a brutal habilidade de Keiro derrubando ele. Claudia estava gritando, Gildas rugindo em raiva, mas ele não se importava agora, levantando-se, ele atirou-se sobre Keiro, agarrando a Chave. Retardado pelo frágil cristal Keiro esquivou-se e então socou-o novamente; Finn o tinha ao redor da cintura e abaixou-se, mas quando ele aproximou-se Keiro deu um chute que o mandou cambaleando para trás.

Keiro agitou-se, levantando-se. Sangue brotou em seu lábio. “Agora nós vamos ver, irmão,” ele assobiou. Ele tocou o olho preto do pássaro.

Uma luz.

Era tão brilhante, queimou seus olhos.

A luz ampliou-se ao redor de Keiro, o engolindo e houve um barulho com ela, um gemido que era doloroso, uma nota aguda desconcertante que atravessou fora instantaneamente.

A luz cuspiu.

E Keiro ainda estava lá.

O silêncio quebrou-se com um riso frio e pesaroso do Diretor. “Ah,” ele disse. “Eu estou receoso que isso quer dizer que a chave não funcionará para você. Provavelmente os componentes do metal em seu corpo tornam o processo inválido. Incarceron é um sistema fechado; seus próprios elementos nunca podem sair.”

Keiro estava em pé ainda chocado.

“Nunca?” ele suspirou.

“A menos que os componentes sejam removidos.”

Keiro assentiu. Seu rosto era sombrio e ruborizado. “Se isso é o que preciso.” Ele deu um passo em direção a Finn e disse, “Dê sua faca.”

“O quê?”

“Você ouviu.”

“Eu não posso fazer isso!”

Keiro sorriu amargamente— “Por que não? Keiro o Nove Dedos. Eu sempre me perguntei sobre o que eram todos os sacrifícios de Sapphique.”

Gildas gemeu. “Rapaz, você está sugerindo—”

“Talvez mais de nós nasceram na Prisão do que pensamos. Talvez você esteja velho homem. Mas eu não vou deixar um dedo manter-me aqui. Dê-me a faca.”

Finn não se moveu, mas Attia o fez. Ela trazia uma pequena lâmina que ela sempre usava e segurou-a para ele. Ele pegou lentamente. Keiro estendeu sua mão no chão, os dedos espalhados.

A unha metálica parecia a mesma que as outras. “Faça-o agora,” ele disse.

“Eu não posso...”

“Você pode. Por minha causa.”

Eles olharam um para o outro. Finn ajoelhou-se. Sua mão estava tremendo. Ele colocou a lâmina sobre a pele de Keiro.

“Espere,” Attia vociferou. Ela se agachou. “Pense! Isso pode não ser o suficiente.

Como você disse nenhum de nós sabe do que nós somos feitos por dentro. Deve haver outra maneira.”

Os olhos azuis de Keiro estavam brancos com desespero. Ele hesitou.

Por um longo momento, ele ficou lá imóvel e então ele fechou sua mão e assentiu lentamente.

Ele abaixou os olhos para Chave e estendeu-a para Finn.

“Então eu terei que encontrá-lo. Aproveite seu reino, irmão. Bom reinado. Presta atenção à sua volta.”

Finn estava muito abalado para responder. Uma distante martelada fez todos eles olharem para cima.

“O que é isso?” Claudia perguntou.

Jared disse rapidamente, “Estão aqui. Evian fez sua tentativa e está morto. Os guardas da Rainha estão na porta.”

Ela olhou para seu pai. Ele disse, “Você deve voltar, Claudia. Traga o garoto.

Preciso dele agora.”

“Ele é realmente Giles?” Ela perguntou asperamente.

O sorriso do Diretor era invernal. “Agora ele é.”

Quando suas palavras terminaram a tela ficou em branco. Uma onda de movimento correu abaixou no corredor; Finn olhou ao redor ansiosamente. Tijolos caiam da abóboda da galeria.

Então ele olhou para cima e viu um Olho vermelho zunir e clicar nele.

“Oh sim,” a voz disse suavemente. “Você tem de esquecer tudo sobre mim. E por que eu deveria deixar algum de minhas crianças ir?”

Ele acordou e encontrou todos eles ao seu redor. O velho manco, o doente, os homens de meia idade. Ele escondeu o rosto e estava preenchido com vergonha e raiva. “Eu falhei com vocês,”

ele disse. “Eu viajei tão longe e falhei.”

“Não é assim,” eles responderam. “Há uma porta que nós identificamos, uma minúscula e secreta porta. Nenhum de nós se atreve a passar através, no caso de morremos lá. Se você prometer voltar por nós, mostraremos para você.”

Sapphique era ágil e magro. Ele olhou para eles com seus olhos escuros. “Levem-me até lá,” ele sussurrou.

—Lendas de Sapphique

“O que aconteceu?” Jared engasgou. “A Prisão está interferindo,” o Diretor sibilou com fúria. Seus dedos se moviam rapidamente sobre os controles.

“Bem, pare-a! Ordene-a a—”

“Eu não posso fazer Incarceron obedecer-me.” O Diretor lançou um olhar para ele.

“Ninguém tem feito isso por séculos. As regras da Prisão, Mestre. Eu não tenho poder sobre ela.”

Então em uma voz tão baixa que Jared mal ouvia, “Ela ri de mim.”

Consternado, Jared olhou para a tela em branco. Do lado de fora, um punho bateu novamente na porta de bronze. Uma voz bradou, “Diretor! Abra! A Rainha exige a sua presença.”

“Evian fez de seu assassinato um mau negócio”, o Diretor disse. Ele olhou para baixo. “Não tenha medo, eles não vão entrar. Mesmo com machados.”

“Ela pensa que você estava envolvido.”

“Talvez. É uma boa desculpa para se livrar de mim. Não haverá nenhum casamento agora.”

Jared balançou sua cabeça. “Então estará tudo acabado.”

“Neste caso, Mestre, eu poderia contar com a sua ajuda.” Os olhos cinza estavam fixos nele. “Pelo amor de Claudia, nós precisamos trabalhar juntos.”

Jared assentiu lentamente. Tentando ignorar as furiosas batidas, ele veio ao redor dos controles e examinou-os cuidadosamente. “Isso é tão antigo. Muitos desses símbolos estão na língua dos Sapienti.” Ele olhou para cima. “Vamos tentar conversar com Incarceron na linguagem de seus criadores.”

***

O Prisão tremeu, foi rápido e repentino. O chão dobrou; paredes vieram a baixo.

Finn agarrou Keiro; juntos eles caíram para trás contra uma porta que cedeu sobre seu peso, os lançando para dentro.

Claudia agitou-se antes deles, mas Attia disse, “Ajude-me com ele!” Ela tinha Gildas curvado, ofegante. Apressadamente, Claudia levantou colocando seus braços sobre os ombros dela e elas o moveram com grande esforço para dentro da cela, onde Finn puxou-os dentro e bateu a porta estreita, ele e Keiro calçaram a porta com uma lasca de madeira.

Do lado de fora, o entulho caiu em cascata e eles ouviram-no com pavor. O corredor estava certamente bloqueado.

“Mas você não acha que podes impedir-me de entrar, eu espero? Incarceron riu sua risada retumbando. “Ninguém pode fazer isso. Eu sou inescapável.”

“Sapphique Escapou.” A voz de Gildas era grossa de dor, mas ele cuspiu as palavras fora. Suas mãos segurando o seu peito; eles tremiam sem controle. “Como ele fez isso então, sem uma Chave? Existe outra saída, que somente ele descobriu? Um caminho tão secreto, tão surpreendente, você não pode bloqueá-lo? Uma maneira que não precise de portal ou nem de máquinas? É isso, Incarceron? É isso o que você teme, sempre observando, sempre escutando?”

“Eu não temo nada.”

“Não é o que você me disse,” Claudia disparou. Ela estava respirando com dificuldade, ela olhou para Finn. “Eu devo voltar. Jared está em apuros. Você virá?”

“Eu não posso deixar eles. Leve o velho homem com você.”

Gildas riu: seu corpo convulsionando com ofegantes arquejos. Attia segurou

suas mãos; então ela virou sua cabeça. “Ele está morrendo,” ela sussurrou.

“Finn,” O Sapiente resmungou.

Finn se agachou, doente com a picada atrás de seus olhos. Quaisquer lesões de Gildas tinham sido internas, mas o tremor de suas mãos, o suor e palidez de seu rosto ficaram apenas tão claras.

O Sapiente levou sua boca perto da orelha de Finn. “Mostre-me as estrelas,” ele sussurrou.

Finn olhou para os outros. “Eu não posso...”

“Então permita-me,” a Prisão disse. O vislumbre de luz saiu na cela. Um Olho vermelho estava faiscou no canto da parede. “Olhe para esta estrela velho homem. Essa é a única estrela que você verá.”

“Pare de atormentá-lo!” Finn estava gritando de raiva assustando a todos eles. E em seguida para espanto de Claudia ele virou de volta para Gildas e apertou sua mão. “Venha comigo,” ele disse.

“Eu mostrarei a você.”

As vertigens de sua mente varrendo sobre ele e ele deixou isso. Ele caminhou deliberadamente dentro de sua escuridão e arrastou o velho homem consigo e tudo ao redor deles, o lago luziu fracamente sob as lanternas flutuantes, azul, roxo e dourado e o barco balançou debaixo dele enquanto o deitou nele e olhou para as estrelas acima.

Elas brilhavam na noite de verão. Parecia poeira prateada que foi colocada através do cormo como se uma enorme mão tivesse espalhado elas e seu misterioso encantamento aveludasse a escuridão.

Ao lado dele, Finn sentiu a admiração do velho homem.

“Estas são as estrelas, Mestre. Mundos inteiros, tão longe, parecendo minúsculos, mas realmente gigantescos além de qualquer coisa que nós conhecemos.”

A água do lago agitou-se.

Gildas disse, “Tão longe. Tantas!”

Uma garça levantou-se da água com um golpe gracioso. Na margem a música soava doce; vozes riam suavemente.

O velho homem disse roucamente, “Eu tenho que ir para elas agora, Finn. Eu

tenho que ir e encontrar Sapphique. Ele não irá estar contente, você sabe, apenas por estar do Lado de Fora.

Não uma vez que ele tenha visto isso.”

Finn assentiu. Ele sentiu o barco desprender-se embaixo dele, o bater e deslizar das ondas. Ele sentiu os dedos do velho homem soltaram os seus. E enquanto ele olhava fixamente para elas, as estrelas cresciam e queimavam, tronando-se pequenas chamas, nas pontas de pequenas velas, e ele estava soprando elas, soprando elas com toda sua respiração, toda sua energia.

Elas desapareceram e ele sorriu, um grande sorriso de triunfo e todas as pessoas ao sua volta sorriram com ele, o Rei em sua capa vermelha e Bartlett e a sua pálida nova madrasta e todos os cortesões e enfermeiros e músicos e a pequena garota em um belo vestido branco, a garota que tinha vindo naquele dia, que eles disseram que iria ser sua amiga especial.

Ela estava olhando para ele agora. Ela disse, “Finn. Você pode me ouvir?”

Claudia.

***

“Está pronto.” Jared olhou para cima. “Você fala e a tradução será instantânea.”

O Diretor tinha estado andando e ouvindo as vozes do lado de fora; agora ele veio e parou em pé do lado da escrivaninha, seus braços cruzados.

“Incarceron,” ele disse.

Silêncio. Então, na tela, um pequeno ponto vermelho de luz. Ele era minúsculo como uma estrela.

Contemplou-os. E disse, “Quem é esse que fala a velha língua?”

A voz era incerta. Parecendo ter perdido algo de seu estrondeante ecoar.

O Diretor olhou para Jared. Então ele disse calmamente, “Você sabe quem é esse, meu pai. Este é Sapphique.”

Os olhos de Jared arregalaram-se, mas ele permaneceu em silêncio.

Houve outro silêncio. Desta vez, o Diretor o quebrou. “Eu falo para você na linguagem do Sapiente. Eu ordeno você que não machuque o garoto Finn.”

“Ele tem a Chave. Nenhum prisioneiro é permitido Escapar.”

“Mas sua raiva pode prejudicá-lo. E Claudia.” A voz do Diretor tinha

mudado enquanto falava o nome dela? Jared não estava certo.

Um momento de silêncio. Então, “Muito bem. Por você, meu filho.”

O diretor fez um sinal para Jared para cortar a comunicação, mas enquanto seu dedo alcançou sobre o painel, a Prisão disse suavemente, “Mas se você é realmente Sapphique, nós temos nos falado muitas vezes antes. Você lembrará.”

“Isso foi há muito tempo atrás,” o Diretor disse cautelosamente.

“Sim. Você deu-me o Pagamento que eu exigi. Eu cacei você e você impediu-me. Você se escondeu em buracos e roubou o coração de meus filhos. Conte-me Sapphique, como você Escapou de mim? Depois que eu derrubei você, depois da queda terrível através da escuridão, qual a entrada que você encontrou que eu tenha negligenciado? Através de qual fenda você rastejou? E onde você está agora, lá fora em que lugar que eu não posso nem imaginar?”

A voz era melancólica; o Diretor olhou firme para o Olho na tela. Ele estava acalmando-se enquanto ele respondia. “Este é um mistério que eu não posso revelar.”

“Uma pena. Você vê, eles não me ofereceram nenhum modo de ver outro lado de mim mesma.

Você pode imaginar, Sapphique, você o andarilho, o grande viajante, você pode sequer sonhar de como é viver para sempre viajando em sua própria mente, observando somente as criaturas que o habitam? Eles fazem-me poderosa e eles fazem-me defeituosa. E somente você, quando você voltar, pode me ajudar.”

O Diretor estava quieto. Com a boca seca, Jared ligou o interruptor. Suas mãos estavam tremendo e úmidas com suor. Enquanto ele observava o Olho desbotar.

***

A visão de Finn estava turva e seu corpo todo tinha se esgotado. Ele deitou-se curvado; apenas o braço de Keiro manteve sua cabeça fora do chão. Mas por um momento, antes de o fedor da Prisão deslizar de volta, antes de o mundo surgir, ele era um príncipe e o filho de um príncipe, aquele seu mundo era dourado com luz do sol, aquele que ele tinha vagado para dentro da escuridão da floresta numa manhã de contos de fadas e nunca voltou novamente.

“Beba um pouco disso.” Attia deu-lhe água; ele bebeu um gole e tossiu e tentou sentar-se.

“Ele parece pior,” Keiro estava dizendo para Claudia. “Isso é o que seu pai tem feito para ele.”

Ela o ignorou e inclinou-se sobre Finn. “Os tremores da Prisão pararam. Ela acabou ficando calma.”

“Gildas?” Finn murmurou.

“O velho homem se foi. Ele não tem que preocupar-se com Sapphique nunca mais.”

A voz de Keiro estava rouca. Virando-se, Finn viu o Sapient deitado nos escombros, seus olhos fechados, seu corpo enrolado, como se ele dormisse. Em seu dedo, solto e desbotado, como se Keiro empurrou nele com algum esforço infrutífero de salvá-lo, brilhou o último anel-caveira.

“O que você fez?” Claudia perguntou. “Ele disse... coisas estranhas.”

“Eu mostrei a ele a saída.” Finn sentiu-se em carne viva, raspado por completo. Ele não queria falar sobre isso agora, nem dizer a eles o que ele tinha lembrado, então ele sentou-se lentamente e disse, “Você tentou o anel sobre ele?”

“Não funcionou. Ele estava certo sobre isso também. Talvez nenhum deles jamais funcionou.”

Keiro pressionou a Chave dentro de suas mãos. “Vamos. Saia agora.

Convença o Sapiente a projetar uma chave para eu escapar. E mandar alguém de volta para a garota.”

Finn olhou para Attia. “Eu vou voltar eu mesmo. Eu juro.”

Attia sorriu, fraco, mas Keiro disse, “Cuide você de agir. Eu não quero ficar preso com ela.”

“E por você também. Eu vou persuadir todos os Sapienti em meu reino sobre isso.

Nós fizemos um voto, irmão. Você acha que eu esqueci?”

Keiro sorriu. Seu belo rosto estava sujo e machucado, seu cabelo sem brilho com a sujeira, seu fino casaco arruinado. Mas ele era o único, Finn pensou, que parecia como um príncipe. “Talvez.

Ou talvez esta seja a sua chance de ficar livre de mim. Talvez você tenha ficado com medo que eu iria matar você e tomar seu lugar. Se você não voltar,

acredite em mim, eu vou fazê-lo.”

Finn sorriu. Por um momento eles olharam um para o outro através da cela inclinada, através do derramamento de algemas e correntes. Então Finn virou-se para Claudia.

“Você primeiro,” ela disse.

“Você virá?”

“Sim.”

Ela olhou para ele, em seguida para os outros. Rapidamente ela tocou o olho da águia e estava indo, em um brilho que fez todos eles suspirarem.

Finn olhou para Chave que ele segurava. “Eu não posso,” ele disse. Attia sorriu brilhantemente.

“Eu confio em você. Eu estarei esperando.” Mas seus dedos não se moveram, parados sobre o olho negro da águia, então ela esticou o braço e apertou por ele.

Claudia encontrou a si mesma sentada na cadeira, em meio a um alvoroço de vozes e marteladas.

Do lado de fora da porta Caspar estava gritando, “...sob prisão por alta traição. Diretor! Você pode me ouvir?” O bronze ressoava os golpes frenéticos.

Seu pai segurou sua mão e levantou-a sobre seus pés. “Minha querida. Então onde está nosso jovem príncipe?”

Jared estava observando a porta de bronze curvando-se para dentro. Ele lançou um rápido e alegre olhar para Claudia.

Seu cabelo estava emaranhado, seu rosto sujo. Um cheiro estranho pairava em torno dela. Ela disse, “Logo atrás de mim.”

Finn estava sentado numa cadeira também, mas está sala estava escura, uma pequena cela, parecida com uma que ele lembrou-se de longos anos atrás, antiga, paredes gordurosas com nomes gravados.

Em frente a ele estava um homem magro de cabelos escuros. Por um momento ele pensou que esse era Jared e então ele sabia quem era.

Ele olhou ao redor, confuso. “Onde eu estou? Esse é o Lado de Fora?”

Sapphique estava sentado contra a parede, joelhos dobrados. Ele disse calmamente, “Nenhum de nós tem alguma ideia de onde nós estamos. Talvez

todas as nossas vidas nós estivemos preocupados demais com onde e não o suficiente com quem.”

Os dedos de Finn estavam apertados na Chave de cristal. “Deixe-me ir,” ele suspirou.

“Não sou eu quem está impedindo você.” Sapphique observava Finn e seus olhos estavam escuros e as estrelas eram pontos de luz profundos dentro deles. “Não se esqueça de nós, Finn.

Não esqueça ninguém lá atrás naquele escuro, os famintos e os arruinados, os assassinos e os bandidos. Existem prisões dentro de prisões e eles habitam o mais profundo.”

Ele estendeu sua mão e tocou a extensão da corrente na parede; chacoalhando-a, ferrugem escamando fora. Ele deslizou seus dedos em cima dos elos. “Como você, eu sai para o Reino. Não era o que eu tinha esperado. E eu fiz uma promessa também.” Ele caiu no chão de metal, uma enorme queda e Finn viu o dedo mutilado. “Talvez isso seja o que está aprisionando você.”

Ele virou para o lado e fez um sinal. Uma sombra ergueu-se atrás dele e andou em sua direção, e Finn reprimiu um grito, porque era a Maestra. Ela tinha o mesmo caminhar, alta e magra, o cabelo vermelho, os olhos zombadores. Ela parou abaixando o olhar para Finn e ele sentiu que uma corrente o ligava, fina e invisível e ela parou no final dela, porque ela não podia mover as mãos ou os pés.

“Como você pode estar aqui?” ele sussurrou. “Você caiu.”

“Oh sim, eu cai! Através de reinos e séculos. Como um pássaro com uma asa quebrada. Como um anjo caído.” Ele mal conseguia dizer se era o seu sussurro ou de Sapphique. Mas a raiva era dela.

“E isso tudo foi sua culpa.”

“Eu...” Ele queria culpar Keiro ou Jormanric. Qualquer um. Mas ele disse, “Eu sei.”

“Lembre-se, Príncipe. Aprenda com isso.”

“Você está viva?” Ele estava preso com a velha vergonha, tornando a fala difícil.

“Incarceron não desperdiça nada. Eu estou vivendo nas profundezas, em suas células, células de seu corpo.”

“Eu sinto muito.”

Ela envolveu seu casaco ao redor do corpo dela com a dignidade da idade. “Se é você, isso é tudo o que peço.”

“Você vai mantê-lo aqui?” Sapphique murmurou.

“Como ele me manteve?” Ela sorriu calmamente. “Eu não preciso de um resgate para minha redenção. Adeus, menino assustado. Guarde minha Chave de cristal.”

A cela turvou e abriu. Ele sentiu como se fosse arrastado através de um ofuscante abalo de pedras e carne fresca; essas rodas enormes de ferro rugindo sobre ele, que ele foi aberto e fechado, dilacerado e remendado.

Ele se levantou da cadeira e a figura escura estendeu a mão para acalmá-lo.

E desta vez era Jared.

Tenho caminhado por degraus de espadas,

Tenho usado um casaco de cicatrizes.

Jurei com palavras ocas,

Menti meu caminho para as estrelas.

—Canções de Sapphique.

O portão estremeceu.

“Não se preocupe. Nunca vai quebrar.” Calmo, o Diretor analisou Finn. “Então este é o que você acha que é Giles.” Ela olhou para ele.

“Você deveria saber.” Finn olhou em volta. A sala era tão branca que feria, o brilho das luzes fazendo seus olhos doerem. O homem que ele reconheceu como Blaize riu levemente, cruzando os braços. “Na verdade, não importa se ele é ou não. Agora que você o tem, terá de fazê-lo Giles.

Porque somente ele se interpõe entre você e um desastre.”

Curioso, ele aproximou-se de Finn. “E o que você acha, Prisioneiro? Quem você acha que é?”

Finn se sentiu frágil e imundo; de repente ele percebeu que sua pele estava encardida com sujeira, que ele fedia nesta sala estéril. “Eu... Acho que me lembro. O noivado.”

“Tem certeza? Ou não pode ser que essas são memórias que outra pessoa

tinha, que agora estão enterradas em você, filamentos de pensamentos presos no tecido emprestado, que a Prisão construiu em você?" Ele sorriu seu sorriso frio.

"Uma vez poderíamos ter descoberto," Claudia rangeu os dentes. "Antes do Protocolo."

"Sim." O Diretor se virou para ela. "E esse problema eu vou deixar para você."

Finn viu o quanto ela estava pálida, com raiva. Ela disse, "Toda minha vida você me deixou acreditar que eu era sua filha. E foi tudo uma mentira."

"Não."

"Sim! Você me escolheu, me educou, me formou... Você mesmo me disse tudo!

Criou uma criatura que seria exatamente tudo o que você queria, que seria dócil e casaria com quem você dissesse e seria o que você queria. O que aconteceria a mim depois? Teria a pobre Rainha Claudia sofrido um acidente também, deixando apenas o Diretor para ser Regente? Era esse o plano?"

Ele encontrou os olhos dela, e os seus eram claros e cinzas. "Se era, eu o mudei, porque eu aprendi a amar você."

"Mentiroso!"

Jared disse infeliz, "Claudia, eu..." mas o Diretor ergueu a mão.

"Não Mestre, deixe-me explicar. Eu escolhi você, sim, e eu livremente admito que no início você era um meio para um fim. Um bebê berrando que eu vi tão raramente quanto possível. Mas conforme você cresceu, eu comecei... A ficar ansioso por vê-la. À maneira que você fazia uma reverência para mim, mostrava-me seu trabalho, era tímida comigo. Você se tornou querida para mim."

Ela o encarou, não querendo ouvir isso, ou acreditar. Ela queria manter sua raiva brilhante, recém-cunhada como uma moeda.

Ele encolheu os ombros. "Eu não fui um bom pai. Por isso eu sinto muito."

Na quietude entre eles o martelar eclodiu novamente, ainda mais alto. Jared disse com urgência, "Pouco importa, senhor, o que você fez ou quem este menino é. Estamos todos condenados agora. Não há como escapar da morte, a menos que todos nós entremos na Prisão."

Finn murmurou, "Tenho que voltar para Attia." Ele estendeu a mão para

Claudia pela outra Chave; ela sacudiu a cabeça. “Você não. Eu vou voltar.” Estendendo a mão, ela pegou a cópia de cristal dele e comparou as duas. “Quem fez isso?”

“Lorde Calliston. O próprio Lobo de Aço.” O Diretor olhou para o cristal. “Muitas vezes me perguntei se os rumores eram verdadeiros, se existia uma cópia, em algum lugar nas profundezas da Prisão.”

Ela moveu seus dedos em direção ao painel, mas ele a parou. “Espere. Primeiro temos que garantir nossa própria segurança, ou a garota vai estar melhor onde estiver.”

Claudia olhou para ele. “Como posso confiar em você novamente?”

“Você deve.” Ele colocou um dedo sobre os lábios e balançou a cabeça. Então, caminhando através da cela branca, tocou o controle da porta e se afastou.

Dois soldados caíram de cabeça dentro da sala. Atrás deles, o carneiro em correntes balançava no ar vazio. Espadas foram atraídas, sussurros afiados de aço.

“Queiram entrar, por favor,” o Diretor disse graciosamente.

A Rainha em pessoa estava lá, Claudia viu com choque, vestindo um manto escuro.

Atrás de sua mãe Caspar olhou furiosamente para ela. “Nunca vou perdoar você,” rosnou.

“Fique quieto.” Sua mãe passou arrogantemente por ele para a sala, parou no estranho arrepio de energia na soleira da porta, e em seguida olhou ao redor. “Fascinante.

Então este é o Portal.”

“De fato.” O Diretor se curvou. “Estou feliz em vê-la tão bem.”

“Eu duvido muito.” Sia parou diante de Finn. Ela o olhou de cima a baixo e seu rosto empalideceu.

Ela apertou os lábios vermelhos com força.

“Sim,” o Diretor disse suavemente. “Infelizmente um Prisioneiro escapou.”

Furiosa, ela se voltou para ele. “Por que você fez isso? Que traição você está planejando?”

“Nenhuma. Todos nós podemos sair desta com segurança. Todos nós. Sem

segredos revelados, sem assassinatos. Observe.”

Ele caminhou até a mesa de controle, tocou em uma combinação de controles, e se afastou.

Claudia olhou fixamente, porque a parede limpou e mostrou uma imagem que ela demorou um momento para reconhecer. Em uma sala enorme, cortesãos amontoavam-se em um zumbido de escândalo. Pratos comidos pela metade jaziam ignorados em mesas enormes. Servos fofocavam amontoados ansiosos.

Era seu banquete de casamento.

“O que você está fazendo?” A Rainha repreendeu, mas já era tarde demais. O

Diretor disse, “Amigos.” Cada cabeça na sala virou. A conversa esgotou em um silêncio de espanto.

Depois de cem anos de Protocolo a vasta tela por trás do trono provavelmente tinha sido esquecida; agora Finn olhava para o Tribunal através de uma franja de teia de aranhas, um filme de sujeira.

“Por favor, perdoem todas as confusões infelizes do dia,” o Diretor disse gravemente. “E peço a todos vocês, embaixadores de Além-mar, e cortesãos, duques e Sapientes, damas e viúvas, todos, para negligenciar essa quebra de protocolo. Mas um grande dia raiou, e um grande erro foi corrigido.”

A Rainha parecia muito surpresa para falar; Claudia sentia quase o mesmo. Mas ela se moveu; agarrou o braço de Finn e o arrastou para perto dela. Eles permaneceram juntos encarando os rostos confusos e fascinados do Tribunal quando seu pai disse, “Pasmem. O

Príncipe que pensávamos estar perdido, o herdeiro de seu pai, a esperança do Tribunal, Giles, voltou para nós.”

Milhares de olhos encararam Finn. Ele encarou de volta, vendo em cada um o pontinho de luz, sentindo sua intensa curiosidade, sua dúvida, descendo diretamente em sua alma. Era assim que seria, ser um Rei?

“Em sua grande sabedoria, a Rainha achou necessário escondê-lo no exílio seguro contra uma conspiração contra sua vida,” o Diretor disse suavemente. “Mas finalmente, depois de muitos anos, esse perigoso está terminado. Os conspiradores fracassaram, e estão presos. Tudo está calmo novamente.”

Ele olhou uma vez para a Rainha; fúria estava em cada centímetro de suas costas ereta, mas quando ela falou, sua voz estava agradável com felicidade.

“Meus amigos, estou tão feliz! O

Diretor e eu temos trabalhado tão duro para combater essa ameaça. Eu quero que vocês preparem o banquete agora, para a vinda do Príncipe. Ao invés de um casamento, um grande regresso para casa, mas ainda um dia maravilhoso, assim como planejamos.”

O Tribunal ficou em silêncio. Então, nos fundos, uma aclamação irregular começou.

Ela sacudiu a cabeça; o Diretor tocou o painel. A tela apagou.

Ela respirou fundo. “Não vou perdoá-lo nunca por isso, nunca,” disse suavemente.

“Eu sei.” John Arlex ligou outro interruptor vagarosamente. Sentou-se e cruzou uma perna sobre a outra, seu casaco bordado escuro cintilando, e então estendeu a mão e pegou ambas as chaves de onde Claudia as tinha colocado e as segurou brilhando em suas mãos.

“Cristais brilhantes tão pequenos,” murmurou. “E tanto poder contido neles!

Suponho, Claudia, minha querida, que se alguém não pode ser o mestre de um mundo, deve encontrar um outro mundo para conquistar.” Ele olhou para Jared. “A deixo com você, Mestre.

Lembre-se de nossa conversa.”

Os olhos de Jared se arregalaram; gritou, “Claudia!” mas ela já sabia o que estava acontecendo.

Seu pai estava sentado na cadeira do Portal—ela sabia que deveria correr e arremessar-se para frente, e tentar pegar as Chaves dele, mas não podia se mover, como se o poder de sua terrível vontade a mantivesse congelada.

Seu pai sorriu. “Queira me desculpar, Majestade. Acho que eu seria um espectro neste banquete.” Seus dedos tocaram o painel.

Um brilho explodiu na sala, fazendo-os todos recuarem; então a cadeira estava vazia, girando ligeiramente na sala branca, e enquanto eles olhavam para ela uma faísca cuspiu nos controles, e depois outra. Fumaça ácida levantou; a rainha cerrou os punhos e gritou para o vazio, “Você não pode fazer isso!”

Claudia estava olhando para a cadeira; quando ela implodiu em chamas, Jared a puxou para trás rapidamente. Ela disse friamente, “Ele pode. Ele fez.”

Jared a observou. Seus olhos estavam mais brilhantes seu rosto corado, mas

sua cabeça estava erguida. A Rainha se enfureceu, golpeando todos os botões e apenas causando explosões.

Enquanto ela varreu para fora com Caspar correndo em seus calcanhares, Jared disse, “Ele vai voltar, Claudia. Tenho certeza...”

“Não me interessa o que ele faz.” Ela virou-se para Finn, que estava olhando chocado para ela.

“Attia,” ele sussurrou. “E Attia? Prometi voltar para ela!”

“Isso não é possível...”

Ele balançou a cabeça. “Você não entende. Eu preciso! Não posso deixá-los lá.

Especialmente Keiro.” Ele estava apavorado. “Keiro nunca vai me perdoar. Eu prometi.”

“Vamos encontrar um jeito. Jared encontrará um. Mesmo que leve anos. Essa é minha promessa para você.” Ela agarrou sua mão e empurrou a manga desfiada para mostrar a marca da águia.

“Mas você deve pensar sobre isso agora. Você está aqui. Você está no Exterior e está livre. Deles, de tudo aquilo. E nós temos que fazer isso funcionar, porque Sai sempre estará lá, tramando nas nossas costas.”

Confuso, ele olhou para ela e percebeu que ela não tinha ideia do que ele tinha perdido. “Keiro é meu irmão.”

“Farei tudo que puder,” Jared disse em voz baixa. “Deve haver outra maneira. Seu pai veio e foi como Blaize. E Sapphique descobriu isso.”

Finn levantou a cabeça e deu-lhe um olhar estranho. “Sim. Ele descobriu.”

Claudia pegou seu braço. “Temos que ir lá fora agora,” ela disse baixo. “Você tem que manter sua cabeça erguida e ser um príncipe. Não será como você espera. Mas tudo é representação aqui.

Um jogo, meu pai diz. Você está pronto?”

Ele sentiu o velho medo correr em seu corpo. Ele sentiu que estava caminhando para uma grande emboscada que havia sido armada para ele. Mas concordou.

De braços dados, saíram da sala branca, e Claudia o levou para cima através do porão e das escadas. Ele passou pelas câmaras da multidão, olhando para as

pessoas. Ela abriu uma porta e ele gritou de alegria, porque o mundo era um jardim e acima dele, brilhante e ardente, havia estrelas, milhões delas, muito altas, acima das torres do Palácio, e das árvores, e as doces camas das flores.

“Eu sabia,” ele sussurrou. “Eu sempre soube.”

Deixado sozinho, Jared olhou em volta para as ruínas do Portal. A sabotagem do Diretor apenas parecia muito perfeita. Ele havia falado de bom grado para o rapaz, mas em seu coração sentia um profundo receio, porque encontrar um caminho de volta através dessa destruição levaria tempo, e quanto tempo ele tinha?

“Você foi demais para nós, Diretor,” murmurou em voz alta.

Ele subiu depois deles, cansado agora, o peito doendo. Servos corriam por ele; conversas ressoavam em cada câmara e corredor. Apressou-se, saindo para os jardins, contente com a noite fria, os aromas doces.

Claudia e Finn estavam de pé na escadaria da construção. O garoto parecia como se estivesse cego com a glória da noite, como se a sua pureza fosse uma agonia para ele.

Ao lado deles, Jared enfiou a mão no bolso e tirou o relógio. Claudia encarou. “Esse não é....?”

“Sim. De seu pai.”

“Ele deu a você?”

“Pode-se dizer que sim.” E segurou-o em seus dedos delicados, e ela percebeu, como se pela primeira vez, que havia um cubo minúsculo de prata pendurado em sua corrente, um amuleto que girava e brilhava à luz das estrelas.

“Mas onde eles estão?” Finn perguntou, atormentado. “Keiro e Attia e a Prisão?”

Jared olhou para o cubo, pensativo. “Mais perto do que você pensa, Finn,” disse.

FIM

NO PRÓXIMO LIVRO...

Finn escapou da terrível Prisão viva de Incarceron, mas a memória dela ainda o atormenta, porque seu irmão Keiro ainda está lá dentro. Será que ele é o príncipe perdido Giles? Ou suas memórias não são nada além de outro construto de seu aprisionamento? E será que você pode ser livre se seus amigos ainda estão presos? Você pode ser livre se o mundo está congelado no tempo? Você pode ser livre se nem ao menos sabe quem é?

Dentro de Incarceron, será que o feiticeiro louco Rix realmente encontrou a Luva de Sapphique, o único homem que a Prisão jamais amou? Sapphique, cuja imagem acende Incarceron com o desejo de escapar de sua própria natureza? Se Keiro roubar a luva, será que ele trará destruição ao mundo?

Lado de Dentro. Lado de Fora. Todos procurando pela liberdade. Como Sapphique.

EM BREVE!